



# DOSSIÊ TEMÁTICO

V. 3, N. 44, SET/2022

## GEOGRAFIA, ENSINO E PESQUISA NO TRANSCURSO DA PANDEMIA DA COVID-19



# **Caderno Prudentino de Geografia**

n. 44, v. 3, setembro de 2022

## **Dossiê Temático**

**“Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”**

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg>

## **EDITORES(AS)**

**Angela dos Santos Machado  
Diógenes Rabello  
Rizia Mendes Mares**

## **CONSELHO EDITORIAL**

**Angela dos Santos Machado  
Aline Albuquerque Jorge  
Daiara Batista Mendes  
Diógenes Rabello  
Eduardo Nardez  
Guilherme dos Santos Claudino  
Marcia Arteaga Pertuz  
Mateus Fachin Pedroso  
Rizia Mendes Mares**

## **ORGANIZADORES(AS) DESTA EDIÇÃO**

**Daiara Batista Mendes  
Diógenes Rabello  
Eduardo Nardez**

**Associação dos Geógrafos Brasileiros**

**AGB Seção Local Presidente Prudente**

**2022**

**Caderno Prudentino de Geografia (CPG) N. 44, V. 3, setembro de 2022.**

**Dossiê Temático**

**“Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”**

**EDITORES(AS)**

Angela dos Santos Machado  
Diógenes Rabello  
Rizia Mendes Mares

**CONSELHO EDITORIAL**

Angela dos Santos Machado  
Aline Albuquerque Jorge  
Daiara Batista Mendes  
Diógenes Rabello  
Eduardo Nardez  
Guilherme dos Santos Claudino  
Marcia Arteaga Pertuz  
Mateus Fachin Pedroso  
Rizia Mendes Mares

**CONSELHO CIENTÍFICO**

Adriano Rodrigues de Oliveira, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.  
Angela Massumi Katuta, Universidade Federal do Paraná/Setor Litoral, Matinhos, Paraná, Brasil  
Antonio Thomaz Junior, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil  
Caio Zarino Jorge Alves, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil  
Camila Cunico, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil  
Camila Ferracini Origuéla, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil  
Claudia Yolima Devia Acosta, Universidad Surcolombiana, Neiva, Huila, Colômbia,  
Cristiane Gomes Barreto, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil  
Erika Vanessa Moreira, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil  
Estevan Leopoldo de Freitas Coca, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Minas Gerais, Brasil  
Evandro César Clemente, Universidade Federal de Goiás, Jataí, Goiás, Brasil  
Fabricia Costa Corrêa, Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Itaboraí, Rio de Janeiro, Brasil  
Guilherme Marini Perpetua, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil  
Isabel Cristina Moroz Caccia Gouveia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil  
José Alberto Rio Fernandes, Universidade do Porto, Porto, Portugal  
José Sobreiro Filho, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, Pará, Brasil  
Julio Cesar Demarchi, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil  
Karina Furini da Ponte, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil  
Larissa Alves Lira, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil  
Lindberg Nascimento Júnior, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil  
Liriane Gonçalves Barbosa, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil  
Marcelo de Oliveira Moura, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil  
Maria José Martinelli Silva Calixto, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil  
Mateus Monteiro Lobato, Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil  
Melina Fushimi, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil  
Nécio Turra Neto, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil  
Nubia Beray Armond, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
Paulo Cesar Zangalli Junior, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil  
Raul Borges Guimarães, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil  
Robinson Piñeros Lizarazo, Universidad Surcolombiana, Neiva, Huila, Colômbia,  
Rosangela Rosangela Custodio Cortez Thomaz, Universidade Estadual Paulista, Rosana, São Paulo, Brasil  
Santiago Linares, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina

Indexada por



### Ficha Catalográfica

Caderno Prudentino de Geografia, n.1, v.1, 1981. Presidente Prudente: Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Pres. Prudente.

1981:	N. 1, V. 1	2011:	N. 33, V. 1
1981:	N. 2, V. 1	2012:	N. 34, V. 1
	N. 3, V. 1	2012:	N. 34, V. 2
1982:	N. 4, V. 1	2013:	N. 35, V. 1
1983:	N. 5, V. 1	2013:	N. 35, V. 2
	N. 6, V. 1	2013:	N. 35, V. 3 N. Esp. "Microterritorialidades nas Cidades"
	N. 7, V. 1	2014:	N. 36, V. 1 Núm. Esp. "Planejamento e Desenvolvimento Sustentável em Bacias Hidrográficas"
1984:	N. 8, V. 1	2014:	N. 36, V. 2
	N. 9, V. 1	2014:	N. 36, V. 3
	N. 10, V. 1	2015:	N. 37, V. 1
1989:	N. 11, V. 1	2015:	N. 37, V. 2
1989:	N. 12, V. 1	2016:	N. 38, V. 1
	N. 13, V. 1	2016:	N. 38, V. 2
1992:	N. 14, V. 1	2017:	N. 39, V. 1
1993:	N. 15, V. 1	2017:	N. 39, V. 2
	N. 16, V. 1	2018:	N. 40, V. 1
	N. 17, V. 1	2018:	N. 40, V. 1
1996:	N. 18, V. 1 Dossiê "Geografia e Globalização"	2019:	N. 41, V. 1
1997:	N. 19, V. 1	2019:	N. 41, V. 2 Dossiê "60 Anos do Departamento de Geografia da UNESP/FCT"
1997:	N. 20, V. 1	2019:	N. 41, V. 3 Dossiê "Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades"
1999:	N. 21, V. 1 N. Esp. "Geografia, Cidade, Geopolítica"	2019:	N. 41, V. 4
2000:	N. 22, V. 1 N. Esp. "Agricultura, Cidade e Análise Regional"	2020:	N. 42, V. 1
2001:	N. 23, V. 1	2020:	N. 42, V. 2 Volume Especial - Múltiplas Territorialidades e Microterritorialidades nas Cidades
2002:	N. 24, V. 1	2020:	N. 42, V. 3
	N. 25, V. 1	2020:	N. 42, V. 4 Dossiê: "Conjuntura no Brasil: retrocessos sociais e ações de resistência"
	N. 26, V. 1	2021:	N. 43, V. 1
2005:	N. 27, V. 1 Ed. Esp. "30 anos da AGB Pres. Prudente"	2021:	N. 43, V. 2
		2021:	N. 43, V. 3
		2022:	N. 44, V. 1
2006:	N. 28, V. 1	2022:	N. 44, V. 2
	N. 29, V. 1	2022:	N. 44, V. 3 Dossiê "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".
	N. 30, V. 1		
	N. 31, V. 1		
	N. 32, V. 1		

Quadrimestral - ISSN 2176-5774

1. Geografia - Periódicos - Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Presidente Prudente.

### ENDEREÇO

Rua Roberto Simonsen, 305, Centro Educacional, 19.060-900, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil  
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Departamento de Geografia

Fone: 18) 3229-5388 - Ramal: 5650

Site: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg>

e-mail: [cadernoprudentino@gmail.com](mailto:cadernoprudentino@gmail.com)

## Sumário

<b>Apresentação</b> Conselho Editorial	2-3
<b>Editorial</b> María Franco García	4-5
<b>CRÔNICAS</b>	
<b>Reflexões de uma pesquisadora latina durante a pandemia de Covid-19</b> Francielle Garcia MARTINS	6-9
<b>Do meu primeiro brinquedo à docência: incursões geográficas de Deumar Hagat</b> Caê Garcia CARVALHO; Érico José de Souza SANTANA	10-15
<b>POEMAS E POESIAS</b>	
<b>Chamas de esperançamento</b> Adriane ANDRADE	16-17
<b>A vivência imperativa do lugar</b> Maria Gilcélia Sacramento PINHEIRO	18-20
<b>Inquietudes</b> Diandra Karollyna FERREIRA; Wellington Rodrigues da SILVA; Eliana Gonçalves da Silva FONSECA	21-22
<b>É chegada a hora de votar: qual é a minha opção?</b> Anderson Felipe Leite dos SANTOS	23-25
<b>Tempos difíceis de luta e de guerras</b> Márcia CHMURA; Diane Daniela GEMELLI	26-29
<b>Devir Montanha</b> Natália Goldschmidt Guidetti	30
<b>ENSAIO FOTOGRÁFICO</b>	
<b>O trabalho de campo na formação em geografia: a importância do olhar <i>in loco</i>.</b> João Paulo de Oliveira PIMENTA	31-37

**RELATOS DE EXPERIÊNCIA**

- A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança** 38-45  
Clara Ribeiro Silva
- Retratos de um mundo em pandemia** 46-53  
Evânio dos Santos BRANQUINHO
- Docência do ensino remoto: experiências do estágio obrigatório na formação de professores de geografia** 54-61  
Antônia Marcia Duarte QUEIROZ
- Podcast e a notícia de jornal como ferramentas para sensibilização ambiental: relatos sobre uma turma de Educação Ambiental no interior do Amazonas** 62-69  
Hikaro Kayo de Brito NUNES
- Trabalho de campo escolar na pandemia: geografando no Parque Nacional do Caparaó** 70-76  
Luiz Henrique VIEIRA
- Reconstrução de imagens de mundo e aprendizagem discursiva da docência: relatos do estágio geoetnográfico remoto** 77-84  
Rosalvo Nobre CARNEIRO
- Ações de tecnologias educativas para a redução dos impactos da Covid-19 no Sertão Central Cearense** 85-93  
Emilio Tarlis Mendes PONTES; Andreza de Lima NOBRE; Francisco Eliardo Nobre de SOUZA; Maria Daniely Barbosa FERNANDES
- Estágio supervisionado em geografia em tempo de pandemia: experiência acadêmico-docente** 94-98  
Brian Angelo Sandoval SANCHES
- A geografia e o ensino remoto: a tecnologia que auxilia no reconhecimento do meu lugar** 99-106  
Francisco de Assis Da MACENA JÚNIOR; Josandra Araújo Barreto de MELO
- A pandemia de Covid-19 e os esforços de pesquisadores brasileiros da área de geografia na construção de dados espaciais** 107-113  
Glairton Cardoso ROCHA; Marcos Antonio Cavalcante de OLIVEIRA JÚNIOR; Marco Túlio Mendonça DINIZ; Vítor Hugo Campelo PEREIRA

- Experiências e vivências no processo de ensino-aprendizagem em geografia: as possibilidades das tecnologias de informação e comunicação em tempos de pandemia** 114-121  
Dayana Aparecida Marques de Oliveira CRUZ; Karina de Araújo Gomes FERREIRA; Karolina Cardozo DIAS
- A cultura escolar sob a lente da webcam: interações sociais nas atividades do ensino remoto no contexto pandêmico** 122-130  
Felipe Iop CAPELETO; Eduardo Augusto Werneck RIBEIRO; Reginaldo Leandro PLÁCIDO; Fernando de Oliveira AMORIN; Isabel Cristina BOHN
- Vivências pedagógicas: relatos da relação Universidade-Escola em tempos de pandemia** 131-137  
Carla Pizzuti SAVIAN; Franciele Delevati BEN; Natália Lampert BATISTA
- Experiências dentro da comunidade escolar rural e suas adversidades diante da Covid-19** 138-144  
William MIYAKAVA
- Qual África você conhece? Rompendo com esteriótipos numa aula do Google Meet** 145-149  
Juliane da Silva RIBEIRO
- Relatos sobre a disciplina de “Geotecnologias na contemporaneidade”: pensando a docência no ensino superior em tempos de Pandemia** 150-157  
Natália Lampert BATISTA, Maurício RIZZATTI e Jhennifer Tais Vieira HABOWSKI
- Experiência docente na pandemia da Covid-19: o estágio supervisionado em Geografia e a transposição didática.** 158-164  
Felipe César Augusto Silgueiro dos SANTOS
- O estágio supervisionado na licenciatura em Geografia da UFPR Litoral em tempos de pandemia da Covid-19: alguns apontamentos** 165-174  
Ângela Massumi KATUTA e Danielle Willemann Sutil de OLIVEIRA
- Distanciados por um vírus, unidos por um mapa: relato de experiência de uma coleta de dados produzida no período pandêmico da Covid-19** 175-181  
Guilherme Aparecido de GODOI, Francismara Neves OLIVEIRA e Ana Carolina Mexia ALEIXO
- Covid-19 em desenhos: Geografias vividas por alunos de Caarapó-MS** 182-190  
Kamila Madureira da SILVA; Alexandre Bergamin VIEIRA

<b>Ser professora residente na Pandemia Covid-19 (2020-2021): relato de experiência do Programa de Residência Pedagógica em Geografia na UFSM</b> Eduarda SARDI, Ana Clarice Soares HANAUER e Sandra Ana BOLFE	191-197
<b>Monitoramento da Covid-19 em uma cidade média do Rio Grande do Sul: o caso de Santa Maria e o Observatório de Informações em Saúde</b> Pedro Leonardo Cezar SPODE, Maurício RIZZATTI e Carina PETSCH	198-204
<b>Vivência da residência pedagógica em meio pandêmico: experiência na Escola Estadual Fernando Costa e na Escola de Assentamento Santa Clara</b> Ana Carolina Santana LOPES, Ramon Gomes ROCHA e Stephanie Babosa da COSTA	205-212
<b>Da minha casa até a escola: encontros entre Geografia e Língua Portuguesa</b> Leandro Mendes NOGUEIRA	213-219
<b>Ensinar-aprender, aprender-ensinar: experiências do tirocínio em tempos de pandemia</b> Aila Cristina Costa de JESUS e Aline dos Santos LIMA	220-227
<b>ENTREVISTA</b>	
<b>Geografia, geopolítica mundial e a pandemia da Covid-19. Entrevista com o Prof. Ruy Moreira</b> Diógenes RABELLO; Daiara Mendes BATISTA; Eduardo NARDEZ.	228-265
<b>Compêndio de Autores(as) e Edições</b> Conselho Editorial	266-300

## APRESENTAÇÃO

Em março de 2020 nós fomos assolados por uma realidade totalmente atípica. A ameaça da disseminação de um vírus sem precedentes obrigou milhares de pessoas a se isolarem, impondo um grande desafio para a sociedade, dentre eles a prática docente e o processo de ensino-aprendizagem.

Com isso, estudantes, professores(as) e pesquisadores(as) em seus mais diferentes níveis de formação adaptaram suas atividades de forma abrupta a esse novo contexto, marcado pela utilização de ferramentas digitais. Mas os mecanismos adotados visibilizam os níveis de desigualdade sob a qual vive a nossa população. O acesso às tecnologias não foi possível para muitos estudantes, que se viram excluídos desse modelo de ensino e impedidos de dar continuidade aos seus ciclos formativos tanto no ensino básico quanto no ensino superior.

Aulas síncronas e assíncronas, chamadas de vídeo e adaptação dos procedimentos metodológicos das pesquisas foram alguns dentre tantos artifícios utilizados pelos(as) estudantes para tentar prosseguir em suas atividades. Daí surgiram um conjunto de metodologias criativas para suprir as demandas do ensino e da pesquisa.

É nesse sentido que o Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”, publicação que marca a edição do v. 3, n.44 do Caderno Prudentino de Geografia, idealizado e desenvolvido com o objetivo de abrir um espaço de diálogo entre a ciência e a sociedade sobre os impactos diretos da pandemia na produção de conhecimentos e no ensino de Geografia.

Para dialogar sobre os dilemas da sociedade frente à pandemia e quais estratégias metodológicas e práticas de ensino desenvolvidas e elaboradas pelos professores(as), estudantes e pesquisadores(as), o Conselho Editorial do CPG criou um espaço mais democrático de publicação aceitando materiais que, de alguma forma, fogem ao caráter academicista e normativos dos artigos científicos que os periódicos costumam publicar. Como resultado, pudemos organizar um volume com 35 textos contanto com outras linguagens e estilos de escrita, como crônicas, poemas e poesias, relatos de experiências e ensaio fotográfico. Dessa forma, encontram-se nas páginas desta publicação diferentes gêneros textuais, que descrevem atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos

durante o contexto pandêmico, sobretudo diante do recrudescimento das medidas de isolamento social.

Abrindo a publicação temos um Editorial escrito pela Profa. Dra. Maria Franco Garcia, professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) nos cursos de graduação e pós-graduação em geografia.

Encerrando o volume temos uma entrevista com o Prof. Dr. Ruy Moreira, professor aposentado do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e professor permanente do curso de pós-graduação em Geografia na Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP-UERJ). Nesta entrevista, foram abordados os temas: pandemia da Covid-19, a geografia durante a pandemia, a geopolítica mundial e as alternativas para superar o avanço do fascismo.

Convidamos a todos e a todas para acessarem, ler e difundir os materiais que constam nesta edição especial do Caderno Prudentino de Geografia.

Presidente Prudente, setembro de 2022.

## EDITORIAL

**María Franco García**

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

E-mail: [mmartillo@gmail.com](mailto:mmartillo@gmail.com)

Este novo número do *Caderno Prudentino de Geografia* apresenta os resultados de dois desafios propostos pela atual equipe editorial e assumidos pelo conjunto dos seus 66 autores e autoras. O primeiro deles foi publicar mais um número da revista comprometido com a divulgação da ciência geográfica feita no Brasil e; o segundo, pensar de forma coletiva e plural a pandemia da COVID-19. Ambos os esforços reforçam a convicção que são as ciências sociais e humanas as encarregadas de construir uma reflexão sistematizada sobre o fenômeno pandêmico global, o qual tem mudado nossa forma de estar no mundo como docentes, estudantes, pesquisadores/as, extensionistas e cidadãos/as.

As inverdades, a desinformação, a desvalorização e mistificação dos discursos tem sido a tônica dominante em muitos momentos de instabilidade e fragilidade social, especialmente nos anos de 2020 e 2021 mundo afora. Diante desses fatos, somos plenamente conscientes que é labor da ciência, do ímpeto das suas comunidades e do seu compromisso com a verdade, apresentar respostas cabíveis a questões do interesse comum.

O Dossiê Temático que aqui apresentamos é uma forma de construir essas respostas, situando concretamente algumas das perguntas que, na fase pós-pandêmica, ficam para análise. Para isso, se apropria de diversas linguagens e formas de expressar a ciência baseada no fazer e no sentir cotidianos, como poesias/poemas, crônicas, notas e relatos.

A pandemia da COVID-19 veio para mostrarmos dimensões do fazer educativo que teimamos em esquecer: as escolas abertas, em pé, cheias de vida e projetos são muito mais que locais onde se apreende. Foi também essa pandemia que recolocou a prioridade da produção de conhecimento científico e tecnológico ao serviço do desenvolvimento humano. A COVID-19 deixou-nos o aprendizado de que é a partir da solidariedade e do contato com o próximo que nos tornamos melhores e mais capazes como sociedades.

Ela serviu, ao mesmo tempo, para mostrar os grandes paradigmas sobre os que os diferentes Estados e países organizam o campo da saúde e as suas contradições. No Brasil a perspectiva de uma saúde pública consequente com os interesses do capital, levou à procura pelo lucro e o benefício de poucos a custas do sacrifício e dor de muitos brasileiros/as que perderam suas vidas e dos seus familiares e amigos. Na contramão, a ideia de uma saúde

pública como saúde coletiva e direito social de um povo, emergiu na mobilização social e cidadã, demandando uma outra forma de governar e entender o público. A crise política, econômica e sanitária mostrou a contradição existente entre os interesses do capital e a defesa e proteção da vida, também no delicado e importante campo da saúde.

Também expôs a necropolítica do governo Jair Bolsonaro que, em lugar de garantir a proteção e segurança social do Estado, escolheu às populações economicamente vulneráveis, favelados, camponeses/as e povos tradicionais (indígenas e quilombolas) como inimigos. Sua postura negacionista perante a gravidade da crise ocasionou o adiamento de medidas de combate e prevenção, com consequências letais para infelizmente milhares de brasileiros/as. As desigualdades sociais se agravaram como consequência do descaso político e da irresponsabilidade do governo, incrementando-se no período os já elevadíssimos indicadores de violência social no país.

Os autores e as autoras que apresentamos na sequência formam parte do conjunto de pesquisadores/as que, durante esse trágico momento na nossa história, precisaram seguir sendo docentes, estudantes, pesquisadores/as, extensionistas e cidadãos. Precisaram cuidar de si e dos outros. Precisaram se despedir de amigos e familiares e abraçar a Geografia como forma de estar no mundo e lutar por ele. A todos/as eles/as nosso reconhecimento e gratidão por estimular linhas de pesquisa e construção de saberes que colocam luz sobre as repercussões e impactos deste período na vida cotidiana do Brasil e na sua ciência.

## REFLEXÕES DE UMA PESQUISADORA LATINA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

**Francielle Garcia Martins**

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, SP

E-mail: [francielegm@gmail.com](mailto:francielegm@gmail.com)

Mais uma semana se inicia e, em um piscar de olhos, já terá findado. Os últimos dois anos foram avassaladores, uma enxurrada de acontecimentos se sucederam tornando o tempo, em sua velocidade infinita, mais atroz. Me pego com esses pensamentos em mais uma tarde chuvosa típica do verão do Oeste Paulista. Esse clima, já propício para ficar em casa, se tornou ainda mais representativo durante o isolamento social, forçado pela pandemia de Covid-19. Tal isolamento já não é mais necessário, a essa altura parte significativa da população já está imunizada, graças à ciência e ao sistema público de saúde, e autoridades governamentais já discutem a não obrigatoriedade do uso de máscaras em ambientes abertos e fechados, ação essa que provoca uma série de críticas de cientistas. Já é o momento?

Os gráficos sobre a evolução de casos e mortes de Covid-19 apresentados, em um sobe e desce infinito, acaba demonstrando as incertezas sobre o futuro da pandemia. Nesses gráficos encontro de certa forma também minhas emoções e a capacidade de pensar o meu próprio futuro. Ambos estão constantemente em mudança, como em uma montanha russa. Em pouco mais de dois anos ter que lidar com negacionistas dentro da própria família, questionamentos infundados sobre vacinas, a veracidade de fatos relacionados ao vírus e um (des)governo movido pelo ódio, descaso, despreparo que ceifou a vida de milhares de brasileiros, foram um desafio à manutenção da saúde mental.

Tais acontecimentos impactaram de forma significativa os atos de pensar, ler, escrever, observar e produzir ciência. O tempo e a realidade passaram como um rolo compressor em meus pensamentos. Momentos de medo, alternados com esperança foram se sucedendo e o primeiro persistindo em relação ao segundo. Tive o diagnóstico de Covid-19 confirmado no início desse ano. A princípio um certo pânico predominou, mas já com as três doses das vacinas, o sentimento logo foi passando. Foram cinco dias de sintomas considerados leves, mas diferentes de qualquer coisa que já tenha sentido. Gripezinha? Longe disso. Um cansaço que nunca havia sentido.

Os dias de isolamento passaram e tudo voltou ao normal. Considerava me sentir bem. Porém, ledo engano. A Covid-19 é uma doença traiçoeira. De repente um sono profundo, cansaço, lapsos de memória e a descoberta que até mesmo em pacientes imunizados, que apresentaram casos leves, podem apresentar uma série de sequelas e necessitam de tratamento. Justo tais sintomas ocorreram comigo, que preciso ao máximo de disposição e concentração. Mais uma descida na montanha russa de emoções.

Nesses anos a produção acadêmica se tornou ainda mais solitária. Aulas por plataformas digitais, eventos no mesmo formato. Como alguém introspectivo, ter que lidar com a câmera do computador e pessoas observando minha imagem não foi fácil. Já calada em ambientes coletivos físicos, nos virtuais então foram de silêncio. Conhecer e dialogar com colegas se tornou mais um desafio. Agora, com a volta de atividades presenciais no campus, um frio na barriga se faz presente, sensação semelhante ao primeiro dia de ida para a escola. Dois anos lidando com um grupo mínimo de pessoas e, de repente, voltaremos à “normalidade”. Não sei como está minha capacidade de socialização.

Entre todas essas lembranças, reflexões e receios, tenho a sorte de estar em frente a uma grande janela. Olho para rua e a chuva cai em sinfonia. Fecho os olhos e escuto com calma aquele som e sinto o cheiro característico de chuva. Para mim a chuva ainda é sinônimo de paz.

Seria um cenário perfeito, mas não. Assim que me volto à realidade, me deparo com a quantidade de lixo que desce carregada com a enxurrada que se forma. Os que mais se destacam entre eles são pedaços enormes de isopor. Isopor inclusive, que foi deixado por vizinhos que se mudaram para sua nova casa. Casa nova! Tudo novo! Porém, hábitos ainda antigos. Todos os móveis e eletrodomésticos envoltos com muito plástico, papelão e isopor, que não servem para nada e certamente estorvam e atrapalham a nova casa. E assim, como num passe de mágica, basta colocar todo esse lixo do outro lado da calçada e ele sumirá. Sumiu! Foi carregado pelas águas da chuva e certamente chegando logo aos rios e seguindo seu caminho rumo aos oceanos, deixando um rastro de poluição e destruição.

Penso em todo o caminho que tais resíduos poderão percorrer e quando volto meu olhar novamente para a rua, vem subindo afobada, tentando fugir logo da chuva, uma mulher negra, idosa, por volta de 60 anos, semblante cansado, com seu carrinho cheio de resíduos recicláveis coletados para venda e, provavelmente importante fonte de sustento a família. Será que a chuva traz a ela o tal sentimento de paz? Bom que já está próxima a sua casa. Uma construção simples, de madeira, na beira da linha férrea, com seu quintal de terra batida, o

local em que armazena os resíduos para a venda e que realiza parte do seu trabalho, contribuindo de forma essencial para a destinação correta de tais resíduos, mas ao mesmo tempo denunciando a perversa desigualdade social estrutural que marca o Brasil. As crianças, de todas as idades, a ajudam na separação dos materiais e ao mesmo tempo fazem daqueles resíduos brinquedos. Crianças estas que estiveram fora da escola por mais de um ano, devido a pandemia. Terão elas a oportunidade de usufruir de um futuro diferente da catadora de materiais recicláveis? Será dada a oportunidade para que elas diminuam as defasagens de aprendizagem causadas pelo longo período longe da sala de aula? Essas são ainda perguntas sem respostas, infelizmente pela ausência de políticas públicas adequadas para minimizar tais impactos no futuro de tantas crianças.

Observando à distância e, conseqüentemente superficialmente, a realidade de tal mulher, é inevitável me lembrar que aproximadamente 70% dos catadores de materiais recicláveis é constituído por mulheres. Elas estão em todos os lugares: nas cooperativas, nas ruas, nos lixões. Cada qual com seus desafios a serem enfrentados, em níveis diferentes.

As que estão organizadas em cooperativas, a partir de um longo processo de luta e resistência, tem acesso a redes de solidariedade em que juntas se fortalecem, surgindo como novas sujeitas, exigindo maior participação, poder e vocalizando suas demandas, a fim de melhorarem suas condições de trabalho e renda, lutando por direitos, se organizando para que aquilo que consideram essencial, aconteça. Inclusive lutam constantemente para que tenham visibilidade e importância reconhecidas pela sociedade, sendo que parte desta sociedade, a mesma que descarta seu lixo e acredita que ele sumirá como num passe de mágica, invisibiliza o trabalho fundamental dessa classe, não deixando de citar a inércia de políticas públicas que contribuem para tal cenário.

No ano de 2019, anterior à pandemia de Covid-19 e com ânimos a todo vapor, tive a oportunidade valiosa de estar próxima e ouvir mulheres que se organizam em um movimento de catadoras, que lutam para fortalecer e dar protagonismo às mulheres catadoras. O discurso delas era potente. Fiquei completamente admirada e privilegiada por ter a oportunidade de estar e ouvir aquelas mulheres. A força e esperança delas foi contagiante, profunda. Elas eram as que um dia estiveram nos lixões, nas ruas como a senhora que descrevi, as que sofreram e ainda sofrem diversos tipos de violência escancarada e velada, que não tiveram oportunidades durante suas vidas, que não tiveram muitas opções de escolha. E se a todas mulheres catadoras fosse dada a oportunidade de trocas de

experiências, de formação de uma rede de fortalecimento da classe? Já imagino toda a cadeia de benefícios sociais, políticos e ambientais que tal movimento atingiria.

Me deparo então com a minha atual situação de montanha russa de emoções, em que medos, incertezas, desânimo estão conquistando território vasto e, num sopro de ânimo e coragem, me vem a responsabilidade enquanto pesquisadora latino-americana em tentar retratar a realidade de mulheres catadoras de materiais recicláveis e tudo que a elas está relacionado, na tentativa de aprendizado e contribuição. Fecho os olhos novamente, respiro profundamente e me lembro da esperança, mas ela em modo de verbo, ativo, ESPERANÇAR, agir e não esperar. Volto ao trabalho, atenta para que não sucumba de vez ao tempo atroz. ESPERANÇAR.

## DO MEU PRIMEIRO BRINQUEDO À DOCÊNCIA: AS INCURSÕES GEOGRÁFICAS DE DEUMAR HAGAT

**Caê Garcia Carvalho**

Instituto Federal da Bahia, Irecê, BA

E-mail: [cae\\_garcia@hotmail.com](mailto:cae_garcia@hotmail.com)

**Érico José de Souza Santana**

Município de Canoas, Canoas, RS

E-mail: [ejss14@hotmail.com](mailto:ejss14@hotmail.com)

Toda criança anseia por um brinquedo. Se se aproximam datas comemorativas, contam os dias para ganhar seu regalo. O meu primeiro veio aos seis ou sete anos de idade, um brinquedo para lida no campo na companhia de meus pais e dez irmãos.

Não pensem que, por isso, não ia para a escola. Carregava os caderninhos nos sacos de arroz, mais bonitinhos que os de plástico. Seguir os cinco quilômetros a pé atravessando a zona rural de Sagrada Família, interior do Rio Grande do Sul, me fazia, às vezes tarde, às vezes com fome, quase sempre sujo, chegar em nosso colégio. Ônibus só se tornou transporte em substituição aos pés perto de completar, aos trancos e barrancos, tanto metafóricos como literais, o Ensino Fundamental. Às vezes dói lembrar que só fui conhecer a infância com minha própria filha.

As dificuldades com as novas séries do Ensino Fundamental se avolumavam, os assuntos, as matérias, iam ficando cada vez mais difíceis. Talvez faltasse uma base sólida dos anos iniciais, mas o peso de trabalhar paralelamente à escola e perder dias e dias do ensino pelo trabalho certamente atrapalhavam as coisas.

Depois de concluído o Ensino Fundamental, o estudo não agregava tanto valor. Cortar lenha parecia render mais frutos. Como a mocidade já havia chegado, com dezessete anos o emprego se mostrava mais urgente que a continuidade na escola. No mais, era menos uma boca em casa para ser alimentada.

A história da minha vida segue a do Brasil numa migração campo-cidade que, se intensa e fustigante nos anos 80, continuou a reverberar na década de 90, quando, como muitos outros brasileiros e brasileiras, deixamos nosso cadinho de terra para adensar as periferias das capitais. Uma história se perfaz na outra, a minha e a do Brasil. Porto Alegre no primeiro destino, depois Minas Gerais.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 10-15, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".*

ISSN: 2176-5774

O trabalho da roça deu lugar ao atendimento ao cliente em restaurantes, novo ofício que se aprendia. Para quem nunca conhecera a cidade, era um novo mundo que se abria.

Pelos meandros da vida, adeus Minas Gerais. Novamente o sul do Brasil se impunha, Panambi é o novo local de morada. Trabalho com terra, depois com gente e, dessa vez, com o metal. Às vezes – eu diria que com certa frequência – as trilhas do destino nos levam por caminhos inimagináveis. Agora, soldador. Uma vez mais a história do país e a minha se entrecruzam: industrialização para dinamizar a produção agropecuária no nosso estado na concretização da mal chamada revolução verde. Começou lá atrás, é verdade, nos anos 50, e é nesta esteira que Panambi, assomando ainda um arsenal automobilístico, se afigura como terceiro maior centro industrial do estado. Nas articulações territoriais da divisão do trabalho, eu que já ocupara o outro polo quando a separação campo cidade poder-se-ia dizer mais rígida, agora estou no coração do urbano, na cidade.

Curso custeado pela empresa, não há nada que, com esforço – muito esforço – não se possa aprender.

Dinheiro por se fazer, horas e horas extras às duas da manhã, turnos que eram plantões sucedidos uns aos outros na indústria metalúrgica. Trabalho árduo, a sensação é de encarar o sol horas à fio a olhos nus, mas nunca nada foi fácil. E, com o amor, a vida é mais doce. Como diriam os poetas, “impossível ser feliz sozinho”.

Professora, o incentivo para retomada dos estudos. Uma filhinha linda traz ainda mais amor para nossa casa. Para quem só queria passar alguns meses em Panambi por conta da “novidade” deste trabalho e de sua dureza, foi uma vida que fora ali tecida. Aos poucos, o Ensino Médio foi também completado. Uma graduação se anunciava no horizonte, por que não?

No interior do estado do Rio Grande do Sul, acompanhando o desenvolvimento industrial e a urbanização de Panambi, a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul possuía um campus na cidade justamente voltado ao setor metalmeccânico. Além da questão de articular o horário do trabalho com o das aulas, havia uma dificuldade tamanha de acesso para esse curso num contexto pessoal de quem acaba de retomar os estudos. As universidades particulares, por sua vez, não cabiam no orçamento familiar. Compasso de espera neste sonho uma vez mais inflamado por um de meus amores. Mas haveria de se concretizar.

No ano de 2016, eu sequer imaginaria, houve a ideia de consolidar o curso de Geografia ofertado pela Universidade Federal do Pampa em parceria com a Universidade Aberta do Brasil, junção que impactaria minha vida alguns anos mais tarde. A implementação do curso ocorreu, em especial, por dois motivos: a) o senso universitário de 2016 sinalizara que alguns cursos de licenciatura estavam com retração de ofertas de vagas, incluindo cursos da área de ciências exatas e de outros campos do saber, como a Geografia; b) ao começar o planejamento para implementação do curso, a Diretoria de Educação a Distância da UNIPAMPA firmou o acordo de que todos os polos do estado do Rio Grande do Sul que sinalizassem interesse em ofertar o curso seriam atendidos.

Ao todo, foram dezoito polos agraciados, dentre eles, Panambi. A saudosa UNIPAMPA ajudou-me a concretizar, assim, um sonho, uma vontade, uma esperança: a graduação. Depois de uma vida inteira de luta, de tentativas e perseverança, eu estava ali, pronto, também nervoso e apreensivo, mas estava pronto! A oportunidade estava posta. Por nada se poderia deixar escapar. Condizia com o trabalho, havia possibilidade de casar o horário flexível da Universidade com as demandas inalienáveis do serviço.

Dos tempos da escola, a Geografia despertava interesse; sem saber exatamente o que esperar do curso, iniciava-se uma nova empreitada. Ao começar o semestre 2018.1, eu nem imaginava os prévios preâmbulos institucionais, revelando que muito de nossa história particular guarda relação com o próprio âmbito das políticas públicas. Entrei de corpo e alma na UNIPAMPA. Hora de experimentar e viver a Universidade.

Difícil foi: vocabulário científico, diversidade de áreas, tendo de apreender do solo à globalização, afora a necessidade de muita leitura. No meio do curso, uma pandemia.

O que era semipresencial, muito mais afeito às minhas demandas, tornou-se online. Conseguem imaginar como foi para quem saiu da roça ter de aprender todas essas ferramentas para conseguir assistir as aulas e cumprir as atividades? Do *moodle*, dificilmente sentirei saudades.

As dúvidas que podiam ser tiradas presencialmente, eram agora feitas de forma virtual com nossos queridos tutores. Sempre prestativos, mas é do homem, citando um filósofo, ser-com. Estar próximo. Ser com os outros. Sem pertencer as gerações  $x, y, z$  e sei quantas mais há de se ter, nessa condição, as possibilidades do encontro presencial tornavam-se ainda mais urgentes.

Infelizmente, porém inevitável, as disciplinas de Estágio do Ensino Fundamental e Médio tiveram de ser remodeladas às circunstâncias epidemiológicas.

O contato direto com a sala de aula, assim, é algo que ainda anseio por ter. Mas isso não retira os méritos destas disciplinas: nós mesmos, alunos, arrumamos outros alunos para acompanharem nossas aulas de modo virtual. Em grupo, unidos, às vezes, nem tanto, seguíamos com nossas aulas que eram então avaliadas por nossos orientadores.

Com 16 aulas em temas tão diversos, vi na prática a amplitude da Geografia que eu já notara no início da licenciatura. Estágios cumpridos, hora do famoso trabalho de conclusão de curso, o TCC.

Fazer pesquisa foi uma novidade. Talvez se pense que isso foi sendo aprendido ao longo do caminho, mas com um caminhão de alunos em cada polo, fica complicado para os professores construírem esse tipo de trabalho conosco. Pesquisa, pesquisa mesmo, pesquisa-pesquisa, escrever um artigo, só mesmo na reta final da graduação em licenciatura. Sim, licenciatura, mas temos que apresentar também um TCC – e isso não é uma reclamação!

Bem ao contrário, com a pesquisa revisitei a história de Panambi, procurando compreender as transformações urbano-territoriais pelas quais passou a cidade com a industrialização do município. Justo que, ao término, novamente se reencontrem os polos inextrincáveis homem/mundo, eu e Rio Grande do Sul, eu e Panambi. Uma história que se revela na outra.

Não estava tão seguro da aprovação. Quem nunca comeu mel, se lambuza na primeira vez. Me pergunto para que tanta regra sobre como citar isso ou aquilo. Para além das formalidades, desenvolver uma escrita acadêmica foi penoso; a dificuldade para trazer ao trabalho uma bagagem teórico-conceitual, idem. Lembrem do dia encarando o sol, chegar em casa com a visão em fogo para ler um livro ou sentar no computador não é nada – nada – simples.

Inevitável irradiar felicidade quando vejo a nota divulgada pela banca e a consequente aprovação. O caminho a percorrer na Geografia ainda é longo, ler mais coisas, aprender mais coisas. Mas, do meu primeiro brinquedo às minhas incursões geográficas, o orgulho que sinto dessa conquista é imenso. Por isso que, quando o orientador foi encerrar a chamada no *meet*, dei um grito de pura emoção. Acho que não era para eles (o orientador e a banca) ouvirem, mas acho também que em nada se importaram com essa suposta

quebra de “protocolo”. Aliás, quanto mais a Geografia ganharia se, em suas pesquisas, nos trouxesse um pouquinho mais de emoção?

Inevitável falar da UNIPAMPA e, pois, da Universidade Pública, sem a qual não seria possível a concretização deste sonho. Salve a educação pública. Igualmente importante, viva a interiorização do saber científico, outra condição elementar para a minha possibilidade de cursar – e de incontáveis colegas – o ensino superior.

A história de Deumar Hagat  
Pai de Vitória Emanuely  
Companheiro de Saionara Dias  
Futuro professor de Geografia

\*\*\*\*\*

Essa crônica foi escrita por nós, os professores Caê Carvalho e Érico Santana, para contar a história de um de nossos alunos da UNIPAMPA. Participamos conjuntamente do momento final de conclusão de curso de Deumar Hagat, um como orientador e outro como membro da banca.

A história do aluno só nos foi contada por ele pós-defesa da monografia e apenas em linhas gerais, comentando acerca de seu trabalho atual como soldador e que vivera, até a adolescência, no campo. Sua mensagem de agradecimento posterior, horas depois da defesa, me tocou bastante – utilizo a primeira pessoa especificamente agora por ter sido uma mensagem privada para o professor Caê. Era uma história linda – apesar de sofrida – e que merecia ser contada. Só não sabíamos como.

Foi então que ficamos sabendo da chamada do Caderno Prudentino de Geografia, abrindo a possibilidade de escritas plurais, como relatos de experiência e crônicas. A ideia foi apresentada para Deumar que, prontamente, topou o projeto. Fizemos uma entrevista e, depois, novas conversas para irmos afinando o texto.

Houve receio com a utilização da primeira pessoa neste escrito. Dois professores, um doutor e outro mestrando, contando a história de um terceiro – e, mais que isso, “se passando” pelo próprio aluno. O receio era suprimir sua voz, tomar o lugar de quem deu um duro para chegar onde chegou. Por que não poderia ele próprio contar esta história?

## Crônica

*Do meu primeiro brinquedo à docência: as incursões geográficas de Deumar Hagat. Caê Garcia Carvalho; Érico José de Souza Santana.*

A escrita em primeira pessoa foi, então, alterada; utilizou-se a voz passiva, impessoal. Mas o texto perdeu, absolutamente, seu brilho, sua força, sua capacidade de emoção ao ser narrado “de fora”. A crônica perdia, assim, sua razão de ser.

E, no fim, não diríamos que contamos por ele tal enredo, e sim que contamos com ele sua história. A todo momento Deumar lia nosso escrito, indicava caminhos que talvez fosse melhor ficar de fora. No final das contas, foi ele quem bateu o martelo e decidiu qual versão seria encaminhada. Escolheu a que mais lhe emocionou.

## CHAMAS DE ESPERANÇAMENTO

Por **Adriane de Andrade**

E ainda nos perguntam

— Tiveram medo?

Respondemos:

— Quem não tem?

A pandemia começou já faz dois anos e ainda não vemos sinais do fim

Vacina finalmente chegou. Ufa!

Mas ainda é difícil lidar com o número de mortes, com tantas perdas que poderiam ser evitadas se não tivéssemos um negacionista genocida no poder.

Vivemos coisas que serão difíceis de esquecer

Histórias que não vão continuar, e isso, é de doer o peito só em lembrar

— Se temos medo?

— Sim!

Mas o medo nunca nos impediu de nos movimentar

Vencemos o medo, nos vestimos de coragem,

De longe a roupa mais bonita do armário

Nos somamos a tantas outras mulheres, fortes, corajosas

Mergulhamos na força e fomos à luta mais uma vez

Gritamos inúmeras vezes e não cansamos até entenderem

— Saúde é um direito e não mercadoria!

Quebramos preconceitos, barreiras, rompemos cercas da ignorância e partimos a caminhar

Nas ruas dos assentamentos, acampamentos, ocupações nas cidades

Nos juntamos a tantas outras parceiras de luta, por saúde, educação e alimentação

Trabalho esse que nunca parou, alimentou a esperança, consertou, cuidou, criou

Confiscaram o verbo abraçar, mas demos conta de substituímos logo

e o da vez é o escutar

Ah! E quanta historia de vida, quanta coisa a gente aprendeu nesse simples gesto de nos permitir ouvir o outro e compartilhar o tempo, alguns momentos

Quisemos por muitas vezes ficar no caminho

Cansamos, mas continuamos, e aqui estamos

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 16-17, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

Sabíamos que o caminho não ia ser fácil, mas tínhamos a certeza que não estávamos  
sozinhas  
Foi no bater de porta em porta, que percebemos que o povo carecia de afeto,  
acolhimento e informação  
Percebemos o olhar assustado de medo nas primeiras prosas, ir se transformando em olhar  
de respeito e atenção  
Caminhamos, quilômetros  
Fizemos amigos, ouvimos vozes que até então nem sabíamos o somido e o tom  
Conhecemos muitos Mario's, Alzira's, Maria's, Ivone's, Francisca's, Izabel's  
Tecemos redes, costuramos amizades  
Não botaram fé  
Acharam que era ousado demais.  
— Eita! São tudo louca essas muié!  
Mas aos poucos com uma ajuda aqui outra ali, pudemos ver o resultado na miudeza das  
coisas  
Nas relações do dia a dia, na construção comunitária  
Na troca das plantas, nos ensinamentos diários, no acolhimento tão necessário, nas jarras a  
mais de água, que o pessoal passou a beber  
No incentivo a vacinação que tardou mais chegou  
A mudança parece sutil  
Mas na nossa terra o afeto é dado e não vendido  
O amor é compartilhado, e o cuidado construído  
Hoje podemos afirmar que somos parte da mudança que queremos ver no mundo  
Abandonamos o papel de juízas  
E estamos construindo em rede, ali,  
fio a fio,  
manualmente o território de vida  
Nossa terra hoje é morada, alegria, boa vontade, humor, partilha  
(no tecer diário dos agentes populares de saúde, construindo uma política de vida e  
encantamento)

## A VIVÊNCIA IMPERATIVA DO LUGAR

Por **Maria Gilcéia Sacramento Pinheiro**

Os dias estão tão diferentes

As ruas não estão cheias de gente

Correndo pra lá e pra cá

A comprar, estudar e trabalhar

Experienciando o falar

Acompanhando o ritmo dos lugares e suas transformações

O cotidiano mudou

Tudo mudou

Está tudo diferente lá fora

Num silêncio que apavora

E o caos se mistura ao medo

Medo que faz pessoas sofrer

Sofrer de solidão

Está tudo diferente lá fora

E o silêncio apavora

A paisagem se revela quieta

O caos acompanha o silêncio

O movimento parou

As pessoas se recolheram

Não foi isso que escolheram

Estão em seus lugares isoladas

Com medo do invisível

Invisível que apavora

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 18-20, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".*

ISSN: 2176-5774

Do meu lugar olho o horizonte  
Que se apresenta frio e distante  
E o silêncio domina

Em minha companhia os meus  
Os outros estão em seus lugares com os seus  
Recolhidos em suas novas rotinas  
Rotina de trabalho síncrono  
Muitas vezes assíncrono  
Na companhia cansativa das telas

Aqui do meu lugar eu olho as telas  
Vejo o medo que assusta  
Vejo choro, tristeza e desespero  
Pessoas tristes sem emprego  
Com contas acumuladas a pagar  
Vejo gente na fila por um pão  
Com máscara na face e álcool nas mãos  
Com medo do invisível atacar

Vejo negação  
Gente sem compaixão  
Dizendo não, “chega de frescura e mimimi”  
Voltem a se movimentar  
Pra economia não parar

Mas a mobilidade faz o invisível atacar  
Melhor permanecer em meu lugar

O invisível leva embora  
Gente que tinha tanto pra dar

O invisível invade o lar, toma todo o ar

E apavora as pessoas em seus lugares

Sentimento de dor, de pavor e de amor

Amor por aqueles que seus lugares deixaram

Pra não mais voltar

Até quando o invisível vai atacar?

Até quando vai se multiplicar?

Todos anseiam pelo seu fim

Pela volta do movimento

Do correr, do brincar, do visitar

Do abraçar, do beijar, do confraternizar

Neste momento sombrio

O lugar é segurança

Não pode ser itinerância

E o espaço é liberdade para o invisível

O lugar é pausa

O espaço é abstrato

O lugar é radiância

Onde todos desejam estar

O lugar é concreto

O lugar é amor e afeto

## INQUIETUDES

Por **Diandra Karollyna Ferreira; Wellington Rodrigues da Silva; Eliana Gonçalves da Silva Fonseca**

Complexo, cruel e perverso,  
Que causa disputa e violência,  
Que causa desigualdade e exclusão,  
Que coloca o indivíduo a margem,  
Sem nenhuma ilusão.  
Engessado, maquia e manipula.  
Ilude e engana.  
Porém nunca me perguntaram,  
Qual seria o da minha escolha.  
No qual sem dúvida, responderia:  
Um que promova a vida,  
Sem discriminação e nem dor,  
Um mundo com muito respeito e amor.  
E posso ir além?  
Adoece, viola e mata,  
Meus sonhos, nossos sonhos.  
E lhes pergunto:  
- Para quem é organizado?  
O povo nas ruas aclama,  
A relação de dinheiro, poder e fama.  
Utopia? Direito de justiça, igualdade e fama.  
Independente de classes sociais,  
Encontra-se à lama  
E hipocrisia é seu lema.  
Dita as regras morais  
Da saúde, educação e segurança,  
Questões ambientais e também sociais.

O que esperar de quem tem o poder de julgar,  
Além de legislar e executar.  
E me vejo como um refém.  
A sensação de impotência,  
Tristeza, sofrimento e dor,  
Machuca e destrói.  
Culpo-me, será que poderia ter feito algo?  
Mas está tudo bem!  
Porque ele em seu papel imprescindível  
Já tabelou o preço real de tudo,  
E aí fica tudo bem!  
Só pergunto aos olhos de quem?  
De quem vai, ou quem fica?  
Nessa terra de ninguém!  
Enquanto escrevo meu estômago revira.  
Será incomodo, repulsa ou só impressão?  
Ou a consciência pesada,  
Por fazer parte dessa nação?  
E ser mais um refém dessa escravidão.  
Prazer eu sou forte e dominador,  
E meu nome é “SisTema”,  
Formado pela “PesSoa HuMaNa”.

## É CHEGADA A HORA DE VOTAR: QUAL É A MINHA OPÇÃO?

Por **Anderson Felipe Leite dos Santos**

Em meio à pandemia, vem chegando a eleição.  
Outubro é logo ali, qual é a minha opção?  
É direita, é esquerda, num duelo com pressão.  
Ainda, para esquentar, tem o tal do “centrão”.  
Quem vai apoiar quem nas eleições?  
Os ataques começaram, vamos ver as reações.  
As urnas eletrônicas ameaçadas, causam perplexidade.  
Em 2018, foi um misto de emoções.  
O povo, desesperado, elegeu um sem noção.  
As consequências já chegaram:  
Os principais biomas estão sendo devastados  
Os povos indígenas morrem silenciados  
É garimpo na Amazônia para todo lado  
Ainda por cima falta água, comida e o botijão,  
Não dá para viver nessa situação.  
Qual é o destino da nossa nação?  
É uma crise nunca vista,  
Até os ossos viraram mercadorias.  
As crianças saem nas ruas, famintas e sem opções;  
Os pais, desesperançados não possuem outra solução.  
Em meio à pandemia, há muita exposição:  
A informalidade aumentou,  
Temos o avanço da *uberização*.  
Os *motoboy*s, que nem foguete, satisfazem os clientes  
Em meio à invisibilidade:  
Não possuem direitos, muito menos um salário.

Esse é o trabalho precarizado, que cresce adoidado!  
Há mais contradição:  
Gasolina com impostos de montão.  
Tentam até iludir a população com a PEC dos benefícios:  
Uma pura enganação.  
Qual é o destino da nossa nação?  
Em meio à desilusão, é preciso reflexão:  
Quem sou eu nessa nação?  
O proletariado ou o patrão?  
Uma coisa é sabida:  
É rico querendo induzir os pobres,  
É pobre querendo ser rico,  
Não dá mais para viver nessa ilusão.  
É hora de acordar!  
O gigante ficou mudo?  
O coma parece ser induzido?  
A inflação continua subindo,  
E não cessará.  
Vamos manifestar nossa indignação!  
Não venda o seu voto,  
Não perca sua razão.  
Vamos lutar por um Brasil sem corrupção.  
A luta é agora,  
Não há como recuar.  
Eleger aquele que tirou os nossos direitos?  
Ou eleger quem os garante?  
Não dá mais para viver de promessas,  
Não dá mais para aguentar negacionista,  
Não dá mais para eleger quem desconsidera a ciência e sua vida.  
São centenas de bolsas cortadas e pesquisas paradas,  
O povo precisa e quer respostas!  
Em meio às ameaças, a democracia prevalece.

Poema/Poesia

*É chegada a hora de votar: qual é a minha opção? Anderson Felipe Leite dos Santos*

Uma coisa é certa:

As urnas serão liberadas e a votação, iniciada.

Pense, repense e reflita:

Em quem irei votar nas próximas eleições?

**É necessário, neste instante em que você está lendo, pensar no atual contexto político, social e econômico que estamos vivendo. Não podemos deixar para amanhã o que precisamos resolver hoje! Vamos à luta!**

## TEMPOS DIFÍCEIS, DE LUTA E DE GUERRA

Por **Marcia Chmura; Diane Daniela Gemelli**

É doloroso passar por um tempo pandêmico;  
Marcado por ver um vírus mortal, visto apenas por microscópio.  
Foram dias de luta, pessoas morrendo;  
O mundo parou o seu ritmo diante do que estava ocorrendo.

Foram e são tempos difíceis;  
A pandemia impôs limites imprevisíveis.  
Na pesquisa acadêmica não podemos realizar trabalho de campo,  
que na metodologia da pesquisa continha;  
Por conta disso, usamos o que nos livros tinha.

Formação territorial do Contestado: processos, conflitos e resistências;  
Foi o nome dado à pesquisa por evidência.  
Para poder pesquisar, um ponto de *Internet* aqui no campo precisou ser instalado;  
E cá entre nós, era falho, mas não podia ser retirado.

A participação em eventos aconteceu de forma remota;  
A vida atrás de computadores e celulares fez a coluna ficar torta.  
Agora, aos poucos tudo está voltando ao presencial;  
Creio que agora os encontros terão essência mais que especial.

É preciso estudar e conhecer o passado, para se compreender o que hoje se tem  
A vida segue rumo distintos, sempre carregando o que o tempo deixou;  
Ricos são os que guardam na memória, muitas histórias;  
Pobres os que não sabem de nada, e somente seguem suas fúteis trajetórias.

Por cá, vive-se a estudar, a Guerra do Contestado para sempre se lembrar;  
Histórias daqui, histórias acolá, hoje escrevo aqui pra um pouco te ensinar;  
De início lhe aviso: guerra traz morte aqui, guerra traz morte acolá  
Conto da Guerra que aconteceu na fronteira entre Santa Catarina e Paraná.

Antes do conflito essas terras de posseiros, por caboclos era habitada (...)  
Neste território a população cabocla vivia de maneira organizada  
Cuidando, respeitando e vivendo com a natureza;  
Trabalhando na coleta de pinhão e na extração de erva mate com grande destreza.

Criavam animais, plantavam no roçado e na horta a alimentação;  
A vida social se distinguiu na “troca de dia”, que muitos conhecem por colaboração.  
E como parte do modo de vida caboclo, não se pode deixar passar o significado da religião;  
A fé no(s) Monge João Maria prevalecia, ainda mais nessa época que não tinha medicação.

Dizem que o Monge andava por muitas bandas, a população geralmente o acolhia;  
Sempre era procurado devido a crença nos chás de vassourinha e pelos batismos que fazia.  
Era, pois, a única saída para uma possível enfermidade;  
O Monge vivia uma vida simples e creio que por isso de tamanha religiosidade.

Território, terra e trabalho,  
Sobre isso, sei o que falo.  
Na luta pela terra e na manutenção de suas territorialidades,  
Caros leitores, o povo caboclo possui grandes potencialidades.

Até o momento... tudo parecia estar correto, o povo seguindo a vida;  
Trabalhando, claro que as vezes de forma sofrida.  
Mas o que iria acontecer nenhum deles imaginaria;  
Trato agora da guerra que muitas vidas ceifaria.

Para o estopim da guerra, muitas condições tinha;  
Mas o que aqui relato trata-se de uma ferrovia.  
Ligar o norte ao sul do Brasil o governo queria;  
E pelos estrangeiros a exportação da madeira, através de concessão viria.

A empresa estrangeira estava sob domínio de Percival Farquhar, um empresário como tal;  
Que via através dessa construção a entrada e acumulação de capital.  
O pior foi o governo que a ele concedeu grande quantidade de terras dos lados da ferrovia;  
Destruindo a natureza e expulsando a população cabocla que por lá vivia.

Quando Percival ganhou as terras de presente, logo pensou em usurpar;  
Através da serraria Lumber a destruição pode se avistar.  
Capangas, e homens mandados começaram a vasculhar as matas;  
Eram vastas árvores sendo tombadas, que a população ficou atormentada.

Parece ironia dizer que através dos trilhos do trem, o capital veio e des-envolveu;  
Do povo que lá vivia, muito se viu padecer, nas lutas que defendeu.  
A Guerra era desproporcional, de um lado militares usando canhões;  
De outro lado, o povo simples as custas de facões.

Eles precisavam defender suas vidas, suas terras de pertencimento,  
De pensar que a propriedade privada nunca lhes poderia chegar a ser alento.  
Lutaram por quatro anos, onde aconteceu o genocídio;  
Crianças, mulheres, homens, idosos; Caboclos e caboclas, também foi um etnocídio.

A guerra teve início no ano de mil novecentos e doze;  
O fim talvez tenha ocorrido em mil novecentos e dezesseis.  
Já explico o motivo do talvez, sem fazer muita pose;  
Ainda hoje a população cabocla sofre, e eu conto pra vocês.

Em território Contestado, se avista o pinus que como monocultura viu se firmar,  
Triste é não poder plantar o alimento para a fome saciar.  
Surgiram problemas como fome e pobreza, a tal desigualdade viu-se formar,  
Heranças que o capital fez gerar.

Surgiram narrativas traçadas pelos militares;  
Mencionando o caboclo como rebelde e bandido.  
E na memória cabocla, existem esses pensares,  
Trata-se de uma narrativa em que não se bendiz o caído.

Através das pesquisas outras narrativas são construídas,  
Essas são comprometidas com as pessoas excluídas.  
Por isso, é preciso que todo povo entenda o que foi a Guerra do Contestado,  
Para que se construam ações em busca de justiça ao povo que foi molestado.

Eu e minha professora, trabalhamos como pesquisadoras;  
Somos um tipo de desbravadoras.  
Um pouco do que aprendi na pesquisa, aqui na poesia coloquei;  
Num texto científico isso tudo não cabe, mas aqui eu pude, eu brinquei!

Que se construam as resistências minha gente, pois só assim não estaremos sujeitos a  
imposição de explicações negligentes.

## DEVIR MONTANHA

Por **Natália Goldschmidt Guidetti**

**Inverno de 2020.**

funciona assim, parecido mesmo com o movimento que antecede o terremoto. ficam elas, palavras, sendo pressionadas, recicladas em meu interior. um ciclo de rochas-palavras que, sem aviso, resolve emergir à superfície da crosta terrestre. ora como explosão, lava quente que escorre pelas fissuras deste vulcão, ora trêmulas como terremoto, às vezes vira até maremoto, às vezes, marola leve.

escrevi isso esses dias: palavras pra mim, sofre transformação, metamorfismo de significado, muda sua composição como quando o granito vira gnaisse e seguem diferentes usos e devires do mundo mineral. minhas palavras hoje são metamorfoseadas pela pressão pandêmica, este agente exógeno de formação de relevo, e também por fricção endógena, aperto e batida de meu coração.

para essa poesia que ousa ser também relato, um pouco do que tenho pensado: penso no meu casamento com a ciência que escolhi estudar e, mais que isso, as lentes que transformaram para sempre meu olhar. a geografia para mim transita entre mãe e amante. tão próxima, tão necessária. no preparo das aulas da semana, penso em como fazer para que ela adentre as casas de meus alunos e alunas, e ocupe o seu lugar genuíno. a geografia mora nos olhos de uma criança curiosa do mundo, das relações, das cores, montanhas, lagos, amores.

ela abre a porta para filosofia e é amiga de todas as suas ciências irmãs. é guardiã da linguagem cartográfica, arte de estar.

chegou o dia da aula. tudo pronto, 08:30h em ponto!

“lá” estou eu, “lá” estamos nós...estamos? onde?

que espaço é esse que se engendra no tempo de agora? como cartografar a sala de aula que sugere um navegar? sala de aula era lugar, continha múltiplas paisagens de olhar.

pois bem, os olhares agora estão distantes, alguns inacessíveis... *“minha câmera está com problema, professora”*...tudo bem, nosso par de câmeras naturais, aquelas de diferentes cores muitas vezes embaçam também, e nós nem precisamos estar online pra isso...quando os olhos embaçam é preciso cuidar: as paisagens ficam turvas, embaçam as lentes de dentro pra fora... *“minha câmera também não tá funcionando hoje, professora!”*... ei pessoal, está certo, entendi....meu desejo é que, ainda que nesse espaço outro, mediado por câmeras, nossos olhos se mantenham na altivez de um coração acolhido, mesmo que, sobretudo agora, ferido.

a geografia é minha companheira na busca por olhos de uma juventude que, como novas rochas, tornar-se-ão montanhas inteiras.

## O TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO EM GEOGRAFIA: RETRATOS DA IMPORTÂNCIA DO OLHAR *IN LOCO*

**João Paulo de Oliveira Pimenta**

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente/SP

E-mail: [joao.pimenta@unesp.br](mailto:joao.pimenta@unesp.br)

### Introdução

A pandemia de COVID-19, para além das diversas perdas humanas e econômicas, impôs uma série de dificuldades para que as atividades educacionais pudessem seguir de maneira satisfatória, uma vez que o ensino remoto traz no bojo de sua aplicação muitas limitações que vão desde dificuldades ligadas à qualidade dos equipamentos disponíveis até a, praticamente, necessidade imediata de adequação ao novo sistema, tanto por parte dos docentes quanto por parte dos alunos.

Para além de tais dificuldades, deve-se compreender que as diferentes áreas de conhecimento têm suas especificidades e, como tal, cada uma traz em si uma metodologia que responde melhor em relação ao nível de aproveitamento dos estudos. Este é o caso da formação profissional em Geografia. Trata-se de uma área que, essencialmente, tem como ferramenta de análise a dialética entre a teoria apreendida em sala de aula e a observação feita em campo. A partir desses diferentes olhares, estabelece-se a síntese do fenômeno para posterior análise.

Assim como praticamente todas as outras áreas, o ensino de Geografia precisou sofrer adaptações e, por conta disso, as disciplinas que envolvem trabalho de campo foram seriamente afetadas em relação a essa metodologia, impedindo que a formação tivesse uma carga horária satisfatória de atividades extra classe, ou, neste caso, “extra casa”, já que nem mesmo frequentar o campus universitário era possível.

Tais limitações impedem um processo mais abrangente de contextualização dos fenômenos observados, já que os materiais utilizados são fotografias, filmes, ou seja, materiais que são apresentados aos estudantes se que estes tenham participado do processo de construção destes recursos.

Assim, trazemos para esse texto relatos sobre trabalhos de campo desenvolvidos durante o processo de formação em Geografia entre os anos de 2013 e 2019, destacando a diversidade de experiências vividas por meio de fotografias e trazendo, para além da imagem

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 31-37, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

## Ensaio Fotográfico

*O trabalho de campo na formação em Geografia: retratos da importância do olhar in loco.* João Paulo de Oliveira Pimenta.

retratada, informações extras, as quais só seriam possíveis de serem compreendidas por quem viveu a experiência *in loco*.

**Foto 1:** São Miguel das Missões – RS (2014)



Neste trabalho de campo, foi possível visitar as ruínas de São Miguel das Missões-RS, as mais preservadas do Brasil que remetem ao período das missões jesuíticas. Museus locais contam a história de como os indígenas sofreram com a disputa entre Portugal e Espanha por esse território.

**Foto 2:** São Miguel das Missões – RS (2014)



Ressaltamos aqui a importância dos Trabalhos de Campo para a socialização dos estudantes, uma vez que, nesses momentos, há troca de experiências e o trabalho colaborativo para manter a infraestrutura necessária.

**Foto 3:** Catalão – GO (2015)



Em Catalão-GO pudemos observar como o agronegócio se instalou no Centro-Oeste do Brasil e, principalmente, as contradições oriundas desse processo ultra modernizado de produção agrícola.

**Foto 4:** Catalão – GO (2015)



No contexto da expansão do agronegócio, no Centro-Oeste brasileiro, pudemos capturar a imagem de um filhote de lobo-guará (espécie em extinção) fugindo de uma máquina de pulverização de agrotóxicos em meio a uma plantação milho e sorgo.

**Foto 5:** Catalão – GO (2015)



Ainda visitando Catalão-GO, em uma fazenda experimental, flagramos esse trabalhador que necessita ficar imóvel observando os dados de temperatura e pressão dessa máquina de beneficiamento da produção. A jornada de trabalho prevê horas de observação em uma mesma posição, sem possibilidade de abandono do posto, seja por qual motivo for. Aqui, pudemos discutir as relações de trabalho e suas contradições dentro do ambiente de expansão do agronegócio brasileiro.

**Foto 6:** Catalão – GO (2015)



Catalão-GO também é um polo produtor de nióbio. Aqui, observamos os impactos da atividade mineradora e pudemos ouvir relatos de assentados rurais vizinhos dos locais de extração e como essa atividade oferece riscos, principalmente em relação à qualidade da água no local.

**Foto 7:** Quilombo Kalunga-GO (2015)



O Quilombo Kalunga, localizado em Cavalcante-GO, tem seu território cercado por terras onde predominam latifúndios de monocultura no Centro-Oeste brasileiro. A lógica de expansão do agronegócio constantemente exerce pressão para desterritorializar os quilombolas.

**Foto 8:** Parque Estadual Intervales-SP (2016)



O parque está localizado entre os limites das bacias hidrográficas dos rios Paranapanema e Ribeira de Iguape, estado São Paulo. Dotado de uma grande área de mata nativa e cavernas, o parque compõe uma das poucas áreas de reserva de Mata Atlântica ainda restantes.

**Foto 9:** Quilombo Mandira-SP (2016)



O Quilombo Mandira está localizado em Cananeia-SP e abriga uma comunidade que vive principalmente da pesca. Problemas como a falta de oportunidade de trabalho para os mais jovens faz com que eles migrem, forçando-os a deixar a comunidade.

**Foto 10:** Iguape-SP (2016)



Iguape, litoral sul de São Paulo, foi um dos principais portos brasileiros durante o período colonial, entrando em decadência por conta do protagonismo de Santos e Rio de Janeiro. Observamos como as marcas do tempo estão por toda a cidade, que ainda preserva muitas construções históricas.

**Foto 11:** Galpão da Lua – Pres. Prudente-SP (2016)



Para além dos Trabalhos de Campo, a modalidade presencial de ensino nos permite transformar outros espaços em “sala de aula”. Aqui, estudantes de Geografia Cultural tem aula em uma ocupação feita por um grupo de aristas locais em um galpão abandonado da antiga FEPASA.

**Foto 12:** Serra da Canastra-MG (2017)



A Serra da Canastra abriga a nascente do Rio São Francisco, um dos principais do Brasil, e sua vegetação campestre é morada de espécies raras de serem vistas, tais como o veado-campeiro. Trata-se de um dos ambientes mais peculiares da nossa biodiversidade.

**Foto 13:** Ubatuba-SP (2018)

## Ensaio Fotográfico

*O trabalho de campo na formação em Geografia: retratos da importância do olhar in loco. João Paulo de Oliveira Pimenta.*



Em visita ao Parque Estadual da Serra do Mar (Núcleo Picinguaba) promovemos a extração de um perfil de solos para observação de visitantes que acessem a sede do parque. Neste caso, retiramos um perfil de uma área de mangue.

**Foto 14:** Narandiba-SP (2019)



Em Narandiba-SP, os produtores de bicho-da-seda têm sua produção comprometida devido à pulverização aérea de agrotóxicos em plantações de cana-de-açúcar que cercam os assentamentos rurais. Na foto ao lado, um bicho-da-seda morto envenenado.

**Foto 15:** Campus da FCT/UNESP (2019)



Por fim, ressaltamos a importância das atividades presenciais não apenas porque podemos visitar, mas também porque podemos ser visitados. Neste caso, alunos de ensino público visitando laboratórios da FCT/UNESP

\*Todas as fotografias são do autor.

## Considerações finais

Neste relato, buscou-se trazer informações adicionais em relação ao que estava explícito na fotografia, evidenciando assim a necessidade da atividade *in loco* para uma compreensão mais abrangente do conteúdo estudado. Embora tenha sido necessário implementar medidas alternativas de estudo por conta da impossibilidade de atividades

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 31-37, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

presenciais, não se pode perder de vista a importância de priorizar sempre uma formação que estimule o convívio social e a apreensão dos conteúdos estudados, não apenas pelo sentido da visão e audição, mas ambientes de estudo também trazem outros elementos como textura, cheiro, frio, calor, uma infinidade de outras informações que não possíveis de serem captadas via tela de computadores ou *smartphones*.

**Figura 01.** A canoa sobre o Epte, circa 1890 – Claude Monet



**Fonte:** Acervo do MASP.

## A VIDA COTIDIANA DA MULHER: UM RETRATO SOBRE A AVÓ PELO OLHAR DA CRIANÇA

**Clara Ribeiro Silva**

Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG.

E-mail: [clara.silva@sou.unifal-mg.edu.br](mailto:clara.silva@sou.unifal-mg.edu.br)

### Prólogo

O presente opúsculo tem como objetivo apresentar uma percepção sobre a reprodução da vida cotidiana de uma mulher, a partir do olhar atento e do sentimento pulsante da criança sobre a rotina familiar em uma casa no bairro da Cidade Dutra (Interlagos, Zona Sul de São Paulo) num dia de domingo, durante a década de 2000. Para além da importância dos sujeitos participantes desse cotidiano, são os papéis e a construção social da reprodução da mulher avó, dos cuidados com filhos e netos. É demonstrado um cotidiano aos domingos, quando netos passam a noite na casa dos avós e essa reprodução no ambiente familiar apresenta de forma predominante as manifestações de laços afetivos, os interesses e bem estar dos netos, a dinâmica familiar dos cuidados e revolta da mulher, e a ignorância e papel provedor financeiro do homem. Além do privado, o cotidiano se relaciona com o mundo global, inserido no contexto cotidiano familiar através da televisão e do consumo dirigido, mas que também, apresenta fissuras, o irredutível, o caráter humano e singular. O seguinte cotidiano analisado tem como aporte as proposições de Henri Lefebvre<sup>1</sup> e Amélia Damiani<sup>2</sup> sobre as questões da sociedade de consumo dirigido, as relações da produção e reprodução da vida cotidiana.

### O cuidado afetivo que ultrapassa o observável da reprodução social

*No dormir e no levantar está ela. Em prontidão! “É leite que você quer? Mas já escovou os dentes... Quer colocar no canal do desenho? Arnaldo, como muda essa TV? Você quer mais uma coberta? Tá com medo de dormir sozinha? A gente tem que ter medo é dos vivos...! Maria! Apaga a luz e desliga essa TV. É hora de todo mundo dormir!”. Crianças presentes na sala, colchões espalhados no chão. Ela vai até o quarto e apanha mais um lençol guardado. Na TV está passando a mais um programa “Praça é Nossa”*

<sup>1</sup> LEFEBVRE, H. A sociedade burocrática do consumo dirigido. In: LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana do mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991. p. 77-119.

<sup>2</sup> DAMIANI, A. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, A. F. A. (Org). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

## Relato de Experiência

*A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança. Clara Ribeiro Silva.*

*do SBT. Depois começa o “Programa do Ratinho”. Ela tem medo de sua neta ter uma crise de asma, mas confia em algo maior, talvez a sua fé ou sabedoria de avó. Mais uma fronha para cobrir a almofada da sala, transformada agora em um travesseiro. Os netos estão ocupando sua casa, seu coração e preocupação. Dona Maria é a última a trancar o portão, fechar as portas, desligar a TV, apagar as luzes. Também acalma a imaginação dos netos no escuro, “dorme com Deus, até amanhã”. Reza baixinho. Entre o quarto dos avós e a sala ocupada pelos netos, a conversa e risada se iniciam em meio a escuridão, mas logo perde rapidamente o folego, todos dormem cansados. Mais um dia de sábado para domingo. Dona Maria foi a última a se deitar. É a primeira a despertar.*

A primeira questão a ser levantada: a ciência positivista é capaz de entender o cotidiano a partir da metodologia estabelecida? A fala apresentada trata-se de uma vivência, memórias da infância, momentos que se confundem com tantos outros domingos (será que essa cena ocorreu numa quinta ou sábado à noite?) Lefebvre, antes do desenvolvimento da Geografia Crítica, apresenta desde a década de 1940 importantes considerações a respeito da vida cotidiana, enfrentando e defendendo seu conhecimento frente a paradigmas e cientificismo rígidos e “puros”, estes que não são capazes de compreender os problemas em sua totalidade, mas sim, fragmentam e especializam estudos e soluções (estas que não serão alcançadas, a não ser pelo campo da possibilidade, da revolução).

Nesse sentido, a compreensão plena, do cotidiano, por uma criança, não é devidamente alcançada em comparação a uma fase adulta em termos de desenvolvimento cognitivo e compreensões sobre o mundo. Mas desde muito cedo, a criança, meninos e meninas, estão inseridos no cotidiano, e absorvem e compreendem socialmente suas responsabilidades, o medo, a misoginia, a censura, o cuidado, a coragem, o afeto, comportamentos sociais segundo as determinações da heteronormatividade. Além disso, como chegar a uma concepção do real? Questiona Lefebvre sobre o cotidiano.

De imediato, a questão a ser levantada é o papel da mulher na cotidianidade. De acordo com Lefebvre (1991) pesa-se sobre as mulheres o fardo da cotidianidade, cuja a própria condição das mulheres no seu cotidiano do cuidado, da reprodução, do que a ela pertence ou não pertence, as mulheres obtêm e tornam-se álibi. São sujeitas e vítimas. Nesse sentido, a própria condição e sujeição, aparentemente sem rumo e organização das mulheres (não há sindicatos, categoria, classe, associação), a reprodução social é condição humana necessária, não substituída por ela, a não ser, por outra mulher. É o movimento contraditório, o álibi, mesmo diante das queixas, das reclamações, não há quem faça como/melhor a não ser uma outra mulher. A transformação pode apenas ser possibilitada no campo da

## Relato de Experiência

*A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança. Clara Ribeiro Silva.*

organização social coletiva entre os sexos. Além da casa, da organização, existe o sentimento de cuidado, de afeto, do querer bem, mais do que a si mesmo, o se dar, sem receber o mesmo cuidado em troca. Isso está para além das organizações coletivas de forma materialista e racional. É o âmbito afetivo a ser alcançado. Ou ser repensado socialmente.

Outra questão a ser analisada, a qual revela importante cotidianidade familiar de Dona Maria e sua família, é a televisão, sobretudo um dos canais mais assistidos: o SBT. De acordo com a reportagem de Maurício Stycer<sup>3</sup>, sobre as emissoras abertas, do Site UOL, no ano de 2019, além da grande popularização das classes de baixa renda, o SBT apresentou menor audiência entre as classes A e B, e maior audiência entre as C2 e D, comparadas às emissoras Globo e Record, e de maior concentração do público infantil. O SBT é considerado a “emissora da família”. Ambas emissoras apresentam um percentual de 60% da audiência feminina. No que se refere ao cotidiano memorizado entre os anos de 2000, a presença da programação noturna com os quadros humorísticos da “Praça é Nossa”, muitas vezes, representava estereótipos do caipira, das mulheres jovens, com roupas curtas e “ingênuas, tolas”, dos homens representados pelos papéis de “espertos, abusivos e inconvenientes com as mulheres”. Da mulher feia, idosa e brava, do marido preguiçoso. Sendo enquadrado no subsistema da cultura, de acordo com Lefebvre (1991, p. 118), pode ser considerado como artigo de consumo, assim, o humor, a novela, “[...] assume ares de festa, o que lhe confere uma unidade fictícia, no entanto, socialmente real [...]”.

### **Num domingo: a louça sem fim, o consumo da TV e do cigarro Derby Azul Suave**

*Abre a porta do quarto. Ela passa em silêncio pela sala. Os netos abrem os olhos, alguns se mexem, mas voltam a dormir. Ela está na cozinha, sozinha, começando tudo outra vez. Esquentando a água pro café, junta os copos, pratos e talheres na mesa da noite anterior. Leva da mesa para a pia, ascende um cigarro e lava a louça, cantando, metade dos seus lábios finos, no canto esquerdo da boca, segura um Derby Azul Suave, já o lado direito é feito para cantar, falar e resmungar seu marido: “Arnaldo! Ó Arnaldo...”. A neta mais velha vai até a padaria, localizada no final da rua, com a autorização da avó. As cinzas caem assim mesmo na pia. As vezes aos poucos, as vezes quase inteiras. Vai da pia da cozinha para o tanque de pedra, um pouco mais alto que sua cintura. As costas deveriam doer. Esfrega, põem de molho, mais um cigarro, mais uma música enquanto lava no tanque. Os netos ficam ao redor, do seu lado, observam cada*

---

<sup>3</sup>Reportagem da UOL: “Público do SBT é o mais “família”; o da Globo e da Record têm mais recursos”. Publicada em 04/02/2019.

Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2019/02/04/publico-do-sbt-e-o-mais-familia-o-da-globo-e-da-record-tem-mais-recursos/>. Acesso em jan. 2021.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 38-45, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

## Relato de Experiência

*A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança. Clara Ribeiro Silva.*

*movimento, cada cinza caída. De volta para cozinha, organiza, torce, separa, senta, toma um café, descarta, pega o telefone e discar para suas filhas, e de olho na TV diz: “Vai aparecer... pega aquela caneta ali em cima! Anota os números da Tele Sena, pra mim!”. Vai para a cozinha, brinca com os netos, canta mais música enquanto organiza a cozinha, xinga seu velho marido “Ah, Arnaldo! Não enche o saco! Deixa a menina em paz! Tá louco...”, retorna para a tábua, as cebolas, as couves, o bater no bife de segunda, o angu mexendo na panela, é hora do almoço. O momento de correia na cozinha, juntar e procurar os garfos e pratos. Tarefa essa feita por ela e pelas netas meninas. O organizar a mesa. Os homens e meninos se sentam. A reprodução continua dentre as gerações. Algumas risadas e conversa rapidamente silenciada pela frase dura do avô: “Xiu! Agora silêncio! Agora num é hora de ficar conversando. A hora de comer é sagrada”. Eles se levantam. Meu avô coloca um pedaço de jiló cru na gaiola dos pássaros, troca a água, depois pega o terço e benze os netos contra dores de afta na boca e agitação. Elas, entre as brincadeiras, observação dos adultos, organizam a cozinha como pode, como se aprende ali, como a avó ensina. “Deixa isso, vai brincar...” e elas brincam de cozinha, de cuidar, de reproduzir.*

Toda vez que passava os números da Tele Sena na televisão, durante o comercial, anotava para minha avó. Ela tinha uma coleção de Tele Senas de todos os meses (Mês de Páscoa, Primavera, 7 de Setembro, Natal). Ela guardava em uma maleta de baixo do sofá. Dizia que não precisava comprar uma nova, mas sim, trocava por algumas moedas as edições passadas por novas. Foram tantas, quase incontáveis na época para mim. Nenhuma “raspadinha premiada”, que anunciava eletrodomésticos, barras de ouro, 5 mil reais. Nenhum número acertado concorrendo 100 mil reais. De acordo com Lefebvre (1991, p.95), o imaginário social na modernidade vinculado pelas revistas, televisões, anúncios publicitários (estes se distinguem pela forma que organizam a mensagem) anunciam, “a partir de códigos de que ritualizam e tornam prática essas mensagens, programando o cotidiano”. A retórica publicitária ganha espaço, presença maior que a literatura.

Para além das contradições presentes nos jogos, e na imagem sedutora da *Tele Sena*, e do apresentador Silvio Santos, como fonte e manutenção do seu patrimônio, há um consumo para além das propagandas televisivas, iniciadas antes do surgimento da televisão. O consumo do cigarro. Sabe-se que o vício da nicotina torna-se biológico no contato da substância com o organismo. Mas para além do vício biológico, há o consumo psicológico, na busca inconsciente da satisfação, do prazer. Satisfação momentânea, difícil de ser alcançada por completo. O prazer em fumar. Lefebvre, sobre o consumo, apresenta considerações sobre o mal estar, a insatisfação presente na sociedade. De acordo com o autor, não há uma divisão, separação, do aspecto do consumo do material e o consumo dos

## Relato de Experiência

*A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança. Clara Ribeiro Silva.*

signos, imagens, representações, “o ato do consumir, é o ato imaginário (portanto, fictício) tanto quanto o ato real (dividido em pressões e apropriações)” (LEFEBVRE, 1991, p. 100).

Em meio ao consumo dos cigarros, das cantorias, das brincadeiras, a reprodução social, Damiani (1999), sobre a ampliação da reprodução das relações sociais, afirma que essa alcança momentos fora da fábrica, da vida social; e também, inversamente, a lógica da fábrica, a divisão técnica do trabalho, alcança a vida social, cotidiana, seguindo um modelo de fábrica. Ou seja, o cotidiano atinge momentos além do tempo do trabalho, e estes não devem ser considerados ingênuos. Nesse sentido, a reprodução de Dona Maria na organização do almoço, das roupas, dos telefonemas, dos objetos e utensílios do lar, do “dar conta de tudo”, segue uma pulsação e organização fabril, da repetição, do tempo-espço, em meio a tudo isso, o afeto familiar.

### **A volta das filhas, dos maridos: domingo à noite, vai com Deus.**

*O domingo à tarde tem sua segunda etapa. A louça que nunca tem fim. Ela pede baixinho pra neta: compra um Derby Azul, Suave. O troco é seu”. Mais louça, mais panos de chão. Uma casa velha, escura, cheio de objetos retirados do lixo “algum dia isso pode ser útil”. A simplicidade e amorosidade só não eram maior que sua prontidão e força para a reprodução da vida dos seus: marido, filhos, netos, AACD, vizinhos. E só lá, em último lugar, ela mesma. A TV ligada no SBT, durante a semana reproduzia os programas de auditórios, o “Show do Milhão” as novelas mexicanas, os galãs, suspiros, “olha essa novela, você assiste na tua casa?”. As netas com pente, maquiagem e um velho esmalte pintam, paparicam, cuidam de sua avó. Depois ela coloca as mãos para cima, na cabeça, apoiando seu corpo cansado, agora repousado no sofá. O pensamento vai longe, seus olhos penetravam o impenetrável, a alma, o infinito. Para onde ela olhava? Me perguntava. As filhas chegaram. É preciso mais café. Vai ter bolo de cenoura. Uma filha organiza os ingredientes, descasca as cenouras “Come essa cenoura, florzinha! Faz bem para a vista”, a outra seca a louça e unta a forma. Os homens estão no bilhar posicionado na garagem. Acompanham a partida com cachaça e petiscos de azeitona e a carne fria do almoço. É um lugar dos homens. E o lugar das mulheres na cozinha. As crianças caminham entre os dois espaços. A neta observa, vivencia os dois. Gosta de estar com os homens, gosta de estar com as mulheres. Eles falam do valor do terreno, na troca da casa pelo carro, de uma praia bonita em Cananéia, da pesca. O avô tira do bolso um trocado para os netos comprar um sorvete e chocolate na padaria. Elas falam das vizinhas adoecidas, das mulheres traídas, das netas que estão estudando ou namorando, “E fulana, como vai? Ficou sabendo? Separou do marido”. Existem momentos em que as conversas se misturam, mas o tom muda com a chegada do avô na cozinha. Como diz aquela expressão: dance conforme a música. Seguimos dançando a música do avô. Seu tom de autoridade, presente*

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 38-45, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.  
ISSN: 2176-5774*

## Relato de Experiência

*A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança. Clara Ribeiro Silva.*

*no corpo, expressão, na sua fala, ideias. Não há posições contrárias dos netos contra ele. A obediência, misturada com respeito, prevalece. O Domingo vira noite. E ele acaba não porque apenas o céu se escurece. Há um movimento mais preciso. Enquanto os homens jogam bilhar, as mulheres começam a organizar novamente. Colocam bolos nos potes, “pega sua sandália”, “cadê aquela sua blusa? Já tá frio, viu?!”. Junta-se mais louças, recolhe as roupas, as malas dos filhos. E os homens na sinuca. Acode o conflito dos filhos, choradeira intensificada pelo cansaço... Amanhã é segunda, e tem escola. Como ficava o coração da Dona Maria nesse momento? Aliviada pelo caos ir embora? Ou um coração apertado? Era silêncio, um olhar choroso ao entrarmos no carro. “Mãe! Não é pra ficar dando dinheiro pra elas!”. Ela pegava na minha mão e me entregava uma nota de cinco reais. Era um segredo só nosso. Vai com Deus.*

Um elemento importante sobre a reprodução de Dona Maria era sua presença nas atividades da AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente) não era realizada aos domingos, mas se fazia presente em seu cotidiano. Ela frequentava os bazares organizado pela entidade, onde o durante a semana contribuía voluntariamente e comprava brinquedos, roupas e demais objetos. Dessa forma, fazia-se presente em sua cotidianidade, e de sua família. As ações da AACD são sempre transmitidas pela emissora SBT, organizando anualmente um *show* beneficente durante o programa para arrecadação financeira, durante um dia inteiro. Além disso, durante os intervalos, propagandas sobre o trabalho é anunciado, pedindo doação pelo telefone e voluntarismo na associação.

A partir de Lefebvre (1991), considerando as estruturas (estruturantes e estruturadoras), do funcionalismo e da racionalização das instituições na sociedade burocrática na modernidade, é possível traçar alguns questionamentos sobre as práticas e funcionamento de instituições como a AACD em diferentes aspectos, considerando avanços e contradições: a conquista da técnica (seguridade social histórica); o mal estar enquanto fato social e cultural; e o papel da classe média pela generalização dos bens de consumo.

A primeira contradição a ser analisada são os avanços da tecnologia, da ciência, da organização do Estado, das instituições em mecanismos modernos, racionalizados e burocráticos. De forma contraditória, a demanda social à criança com deficiência deve ser de responsabilidade do Estado, do SUS. Por outro lado, considera o desenvolvimento e trabalho realizados por essas associações, que apresentam convênios e projetos com o funcionalismo público, mas que de fato, vivem e sobrevivem das caridades e serviços voluntários entre organizações sociais, religiosas e dos indivíduos. Essas grandes associações, organizadas pela classe média, as quais, segundo Lefebvre (1991), são responsáveis pela generalização dos bens de consumo, mas que buscam se diferenciar da classe operária, pode aqui também considerar,

para além do consumo, o seu papel social em projetos, nas crenças de auxílios sociais sem grande comprometimento e mudança estrutural dos problemas presentes na sociedade.

Por fim, diante dos fatores que se complementam e tentam traduzir a cotidianidade apresentada, existem dois elementos que afetam o cotidiano, o lugar e o consumo: a diferença geracional e também a de classe. Trata-se de um casal de idosos, cujo consumo entre lojas, vislumbrar casas e objetos publicitários e o poder de compra é reduzido. Contudo, uma característica marcada pelo cotidiano era o “pegar” objetos nas ruas. Sofás, pisos, canos, potes, revistas, estantes, tapetes, bolsas, sapatos, molduras, cadernos, etc. A casa possuía infinitos objetos. Não se considera a compra nesse caso (ele existe no cotidiano familiar, como a ida nos supermercados, o desejo por alimentos anunciados na TV, produtos de limpeza, estimulados e manipulados pela mídia). Lefebvre (1991) considera que o consumo dirigido notado é a satisfação de acumulação dos objetos descartados por outras pessoas, e que, em algum dia, poderá ter algum uso. Mas há uma crise de valores na sociedade, o sentimento de vazio a ser preenchido. Assim, não é apenas o objeto a ser vendido, mas a satisfação atribuída a ele de forma manipulada. Entender as motivações, para além das representatividades, considerando como a sociedade, durante a mudança social e organizativa, apresentada por Damiani (1999), a partir da segunda metade do século XX, quando as estruturas sociais produtivas e de consumo são organizadas pelas indústrias mundiais, relacionando ao papel do lugar, em relação e de forma contraditória com o mundo, é a forte ligação e identificação com o lugar.

## **Epílogo**

O presente trabalho buscou elucidar as percepções cotidianas marcadas pelo tempo (aos domingos), num espaço delimitado (a casa dos avós), onde a reprodução social é parte e é o cotidiano de uma família na periferia metropolitana de São Paulo. O cuidado com a família, a entrega e confiança dos filhos aos avós, a responsabilidade social e afetiva, que são capazes e determinantes na construção e formação social humana, na continuidade reprodutiva, onde, segundo Lefebvre (1991), os jovens aspiram adentrar ao cotidiano, e o reconhecem apenas através da família, como possibilidade longínqua, em preto e branco. Buscou-se evidenciar o papel da mulher enquanto álibi na cotidianidade, que se queixa, mas se justifica, sem muitas saídas e possibilidades evidentes e pragmáticas, na ordem do dia (a luta das mulheres, em sua totalidade, segue em curso, pra frente). Outro aspecto importante é o papel da televisão, ligada quase sempre num único canal, o quanto ela é responsável no

## Relato de Experiência

*A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança. Clara Ribeiro Silva.*

cotidiano e núcleo familiar, nas escolhas pessoais, no consumo, no entretenimento banal, na cultura de massa. A pergunta a ser feita é sobre quantas Donas Marias podem ser representadas na cotidianidade brasileira, ou mundial? Quantos filhos e netos, seguem, reproduzem ou tomam diferentes rumos em relação à vida dos adultos?

## RETRATOS DE UM MUNDO EM PANDEMIA

**Evânio dos Santos Branquinho**

Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG

E-mail: [esbranquinho@uol.com.br](mailto:esbranquinho@uol.com.br)

### I

A tragédia da pandemia no Brasil é o desenlace de uma trajetória manifesta antes da propagação do novo coronavírus. A sobreposição da crise sanitária às crises econômica e política aponta para níveis catastróficos de empobrecimento, desemprego e falta de perspectivas, quando muitos já desistiram de procurar um trabalho ou engrossam as fileiras do subemprego, no caso deste também não ser afetado.

As crises sempre foram momentos de reestruturações, acelerando e consolidando novas formas de produção e reprodução econômica e social, quando a pouca riqueza evapora das mãos de muitos e se concentra em segmentos que se beneficiaram desta crise, vide o *ecommerce*, o lucro dos bancos e das empresas de tecnologia da informação.

A precarização do trabalho avançou sobre as classes mais pobres e alcança a classe média, com a adaptação às pressas ao chamado *home office*, novas formas de exploração do trabalho doméstico, nas quais o empregado assume os custos, de onde deriva o eufemismo do trabalhador que virou “colaborador”. O futuro do trabalho ou o trabalho estilhaçado e sem futuro?

A reprodução reduzida ao nível da sobrevivência, ritmo e tempo da vida que se fundem ao tempo estrutural de reprodução do capital desvelam o momento crítico do próprio sistema socioeconômico.

Enquanto a população pobre não teve a opção de ficar em isolamento e se arriscou num transporte público lotado, a caminho de um trabalho precarizado. Ou mesmo o isolamento numa moradia superocupada também não é uma alternativa. Por isso a pandemia avançou pela periferia, onde fez mais vítimas. O vazio da atuação do poder público a essas camadas da população foi preenchido pela ideologia do empreendedor.

Na esfera política, e em tempos de redes sociais, a desinformação avançou tanto quanto a Covid-19, como no falso dilema entre a defesa da saúde ou da economia, no negacionismo da doença e na politização da vacina. Diversionismos sobre uma polarização extrema entre uma direita ultra conservadora e uma esquerda que procura se reestruturar, em

um contexto que deriva ao esgarçamento social. A crise como representação também ofereceu aos dirigentes oportunistas a possibilidade de licitações de emergência, na construção de hospitais de campanha e compra de equipamentos, amplamente difundidos pelos meios de comunicação, até uma espetacularização da pandemia, na verdade revelou um processo fraudulento de compras.

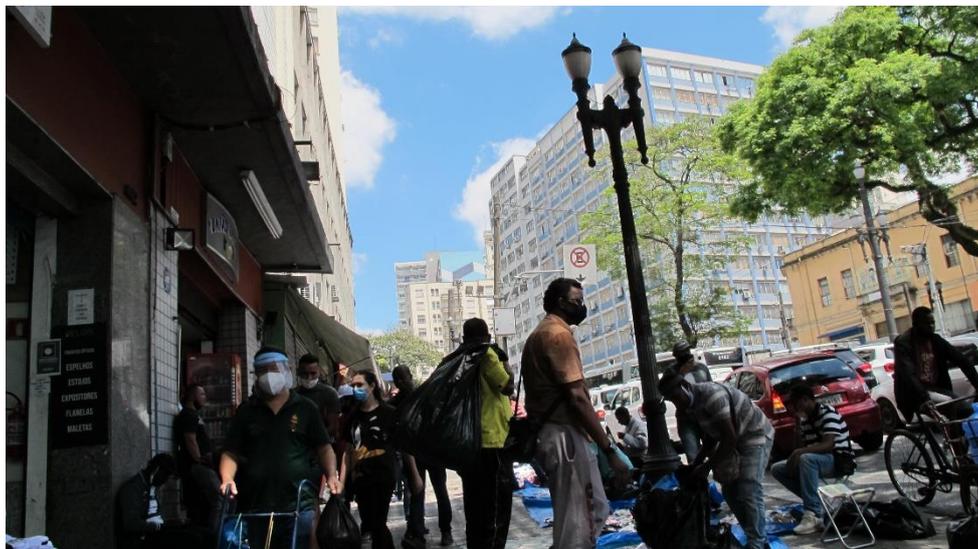


Figura 1 – Comércio informal nas proximidades da Rua 25 de Março, Centro de São Paulo. Fonte: o autor, 06.11.2020.

## II

A ciência natural moderna provou que o assim chamado ‘bairro malsão’, no qual estão confinados os trabalhadores, é o foco de onde se propagam todas as enfermidades contagiosas que de tempos em tempos se abatem sobre nossas cidades. Friedrich Engels<sup>1</sup>

Engels nos traz uma perspectiva histórica das epidemias nas cidades industrializadas ao final do século XIX. Como as reformas sanitaristas serviram de instrumento de planejamento e segregação das camadas mais pobres que afluíam aos centros em industrialização.

Por sua vez, Marx<sup>2</sup> empregou de modo recorrente a noção de “metabolismo”, seja na relação sociedade – natureza, através do trabalho, seja no “metabolismo social” através

<sup>1</sup> Friedrich Engels. **Sobre a questão da moradia**. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 31.

<sup>2</sup> Karl Marx. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1988, Livro 1.

da intensificação dos processos de troca e do capital. Esta noção pode contribuir bastante no entendimento da articulação espaço, tempo e energia.

Ritmos naturais, sociais, tecnológicos e financeiros conectaram-se não de um modo muito equilibrado ao longo do tempo. Os resultados foram, dentre outros, as ocorrências de epidemias e pandemias, praticamente em ciclos. Na simultaneidade de um espaço mundializado, os ritmos alcançam a escala global, na velocidade que os vírus se propagam e seguem uma hierarquização através das redes. Refaz demais ritmos e acelera processos, como telesserviços, terceirização e precarização, os quais acentuam as desigualdades já existentes, em articulação aos processos de degradação ambiental. Pode-se citar como exemplo, a crescente de ocupação de áreas naturais, expondo populações a vírus que elas nunca tiveram contato e nem imunidade, como o ebola. A Ciência se apropriou do corpo, do DNA, empresas de biotecnologia patenteiam a própria vida, assim como o uso contínuo de antibióticos, produzindo ao final superbactérias, os impactos ocorrem em todas as escalas.

### III

Como referido anteriormente, a disseminação da covid-19 no Brasil, escancarou carências estruturais mas também de ações conjunturais mais recentes que acentuaram estes problemas.

As Políticas neoliberais de sucateamento do setor da ciência e tecnologia adotadas por Michel Temer (2016-2018), com cortes no orçamento já defasado em favor do mercado financeiro, aprofundadas no governo Bolsonaro, inclusive na produção de vacinas, setor que o país dominava, levando à dependência de empresas de transnacionais.

O negacionismo expresso em declarações contra o isolamento, a ausência de um plano de saúde efetivo para enfrentar a pandemia, a aquisição de cloroquina, medicação comprovadamente inócua para o tratamento da Covid-19, com pressões do Ministério da Saúde para sua prescrição.

O alinhamento na OMC com os EUA e empresas farmacêuticas contra a quebra de patentes dos componentes da vacina, posição defendida por China e Índia, os maiores produtores de vacinas no mundo

Declarações contra a vacina chinesa. Tudo isso, resultou em animosidades diplomáticas com esses países, nos acordos de compra, atrasos na entrega e na produção da vacina no Brasil, estendendo os prazos de imunização da população, no momento em que a

segunda onda da pandemia se agravava e o sistema de saúde entrava em colapso em vários estados. Além disso, o governo federal difundia uma não vacinação e apostava em tratamento preventivo da Covid-19, terapia sem comprovação de eficácia pela OMS.

Lefebvre identifica que o Estado moderno tem ao menos três dimensões: de *gestão* (que se estende até ao “privado”, controlado, integrado, programado); de *securitização* (seguridade social, espacial, moral); de *morte* (repressão, polícia, armamentos, planos militares, estratégias, etc.)<sup>3</sup>.

A política do atual governo brasileiro assume inegavelmente a dimensão estatal da morte em detrimento dos setores de gestão e securitização, quando os gastos anuais com a defesa aumentaram e os da educação, saúde e segurança foram reduzidos em 2020.

#### IV

Como podemos falar de uma situação de “novo normal” em meio a uma crise sem precedentes sanitária, econômica e política? Quando muitos morreram contaminados e muitos outros passam fome, pois perderam suas precárias formas de trabalho?

A não ser como uma estratégia de retomar uma ordem, de reproduzir um cotidiano em meio à crise avassaladora que se atravessa? O desespero de uma classe dominante e de suas mídias em forjarem às pressas um discurso de normalidade (injusto muito antes da pandemia), quando essa ordem torna-se mais injusta ainda? De restituir alguma cotidianidade, em função de ritmos de reprodução que foram desacelerados ou interrompidos.

Entretanto, a pandemia não apenas afetou ritmos cotidianos, mas na sua urgência, na irrupção do *momento*, desnudou a reprodução da sociedade como totalidade, o modo de reprodução e o seu fim injusto. Assim como os *possíveis* que se colocam e apontam na superação desse modo de reprodução socioeconômico.

#### V

A rápida disseminação do coronavírus da China para o restante do planeta demonstra como os processos de integração mundial tornaram-se eficientes. Demonstra igualmente como o espaço mundial é hierarquizado e desigual, onde o vírus circulou primeiro em áreas aeroportuárias de grandes centros econômicos e uma população de maior poder

---

<sup>3</sup> Henri Lefebvre. (1986). **Le retour de la dialectique**: 12 mots clefs pour le monde moderne. Paris: Messidor/Éditions Sociales, p. 27.

aquisitivo que circula nesses locais, para em seguida penetrar em cidades de menor expressão, no interior dos países, mas principalmente nas periferias, onde a precariedade sanitária acentuou o número de contaminados e de mortes. Os ritmos de propagação são, portanto, diferentes nas áreas centrais e nas periféricas, e mais ainda o seu combate, em função das precariedades médico-hospitalares.

É essa população periférica que reproduz, através de seu trabalho e expondo-se no transporte público, o cotidiano nas áreas centrais. Contraditoriamente, os mais segregados são os que não podem ficar em isolamento, e os mais expostos são os invisibilizados.

Outra questão é a rapidez que a vacina está sendo produzida, em relação a outros períodos históricos, há uma competição entre nações e empresas, as *Big Pharma*, pela dianteira na produção científica, técnica e comercial. Um ritmo acelerado que se impôs para a produção de uma vacina a fim de não interromper o ritmo da economia mundial.

## VI

O neoliberalismo que sempre defendeu uma política econômica de mínima ação do Estado, atualmente, em meio à crise, reivindica a intervenção, especialmente através de subsídios e crédito para manter a economia girando. Esse fato, demonstra a falácia neoliberal, pois o Estado nunca deixou de ser o garantidor dessa ordem econômica, principalmente durante as crises financeiras e catástrofes ambientais.

No Brasil, esse crédito praticamente não alcança as pequenas e médias empresas, que são as principais empregadoras, o resultado é a falência de muitas dessas firmas e ou o desemprego. A explosão de número de moradores de rua, famílias inteiras, durante a pandemia expõe essa situação de forma dramática.

“São sobretudo catástrofes, crises, que impõem tal renovação prematura do equipamento das empresas em grande escala social”<sup>4</sup>. Em momentos críticos como o atual, muitas empresas aproveitam para enxugarem custos, introduzindo novas tecnologias e métodos de gestão, reduzindo os salários e o número trabalhadores.

O fim da crise não implica a volta às condições trabalhistas anteriores e com a recontração de trabalhadores. A crise conjuntural alimenta o desemprego estrutural. E aqui não há falácia neoliberal, este regime aposta numa economia enxuta voltada para uma minoria de alto poder aquisitivo, a maioria resta a precarização. Conseqüentemente, o

---

<sup>4</sup> Karl Marx, *op. cit.*, Livro 2, p. 125.

acirramento das disparidades torna o Estado cada vez mais necessário para a gerir as tensões (auxílio emergencial), e também com este assumindo sua face violenta e totalitária na repressão aos mais pobres nas periferias, minorias e dissidências políticas.



Figura 2 – Pessoas em situação de rua instaladas em barracas na Praça da Sé, Centro de São Paulo. Fonte: o autor, 21.08.2021.

## VII

As questões ambientais alcançam a escala global, e colocam a emergência de pensar a reprodução nesta escala, as crises globais e mesmo a crise final do capitalismo, pois este alcança seus limites espaciais e ambientais de reprodução. Apesar do desenvolvimento tecnológico, ou em função deste, um ponto de não retorno da degradação ambiental, a exemplo das mudanças climáticas.

Debord, em *O planeta enfermo*<sup>5</sup>, não poderia ter sido mais preciso. As crises são imediatamente globais, sejam financeiras, sanitárias, ambientais, estas articulam-se e invariavelmente impactam com mais intensidade os mais pobres. Vide os níveis de concentração da riqueza mundial e que são acentuados pelas crises.

Os números da ciência nos conduziram à lógica e ao equilíbrio do quantitativo, mas a realidade, qualitativa, muito além da lógica, nos conduziu às crises e contradições, a dialética se impõe de forma inexorável.

---

<sup>5</sup> Guy Debord. *O Planeta Enfermo*. **Revista Sinal de Menos**, 2011, n. 2, p. 151- 159. Disponível em: <<https://sinaldemenos.org/2011/02/22/sinal-de-menos-2/>> Acesso em: 10/02/2021.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 46-53, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”. ISSN: 2176-5774*

O sistema econômico do crescimento infinito alcança seus limites. A acumulação por espoliação<sup>6</sup>, sempre presente em sua trajetória crítica, agora dá mais um passo, nas formas de exploração rudimentares ou em associação a estas. Todavia, revela um passo vacilante, a exemplo da crise da matriz dos combustíveis e sua transição ou na ascensão de uma nova potência mundial asiática. Qual direção aponta essas transformações de reestruturação produtiva e política no espaço mundial?

### **O que há por trás da máscara?**

Há um sorriso?

Receio que não, as pessoas andam assustadas

As ruas mais vazias, as lojas fechadas, as caras fechadas

A cidade como presença-ausência,

As pessoas, reduzidas ao nível da sobrevivência

O desemprego, a fome, o vírus, a doença, a morte logo ali na esquina

Na dor de quem agoniza às portas de um hospital sem vagas

Ou em uma UTI sem equipamento, onde se escolhe quem vive e quem morre

No vazio sem fim da morte não velada, a morte além da estatística

Quem se arrisca?

Aquele que não tem mais nada a perder, o desempregado, o sem-teto, o trabalhador espoliado que luta por um prato de comida

A máscara encardida, esgarçada; para quem a pandemia é mais um dos desafios e a morte sempre foi vizinha numa vida à deriva

Não há como se esconder atrás de uma máscara

Denuncia uma pandemia que não é igual para todos

O porteiro, a faxineira, o lixeiro... não têm a opção de ficar em casa

Invisíveis que tornam visíveis o trabalho – remoto – dos outros

O confinamento dos que podem. As máscaras sociais caem

E revelam uma sociedade doente, esgarçada,

Assolada há muito, antes da pandemia,

Pestilências de desgovernos, miasmas de cidadania

O que nos assusta?

---

<sup>6</sup> David Harvey. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

Relato de Experiência

*Retratos de um mundo em pandemia. Evânio dos Santos Branquinho.*

O contato? O contágio? A saúde em colapso?

O olhar de quem perdeu tudo, inclusive a esperança

Desse fato, o confinamento não pode nos proteger

Tampouco o espaço virtual que nos confinamos, contaminado por desinformação

Muito menos uma máscara pode esconder

Ela mesma produzida nas oficinas da precarização

## DOCÊNCIA NO ENSINO REMOTO: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

**Antônia Marcia Duarte Queiroz**

Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína, TO

E-mail: [amdqueiroz@yahoo.com.br](mailto:amdqueiroz@yahoo.com.br)

### Introdução

O presente texto trata-se de um relato sobre as experiências da docência em disciplinas de Estágio Obrigatório durante o ensino remoto emergencial. Este aconteceu sob a excepcionalidade imposta pela pandemia de covid-19, que exigiu a suspensão das atividades acadêmicas presenciais, decretada pela Instrução Normativa nº 02/2020 da PROGRAD/UFT, e diante da necessidade de retomar as atividades de ensino da graduação em formato remoto, cumprindo a Resolução nº 28, de 8 de outubro de 2020, que indicou as Diretrizes Gerais para o desenvolvimento das atividades acadêmicas da Universidade Federal do Tocantins (UFT/UFNT<sup>1</sup>).

Nosso objetivo foi apresentar o Estágio Obrigatório, previsto no Projeto Pedagógico do Curso de Geografia de 2009 (PPC, 2009) do campus de Araguaína. Nele estão previstos quatro estágios, totalizando a carga horária de 410 horas, os quais foram realizados totalmente distantes do espaço escolar.

As atividades realizadas pelas disciplinas de estágio foram divididas entre encontros no ambiente virtual, através do *google meet*, e o Projeto de Estágio Integrado elaborado de forma coletiva por nós, professores orientadores.

O Projeto de Estágio Integrado do curso de Geografia foi pensado para ser uma prática docente coletiva, de metodologias adequadas para atenuar os impactos do ensino remoto emergencial nas disciplinas de Estágio. O projeto foi apresentado e aprovado pelo colegiado do curso, pois estava de acordo com a regulamentação institucional de atividades remotas na universidade.

Durante quatro semestres, realizamos encontros de forma síncrona, com a participação dos três professores envolvidos e estudantes no Projeto de Estágio Integrado,

---

<sup>1</sup>Em transição. Em 2019, pela lei 13. 856, de 8 de julho foi criada a UFNT, sendo inseridas nas chamadas universidades “supernovas” criadas entre 2018 e 2019. Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) a partir da divisão da UFT. Em 2019, pela lei 13. 856, de 8 de julho foi criada a UFNT.

e ministramos a disciplina específica de estágio com aulas síncronas e assíncronas, mediante o planejamento de cada professor. A carga horária do Projeto de Estágio Integrado, referente à parte prática das disciplinas, foi dividida em atividades síncronas e assíncronas. Os encontros síncronos possuíam carga horária média de doze horas. As atividades assíncronas foram apresentadas individualmente nas turmas pelos docentes responsáveis por cada disciplina.

Dividiu-se a metodologia entre pesquisas bibliográficas, realizações de planos de aula, elaboração de projetos didático-pedagógicos em Geografia e os demais encontros síncronos do Projeto Estágio Integrado se ativeram à discussão sobre o ensino remoto na Educação Básica, o espaço escolar na pandemia, as Regência on-line a partir de microaulas e a construção da identidade docente. Houve debates relevantes, por intermédio de experiências dos professores egressos do curso, da educação básica e professores pesquisadores de outras universidades. Esses momentos com os professores convidados foram divididos entre Rodas de conversa e seminários e cursos de formação. De certa maneira, a metodologia utilizada em cada semestre para a realização dos estágios serviu como diagnóstico para pensarmos nas ações do semestre seguinte.

### **Reflexão sobre a construção da identidade docente: Estágio investigativo I**

O Estágio investigativo I, no quinto período, com carga horária de 90 horas. O estágio pretende inserir o estudante no ambiente escolar, para que ele perceba toda a dinâmica física e as relações professor-estudante, gestão escolar, o seu contexto histórico-geográfico de formação, os projetos e as ações previstas e o perfil da comunidade escolar local.

Moreira e Ulhôa (2009) enfatizam que ensinar Geografia tem se tornado um desafio cada vez maior, visto que, além de dominar os conhecimentos relativos aos conceitos /categorias inerentes ao ensino dessa disciplina, exige-se que os professores saibam selecionar e utilizar linguagens adequadas para cada situação de ensino-aprendizagem.

Tal percepção não pôde ser realizada de forma presencial, por isso empreendemos esforços para disponibilizar material teórico sobre essa temática e trazer o relato dos profissionais da educação básica, em forma de Rodas de conversa, Seminários, Palestras, e debates no ambiente virtual de aprendizagem. Alguns desses profissionais são egressos do curso de Geografia-UFT, estão inseridos no Programa Residência Pedagógica no Núcleo de Geografia e outros são professores que atuam na gestão escolar. Cada um contribuiu

trazendo as suas experiências e a realidade escolar na qual estão inseridos. Cabe ressaltar que convidamos toda a comunidade acadêmica, além de professores e estudantes da educação básica.

Rodas de Conversa “O Ensino de Geografia na contemporaneidade: O sujeito no contexto regional amazônico: O objetivo dessa atividade foi a interação, mesmo que a distância, dos estudantes do estágio da graduação em Geografia com o espaço escolar das escolas públicas de Araguaína.

A exposição dos professores atendeu ao nosso intento, qual seja: apresentar os desafios e a problemática da prática docente no contexto local, bem como trazer um depoimento saudoso, afetivo e incentivador à formação docente. Ademais, na tentativa de visualizar o ambiente escolar, houve questionamentos vários dos estudantes sobre o espaço físico, as práticas didático-pedagógicas e o perfil dos estudantes e comunidade local, de modo geral.

Outra atividade foi a análise de Projetos Políticos-Pedagógicos (PPP) de escolas estaduais da cidade de Araguaína. Para organização metodológica, divididos em grupos de três estudantes. Essa análise nos permitiu conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico de formação das instituições, o espaço físico, a quantidade de profissionais, os projetos pedagógicos, as formas de ensino e o perfil socioeconômico da comunidade escolar local.

Após análise do PPP, propomos a construção de um plano de aula, voltado para a interpretação do conteúdo geográfico trabalhado na modalidade de ensino on-line. Dessa forma, o estudante foi direcionado ao exercício do pensamento geográfico para a formação de professores inseridos nas tecnologias educacionais.

Os planos de aula foram apresentados pelos estudantes as outras turmas de estágio durante as atividades síncronas do Projeto de Estágio Integrado. Na sequência, aconteceu o debate a respeito das possibilidades e dos desafios da ministração de aulas nos ambientes virtuais de ensino, tais como: o maior tempo de elaboração e seleção do material didático e recursos tecnológicos, a necessidade de ter habilidade com as ferramentas digitais, a inserção de figuras bem ilustrativas e menor tempo para exposição do conteúdo durante a aula on-line.

Por último, com o escopo de contribuir para a percepção da realidade escolar, utilizamos, também, da metodologia de narrativas. A construção dessa narrativa ocorreu a partir de entrevista com um estudante da graduação que já tinha realizado o estágio investigativo I, de forma presencial. Assim, ele pôde descrever a experiência vivenciada no *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 54-61, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”*.

espaço escolar. Essas informações trouxeram várias narrativas diferentes que puderam contribuir para a percepção das diversas práticas docentes, em contextos escolares distintos, e para a construção da identidade docente de cada um desses graduandos.

### **Iniciação à prática docente por intermédio de projetos de Estágio Investigativo II**

O Estágio Investigativo II, no sexto período, com carga horária de 105 horas. Esse estágio tem o objetivo de dar suporte conceitual e prático para que o estudante possa iniciar a construção de sua prática didático-pedagógica.

De acordo com Cavalcanti (2011), a integração da universidade com a escola e suas demandas permite, nesse sentido, compreender as questões da prática docente em Geografia, propiciando, assim, melhores condições para a busca dos professores por embasamentos que lhes permitam atender a essas demandas.

Nessa perspectiva, à luz da construção conceitual e prática do professor de Geografia em meio ao ensino remoto emergencial, trouxemos a experiência de professores de distintas realidades e a fala de uma residente do Projeto Residência Pedagógica do núcleo de Geografia/UFT.

O propósito dessa atividade foi a interação dos estudantes do estágio da graduação em Geografia com o espaço escolar das escolas públicas, por intermédio de Seminários temáticos on-line, e a compreensão dos processos de elaboração de conteúdos geográficos na produção de roteiros e planejamento de aulas destinadas ao ensino remoto.

Também foram projetados seminários temáticos com a finalidade de proporcionar a compreensão dos processos de elaboração de conteúdos geográficos na produção de roteiros e planejamento de aulas destinadas ao ensino remoto.

A exposição dos professores convidados ensejou muitas contribuições e inúmeras preocupações a todos nós, professores e estudantes, pois percebemos o quanto estamos despreparados para lidar com essas temáticas. Pudemos identificar ausências na formação inicial e continuada, que vão desde a falta de competências conceituais até habilidades simples que podemos realizar no dia a dia da sala de aula.

A análise teórica durante esse estágio permeou a reflexão sobre a geografia escolar e seu papel na formação de pensadores críticos reflexivos no mundo contemporâneo. Ou seja, pensar a prática docente a partir da compreensão da realidade em que estamos inseridos e, dessa forma, ter uma compreensão melhor da realidade escolar e dos meios de ensino capazes de intervir em diversas problemáticas socioeconômicas regionais.

Com esse fim, a principal atividade desenvolvida no período foi a construção de um projeto com vistas à intervenção pedagógica partindo de uma abordagem geográfica contextualizada com as problemáticas locais. A princípio, houve um estudo teórico de como trabalhar com projetos na educação.

As abordagens dos projetos foram diversas e envolveram as transformações da paisagem, as problemáticas ambientais, o lixo, o desmatamento, a monocultura, entre outras, no contexto regional e da cidade de Araguaína.

### **A regência on-line - Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental e Estágio Supervisionado do Ensino Médio**

O estágio supervisionado do ensino fundamental acontece no sétimo período, com carga horária de 105 horas. E, o estágio supervisionado do ensino médio é realizado no oitavo período, com carga horária de 105 horas e ambos estão direcionados à assunção à docência no ensino médio, isto é, a regência de aulas. Esses dois estágios se direcionam à prática docente em sala de aula. São elementos fundamentais para a ministração de aulas o planejamento, a postura, a mediação da comunicação e oralidade, os quais são repetidamente realizados.

A regência ocorreu por meio de *microaulas* on-line, planejadas na modalidade assíncrona e apresentadas de forma síncrona durante o projeto de Estágio Integrado do curso de Geografia. O planejamento dos planos de aulas compreendeu a análise da Base Nacional Comum Curricular e da Diretriz Curricular do Tocantins - DCT. Para a regência, houve o planejamento e a construção de planos de aula a partir de conteúdos selecionados previamente conforme o ano escolar, seguindo as competências e habilidades descritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Cada apresentação síncrona durou em torno de 15 minutos e, na sequência, mais 15 minutos para a arguição dos professores e estudantes de todas as disciplinas de estágio envolvidas no projeto. A arguição trouxe críticas construtivas, na medida em que deu sugestões de novas referências bibliográficas e quanto à montagem de slides, à organização do conteúdo geográfico a ser explorado, ao tempo de exposição.

Para pensarmos a Regência em Geografia na sala de aula, é necessário debruçarmos sobre os conceitos geográficos e a prática docente de outros professores. De mais a mais, torna-se fulcral compreender essa dinâmica em meio à pandemia de covid-19 no espaço escolar.

Consoante Valente (2018), os estudantes deste início de século XXI, especialmente os do ensino superior, têm tido um comportamento diferente em sala de aula, em parte graças ao uso das tecnologias educacionais. Todavia, o foco não deve estar na tecnologia em si, mas no fato de terem sido criadas novas possibilidades de expressão e de comunicação, que podem contribuir para o desenvolvimento de outras abordagens pedagógicas.

Nessa seara, torna-se imprescindível empreender esforços para produção do conhecimento do pensamento teórico- metodológico da disciplina, nesse caso, perceber nos conteúdos o objeto de análise, as categorias geográficas e a inserção das especificidades das comunidades, mediante as transformações sociais e econômicas, regionais e locais.

Sob esse intuito, buscamos trazer seminários, para o debate temáticas relevantes ao contexto escolar que são vivenciadas cotidianamente por todos os profissionais da educação.

As falas das professoras contribuíram para o debate ao (re)afirmar a difícil tarefa de reinvenção contínua do professor, uma vez que a realidade escolar, por vezes, se mostra desafiadora, principalmente em meio à pandemia, que deu maior visibilidade às fragilidades na formação dos professores, tanto na formação inicial, quanto continuada.

Por outro lado, esse período evidenciou ainda mais a capacidade criativa do professor, que foi capaz de desenvolver novas habilidades para a prática docente, mesmo diante de um inexpressivo suporte tecnológico e de capacitação para ministrar aulas on-line.

Destarte, durante a disciplina de Estágio Supervisionado do Ensino Médio, para aprofundamento do entendimento sobre a Geografia na BNCC, acompanhamos as atividades da IX Semana Acadêmica do Curso de Geografia, com o tema "Geografias Contemporâneas", em específico participamos da Roda de Conversa: A implementação da BNCC e do novo Documento Curricular do Tocantins<sup>2</sup>.

### **Considerações finais**

Pensamos que os objetivos para o ensino remoto emergencial foram alcançados, haja vista que os resultados das avaliações realizadas com os estudantes e alguns professores do colegiado do curso trouxeram impressões positivas.

A maioria dos estudantes concluiu todas as disciplinas de estágio, havendo poucas desistências. Nos relatórios finais, todos eles foram unânimes em afirmar que foi um período enriquecedor, apesar dos estágios (Estágio Investigativo I, Estágio Investigativo II, Estágio

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cC11d8ZWMPw>

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 54-61, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".*

ISSN: 2176-5774

## Relato de Experiência

*Docência no ensino remoto: experiências do estágio obrigatório na formação de professores de geografia. Antônia Marcia Duarte Queiroz;*

no Ensino Fundamental e Estágio no Ensino Médio) terem sido realizados durante a pandemia, por intermédio do uso de plataformas virtuais, sem ter o contato com a escola.

O conhecimento adquirido durante as aulas síncronas e assíncronas, os encontros coletivos por meio do Projeto de Estágio Integrado, as leituras e as regências on-line promoveram muitas reflexões para o trabalho docente. São reflexões acerca do conteúdo e de como ele pode se inserir na realidade, sobre o uso do material didático, sobre a construção do plano de aula e, principalmente, sobre as tecnologias educacionais emergentes.

De acordo com os estudantes, mesmo diante de um período turbulento, que impôs grandes dificuldades, pode-se dizer que os resultados foram bons e que as experiências adquiridas a partir de todos os momentos produziram aprendizados e uma nova visão sobre o que representa ser professor e todos os desafios presentes ao longo do percurso.

Eles destacaram também a importância do estágio integrado, pois, a partir de diversas atividades distintas, foi possível perceber experiências e práticas docentes e somar contribuições para construção de uma identidade docente que permita desempenhar da melhor forma o ato de ensinar e aprender.

Portanto, para os graduandos, são fundamentais todos os momentos e processos na formação de um profissional que saiba pensar, discutir e problematizar questões para que a educação não permaneça estagnada e que a evolução seja sempre positiva. Além disso, os estudantes pontuaram que esse estágio possibilitou novas visões sobre a docência e sobre a educação, seja qual for o contexto vivido.

## Referências

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Versão Final. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 fev. 2022.

CAVALCANTI, L. S. O lugar como espacialidade na formação do professor de geografia: breves considerações sobre práticas curriculares. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 1–18, 2011. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/39> .Acesso em: 12 fev. 2022.

MOREIRA, S. A. G.; ULHÔA, L. M. **Ensino em Geografia: desafios à prática docente na atualidade**. Revista da Católica, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 69-80, 2009.

VALENTE, J. A. **A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com graduação em midialogia**. In BACICH, Lilian; MORAN, José. (Org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 54-61, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

Relato de Experiência

*Docência no ensino remoto: experiências do estágio obrigatório na formação de professores de geografia. Antônia Marcia Duarte Queiroz.*

Alegre: Penso, 2018. Disponível em: <https://statics-shoptime.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/132759983.pdf> Acesso em: 24 fev. 2022.

**PODCAST E A NOTÍCIA DE JORNAL COMO FERRAMENTAS PARA  
SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL: relatos sobre uma turma de Educação  
Ambiental no interior do Amazonas**

**Hikaro Kayo de Brito Nunes**

Universidade do Estado do Amazonas, Tefé, AM

E-mail: [hikarobrito@gmail.com](mailto:hikarobrito@gmail.com)

### Introdução

A utilização e desenvolvimento de estratégias didáticas durante a Pandemia da COVID-19, revelou, em muitos(as) professores(as), grandes inquietações no “como fazer” e “como agir”, principalmente expostas as profundas desigualdades que tornaram-se ainda mais evidentes frente ao ensino remoto. Da educação básica ao ensino superior, as aulas, mediadas por tecnologia (a exemplo do *WhatsApp*, *Google Meet* e de plataformas educacionais), esbarraram em dificuldades marcantes, a exemplo da baixa qualidade de internet (e até mesmo sua ausência), o não treinamento técnico dos(as) professores(as) para sua habilitação no uso de ferramentas, a ausência de equipamentos (tanto por parte dos/as professores/as quanto por parte dos/as estudantes), além dos desafios psicológicos e de motivação, questionados desde o “suspenderemos as aulas, e, em aproximadamente 20 dias, retornaremos” (como dito por muitas instituições de ensino ainda em março de 2020).

Fato que as mudanças pela inserção de recursos didáticos não-convencionais e a utilização de metodologias ativas, agora incrementadas pela tecnologia, tiveram que ser incorporadas às aulas de maneira mais rápida e testadas rotineiramente, ao considerar as dificuldades de uma turma em relação a outra, como discutido por Santana Filho (2020), Pavei, Rossato e Oliveira (2021) e Bohrer, Rockenbach e Kaercher (2022).

A partir destes apontamentos e da necessidade de se associar ainda com a aprendizagem criativa (AUSUBEL, 1982; CASSOL, et al., 2015; SILVA, et al, 2021), o presente texto foi elaborado a partir de vivências (entre fevereiro e março de 2022), enquanto professor, tidas no âmbito da disciplina de Educação Ambiental de um curso de Licenciatura em Geografia de uma universidade pública localizada na cidade de Tefé (Amazonas), associando dois recursos didáticos não-convencionais, o *podcast* e as notícias de jornal.

Em relação às notícias de jornal (inclui-se portais eletrônicos), estas conferem um acompanhamento de ordem temporal e espacial sobre determinado fato ou fenômeno, que,

caracterizado pela ampla disponibilidade, oportuna aos estudantes a capacidade de se inserirem no contexto da notícia (sociedade e seu próprio cotidiano) despertando novas assimilações em que pese o aspecto social e de construção histórica. Sobre o *podcast*, seu uso, no ambiente educacional busca por estratégias atrativas, significativas, dinâmicas e “novas” através da autonomia exposta no áudio, podendo tecer críticas, novas reflexões e permear caminhos que outrora não tenha tido, com, ainda, uma dose de objetividade, tendo em vista que o áudio vai propiciar que o(a) ouvinte trace suas próprias considerações.

Face o exposto, tem-se como objetivo socializar resultados obtidos junto a uma atividade da disciplina de Educação Ambiental (do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas/UEA, na cidade de Tefê) com utilização de notícias de jornal e *podcast* sustentados na abordagem da aprendizagem criativa como forma de despertar a sensibilização ambiental e o pensamento crítico dos(as) estudantes.

### **Os podcasts, a notícia de jornal e a sensibilização ambiental: da teoria à prática criativa**

Atualmente parte considerável das mídias possuem potencial educacional, sobressaindo das categorizações puramente educativas e adquirindo dupla natureza, a exemplo dos blogs e *podcasts* (considerados “recursos educacionais”), este último, em especial, característico da mídia digital da era 2.0, com iniciativas profissionais e amadoras (CELAYA, et al, 2020). Por constituírem como recursos atuais e associados à emergência ambiental, os *podcasts* são importantes ferramentas para auxiliarem na tomada da sensibilização ambiental, além de, no seu processo criativo, estimular e sensibilizar, contribuindo para, neste caso específico, auxiliar na formação inicial de professores(as).

Como parte ainda do processo criativo e caracterizado como um recurso mais antigo que os *podcasts*, as notícias de jornal (impresso e digitais), como fontes primárias, colaboram com a formação inicial de professores(as) por constituírem-se em recursos que auxiliam no desenvolvimento crítico a partir de temas da atualidade, sobretudo nos fatos geográficos, caracterizados pela sua dinamicidade e capacidade de relação com a vivência e cotidiano apresentado. Notícias sobre desmatamento, poluição, legislação ambiental, descarte de resíduos sólidos, saneamento básico, qualidade da água e experiências ambientais exitosas, são importantes caminhos para a sensibilização ambiental, tal como os acontecimentos relacionados ao recorde de desmatamento na Amazônia em janeiro de 2022,

o vazamento de óleo na Costa Nordeste (2019) e os desastres ambientais em Mariana (2015) e em Brumadinho (2019), ambas em Minas Gerais e em Petrópolis/Rio de Janeiro (2022).

A Educação Ambiental é tratada aqui como possibilidade de formação de agentes responsáveis a partir da sensibilização do indivíduo enquanto ser crítico-reflexivo e que possam, a partir de sua posterior tomada de consciência, repassar o conhecimento para outras gerações e públicos, como parte do processo de disseminação e aprimoramento do conhecimento nas mais variadas esferas da questão ambiental, como também apresentado no Art. 1º da Lei Nº 9.795 (1999) que institui a Política Nacional de Educação Ambiental.

Em relação à disciplina de Educação Ambiental, esta possui carga horária de 60 horas e realizada de forma remota (principalmente com uso de *WhatsApp* e *Google Drive*) e apresentando como objetivos os seguintes: ao término do curso o(a) estudante deverá ser capaz de compreender a importância da Educação Ambiental em espaços formais e não-formais de ensino e relacionar tal inserção com pensamentos e posturas críticas, interdisciplinares e transversais; Sensibilizar sobre a questão ambiental no contexto contemporâneo e no Brasil conhecendo os principais conceitos em Educação Ambiental; Desenvolver o raciocínio em torno do processo de preservação ambiental; Relacionar os problemas sociais em relação ao desenvolvimento sustentável no Brasil; Conhecer e desenvolver projetos (e materiais) sobre Educação Ambiental para aplicação em espaços diversos. Além de estudantes do curso de Licenciatura em Geografia, também participam da disciplina estudantes dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e em Química, em um total de 30 pessoas, e contribuindo para discussões ainda mais interdisciplinares.

A atividade (em grupos de quatro ou cinco componentes) solicitada buscou analisar uma lista de 10 notícias de jornal (digitais) para que cada grupo escolhesse uma notícia seguindo critérios próprios. Com base nessa escolha, os grupos foram instruídos a proceder a leitura, análise e reflexão desta notícia e relacionar com os conteúdos abordados pela disciplina por meio da gravação de um *podcast* (áudio), com duração de três a cinco minutos, utilizando-se do próprio *smartphone*. Ainda nas instruções, houve uma mesma pergunta norteadora para todos os grupos, sendo: De que forma a educação ambiental, o meio ambiente, a ética, a cidadania e a solidariedade estão abordadas nesta notícia e como o meu cotidiano (cotidiano dos/as componentes do grupo) dialoga com o abordado?

A produção deveria contar ainda com: a) a motivação em escolher a referida notícia; b) a resposta da pergunta norteadora da análise; e, c) a relação com algum texto utilizado. E

como critérios avaliativos, a criatividade, a capacidade de síntese e argumentativa, a segurança na exposição das ideias, e a capacidade de formulação de exemplos. Os *podcasts* foram postados no grupo do *WhatsApp* da disciplina.

Das 10 notícias indicadas, quatro foram selecionadas pelos grupos, sendo: 1. Projeto Praia Limpa começa neste final de semana, com plantio de mudas e limpeza em Vitória/ES (CONTI, 2022); 2. Projeto Golfinho presenteia crianças e adolescentes (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2021); 3. Desenvolvimento Sustentável realiza educação ambiental no entorno da Rota do Mar (AQUI ACONTECE, 2022); 4. Educação ambiental para pequenos (PINHEIRO, 2021). Importante destacar que o predomínio de notícias fora da realidade amazônica é proposital, uma vez que as notícias podem auxiliar na possibilidade de ideias e capacidade de formulação de exemplos, como apresentado nos critérios avaliativos. A figura 1 ilustra o processo de passo a passo das instruções da atividade.

**Figura 1.** Esquema metodológico da produção e socialização dos *podcasts*



**Organização:** o autor (2022)

No primeiro *podcast* (duração de 3'22"), com o áudio de apenas um membro, o grupo voltou sua atenção para a notícia 1 (Praia Limpa). Envolvendo a realidade de Tefé em que pense a sensibilização ambiental, o grupo problematizou a presença de lixo e resíduos sólidos em praias fluviais no município, indicando a necessidade de elaboração de projetos entre o poder público e a comunidade para mudar a referida realidade, oportunizando ainda a possibilidade de envolver crianças para que as novas gerações possam assumir também estas responsabilidades, como agentes de mudança inclusive para as suas famílias, tanto em espaços urbanos quanto nos rurais.

O áudio possibilitou ainda relacionar subjetividade e praticidade no alcance da Educação Ambiental, discutindo a qualidade ambiental do planeta em suas diferentes escalas, a exemplo do descarte inadequado de lixos e resíduos sólidos nas ruas, igarapés e rios locais.

O segundo *podcast* (duração de 7'26"), gravado por todos os membros, o grupo voltou sua atenção para notícia 3 (Rota do Mar) e sua capacidade de vínculo com a realidade tefeense. A sensibilidade no *podcast* e por relacionarem com os problemas provocados pelos resíduos sólidos próximos a feira de Tefé, além de destacar os resíduos gerados e retirados nas épocas de praia, podendo acarretar inclusive problemas de saúde pública em decorrência da baixa qualidade do saneamento local, direciona para os pontos positivos citados sobre a realização de projetos sobre educação ambiental e debates são apresentados como urgentes em torno do desenvolvimento sustentável. Provocações como saúde pública, qualidade da água, beleza cênica e lixo e esgoto a céu aberto imperaram nos exemplos apresentados.

O terceiro *podcast* (duração de 7'42"), gravado por todos os membros, assim como o segundo, direcionou sua atenção em torno notícia 3 (Rota do Mar). No áudio, houve uma considerável explicação da notícia, inclusive destacando para a comunidade beneficiada com a obra, além de definições de Educação Ambiental relacionando com valores e atitudes. A crítica se deu em grande parte pela necessidade de formação de consciência ambiental individual, ao destacar que a presença de valores e ética se dá por meio de orientações das ações humanas sobre as questões ambientais.

Foram provocadas ainda que a Educação Ambiental não deve ser pensada apenas como disciplina escolar, devendo, portanto, ser experienciada de forma coletiva a partir de perspectivas de transformação de ações e atitudes, a exemplo do descarte irregular de resíduos sólidos em Tefé, mencionado como um dos grandes problemas locais. A dinamicidade do *podcast* ainda contribuiu para destacar ações do Instituto Mamirauá e a importância da perspectiva Freireana na relação professor-aluno com vistas ao olhar e desenvolvimento crítico e à coletividade.

O quarto *podcast* (duração de 4'12"), direcionou seu comentário em torno da notícia 4 (Educação ambiental para pequenos), destacando o papel da iniciativa privada no desenvolvimento de ações de educação ambiental com foco no desenvolvimento sustentável, a exemplo daquelas realizadas junto às comunidades ribeirinhas, além de analisar a importância da Fundação SOS Mata Atlântica no contexto de ações ambientais. Destaca-se ainda a capacidade do *podcast* de problematizar a existência de projetos e financiamento de

pesquisas e extensão desenvolvidos, a exemplo pela Universidade do Estado do Amazonas, pelo Instituto Mamirauá e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas.

O quinto *podcast* (duração de 4'24"), gravado por todos os membros, direcionou seu comentário em torno da notícia 4 (Educação ambiental para pequenos). Desmatamento e poluição foram temas de destaque ao longo do áudio, além da necessidade de realizar atividades de cunho ambiental principalmente junto às crianças. A possibilidade de projetos de restauração ambiental, por exemplo, conforme o grupo, contribui para o entendimento da ética e cidadania das pessoas, principalmente quando incentivados a plantar e pensar o futuro de florestas e o direito do cidadão a ter acesso ao meio ambiente equilibrado. O foco dado nas crianças (que estão formando consciência) é fundamental, uma vez que, para o grupo, elas estão em processo de descobrimento de valores, além de destacarem, como mensagem final, as expectativas para a o contexto amazônico em relação à questão ambiental.

O sexto *podcast* (duração de 4'20"), com foco na notícia 2 (Projeto Golfinho). O áudio voltou suas atenções para o contexto da cidadania, principalmente na formação de valores junto às pessoas que estão em contexto de vulnerabilidade, carecendo de apoio por parte do poder público e de iniciativas em projetos, uma vez que, ainda no áudio, há problematização e vínculo ainda com a leitura, escrita e a capacidade de desenho. O sétimo *podcast* (duração de 2'01") selecionou a notícia 4 (Educação ambiental para pequenos) e compreendeu, no curto tempo a relação entre cidadania e oportunidades no desenvolvimento de projetos de sensibilização ambiental. O oitavo *podcast* (duração de 4'35") direcionou seu foco para a notícia 3 (Rota do Mar), e relacionou com a vivência da autora ao viajar pelos rios da região e se deparar em muitos momentos com o transporte, pelas águas, de resíduos sólidos a exemplo de plásticos, garrafas pets e latas de alumínio, em evidência no período da seca. O caráter crítico-reflexivo colocou em discussão os crescimentos urbano e populacional que não estão em sintonia com o saneamento básico local, principalmente nas áreas ribeirinhas, exigindo, portanto, da extrema necessidade de projetos de sensibilização e conscientização ambiental e na tentativa de recuperação de áreas que já são estigmatizadas como de descarte irregular de resíduos.

### **Considerações finais**

As escolhas das notícias pelos grupos já expressam a sensibilidade ambiental da turma face às notícias apresentadas, uma vez que outras (como microchipagem de animais e cultivo de hortas) não revelaram tanta atenção. Tal fato, como observado nos oito *podcasts* *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 62-69, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19"*.

estão relacionados com a problemática dos resíduos sólidos no contexto local, revelando sintonia entre notícia e realidade tefeense, além da já existente sensibilização ambiental da turma, verificado sobretudo nas problematizações apresentadas.

A educomunicação a partir das notícias de jornal e dos *podcasts* revelou ainda uma grande capacidade criativa, tanto no sequenciamento lógico da fala quanto principalmente na dinâmica do áudio e na construção coletiva, transcendendo os limites e as restrições impostas pelo ensino remoto, privilegiando as experiências e a possibilidade de criação de espaços educativos inovadores.

## Referências

AGÊNCIA BRASÍLIA. **Projeto Golfinho presenteia crianças e adolescentes**. 2021. Disponível em:<<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2021/12/16/projeto-golfinho-presenteia-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em 01 de abril de 2022.

AQUI ACONTECE. **Desenvolvimento Sustentável realiza educação ambiental no entorno da Rota do Mar**. 2022. Disponível em:<<https://aquiacontece.com.br/noticia/meio-ambiente/05/01/2022/desenvolvimento-sustentavel-realiza-educacao-ambiental-no-entorno-da-rota-do-mar/174881>>. Acesso em 01 de abril de 2022.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

BOHRER, M.; ROCKENBACH, I. A.; KAERCHER, N. A. Pensar a docência é pensar a nossa existência: dúvidas e contrastes na expectativa de carreira docente de futuros professores de Geografia. **Signos Geográficos**, v. 3, p. 1-20, 2022.

CELAYA, I; RAMÍREZ-MONTOYA, M. S., NAVAL, C.; ARBUÉS, E. Uses of the podcast for educational purposes. Systematic mapping of the literature in WoS and Scopus (2014-2019). **Revista Latina de Comunicación Social**, v. 77, p. 179-201, 2020. DOI: <https://www.doi.org/10.4185/RLCS2020-1454>

CASSOL, A.; CANELA, R.; RUAS, R. L.; BIZZARIAS, F. S.; SILVA, J. G. O grande desafio das instituições de ensino superior: as práticas pedagógicas criativas são capazes de estimular a inovação nos discentes?. **Revista Alcance**, v. 22, n. 3, p. 394-409, 2015.

CONTI, E. **Projeto Praia Limpa começa neste final de semana, com plantio de mudas e limpeza**. 2022. Disponível em:<<https://www.vitoria.es.gov.br/noticia/projeto-praia-limpa-comeca-neste-final-de-semana-com-plantio-de-mudas-e-limpeza-44457>>. Acesso em 01 de abril de 2022.

PAVEI, K.; ROSSATO, M. S.; OLIVEIRA, R. L. V. Ensino Remoto na Educação de Jovens e Adultos brasileira em tempos de pandemia: propostas pedagógicas emergentes nas humanidades. **Revista Olhares e Trilhas**, v. 23, n. 2, p. 795-808, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14393/OT2021v23.n.2.58115>

Relato de Experiência

*Podcast e a notícia de jornal como ferramentas para sensibilização ambiental: relatos sobre uma turma de Educação Ambiental no interior do Amazonas. Hikaro Kayo de Brito Nunes.*

PINHEIRO, L. **Educação ambiental para pequenos**. Isto É Dinheiro, 2021. Disponível em:<<https://www.istoedinheiro.com.br/educacao-ambiental-para-pequenos>> . Acesso em 01 de abril de 2022.

SANTANA FILHO, M. M. Educação geográfica, docência e o contexto da Pandemia COVID-19. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 1, p. 3-15, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50449>

SILVA, A. R. M. G.; ALBUQUERQUE, D. C. A. S.; MARINHO, R. M. D.; CARVALHO, C. R. C.; SUARES, M. P. Aprendizagem criativa: um estudo teórico sobre a criatividade na educação superior. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 61546-61556, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n6-499>

## TRABALHO DE CAMPO ESCOLAR NA PANDEMIA: GEOGRAFANDO NO PARQUE NACIONAL DO CAPARAÓ

Luiz Henrique Vieira

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

E-mail: [luiz.h.vieira@edu.ufes.br](mailto:luiz.h.vieira@edu.ufes.br)

O presente relato de experiência aborda a importância da realização de atividades ao ar livre durante a pandemia de COVID-19 e da constituição da proposta/concepção de trabalho de campo como parte integrante do currículo de Geografia na Escola Estadual de Tempo Integral Pedro de Alcântara Galvêas no município de Dores do Rio Preto, localizado na região sul do estado do Espírito Santo.

A realização de trabalho de campo em escolas públicas da rede básica nem sempre é uma prioridade das instituições enquanto construção do processo de ensino aprendizagem, entretanto sabemos o quanto é fundamental sua realização, visto que a própria sistematização da Geografia enquanto ciência moderna se deve ao conjunto de pesquisas, expedições e relatórios de campo (ALENTEJANO & ROSA-LEÃO, 2006).

Mesmo diante das dificuldades estabelecidas por condições estruturais, como falta de meio de transporte para o deslocamento, é pertinente a realização de trabalhos de campo (adotando os procedimentos de segurança sanitária), mesmo em tempos de pandemia, uma vez que os estudantes já frequentam presencialmente a reduzida área do espaço escolar. Sendo assim, compreendemos o trabalho de campo como:

Instrumento, técnica, método ou meio - o trabalho de campo vem a ser toda a atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao das quatro paredes, através da concretização de experiências que promovam a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição e representação, a análise e reflexão crítica de uma dada realidade, bem como a elaboração conceitual como parte de um processo intelectual mais amplo, que é o ensino escolar (SILVA, 2002, p. 66).

Portanto, o trabalho de campo é fundamental nas escolas. Mas como proporcionar o trabalho de campo em meio a pandemia? A escola passou por transformações em seu ritmo de atividades, na organização das salas de aulas, do refeitório e nas feições das pessoas como no uso constante de máscaras.

Vejamos a seguir, de forma breve, como se sucederam os acontecimentos e a mudança dos regimes de aulas.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 70-76, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".*

ISSN: 2176-5774

Após março de 2020, com o avanço rápido da pandemia no Brasil e no planeta, a rede estadual de educação do Espírito Santo decretou que as aulas nas escolas ocorreriam então de forma remota, utilizando-se novas plataformas digitais e também entregando atividades impressas para os estudantes que não tinham acesso tecnológico. Em um segundo momento, já no fim de 2020 as aulas retornaram presencialmente, de forma opcional e em esquema de revezamento para os/as estudantes. Já durante o decorrer do ano letivo de 2021, ocorreu um breve período de ensino remoto, entretanto na maior parte do tempo, as aulas foram realizadas presencialmente revezando-se os/as estudantes nas turmas da escola, ou seja, para as/os professoras/es o trabalho ocorreu diariamente em esquema híbrido, lecionando presencialmente e de forma remota para os estudantes- assim se constituiu o sistema do modelo híbrido. Nesse cenário, de uma nova modalidade de ensino temporário é que foi planejado a importância da realização do trabalho de campo e foi incentivado a realização de pesquisas *online* sobre o Parque Nacional do Caparaó (PNC).

O PNC situa-se na divisa dos estados do Espírito Santo e de Minas Gerais, compreendendo uma área total de 318 km<sup>2</sup>. O município de Dolores do Rio Preto integra em seus limites parte do PNC com 15,28% da área do município estando no Parque, equivalendo a 7,34% do Parque no município (ICMBIO, 2015). Com isso é pertinente a realização de trabalho de campo no PNC, almejando lecionar a partir da realidade, tendo a relevante unidade de conservação de mata atlântica e campos de altitude como um tema gerador (FREIRE, 1993). Compreendemos que é fundamental abordar temas geradores envolvendo ambientes cada vez mais raros no planeta, visto que a degradação é intensa.

O planeta Terra passa por profundas crises que são partes e consequências do sistema econômico vigente e atualmente estamos vivendo uma pandemia global. O modo de funcionamento humano está em crise, pois o vírus mata apenas os humanos, precisamos nos atentar as outras formas de vida e abandonar a visão de mundo antropocêntrica (KRENAK, 2020). Nas fronteiras neoliberais (avançando através do neoextrativismo, agronegócio, urbanização, etc), diversos patógenos morrem como resultado do desaparecimento de hospedeiros nas florestas fazendo com que a população humana fique vulnerável e como consequência, surtos de doenças tem ocorridos em extensões geográficas cada vez maiores (WALLACE, 2020).

Cada vez mais no Brasil e nos demais países do mundo, estamos observando a redução drástica das espécies e biomas que estão sendo substituídos por monoculturas vegetais e criação intensiva de animais, que ao estarem confinados, criam condições para

surgirem novas doenças aumentando o desequilíbrio ecológico. Nesse cenário, vírus e bactérias evoluem em resposta à infraestrutura multifacetada da humanidade (WALLACE, 2020). Vivemos um período da história em que estamos presenciando novos impactos sobrepondo antigos impactos ambientais, ou mesmo presenciando zonas de sacrifício (ACSELRAD, 2004).

A exaustão dos elementos naturais, extinção de espécies, mudanças climáticas e os desequilíbrios ecológicos aprofundam diversos problemas, logo “o debate ambiental se desloca do raciocínio sobre o modo de produção e dos paradigmas do conhecimento para compreender a crise ambiental como uma crise da racionalidade da modernidade” (LEFF, 2010, p. 17). Os povos originários alertam sobre essa crise de racionalidade, Krenak (2019) ressalta que esse período se inicia nas grandes navegações, no período colonial, logo ponto de partida para as transformações decorrentes no Antropoceno, que também pode ser chamado de caos social, desgoverno geral com perdas na qualidade de vida do cotidiano para a maioria da população do planeta. Assim sendo, a lógica da depredação dos biomas se destaca em grande escala por diferentes regiões do Terra, especialmente no Brasil.

Cada vez mais ambientes como de Mata Atlântica vem sendo reduzidos drasticamente, hoje temos menos de 9% do bioma original no país, portanto é fundamental conhecer a partir dos métodos geográficos o PNC, área de singular relevância ambiental e ecossistêmica localizada próxima da escola. Destacamos ainda, que no parque temos um dos maiores picos do país, sendo que os Picos do Calçado, Calçado Mirim, Cristal e da Bandeira, são observados na paisagem da escola.

A aula de campo foi realizada com a turma do 3º ano de Ensino Médio<sup>1</sup>. A aula foi realizada cumprindo os protocolos de prevenção ao Covid-19 e como os estudantes estavam em revezamento diário de aula presencial, a aula de campo foi realizada duas vezes.

Antes da aula de campo foi realizado o Pré-campo com a apresentação de fotografias, cartas e mapas, além da apresentação do plano de manejo do PNC se atentando principalmente para elementos da hidrografia (se estendendo pelas bacias hidrográficas do Rio Doce, Itapemirim e Itabapoana), vegetação, relevo e formação geológica. Nesse contexto, os estudantes também realizaram pesquisas na internet e no plano de manejo, para assim compreender melhor o que seria vivenciado em campo, vale relembrar que não existe

---

<sup>1</sup> Nessa escola, os trabalhos de campo de Geografia no PNC são realizados desde 2019. Em 2020 não ocorreu devido ao ensino remoto e híbrido instaurado pelo grave estado de pandemia no Brasil. Esse artigo relata a experiência realizada em 2021. Ressaltamos que o trabalho de campo no parque está no planejamento das aulas do 3º ano para 2022.

ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino (FREIRE, 1996). O Pré-campo é fundamental, pois afirma que a dinâmica de estudo está envolvida em um processo de etapas de estudo, logo não é um simples passeio de escola, além disso, o

Trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos. Neste sentido, trabalho de campo não pode ser mero exercício de observação da paisagem, mas partir desta para compreender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediado pelos conceitos geográficos (ALENTEJANO & ROSA-LEÃO, 2006, p.57).

Os conceitos geográficos são abordados pela fala, observação e uso de instrumentos. Para a realização da aula foi levado um aparelho GPS, câmera fotográfica, termo-higrômetro, um mapa do parque, imagem de satélite e uma bússola. Esses instrumentos contribuem para fortalecer a educação geográfica, pois compreendemos que o trabalho de campo contribui com o aprendizado, pois leva os/as estudantes “a desenvolver modos de pensamento geográfico, a internalizar métodos e procedimentos de captar a realidade tendo consciência de sua espacialidade (CAVALCANTI, 2010, p. 35). As Unidades de Conservação são uma ótima oportunidade para os/as estudantes da rede básica terem contato com uma realidade cada vez mais singular devido ao intenso processo de desmatamento e destruição de ecossistemas. O PNC é a segunda maior área de Mata Atlântica do Espírito Santo, sendo menor apenas que a Reserva Biológica de Sooretama localizada ao norte do estado. Além disso, o PNC é considerado um dos 34 *hotspots* globais devido a sua megadiversidade biológica e alto grau de ameaça à esta biodiversidade (MASSINI, 2017). Wallace (2020) afirma que o colapso da biodiversidade desempenha um papel singular para criar condições epidemiológicas, logo promover trabalho de campo em um ambiente singular é de grande importância para conscientização dos/as jovens, trabalhando assim uma educação ambiental crítica e contextualizada.

Devido as limitações consequentes da pandemia, a Unidade de Conservação de Proteção Integral estava parcialmente aberta, estando permitido visitas apenas a se realizar por caminhada até o acampamento da Macieira, que se localiza a 1870 metros de altitude. Nesse período estava proibida a visitação ao Pico da Bandeira, terceiro maior pico do Brasil, com 2.892 metros de altitude (ICMBIO, 2015).

Durante o início da aula de campo, na portaria capixaba do PNC ocorreu uma comparação dos índices pluviométricos<sup>2</sup> do parque com os valores mensurados pela estação meteorológica instalada na escola desde 2019. As chuvas medidas pelos pluviômetros foram o primeiro instrumento de análise. Além disso, em cada parada de observação, foram registradas o horário, as coordenadas, a orientação, a temperatura e a umidade relativa do ar.

Todo o trajeto dentro do PNC foi realizado a pé, dirigindo-se da portaria em direção ao acampamento da Macieira (1870 metros de altitude). O parque também havia passado por transformações em sua paisagem, devido às fortes chuvas que atingiram a região no verão de 2020. Diversos movimentos de massa foram visualizados na estrada, alterando a morfologia do relevo e assoreando partes do Rio Preto e outros pequenos córregos.

Durante o trajeto foi possível observar, descrever e analisar as condições da nascente do Rio Preto (principal rio que atravessa e abastece o município com duas estações de tratamento). Além disso, discutiu-se sobre a importância da serrapilheira para o solo, das espécies vegetais da Mata Atlântica (quaresmeira, angico, juçara, bromélias, fedegoso, etc) se atentando para diferença entre a floresta ombrófila densa e floresta estacional semidecidual, dos musgos e líquens presentes nos troncos das árvores e nas rochas.

Após a parada para o lanche na Macieira, o grupo dirigiu-se para as Cachoeiras dos Sete Pilões e do Aurélio através das trilhas em meio as árvores, rochas e na transição de campos de altitude com floresta estacional. Durante todo o trajeto foi orientado para que os estudantes se atentassem às formas de vida presentes no parque, anotando em seus respectivos diários de campo as observações dos tipos de insetos, aves, répteis, flores, etc.

Ao final foi solicitado aos estudantes que providenciassem um relatório único da turma contendo as informações sistematizadas no diário de campo, inserindo fotografias e as demais informações registradas nos instrumentos utilizados (GPS, termo-higrometro, bússola).

Considerando o isolamento social e as medidas restritivas de socialização das pessoas como forma de evitar a propagação da Covid-19 na região, o trabalho de campo foi avaliado de forma positiva pelos estudantes. Muitos estudantes estavam preocupados com o futuro incerto e alguns apresentavam sintomas de estresse, preocupação e ansiedade diante da conjuntura pandêmica. O campo, nesse sentido, também foi um momento de alívio em meio

---

<sup>2</sup> A escola realiza o monitoramento mensal das chuvas e média de temperaturas na sede de Dores do Rio Preto desde 2019, através do projeto “Estação Meteorológica do Observatório do Clima”. Os climogramas podem ser visualizados na página: <https://astro.ufes.br/estacao-meteorologica-dores>

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 70-76, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

ao confinamento e isolamento social da pandemia, de diversão e de conhecimento crítico para os/as estudantes.

Esse breve relato foi exposto e lecionado para a turma de forma didática, como forma de nos atentarmos para os problemas que vivemos no planeta, demonstrando a importância da biodiversidade como forma de manutenção de equilíbrio da vida na Terra. Considerando a importância dessas reflexões, ressaltamos a importância de incentivar a realização de trabalhos de campo desde a escola básica ao ensino universitário, para que as pessoas tenham dimensão das características espaciais de seu cotidiano (e suas transformações) e percebam o quanto é importante para o planeta manter e aumentar as áreas de proteção nos variados biomas, como afirma Krenak (2019), são ideias para adiar o fim do mundo.

## Referências

ACSELRAD, Henri. **Conflito social e Meio Ambiente no estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2004.

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo; ROCHA-LEÃO, Otavio Miguez da. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? **Boletim Paulista de Geografia**, nº 84, São Paulo, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a cidade. Ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. 3ª. Ed. Campinas: Papirus, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e terra, 1993.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ICMBIO. Instituto Chico Mendes de Conservação da biodiversidade. **Plano de Manejo. Parque Nacional do Caparaó**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das letras, 2020. 12p.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo, Cortez Editora, 2010.

MASSINI, Vitor Silveira. **A cobertura natural, o potencial paisagístico e o turismo no parque nacional do Caparaó (ES-MG) segundo a hierarquia de paisagens de Georges Bertrand (1972)**. Dissertação de mestrado -Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017. 161p.

Relato de Experiência

*Trabalho de campo escolar na pandemia: geografando no Parque Nacional do Caparaó. Luiz Henrique Vieira*

SILVA, Ana Maria Radaelli da. **Trabalho de Campo: prática "andante" de fazer Geografia.** GeoUERJ, Revista do Departamento de Geografia, Rio de Janeiro-RJ, n. 11, p. 61-73, jan. 2002.

WALLACE, Rob. **Pandemia e agronegócio. Doenças infecciosas, capitalismo e ciência.** São Paulo: Elefante Editora. 2020.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 70-76, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".*

ISSN: 2176-5774

## RECONSTRUÇÃO DE IMAGENS DE MUNDO E APRENDIZAGEM DISCURSIVA DA DOCÊNCIA: RELATOS DO ESTÁGIO GEOETNOGRÁFICO REMOTO

**Rosalvo Nobre Carneiro**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, RN

E-mail: [rosalvonobre@uern.br](mailto:rosalvonobre@uern.br)

### Introdução

Durante quatro semestres, entre março de 2020 e março de 2022, o estágio curricular supervisionado em Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte no Campus de Pau dos Ferros aconteceu de modo remoto. Neste período, foram constantes as preocupações dos estagiários quanto às suas aprendizagens. Este contexto possibilitou pensar a metodologia geoetnográfica adotada por mim nas disciplinas de Orientação e Estágio Supervisionado em Geografia (OESG) como norte da formação docente pela via da construção e da reconstrução de imagens de mundo.

Estas imagens são entendidas por nós como saberes de fundo que norteiam o pensar, a prática e as ações dos estagiários em processo de aprendizagem da docência. Assim, o estágio e a prática de ensino que a acompanha é um espaço de aprendizagem da profissão docente (LIMA, 2008). A nossa prática pedagógica se concentra em dissolver ou reforçar as autoimagens dos estagiários mediante uma perspectiva intersubjetiva de formação e de didática mediada pelo agir comunicativo.

Para Habermas (2012) agir comunicativamente é orientar-se pela intercompreensão mútua, livre e sem coerções. Daí falarmos de aprendizagem discursiva. Esta aprendizagem é reflexiva (HABERMAS, 2002) e se vale de um interesse emancipatório (HABERMAS, 1987). Como autonomização se revela em práticas autoformativas e autoavaliativas que garantem o protagonismo do estagiário, “levando-se em conta que a reelaboração das ideias só pode ser realizada pelo próprio aluno, e que o conhecimento não se dá por acumulação e sim por reconstrução dos saberes adquiridos, a avaliação formativa evolui necessariamente para a *autoavaliação*.” (GRILLO; FREITAS, 2010, p. 45, grifos dos autores).

Posto isto, em que medida a formação inicial de professores de Geografia via estágio curricular supervisionado geoetnográfico remoto contribuiu para a aprendizagem da

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 77-84, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

docência? Esta aprendizagem, entendida como a reconstrução de autoimagens sobre temas da realidade escolar, o campo de estágio, foi relacionada com o uso da linguagem orientada para o entendimento compartilhado?

Neste contexto, relata-se a nossa experiência e prática no estágio curricular supervisionado remoto em Geografia. Logo, objetivou-se demonstrar a relação entre a formação docente inicial pela reconstrução de imagens de mundo diante de temas da realidade escolar propiciada pela abordagem pedagógica geoetnográfica. Especificamente, descreveu-se como esta reconstrução, entendida como aprendizagem, se relaciona com o uso da linguagem orientada para o entendimento mútuo entre mim e os estagiários.

Em seguida, descrevo o método e os materiais utilizados. Na sequência, extraio da minha própria prática e das práticas dos estagiários, as experiências comprobatórias das possibilidades de uma formação remota. Por fim, concluo buscando demonstrar o quanto a nossa experiência em formar professores *online* passou no teste da pandemia.

## **Material e métodos**

Temos lançado mão da abordagem geoetnográfica em nossa prática pedagógica, no estágio curricular supervisionado em Geografia (CARNEIRO, 2020b) e no programa formativo do Pibid (CARNEIRO, 2020a; SOUZA, SOUZA, CARNEIRO, 2021). Promissora nas situações presenciais, com a OESG remota esta prática foi posta em autoquestionamento bem como pelos próprios estagiários.

Diante disso, falo em uma abordagem pedagógica desenvolvida para uso no campo da formação docente inicial a partir da proposta original da Geoetnografia, para pesquisas de campo em estudos de natureza cultural articulando a perspectiva interna de mundo com a externa. No dizer de sua autora, Souza (2013),

Essa proposta leva em consideração o ideal do encontro entre mundos diversos, ou seja, entre “nós” e “eles”. Pensamos sempre que é necessário que as pesquisas sobre “eles” encontrem fórmulas que proporcionem um pensar sobre “nós”. E, inversamente, é preciso que as pesquisas sobre “nós” incorporem as noções que foram e continuam a ser desenvolvidas para pensar sobre “eles”. (p. 67).

De modo prático, nas minhas disciplinas de OESG I e II, no ensino fundamental, e III e IV no ensino médio, desenvolvi a metodologia do *Percurso Formativo Geoetnográfico* (PFG). Enquanto a trajetória de uma biografia humana e profissional, entre os espaços de

formação universitária e escolar, este percurso se materializa num procedimento teórico-prático (Quadro 1).

Quadro 1 – Percurso Formativo Geoetnográfico: síntese do modelo da OESG

Etapas	1 “O lá” - o imaginado	2 “O aqui lá”	3 “O chegar lá”	4 “O estar lá”	5 “O voltar de lá”	6 “O Eu aqui”
Significado	Os significados podem ser consultado em Souza (2012, 2013)					
O que pesquisar	Temáticas da realidade escolar, conforme interesse do estagiário					
Onde fazer	Universidade ou m casa		Escola campo de estágio		Universidade ou casa	
Para que fazer	Construir uma imagem inicial, uma pré-compreensão	Conhecer o que outros dizem	Elaborar uma descrição e construir uma compreensão inicial	Elaborar uma descrição e uma compreensão ampla.	Elaborar uma descrição e construir uma compreensão final.	Avaliar a mudança interior. Contribuir para a formação do professor
Como fazer	Comparação entre os escritos das duas etapas.		Comparação entre os escritos das duas etapas.		Comparações finais e conclusões	

Fonte: O autor, 2022.

Consoante Carneiro (2020a), as etapas 1 e 2, 3 e 4, 5 e 6 configuram três ciclos formativos nos quais a reflexão ocorre ao modo de confirmações ou de modificações de conhecimentos e práticas. Na condição de professor supervisor de estágio, estabeleço um diálogo com os estagiários orientando-se para entendimentos em torno dos seus objetos de pesquisas. Trata-se, portanto, de uma perspectiva formativa intersubjetiva pelo compartilhamento de imagens de mundo subjetivas. Para Habermas (2012), o mundo subjetivo se define pela totalidade das experiências de acesso privilegiado da pessoa, daí a necessidade da sua exteriorização pela fala.

Para este relato, analisamos os percursos formativos geoetnográficos de uma estagiária e um estagiário que cursaram a OESG II, relativa à regência no ensino fundamental durante o semestre remoto de 2021.1. A escolha se deve a estes alunos já terem cursado a OESG I, relacionada à observação em 2020.2, também de modo remoto.

### **Os Ciclos Formativos Geoetnográficos (CFG) e as reconstruções de imagens de mundo**

Nos relatos dos estagiários, dois complexos temáticos aparecem (Quadro 2). No caso da estagiária, identificada pelas iniciais de seu nome VMCC, o seu imaginário se voltou para a didática da professora supervisora na escola, as metodologias de ensino e as *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 77-84, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”*.

habilidades socioemocionais. O estagiário, identificado como DDR, orientou suas autoimagens para a infraestrutura escolar, o domínio dos conteúdos e o uso do livro didático em sala de aula pelo seu professor supervisor.

Quadro 2 – Primeiro Ciclo Formativo Geoetnográfico: relatos e reconstruções

“O lá” - o imaginado	“O aqui lá” - falando dos de lá	Reconstrução de imagens de mundo
<p>“Acredito que a metodologia da docente seja boa, [...] sempre disposta para ajudar seus alunos, se dedicando tirando as dúvidas dos mesmos sobre o conteúdo ou atividade.” (VMCC).</p>	<p>“Em relação com a metodologia da docente após uma entrevista com um aluno, percebi que foi muito parecido com o eu que havia pensado. A professora é uma pessoa dedicada e atenciosa com todos.” (VMCC).</p>	<p>“O ensino exige do professor uma forma motivadora, uma didática que possibilite superar as adversidades na educação.” (VMCC).</p>
<p>“Quando me imagino dando aulas na Escola Estadual [...], penso em um bom ambiente [...], as condições materiais são satisfatórias [...]. O professor [...] domina os conteúdos, no entanto ele deixa a desejar em alguns [...]. Por isso, o professor acaba seguindo o que está no livro por comodidade [...].” (DDR).</p>	<p>“A primeira entrevistada estudou no colégio há 4 anos [...] e falou que as estruturas do colégio eram deficitárias em comparação a “média”. [...] Em contrapartida ele mencionou que o professor era bem qualificado e sabia dar aula de forma crítica [...].” (DDR).</p>	<p>“[...] Considero que tive a visão equivocada e romantizada sobre todos os colégios estaduais terem uma estrutura material capaz de oferecer o necessário para os discentes estudarem. E ainda me equivoquei sobre a didática dos professores, já que a entrevistada disse que [o professor] consegue desenvolver o assunto sem necessariamente seguir o livro dogmaticamente.” (DDR).</p>

Fonte: extraídos dos Percursos Formativos Geoetnográficos dos estagiários, semestre 2021.2

Extraí-se desses relatos que as personalidades influenciam nas escolhas dos temas de pesquisa. VMCC é uma aluna meiga e afetuosa com os professores, colegas e alunos. DDR, por sua vez, é observador e questionador. Com isso, afirma-se que o percurso formativo geoetnográfico não dissocia a formação profissional da formação humana, considerando-se o entendimento da identidade como um paradoxo, a partir de Habermas (2016).

Logo, afirma-se o processo sinérgico da construção da identidade humana e da docente e a sua consciência (CARNEIRO, 2020b). Esta construção sintetiza-se nas ideias de confirmação ou de modificação do pensamento, do conhecimento, das práticas e das ações. Destarte, no primeiro ciclo formativo, “entre imaginar a realidade escolar e pesquisar o que foi dito ou escrito sobre ela, em variadas fontes, exige-se a reflexão sobre as pretensões de validade de nosso próprio juízo de valor levantado.” (CARNEIRO, 2020a, p. 347). As suas duas etapas geralmente são escritas na universidade ou em casa, diferentemente do segundo ciclo formativo, com as etapas 3 e 4 da pesquisa (Quadro 3), escrito na escola.

Quadro 3 – Segundo Ciclo Formativo Geoetnográfico: relatos e reconstruções

“O chegar lá” - o primeiro olhar	“O estar lá” - o vivido, o sentido e o colhido	Reconstrução de imagens de mundo
<p><i>“A turma de alunos é formada por 14 discentes que integraram o 6º ano do período letivo de 2021. [...] Os estudantes estão distribuídos entre 10 mulheres e 04 homens, com idades entre doze a quinze anos.” (VMCC).</i></p>	<p><i>“As aulas são expositivas utilizando de apresentações de slides, estamos trabalhando com o livro didático de geografia sempre trazendo exemplo da realidade local associando com os conteúdos do livro.” (VMCC).</i></p>	<p><i>“A regência está sendo muito importante para a minha identidade pessoal, formação docente. [...] Venho desenvolvendo minha metodologia de ensino, [...] ganhando experiência [...] e apesar de poucos estudantes assistirem as aulas online está sendo muito gratificante.” (VMCC).</i></p>
<p><i>“Comecei a aula bem confiante, pois tinha estudado [...] e planejado a sequência didática [...]. Como só tinha uma hora de aula, [...] eu iria expor o conteúdo [...], pois achava que teria pouca participação [...]. Entretanto, dois alunos [...] participaram muito da aula, fazendo com que eu não conseguisse terminar o conteúdo [...]” (DDR).</i></p>	<p><i>“Com o decorrer das aulas, fui entendendo o ritmo da sala e dos alunos. Dessa forma, consegui planejar a próxima aula de forma [...] descentralizada desde o início. Assim, consegui manejar as aulas e controlar o tempo de fala dos alunos, para que não se estendam muito.” (DDR).</i></p>	<p><i>“Por fim, a maior parte das minhas concepções foi quebrada depois da primeira aula. O estágio me fez perceber que os estereótipos que criamos a partir de vivências ou da mídia nem sempre estão apoiados na razão.” (DDR).</i></p>

Fonte: extraídos dos Percursos Formativos Geoetnográficos dos estagiários, semestre 2021.2

Para VMCC, a sua chegada à escola foi de descoberta sobre a turma, mobilizando o uso de metodologias diversas durante a sua regência. A condição remota do estágio não tirou a sua determinação, pois se nota um reforço de sua compreensão sobre a importância do estágio pelo contato com a turma. DDR ao tocar no tema da aula expositiva, amplificada na aula remota, menciona a importância do planejamento e, por fim, a aprendizagem como uma quebra de autoconcepções. Diante disso, esclarece-se com Carneiro (2020a),

No segundo ciclo, a chegada inicial ao espaço escolar é sempre marcada pela produção de autoimagens, as quais cabem verificar se estão de acordo com o teste da vivência por mais tempo e das experiências no campo, no momento em que o estagiário começa a se posicionar com uma pessoa do grupo, como um professor da própria escola, como professor de seus alunos. (2020a, p. 347).

Finalizada a prática de ensino nas escolas campo, o estágio continua com a disciplina de OESG II na Universidade. Neste momento, o terceiro ciclo formativo se vislumbra com o voltar de lá e as reflexões finais da formação docente remota (Quadro 4).

Quadro 4 – Terceiro Ciclo Formativo Geoetnográfico: relatos e reconstruções

“O voltar de lá” - as experiências observadas	“O Eu aqui” – as contribuições, reflexões e a geoetnografia	Reconstrução de imagens de mundo
<p><i>“A regência [...] foi fundamental para observar a dinâmica na sala de aula, o vínculo professor-aluno, o planejamento das aulas, os conteúdos trabalhados, [...] a escola está sempre se preocupando com os discentes [...].” (VMCC).</i></p>	<p><i>Uma sugestão para a instituição, é que os profissionais utilizem dinâmicas socioemocionais, para trabalhar as emoções dos discentes, jogos e brincadeiras lúdicas, músicas. (VMCC).</i></p>	<p><i>“O estágio curricular é importante para a consolidação da formação de professor, pois permite a inserção [...] no espaço de trabalho, oportunizando o contato com os alunos, enquanto compreende [...] as dificuldades inerentes a carreira do magistério.” (VMCC).</i></p>
<p><i>“Mesmo que o docente domine todo o conteúdo é preciso ter método para repassá-lo, pois os alunos precisam de auxílio para interpretar o conteúdo, e não somente gravá-lo de forma mecânica.” (DDR).</i></p>	<p><i>“[...] Com a experiência do primeiro e segundo estágio que participei, pude acabar com o preconceito que tinha contra os professores de geografia do ensino médio e fundamental. [...] Indico incluir na [...] formação dos professores, [...] algo relacionado a saber lidar com as personalidades dos alunos.” (DDR).</i></p>	<p><i>“Diante de todas as dificuldades do ensino remoto, o estágio para mim foi de grande valia, pois consegui ter a experiência da realidade da sala de aula como professor [...]. Dessa forma, passei a entender melhor a figura do professor e sua relação com os alunos.” (DDR).</i></p>

Fonte: extraídos dos Percursos Formativos Geoetnográficos dos estagiários, semestre 2021.2

O terceiro ciclo é o momento final no qual a dimensão subjetiva do estagiário importa e a dimensão intersubjetiva é destacada. Diz-se final, pois a discussão e a expressão são exercidas, sempre, na Universidade, na OESG, ao final tanto do primeiro quanto do segundo ciclo. A linguagem em sua função de entendimento é basilar no contexto de uma formação docente pela via do agir comunicativo. Ela possibilita o cruzamento de pontos de vistas dos estagiários, com o de terceiros e, especialmente, comigo durante a OESG.

Mediante estes cruzamentos, a estagiária e o estagiário concluem sobre a importância do estágio, incluindo a prática de ensino, para a formação docente, ainda que remoto, ao oportunizar contato com os alunos e a compreensão dos problemas da carreira. Para Almeida; Calazans (2016, p. 377), “o profissional que se autoavalia e consegue retornar seu fazer pedagógico com melhorias é, sem dúvida capaz de produzir conhecimento, pois ele reflete e transforma sua práxis”.

Por isso, vindas de algum lugar, as imagens dos estagiários sobre a realidade escolar se fixam em estereótipos, no receio quanto ao uso do livro didático, no domínio dos conteúdos e na didática do professor, dentre outros. A partir daí, se constituíram como o pano de fundo temático necessitado de aprendizagens discursivas.

Diante de tudo isso, concluímos que o estágio curricular supervisionado geoetnográfico passou no teste empírico da pandemia com o ensino remoto. Ele se revelou eficaz quanto à reconstrução de autoimagens pelos estagiários e sua mediação pela linguagem.

## Referências

ALMEIDA, J. P. de; CALAZANS, D. R. Contribuições da pesquisa no estágio supervisionado na formação do professor de geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, n. 6, n.11, p 361-380, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/306/196>. Acesso em: 13 abr. 2022.

CARNEIRO, R. N. Construção da identidade docente no Pibid geoetnográfico pela via do agir comunicativo. **REVASF**, Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco, v. 10, p. 337-373, 2020a. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1281>. Acesso em: 30 ago. 2022.

CARNEIRO, R. N. Geoetnografia, agir comunicativo e formação docente no estágio curricular supervisionado. In: SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; SILVEIRA, Éderson Luís. (Org.). **EDUCAÇÃO: entre saberes, poderes e resistências**. São Carlos – SP: Pedro e João Editores, 2020b. p. 380-398. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/educacao-entre-saberes-poderes-e-resistencia-vol-1/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GRILLO, M. C.; FREITAS, A. L. S. de. AUTOAVALIAÇÃO: por que e como realizá-la? In: GRILLO, M. C.; GESSINGER, R. M.; FREITAS, A. L. S. de (org.). **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 45-49.

HABERMAS, J. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

HABERMAS, J. **A crise de legitimação no capitalismo tardio**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2002

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. v. 1.

HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

LIMA, M. S. L. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, [S. l.], v. 8, n. 23, p. 195–205, 2008. DOI: 10.7213/rde.v8i23.4015. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/4015>. Acesso em: 12 abr. 2022.

Relato de Experiência

*Reconstrução de imagens de mundo e aprendizagem discursiva da docência: relatos do estágio geotnográfico remoto.*  
Rosalvo Nobre Carneiro

SOUZA, Â. F. G. de. Saberes Dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas Geográficas Qualitativas. In: MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. de L.; RIBEIRO, M. A.; PESSÔA, V. L. S. (Org.). **Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas.** Rio de Janeiro: ed. UERJ, 2013. p. 55-68. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hvsth>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SOUZA, A. C. N. de; SOUZA, S. D. G. de; CARNEIRO, R. N. Identidade docente em Geografia e programas formativos: uma interpretação Habermasiana. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 25, p. e10, 2021. DOI: 10.5902/2236499448020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/48020>. Acesso em: 30 ago. 2022.

## AÇÕES DE TECNOLOGIAS EDUCATIVAS PARA A REDUÇÃO DOS IMPACTOS DA COVID-19 NO SERTÃO CENTRAL CEARENSE

### **Emilio Tarlis Mendes Pontes**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

E-mail: [emilio.pontes@ifce.edu.br](mailto:emilio.pontes@ifce.edu.br)

### **Andreza de Lima Nobre**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

E-mail: [andreza.nobrefest@gmail.com](mailto:andreza.nobrefest@gmail.com)

### **Francisco Eliardo Nobre de Sousa**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

E-mail: [francisco.eliardo.nobre08@aluno.ifce.edu.br](mailto:francisco.eliardo.nobre08@aluno.ifce.edu.br)

### **Maria Daniely Barbosa Fernandes**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

E-mail: [maria.daniely.barbosa01@aluno.ifce.edu.br](mailto:maria.daniely.barbosa01@aluno.ifce.edu.br)

O presente Relato de Experiência e Práticas advém dos resultados conquistados através da execução de um projeto submetido e aprovado pelo Programa de Mentoria Acreditar 2021 do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). O escopo da proposta visou atender uma pluralidade de sujeitos e atores sociais da região de planejamento Sertão Central Cearense tendo como colaboradores e vetores de propagação os alunos do curso de Licenciatura em Geografia do IFCE campus Quixadá e profissionais da saúde do município de Quixadá impulsionados a aderir às ações propostas. A proposta teve por temática: “Educação, prevenção e engajamento social para a redução dos impactos da covid-19 no sertão central cearense”. O Programa de Mentoria Acreditar IFCE é uma ação afirmativa que estimula o desenvolvimento de propostas que contribuam para a sustentabilidade de ações e possibilitem minimizar impactos sociais, econômicos, de saúde e tecnológicos da atualidade, através da seleção de propostas com seis meses de duração e disponibilizando três bolsas para os estudantes.

Idealizado e realizado no transcurso da pandemia da Covid-19, as ações do projeto tiveram como primeira instância abarcar aqueles que possuísem acesso à internet e alguma tecnologia móvel de comunicação celular, respeitando o momento pandêmico que

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 85-93, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

propugnava evitar aglomerações e manter o distanciamento social. O recurso remoto utilizado foi a internet e as redes sociais como principal veículo de comunicação, o que direcionava a uma segunda instância: a interlocução direta entre aqueles que habitam uma mesma casa ou compartilham o mesmo ambiente de trabalho. Utilizou-se de espaços em rádios cujo potencial de penetração na população da região é significativo para divulgação das ações.

A partir de 2020, em um cenário mundial pandêmico causado pelo Coronavírus (Sars-CoV-2) e sobretudo em sua manifestação no Brasil, tornou-se imperativa a procura por cooperação através de atividades que buscassem mitigar seus efeitos. Assim, o projeto de Mentoria enfocou a execução de ações educativas diretas e pontuais que objetivaram promover o crescimento profissional dos alunos do IFCE, através do desenvolvimento de soluções que contribuíssem na redução dos impactos sociais, econômicos e na saúde, em uma busca por formar interação entre alunos e comunidade externa. Para tanto, elaborou-se um plano estratégico de medidas que objetivaram estimular ações pontuais de acordo com a realidade regional onde se insere o IFCE campus Quixadá e os municípios do entorno com práticas pedagógicas previstas no projeto, nos quais foram abordados os sujeitos individuais e coletivos que representassem uma diversidade e pluralidade de pessoas nessa base territorial do Sertão Central Cearense, região historicamente carente de serviços, infraestrutura e sistema educacional capazes de fortalecer o senso crítico em relação à interpretação de temas e notícias de real valor na construção da cidadania. Tais ausências formativas levam a população dessa região a uma vulnerabilidade frente às novas tecnologias de comunicação e mídias eletrônicas, tornando as chamadas *fake news* em fator preponderante de desinformação, o que tem favorecido a expansão do Covid19. O projeto foi uma proposta inovativa na forma de interação entre tecnologia, ciência humanas (geografia) e saúde no formato de ações desenvolvidas para minimizar a pandemia, esclarecendo a esse público sobre o vírus, prevenção/combate, buscando informar sobre as vacinas em andamento e conscientizar sobre sua adesão.

O projeto teve ações exequíveis por serem de baixíssimo custo, largo alcance e possuírem amplitude interdisciplinar. Ademais, a Geografia enquanto ciência atuante no território, revela-se como potencial elemento de seus estudantes para as ações propostas. A realização de ações educativas e campanhas de promoção da saúde tem sido utilizada como método no combate às doenças desde o século XIX e envolve um campo vasto de interdisciplinaridade científica. Por trazerem o aspecto inovador, tais ações nem sempre foram pacíficas ou plenamente aceitas na sociedade

em suas fases iniciais vide a Revolta da Vacina em 1904, na cidade do Rio de Janeiro, quando da implantação da vacina contra a varíola (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

Compreende-se o papel do geógrafo nesse momento através da correlação entre a pandemia e o conceito de espaço: “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 1996, p. 32). A esse sistema de objetos (aqui materializado nos efeitos do Covid19) associa-se o sistema de ações e dentre as que estão em voga, junta-se à proposta apresentada nesse projeto. Sabe-se que a pandemia se espalhou globalmente velozmente devido às conexões múltiplas que o mundo pós-moderno congrega, fundamentalmente com as questões que se entrelaçam no acesso e exclusão do povo à saúde, sendo necessário planejamento e elaboração de políticas sociais (SANTANA, 2014, OLIVEIRA, 2021).

Durante a pandemia, observou-se claramente que no cotidiano das pessoas, um dos aspectos relevantes dessa crise esteve diretamente ligado ao problema tecnológico e informativo e à comunicação que se agigantaram, no dizer de Barcellos (2020), para o bem ou para o mal: a produção de *fake news*. Essas desinformações difundidas têm feito com que atitudes de prevenção, distanciamento social, uso de máscaras, higiene pessoal e sobretudo negação da vacinação tenham ganhado força de verdadeiras e, assim, contribuindo para o aumento do número de casos e contenção do Covid19. Era imprescindível uma massiva campanha com orientações corretas para deter o avanço e sobretudo como proceder no “pós-pandemia”, uma vez que o público alvo do IFCE Quixadá são estudantes de famílias das zonas urbanas e rurais da região. Acredita-se que fortalecendo essa rede de alunos e família com informações corretas seria possível, por exemplo, um retorno seguro às salas de aulas, situação almejada ansiosamente pelo sistema de ensino brasileiro.

No mundo técnico-científico-informacional, essas mesmas ferramentas que possibilitaram a disseminação do Covid19 também podem ser os aliados para a diminuição do seu impacto. De acordo com o último anuário IFCE (BRASIL, 2020), sabe-se que o alunato de Geografia se compõe preponderantemente por jovens que são usuários constantes das redes sociais, daí este plano de ação com as ferramentas de comunicação remotas. Realizar o projeto de Mentoria durante seis meses no Sertão Central Cearense, com o propósito de informar corretamente, ampliar a busca por vacinação e mitigar o efeito das *fake news*, justificou a proposta materializada, unindo elementos de comunicação entre a Ciência Geográfica, o sistema de saúde municipal, os alunos do Curso de Licenciatura em

Geografia do IFCE e as pessoas que estão envolvidas nesses âmbitos. O projeto Mentoria contou com a parceria do Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política (LECgeo), da Coordenação de Geografia do IFCE Quixadá, Coordenação de Extensão e da direção local.

O objetivo geral visou a aplicação de um plano de ações de comunicação em educação e saúde através das redes sociais e rádios voltadas ao combate da pandemia do Covid-19 particularmente no Sertão Central Cearense, desmistificando *fake news* e disseminando informações pontuais via internet para alertar sobre as formas corretas de prevenção, proteção ao contágio do vírus e promoção da campanha de vacinação. O público alvo da região é composto por sua maioria de pessoas relativamente de baixo padrão econômico, tipificado pelas índices de desenvolvimento humanos locais.

Como objetivos específicos, teve-se: a) Geração de grupos focais em redes sociais como *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram* com conteúdo dividido por categorias de público alvo, desenvolvidos pelos mentorados para divulgar informações corretas e combater *fake News* e promover adesão às vacinas; b) Desenvolvimento de linguagens apropriadas para cada público alvo pretendido nas ações de comunicação de combate ao Covid19; c) Produção de *spots* para rádio e divulgação na região com informações embasadas sobre atuação das Secretarias de Saúde sobre a Covid19; d) Possibilitar o desenvolvimento de atividades remotas relacionadas a prevenção do Covid19 junto aos alunos de Geografia e seus familiares, promovendo a interdisciplinaridade; e) Produção de uma Sala de Situação: banco de dados e mapeamento das ações e seus impactos através das ações da Mentoria, aberta para consulta pública; f) Colaborar com as ações afirmativas, com as propostas de convívio e reabertura escalonada das atividades econômicas, sociais, educacionais e culturais feitas pelos visando a o momento atual e pós-pandêmico.

Foi elaborado um plano de ações como proposta metodológica, composta por etapas concatenadas, descritas a seguir. O princípio básico foi a divulgação de conteúdos que levassem informação segura sobre os procedimentos para diminuição da transmissão do Covid19 e incentivo à vacinação e um eixo voltado para desmascarar *fake news*.

Recentes publicações científicas reforçam o poder da informação no combate à pandemia: o cenário de crise parece compatível com a expansão das redes sociais, cada dia mais presentes na manutenção da sociabilidade em condições excepcionais de isolamento social. Desse modo, “o monitoramento do vírus possibilitado por diversas instituições, tem ajudado as pessoas estarem informadas sobre o contexto do mundo, bem como o acesso a

informações que permitam proteger da transmissão e infecção do novo coronavírus” (POCHMANN, 2020, p. 45).

Escolheu-se como grupo vetores de replicação desses conteúdos os alunos de Licenciatura em Geografia do IFCE que aceitaram ser transmissores. A partir da rede de contatos já existentes entre os mentorados e seus colegas estudantes, foi iniciado um procedimento de mobilização pessoal, para captar mais interessados em serem replicados. O início do projeto foi um *tête-à-tête on-line* para agregar mais sujeitos. Uma vez aderidos, o segundo passo foi estarem comprometidos em atuar como cidadãos nessa transformação que viria a ser o espaço vivido pós-pandêmico.

Para a correta disseminação de informações e combate à desinformação sobre o covid19 foi usada a base de conteúdo disposta no site da Organização Mundial de Saúde (OMS), no seu setor “*Mythbusters: caçadores de Mitos*” e do site do Ministério da Saúde do Brasil, na área intitulada “Coronavírus COVID-19”. Considerando serem fontes primárias e robustas sobre a pandemia, essas páginas nortearam os conteúdos divulgados semanalmente nas redes sociais citadas. Nelas, há dezenas orientações, perguntas e respostas sobre os mais básicos procedimentos que devem ser adotados e reiterados, uma vez que a repetição traz ênfase nos resultados esperados. A mesma página da OMS tem um link onde se pode reportar quais mensagens falsas estão em circulação.

O projeto teve duas frentes de trabalho simultâneas, a saber:

I) Internet: foram criados canais de comunicação e informação através da tecnologia veiculada a três dos mais usados aplicativos de rede social: *Instagram, Facebook e WhatsApp*, com livre acesso. Nesses aplicativos, foram feitos três subgrupos focais usando linguagem apropriada e associada às faixas etárias: crianças, jovens, adultos e idosos. Entende-se que esse esquema facilitou para que as ações tivessem mais objetividade e resultados rápidos e duradouros. Também foram desenhadas artes informativas sobre os cuidados básicos da doença. Nesses canais, foram privilegiados além dos conteúdos, a interação entre os mentorados e o público, para resolução de dúvidas, informações adicionais e repasse de outros órgãos que atendam às necessidades envolvidas com a pandemia. Os canais receberam perguntas e colocações dos usuários durante todo período, sendo prontamente respondidos pelos mentorados.

II) ) Rádio: com metodologia similar, somente que o material usado foi auditivo por excelência. Entrou-se em contato com as principais rádios da região solicitando uma entrada na programação com o material produzido, que tem como público alvo sobretudo

as famílias que não usam necessariamente as redes sociais. Os mentorados participaram de programação ao vivo onde puderam expor todo o projeto.

Como forma de abrangência nas áreas de enfrentamento, também foram promovidas *lives* com sujeitos atuantes nas áreas da saúde e ciências humanas, propiciando orientação sobre a educação em tempos de pandemia; mostrando como pode ser feito o uso correto dos equipamentos de proteção individuais, medidor de temperatura digital, além de conscientizar as formas adequadas de higienização. Inclusive foi produzido um evento remoto, com certificação, através da fala da enfermeira do campus IFCE que contou com cerca de 80 participantes.

As campanhas tiveram algumas questões pré-elaboradas pautadas em prevenção dos seguintes itens: a) Necessidade de adesão à vacinação; b) Higienização familiar; c) Higienização de alimentos; d) Uso correto das máscaras; limpeza; possibilidade de aquisição de máscaras em meios comunitários; e) Soluções com custo baixo para higienizar mãos; f) Gerenciamento de água, sobretudo em casos onde não há estrutura de saneamento básico e em áreas rurais; soluções para evitar contaminação da água; g) Cuidados para manutenção do isolamento ou distanciamento social; h) Cuidados com os já infectados pelo Covi19; i) Automedicação; tratamentos da covid19; j) Sociabilidade: como ir a lugares públicos; não expor família, amigos ou demais pessoas ao risco de contágio; k) Dimensão comunitária do isolamento: procedimentos que estimulem a responsabilidade social; l) Orientações específicas para crianças e idosos; m) Trabalhar contra os preconceitos gerados; n) Difundir processos cidadãos e políticos como forma de fortalecimento do tecido social nesses momentos tão difíceis.

Durante a execução da Mentoria, foi elaborada uma “Sala de Situação”, que consistia num espaço virtual de inteligência de visão integral e intersetorial que pode atuar de maneira integradora de informações, sendo uma ferramenta oportuna e relevante para apoiar as ações de combate ao novo coronavírus e colaborar no pós-pandemia. Nela, continham subsídios apresentados e divulgadas em diversos formatos: tabelas, gráficos, mapas, documentos técnicos ou relatórios, isto é, a consolidação de dados voltados para consulta pública e de interesse de múltiplos atores (gestores, técnicos municipais, profissionais de saúde, pesquisadores, estudantes e cidadãos. A Sala foi alimentada durante toda a Mentoria, abordando as ações, o andamento, os resultados obtidos, os mapas criados transformados em informações.

Nesse ambiente virtual também esteve o mapeamento cartográfico como produto

final (recurso tecnológico na elaboração do mapa), para identificar se as ações pretendidas têm tido êxito e assim ajudar no combate nessas áreas; além da produção de uma rede com dados informativos que poderá ser alimentado diariamente. A respeito do mapeamento cartográfico como produto final, foi usado o georreferenciamento como recurso de inovação para facilitação de mapa, identificando se as ações pretendidas têm tido êxito e assim ajudar no combate nessas áreas; além da produção de uma rede com dados informativos que poderá ser alimentado diariamente.

Todas as técnicas, abordagens e o desenvolvimento das pesquisas foram realizadas remotamente, com o auxílio de ferramentas que auxiliam no processo de diálogos a longa distância, valendo-se como mediadores tanto o Mentor, como a participação de pessoas com expertise na área da saúde. Destarte, esse projeto incentivou ações que podem ajudar no desenvolvimento produtivo, coletivo e intelectual na prevenção do covid19, avaliando constantemente os pontos positivos e negativos das ações desenvolvidas, se estão surtindo os efeitos esperados, ou seja, que haja a composição e disseminação de um entendimento do que é o Covid19 e como a Mentoria Acreditar 2021 IFCE está contribuindo para sua desaceleração e criando espaços seguros para o pós-pandemia, daí a relevância de construir esse processo de conscientização das pessoas sobre hábitos saudáveis para minimizar as consequências do Covid19.

Nem tudo foi como se esperava. Diversos percalcos ocorreram durante a pandemia. Um dos problemas averiguados foi concorrer com as massivas informações que chegam ao público a todo momento sobretudo via redes sociais, espaço midiático tão próximo da juventude. Com isso, o feedback obtido ficou subdividido com as demais formas interativas.

As propostas elencadas neste projeto foram analisadas no processo de avaliação final e reafirmadas como potencialidades reais para reaplicação, posto que se utilizam ferramentas de alto impacto e penetração na sociedade, que são as diversas redes sociais via *smartphones* e as ações voltadas para as rádios, ou seja, potencialmente continuáveis no pós-pandemia, inclusive baseados nas recentes informações da Organização Mundial de Saúde (GLOBO, 2021) que consideram a possibilidade da pandemia durar mais dois anos prolongando-se até 2023 ou tornar-se endemia, e que somente a vacina não a deterá de imediato reforçando que as medidas de prevenção, informação e distanciamento são fundamentais para a diminuição da contaminação e convivência a longo prazo.

Portanto, esse projeto de Mentoria aplicado deixa como legado as diversas formas de diálogo executados entre ciência e sociedade sobre os impactos diretos da pandemia na produção

de conhecimentos como também a possibilidade de gerar e capacitar alunos do IFCE como replicadores de ações de combate ao novo coronavírus – uma realidade dada que precisa ser encarada no pós-pandemia – como uma metodologia ativa de interação entre o IFCE Quixadá e entidades/órgãos locais na produção de ações afirmativas na resolução de problemáticas pertinentes à realidade inserida.

O projeto foi considerado exitoso pois a temática abrangeu uma série de temáticas pertinentes ao momento pandêmico, sobretudo num universo de fake news. O uso da proposta feita através das redes sociais alcançou um público vasto e diverso, dando um feedback importante. Foi desafiador realizar toda a experiência de modo remoto e sentimos a falta de encontro presenciais para uma avaliação, contudo entendemos que era o procedimento prescrito no edital e que seguimos á risca. O ponto mais positivo é ver que há uma grandecarência de pessoas em busca de informações e pudemos, no que foi tangível, esclarecer e informar sobre a temática da nossa proposta. As ações executadas trouxeram ao público envolvido esclarecimentos pertinentes relativos a como proceder durante o período mais duro da pandemia, uma vez que as informações e trocas de diálogos realizados nos canais que a Mentoria estabeleceu pode solucionar dúvidas e contribuir no combate às fakes news. O projeto insistiu na ideia que onde há informação, há menos espaço para injustiças sociais, pontos desafiadores da vivência.

## Referências

BARCELOS, Christovam. Uma nova geografia e o direito à informação e comunicação: a sobrevida em meio à pandemia de Covid-19. **Revista Eletrônica Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. 2020, abr-jun.; 14 (2): 461-72 Disponível em <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/41959/2/16.pdf> Acesso em 22.ago.2021

BRASIL. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. **Anuário estatístico 2020 – ano base 2019**. Fortaleza: IFCE, 2020.

GLOBO. Coronavírus: Pandemia "está longe de acabar", diz chefe da OMS. 12.04.2021. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/12/pandemia-esta-longe-de-acabar-diz-chefe-da-oms.ghtml> Acesso em 24.ago.2021

OLIVEIRA, Victor Hugo. O papel da geografia diante da pandemia da covid-19. **Boletim de Conjuntura**. Ano II, volume 3, No 7, Boa Vista, 2020. Disponível em <https://zenodo.org/record/3909889#.X0U6GchKjcc> Acessado em 25.fev.2021.

PORCHMANN, Vitor de Oliveira. Coronavírus e tecnologia. In: CASTRO, Daniel; SENA, Danilo; PORCHMANN, Marcio. **Capitalismo e a covid19: um debate urgente**. p.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 85-93, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".*

ISSN: 2176-5774

Relato de Experiência

*Ações de tecnologias educativas para a redução dos impactos da Covid-19 no Sertão Central Cearense. Emilio Tarlis Mendes Pontes et al.*

40-46. São Paulo, 2020.

SANTANA, Paula. Introdução à Geografia da Saúde: território, saúde e bem-estar.

Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHWARCZ, Lília; STARLING, Heloísa. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

## ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA EM TEMPO DE PANDEMIA: EXPERIÊNCIA ACADÊMICO-DOCENTE

**Brian Angelo Sandoval Sanches**

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

E-mail: [briassanches@gmail.com](mailto:briassanches@gmail.com)

### Introdução

Podemos entender o estágio supervisionado como o contato inicial do licenciando com o ambiente escolar e, ao mesmo tempo, sua formação docente. Através do estágio, o graduando vislumbra e obtém uma gama de conhecimentos didático-pedagógica que propositalmente difundem e se convertem em ações pedagógicas para o ensino e aprendizagem (PIMENTA & LIMA, 2004).

Sendo assim, o trabalho discorre sobre o estágio supervisionado em geografia realizado no 1º semestre de 2021, durante a pandemia do Coronavírus (Covid-19). Desenvolvido em uma escola estadual, nas séries do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, em Tabatinga (AM). A pandemia do Covid-19 fez com que as atividades do estágio se voltassem para o ensino à distância, que culminou do fechamento das escolas etc., devido a isso as aulas presenciais foram interrompidas, impossibilitando a realização das atividades teóricas e práticas na escola.

Este trabalho tem como objetivo relatar a importância do estágio supervisionado em geografia, relacionado a obtenção de experiências e formação docente. Buscando alcançar o objetivo, foram feitos levantamentos e leituras bibliográficas.

### Estágio supervisionado: formação docente, ambiente escolar e material didático

Barreto (2006 *apud* LINHARES *et al.*, 2014, p. 117) diz o seguinte: “o Estágio de Licenciatura é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96)”. Assim, o estágio por ser uma disciplina fundamental na grade curricular e de grande importância na formação docente/acadêmica do graduando, também, é o momento em que o estagiário conhece o ambiente escolar, compreende o seu papel no espaço da escola e, vivencia a prática docente dentro e fora de sala de aula.

Além do mais, é indispensável que o estágio não seja tido como o momento de construção da própria identidade como professor, considerando os saberes e comportamentos para o exercício profissional docente (PIMENTA e LIMA, 2004).

Dessa maneira, a prática e a vivência do estágio são essenciais e fundamentais para o graduando, uma vez que é o momento onde deve compartilhar conhecimentos, das teorias e práticas apreendidas no decorrer dos estudos na universidade. Conhecimentos que podem ser adaptados conforme as necessidades para uma melhor compreensão em sala de aula, seja ela na questão metodológica de ensino a ser adotado para a construção de conhecimento e formação de pessoas.

Ainda sobre o estágio, Linhares *et al.* (2014, p. 122) esclarecem que, “o Estágio Supervisionado visa fortalecer a relação teoria e prática [...] implica em utilizar conhecimentos adquiridos, quer na vida acadêmica quer na vida profissional e pessoal”. Que corrobora com o processo ensino-aprendizagem centrado na lógica - saber para aprender e aprender para ensinar, pelos quais os estagiários devem levar para a sala de aula um ensino que ajude na aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, Miranda, Pereira e Riseti (2016, p. 2) ressaltam, “muitos fatores podem influenciar na aprendizagem, um deles é o espaço escolar, mais especificadamente, a sala de aula”. De fato, a sala de aula tem grande influência no processo de ensino-aprendizagem, dessa forma, a sala deve estar bem organizada para que o aluno se sinta acolhido e, com isso possam dar atenção a aula e ter maior produtividade.

Nesse processo, também, toma destaque o livro didático que serviu como guia, muito utilizado para elaboração das atividades de ensino-aprendizagem. Tornando possível, trabalhar a percepção dos alunos sobre suas relações na sociedade, através da articulação (dos livros didáticos) com as demais áreas do conhecimento (História, Ciências etc.).

### **Impacto do Coronavírus (Covid-19) nas atividades de ensino: adaptação de uma ideia metodológica no ensino remoto do estágio supervisionado**

Em março de 2020 até momentos recentes se vivenciou uma grande crise causada pela pandemia do Coronavírus (Covid-19), tal qual foram exigidos distanciamento social, uso de máscara, higienização constante das mãos e do material pessoal individual, medidas que foram tomadas para evitar a disseminação do vírus. De certa maneira, a pandemia em questão causou um impacto direto na vida rotineira das pessoas em geral.

A questão do distanciamento social, também, afetou a educação com o afastamento de docentes e discentes, como, também, do fechamento das instituições de ensino - creches, escolas e universidades públicas e privadas. Impossibilitando a realização prática do estágio supervisionado em sala de aula.

Ora, culminou em reformular e fazer algumas mudanças no plano de atividades para a realização do estágio supervisionado. As mudanças estiveram voltadas sobre as aulas e atividades planejadas com metodologias predestinadas no plano de ensino, assim sendo, as aulas que seriam expositivas mudou para leituras individual dos alunos, atividades que seriam trabalhadas em grupos, também, cada aluno teve que trabalhar individualmente.

Nas palavras de Corte e Lemke (2015, p. 31002), “o estágio supervisionado permite ao futuro profissional docente conhecer, analisar e refletir sobre seu ambiente de trabalho”, também, dá ao licenciando a liberdade de desenvolver metodologias de ensino que estejam de acordo com a necessidade e a prática de ensino, que foram sendo trabalhados/aplicados nos momentos atípicos vivenciados.

Sendo assim, as tecnologias digitais educacionais aparecem como um recurso necessário para o ensino à distância (não-presencial), que serve estrategicamente para a execução de um ensino virtual em momentos de necessidades. Para tanto, um estudo virtual requer alguns materiais para a participação, por exemplo, o aluno deve fazer uso de algum aparelho eletrônico (celular, tablet etc.) e acesso à internet.

Com base nisso, ao refletir sobre o caso, algumas questões aos poucos foram sendo incorporados no plano de ensino e, novamente as atividades do estágio estavam ganhando sentido numa perspectiva do ensino-aprendizagem. Dessa maneira, ao mesmo tempo que se resolvia uma questão, havia de tomar conta de outras, assim o estágio supervisionado estava sendo contornado para sua efetivação com métodos apropriados que estavam pra ajudar os alunos em buscar cada vez mais o conhecimento.

Nesse contexto, para incorporar a “nova metodologia de ensino” na prática do estágio e, avançar com a realização docente num estudo remoto, rememorou-se a observação direta feita em sala de aula, no qual, ora, fora observado que a maioria dos alunos em momentos oportunos faziam uso do aparelho celular, muito utilizado para trocas de conversas, pesquisas de trabalho na internet etc.

Neste momento, se presenciou a mudança que ocorreu do presencial para o remoto, onde, em atividades presenciais não se fazia uso da internet com grande frequência, ao passo que nas atividades remotas é necessário tal uso. Nesta lógica, o ensino remoto é realizado através do auxílio de alguns aparelhos digitais e, principalmente de acesso à internet. Assim sendo, a ideia foi realizar a prática do estágio supervisionado através do aplicativo de conversa *WhatsApp* (muito popular), a ideia foi acatada pelos alunos porque pelo celular transparecia mais eficiente realizar as atividades.

Quanto aos alunos que não faziam uso do aparelho celular, para a aplicação da ideia metodológica de ensino e estudo da disciplina em questão (Geografia), restou dividir as turmas do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio em dois grupos, em geral se trabalhou com seis grupos, grupos com alunos que usavam o aparelho portátil e grupos de alunos que não usavam o celular e, isso tornou possível realizar o estágio supervisionado.

Portanto, alguns grupos acompanharam o estudo da disciplina pelo aplicativo *WhatsApp* e, outros grupos por encontros presenciais. Com os alunos que tinham celular e acesso à internet, pelo *WhatsApp* o estudo era guiado com debates aberto sobre o conteúdo, submissão das atividades e trabalhos, por outro lado, com os grupos de alunos os encontros individuais eram pré-agendados pra conversa em relação aos conteúdos repassados e, entrega e recebimento de trabalhos impressos da disciplina, afim de que não perdessem o conteúdo da disciplina.

## Conclusões

A disciplina do estágio supervisionado na grade curricular da graduação é fundamental para a formação e experiência docente do graduando, pela possibilidade do mesmo de conceber a realidade da escola. Ao mesmo tempo, registrar muita aprendizagem para sua formação enquanto acadêmico e futuro profissional, também, sendo uma forma de construir a sua própria identidade enquanto professor/docente.

Destacamos ainda a importância de alguns elementos que tornaram possível a realização do estágio, sendo: o livro didático e a observação, através do qual gerou reflexão para a aplicação da ideia metodológica de ensino. O estágio supervisionado faz o graduando resolver questões que parecem não estar ao seu alcance, mas de uma forma ou outra podem ser resolvidos se considerar o seu papel e assimilar a importância do estágio.

## Referências

CORTE, A. C. D.; LEMKE, C. K. **O estágio supervisionado e sua importância para a formação docente frente aos novos desafios de ensinar.** In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2015, p. 31001-31010.

LIMA, M. S. L. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, 2008. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/download/4015/3931>  
Acesso em: 08 out. 2021.

Relato de Experiência

*Estágio supervisionado em geografia em tempo de pandemia: experiência acadêmico-docente. Brian Angelo Sandoval Sanches.*

LINHARES, P. C. A.; IRINEU, T. H. S.; SILVA, J. N.; FIGUEREDO, J. P.; SOUSA, T. P. A importância da escola, aluno, estágio supervisionado e todo o processo educacional na formação inicial do professor. **Terceiro Incluído**, NUPEAT–IESA–UFG, v. 4, n. 2, p. 115-127, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/277361166>  
Acesso em: 02 out. 2021.

MIRANDA, P. V.; PEREIRA, A. R.; RISSETTI, G. **A influência do ambiente escolar no processo de aprendizagem de escolas técnicas.** In: II FÓRUM INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 1-14.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

## A GEOGRAFIA E O ENSINO REMOTO: A TECNOLOGIA QUE AUXILIA NO RECONHECIMENTO DO MEU LUGAR

**Francisco de Assis Da Macena Júnior**

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande/PB

E-mail: [junior.com-jesus@hotmail.com](mailto:junior.com-jesus@hotmail.com)

**Josandra Araújo Barreto de Melo**

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande/PB

E-mail: [josandra@yahoo.com.br](mailto:josandra@yahoo.com.br)

### Introdução

Com a pandemia a necessidade de adaptações e o anseio por mudanças nas mais diversas áreas da vida, trouxeram consigo transformações jamais imaginadas em um período de tempo tão curto. Em virtude dessa nova realidade a educação também sofreu intensas alterações, o que foi sentido e vivido de forma prática pelos professores em suas salas de aula, que se tornaram virtuais.

Novas metodologias foram sendo implementadas com propósito de estimular a aprendizagem e trazer melhor compreensão para o discente, tudo isso relacionado aos conteúdos ministrados pelo professor, buscando reduzir a lacuna deixada pelo distanciamento social e pelo fechamento momentâneo das instituições escolares.

A fim de trazer para mais perto da realidade do estudante, o estudo sobre o espaço geográfico e demais conceitos e temas da geografia também tiveram de ser repensados, tudo isso através do uso das novas tecnologias e de metodologias que aproximem da realidade do aluno e de sua comunidade todo esse conhecimento geográfico, que se mostra tão importante para a vida do cidadão, tornando-o atuante e protagonista.

As turmas de ensino médio da Escola Cidadã Integral Jocelyn Velloso Borges, localizada na cidade de São José dos Ramos-PB, a 80 km de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, também foram impactadas com todos esses novos rearranjos nas aulas de geografia. Como consequência dessa nossa realidade, buscou-se através de uma sequência didática, uma maior aproximação do aluno com a cartografia, e com conceitos básicos e fundamentais da geografia que são: espaço, paisagem, território, lugar. Dessa forma, esses *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 99-106, set. Ano 2022. Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19"*.

conceitos foram usados juntamente ao uso de mapas, sempre levando em consideração o cotidiano dos alunos.

A referida sequência didática tem como objetivos: discutir sobre os conceitos de espaço, paisagem, lugar e território; valorizar o lugar de vivência; debater sobre a evolução tecnológica na cartografia; usar as novas tecnologias aplicadas à cartografia (o google earth, google maps e GPS); ler e discutir textos, sendo esses de diversos gêneros, entre eles: reportagens, notícias, tirinhas e charges. Para que ocorresse a concretização da mesma foram usados alguns procedimentos metodológicos: leitura de diversos tipos de gêneros textuais e de mapas, discussões e interações em sala de aula virtual, uso das novas tecnologias e aplicativos virtuais (Google Earth, Google maps, GPS).

Como resultado espera-se que os discentes possam desenvolver uma maior valorização do seu lugar de vivência, através da ampliação dos conceitos geográficos de espaço, paisagem, lugar e território, sempre buscando maior aprofundamento nas questões sobre a evolução tecnológica da cartografia e dos mapas, relacionando-os ao uso de aplicativos e programas que possam auxiliar no seu cotidiano, tornando-os um conhecimento que seja prático e usado por todos.

## **I – Relação da Geografia com o Ensino Remoto**

O ensino remoto e o uso das diversas ferramentas digitais passaram a ser ainda mais explorados como recursos pedagógicos, sendo esses viáveis e necessários para o desenvolvimento de diversas atividades, em diferentes escolas pelo mundo, independente da modalidade e dos níveis. Isso porque a pandemia do COVID-19 trouxe consigo novos hábitos de vida, entre eles a adaptação da sala de aula distante do espaço físico da escola, o que acabou por exigir da ciência geografia e da aplicação dos seus conhecimentos um novo rearranjo, que contemplasse essa atípica realidade vivenciada.

Portanto as telas dos dispositivos e demais aparelhos tecnológicos substituíram, ainda que momentaneamente, os contatos físicos e também reduziram distâncias geográficas, trazendo para a práxis educativa, novas indagações, questionamentos e reflexões sobre a educação em ambientes virtuais e o estudo do espaço geográfico através dessas telas.

Sendo assim a geografia fruto da relação do ser humano com o seu meio, é coerente destacar as transformações bruscas evidenciadas nos espaços geográficos e nas paisagens

nesse período pandêmico. Além disso, através da internet e de todo o aparato tecnológico usado nas salas de aulas, esses conhecimentos geográficos produzidos, tiveram condições de chegar aos lugares mais longínquos, desde a zona rural, até as grandes metrópoles, contribuindo para a transformação dessas áreas constantemente, e acalorando as discussões sobre esses espaços e suas produções e modificações. Santos (1985, p. 7) nos diz: “Pois cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social”.

Em conformidade com a citação supra, as salas de aulas também foram impactadas, desde sua estrutura física até as metodologias nelas utilizadas. Esses espaços de aprendizagem foram deslocados dos centros de ensinamentos para as residências, forma virtual; suas estruturas pedagógicas saíram do quadro com lápis para as apresentações em programas de computador.

Em meio a toda essa realidade atípica, os docentes viram-se em uma situação de total desconforto, pois o objeto de estudo da ciência geográfica – o espaço geográfico – já não podia ser explorado presencialmente como outrora, era necessário repensar todas as suas metodologias e fundamentos e readaptá-los a esse novo contexto global, isso através da ótica da realidade virtual. Mas como estudar o espaço, a paisagem, o território e o lugar em pleno momento de isolamento social? Essa foi a pergunta que pairou na mente de diversos professores nos círculos de debates, nas reuniões pedagógicas e nos momentos de planejamento individual de suas aulas.

## **II – O meu cotidiano: o ensino da geografia, seus conceitos e temas em aulas remotas.**

É notório que o isolamento social oriundo da pandemia do COVID 19 trouxe consigo muitos problemas e dificuldades para toda a população. As pessoas tiveram de afastar-se do seu convívio social e não mais transitar em espaços públicos (rua, praça, mercados, locais para entretenimento, escolas, faculdades, entre outros) que para elas são significativos e produzem bem-estar.

Por sua vez, a Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020 do Ministério da Educação, que instituiu a substituição das aulas presenciais por aulas virtuais durante a vigência da pandemia, fez com que milhões de alunos em todos os níveis de ensino fossem afastados de sua realidade escolar, do seu espaço de vivência, do seu lugar. Para a Geografia, o conceito

## Relato de Experiência

*A geografia e o ensino remoto: a tecnologia que auxilia no reconhecimento do meu lugar. Francisco de Assis Da Macena Júnior; Josandra Araújo Barreto de Melo.*

de lugar é muito importante, pois é através dele que podemos compreender a nossa condição no espaço, a partir da relação entre o que ocorre na escala local, enquanto reflexo dos acontecimentos mais abrangentes. Acerca da importância dessa categoria para a Geografia, Santos (2006) correlaciona:

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2006, p.218)

Para tanto, discutir sobre a formação socioeconômica e cultural do bairro em que os alunos residem, levando-os a destacar o que mais é importante para eles naquele espaço, e o que os atrai, passa a ser mais uma estratégia metodológica insubstituível que é somada a todo esse complexo trabalho pedagógico. Destacar as belezas da região, a história dos moradores mais antigos do bairro ou da rua, o uso das entrevistas – feitas por meio virtual - e das observações de fotos, auxiliam na estruturação desse sentimento de pertencimento “esse é o meu lugar”. Tudo isso reflete diretamente no ensino e na aprendizagem da geografia, pois passamos a nos sentir autores da história daquele lugar, também aguça a atitude protagonista, já que somos parte desse todo chamado “meu lugar”.

Para que toda essa discussão possa ser posta em prática, é indispensável à criatividade, ela é uma das qualidades bem presente na prática dos docentes e que pode ser muito explorada nas aulas remotas de geografia. Essa característica aliada às tecnologias nos proporciona a oportunidade de observar e refletir sobre fotos, vídeos, entre outras características que fazem parte da paisagem desse lugar onde o aluno vive, incitando nele a noção de constante transformação desse espaço, juntamente com suas paisagens, cores, cheiros e marcas, que formam esse grande “caleidoscópio” criado pelo ser humano, seu espaço geográfico. Segundo Corrêa (1995, p. 44) “o espaço geográfico é multidimensional”.

Essa mutidimensionalidade pode e deve ser o centro dos debates nas aulas remotas. Através desse conceito o professor pode iniciar a discussão e remetê-la a realidade do bairro, da rua, indagando-os sobre o porquê de tal bairro ter características industriais ou residenciais, o estilo das casas, o que revela os prédios mostrados nas fotos, quais os

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 99-106, set. Ano 2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

**ISSN:** 2176-5774

verdadeiros usos da praça em tempos anteriores a pandemia, qual a importância da minha escola estar localizada em tal área. Todos esses questionamentos trazem para a aula esse momento de troca de conhecimentos, uma dinâmica mais envolvente, o que contribui para a reflexão por parte do aluno sobre os conceitos e temas fundamentais da geografia.

### **III – Vivências Geográficas em Espaços de Ensino Remoto na ECI Jocelyn Veloso Borges**

Viver a geografia em espaços de ensino remoto tornou-se uma realidade atrativa, construtiva e enriquecida, pelas experiências dos alunos do ensino médio da Escola Cidadã Integral Jocelyn Veloso Borges, espaços pedagógicos esses que já existiam, mas passaram a ter destaque maior através da utilização avolumada das plataformas digitais e de seus recursos didáticos variados e diversos, embora muitos alunos que não dispunham de aparelhos e/ou internet, devido suas condições econômicas, sofreram com toda essa exclusão digital, tendo a participação em média de 50% dos 200 alunos que estavam matriculados no ensino médio.

A referida sequência didática utilizadas na sala virtual, em pleno momento de isolamento social, foi a alternativa mais viável para alcançar os objetivos propostos. A tecnologia foi utilizada como aliada indispensável e importantíssima para a concretização das ações planejadas pelo professor. Abaixo apresentaremos o passo a passo da referida sequência didática, juntamente com recursos e materiais para pesquisa nela utilizados.

Procedimentos realizados:

1º ENCONTRO – Ler e discutir em sala de aula virtual sobre os conceitos de espaço, paisagem, lugar e território – Nessa etapa o professor através de textos e slides com fotos relembra os diversos conceitos geográficos, fazendo um paralelo com o dia a dia do aluno, levando-o através de indagações a refletir sobre seu espaço, seu lugar de vivência e a realidade dos mapas;

2º ENCONTRO – Discussão com interação dos alunos através do google meet sobre a cartografia e suas linguagens. Como material de apoio foram usados um texto e um vídeo que tratam sobre a cartografia, esse material já havia sido enviado anteriormente para os alunos, visando à leitura prévia, via Google classroom. site: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/categorias-conceitos-geografia.htm> e vídeo: <https://youtu.be/YYeEf4ZYybw> (CARTOGRAFIA). Nesse momento, os alunos

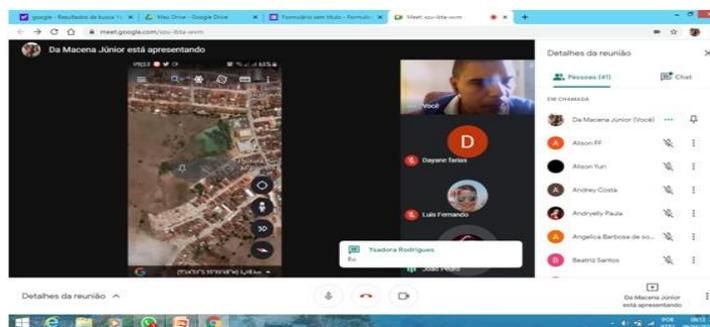
## Relato de Experiência

*A geografia e o ensino remoto: a tecnologia que auxilia no reconhecimento do meu lugar. Francisco de Assis Da Macena Júnior; Josandra Araújo Barreto de Melo.*

observam a evolução da cartografia desde os mapas de argila até a tecnologia dos satélites e do GPS, eles participaram de forma ativa da aula.

3º ENCONTRO – Conhecendo o Google Earth - Passeio virtual pelo aplicativo. Nesse momento houve o primeiro contato com esse aplicativo por parte de alguns alunos, o professor apresentou para todos eles essa ferramenta. Houve a interação através de jogos na aba “jogos – sons dos animais”, observação de imagens de satélite em 2D e 3D e introdução ao uso da tecnologia “Street View” (vista da rua).

Figura 01. O uso do aplicativo google earth em sala de aula

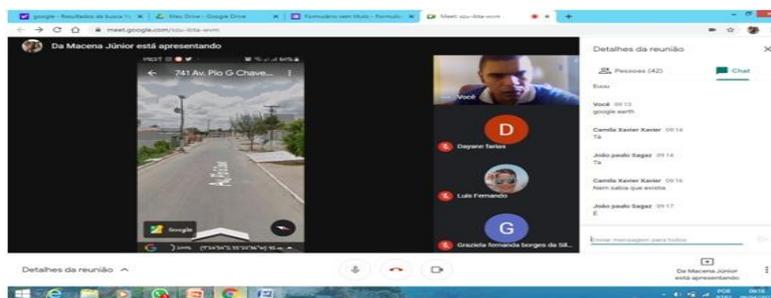


Fonte: Arquivo pessoal

4º ENCONTRO – Nessa etapa através da tecnologia “Street View” tivemos a oportunidade de visitar a cidade de São José dos Ramos-PB e seus pontos turísticos (Igreja Matriz, Prefeitura, Praça Central, Câmara Municipal, entre outros), também visitamos virtualmente a ECI Jocelyn Velloso Borges, já que há alguns meses estávamos distantes da realidade presencial, o que causou muita alegria e emoção entre os presentes na sala. Por solicitação de alguns alunos, suas residências também foram visitadas virtualmente, com o caminho traçado rua por rua, da escola até o destino previsto. Dessa forma o professor propôs que os discentes usassem o aplicativo em casa e trouxessem suas avaliações sobre ele na próxima aula. As orientações e atividades referentes à aula foram postadas na plataforma google classroom, nas redes sociais (grupos de salas) e também disponibilizadas como atividade impressa, sendo essas entregues aos alunos que não tiveram acesso a aula remota, mas nem todos participaram, por algumas impossibilidades, como a distância de suas casas para a escola. Portanto dos que participaram, boa parte deles devolveram essas atividades respondidas.

\

Figura 02. O uso do aplicativo google earth - street view - em sala de aula



Fonte: Arquivo pessoal

5º ENCONTRO – Nessa etapa os alunos falaram sobre a experiência de usar um aplicativo tão moderno e útil para o dia a dia das pessoas. Eles indagaram sobre as fotos de algumas ruas que estavam desatualizadas (observação e discussão sobre a paisagem) e fizeram alguns questionamentos sobre o quanto estavam admirados do avanço tecnológico, no que diz respeito aos mapas e o uso do GPS para diversos fins. As observações e as discussões relacionadas às atividades postadas na aula anterior também ocorreram nesse momento.

## Conclusões

Como resultado da sequência didática aplicada, observou-se a ampliação na compreensão dos conceitos de espaço, paisagem, lugar e território, também um maior aprofundamento nas questões sobre a evolução tecnológica, da cartografia e do uso dos mapas no dia a dia, juntamente aos avanços no uso dos aplicativos e dos mapas e maior valorização do lugar de vivência.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 20 de março de 2020**. substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: < <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376> >. Acesso em: 01 mar. 2022.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço um conceito chave da geografia. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. In: **Geografia: conceitos e temas**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 15 – 44.

RESUMOS ANIMADOS. Cartografia. Youtube. Categorias ou conceitos da Geografia. Disponível em: < <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/categorias-conceitos-geografia.htm> > Acesso: 17 de mar. de 2021

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 99-106, set. Ano 2022. Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".*

ISSN: 2176-5774

Relato de Experiência

*A geografia e o ensino remoto: a tecnologia que auxilia no reconhecimento do meu lugar. Francisco de Assis Da Macena Júnior; Josandra Araújo Barreto de Melo.*

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo. Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 4ª Ed. São Paulo: Edusp, 2003.

UOL. Mundo educação. 2022. Categorias ou conceitos da Geografia. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/categorias-conceitos-geografia.htm>>  
Acesso: 17 de mar. de 2021

**Google Earth**. Website. <<https://earth.google.com/web/2009>>.

## A PANDEMIA DE COVID-19 E OS ESFORÇOS DE PESQUISADORES BRASILEIROS DA ÁREA DE GEOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DE DADOS ESPACIAIS

**Glairton Cardoso Rocha**

Instituto Federal do Piauí – IFPI, Piri-piri/PI

E-mail: [glairtongeo@ifpi.edu.br](mailto:glairtongeo@ifpi.edu.br)

**Marcos Antonio Cavalcante de Oliveira Júnior**

Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza/CE

E-mail: [marcos.cavalcante@ifpi.edu.br](mailto:marcos.cavalcante@ifpi.edu.br)

**Marco Túlio Mendonça Diniz**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Caicó/RN

E-mail: [tuliogeografia@gmail.com](mailto:tuliogeografia@gmail.com)

**Vítor Hugo Campelo Pereira**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Caicó/RN

E-mail: [vitor.pereira95@yahoo.com.br](mailto: ritor.pereira95@yahoo.com.br)

### Introdução

No ano de 2020 foi decretada a pandemia da Covid-19, já no mês de março daquele ano a maior parte das universidades e institutos de pesquisa foram fechadas para suas atividades presenciais e os pesquisadores, assim como a população em geral, tiveram de permanecer em casa, realizando seu trabalho a partir dos computadores e pela internet no chamado *home office*.

Os autores deste relato são dois pesquisadores do Grupo de Pesquisa Geoprocessamento e Geografia Física – LAGGEF da UFRN, e dois pesquisadores do Grupo de Pesquisa Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – MAMDES do IFPI. Os dois grupos já colaboravam antes do início da pandemia, mas durante o primeiro e segundo anos desta foram realizadas a maior quantidade de pesquisas em colaboração, o tema das pesquisas foi a própria pandemia de Covid-19 e esta colaboração rendeu três publicações em periódicos de elevada qualificação no país, estes artigos, por sua vez

renderam diversas entrevistas a jornais, programas de rádio e TV, isto tudo é relatado nos parágrafos seguintes.

### **As primeiras reuniões e os resultados da primeira pesquisa**

O grupo se reuniu virtualmente no mês de abril de 2020 e decidiu realizar pesquisas geográficas acerca da pandemia, a primeira delas objetivou “identificar, no contexto da estrutura aeroviária, as rotas iniciais de entrada da Covid-19 no Brasil em cada estado brasileiro” (PEREIRA *et al.*, 2020), os resultados desta pesquisa foram submetidos à Revista GEOSABERES do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, dada a emergência por conhecer melhor a pandemia a revista recebeu o artigo intitulado “Identificação das rotas iniciais de importação e disseminação da Covid-19 no Brasil” em junho de 2020 e publicou no mês seguinte, a essa agilidade os autores agradecem aos editores da GEOSABERES.

O artigo conta já com duas citações publicadas segundo o Google Acadêmico, já o Web of Science relata uma citação publicada do artigo, dado o tempo lento das publicações acadêmicas considera-se que a comunidade acadêmica tem dado boa aceitação à pesquisa, contudo a maior repercussão se deu na mídia dos estados do Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, principalmente.

Em 02 de junho deu-se entrevista ao programa Panorama 95 da Rádio 95 FM de Caicó-RN relatando os dados da pesquisa submetida à GEOSABERES que viriam a ser publicados em 02 de julho de 2020.

No dia 07 de julho de 2020 o jornal Tribuna do Norte de Natal publica a matéria “Estudo aponta rotas iniciais de importação e disseminação da Covid-19 no Brasil”, resultado da entrevista dada pelo pesquisador da UFRN ao jornal, o docente do departamento de Geografia do CERES relatou a pesquisa que está no artigo publicado na GEOSABERES.

Em 08 de julho de 2020 retornou-se ao programa do jornalista Marcos Dantas na 95 FM para expor aos ouvintes os dados da pesquisa publicada na GEOSABERES e que foram repercutidos no jornal de maior circulação no estado do Rio Grande do Norte.

No dia 10 de julho de 2020 o mesmo jornal Tribuna do Norte de Natal traz como manchete e reportagem de capa do jornal a matéria "Novo Coronavírus chegou ao RN em março, trazido da Europa" (Figura 1) nesta nova matéria o mesmo pesquisador deste grupo é entrevistado junto à outros pesquisadores do país.

**Figura 1** – Recorte da capa do jornal Tribuna do Norte de 10 de julho de 2020.



Fonte: Jornal Tribuna do Norte (2020).

Em 07 de julho de 2021 o artigo foi novamente motivo de atenção da imprensa na reportagem da TV Assembleia do Ceará na reportagem “As BR's que cortam Fortaleza estão entre as responsáveis por 30% da propagação da Covid no Brasil”.

O texto repercutiu ainda na página institucional do Instituto Federal do Piauí, bem como na imprensa piauiense através da rádio universitária. A visibilidade denota a importância de pesquisas em território nacional, responsáveis pelo levantamento das primeiras informações científicas durante a "primeira onda" da infecção.

### **Análise de dependência espacial da taxa de mortalidade**

As pesquisas continuaram com intuito de espacializar as informações relacionadas ao quantitativo de casos, e principalmente de óbitos. Era importante identificar os fragmentos territoriais mais atingidos naquele momento e tentar entender a dinâmica da doença em território nacional. A Geografia possui uma importante vantagem em função das ferramentas de análise espacial e suas já consagradas aplicações.

Assim, o grupo opta pelo uso de ferramentas Análise Exploratória de Dados Espaciais, no intuito de descrever e visualizar as distribuições espaciais, identificar as localidades atípicas (outliers espaciais), identificar os padrões de associação espacial (*clusters*

espaciais) bem como os diferentes regimes espaciais e outras formas de instabilidade espacial (ANSELIN, 1999).

Dessa forma foi publicado o texto "Análise de dependência espacial da taxa de mortalidade por Covid-19 nos municípios brasileiros" (PEREIRA *et al.*, 2021), na Revista Franco-brasileira de Geografia (CONFINS), no Dossiê aspectos geográficos da pandemia de Covid-19. O texto considera a relevância do desenvolvimento de pesquisas acerca da Covid-19, no sentido de fornecer informações que possam embasar as ações dos gestores, sobretudo no âmbito da saúde pública brasileira, bem como as hipóteses de existência de autocorrelação espacial na distribuição dos óbitos relacionados a essa doença e de influência de aspectos socioeconômicos nessa distribuição, o estudo objetivou analisar a distribuição espacial dos óbitos por Covid-19 e sua relação com aspectos socioeconômicos nos municípios brasileiros até a data de 14 de julho de 2020.

O texto considerou a hipótese de influência de aspectos socioeconômicos na distribuição de óbitos por Covid-19, e utilizou o Índice de Desenvolvimento Econômico dos Municípios (IDHM) em sua dimensão denominada IDHM Renda como variável independente.

Os resultados indicaram, portanto, que as áreas que apresentam menores indicadores de renda são, em sua maioria, as que apresentaram maior Taxa de Mortalidade por Covid-19 (TMC). Enquanto as áreas com menor TMC são, predominantemente, as áreas com maior IDHM Renda.

A distribuição espacial dos dados também revela forte influência do modal de transporte hidroviário na disseminação do vírus na região Norte, e do modal rodoviário no restante do país, especialmente na região Nordeste.

Outras iniciativas relacionadas às temáticas de Geografia da Saúde corroboram para explicar a dinâmica de propagação do vírus, especialmente em ambiente urbano, como, por exemplo, o trabalho de Sposito e Guimarães (2020). Cabe salientar também a análise espacial de realizada em duas cidades do interior paulista, feita por Lima (2022), que também auxilia na compreensão da distribuição espacial em seu objeto de estudos.

Constatou-se por fim, que a vulnerabilidade da população somada à necessidade de utilização de um sistema público de saúde saturado pela alta demanda e/ou não preparado

adequadamente para o enfrentamento à pandemia são fatores relevantes para a compreensão da distribuição de óbitos por Covid-19 em grande parte dos municípios brasileiros.

Mais uma vez a publicação do trabalho repercutiu nas páginas institucionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Instituto Federal do Piauí (IFPI), mais uma vez denotando a importância de pesquisas geográficas em âmbito nacional que abordam aspectos relativos a este momento incerto de pandemia.

### **Análise da influência de Variáveis Socioeconômicas na distribuição de casos e óbitos de Covid-19 no Brasil**

A continuidade dos trabalhos de pesquisa e a preocupação latente dos pesquisadores em cada vez mais entender e explicar geograficamente aspectos relacionados a pandemia da Covid-19 que pudessem contribuir de forma positiva para a sociedade além disso evidenciar a relevância do papel dos estudos geográficos frente a este período de pandemia os levou à produção do terceiro artigo.

Este buscou analisar a influência de variáveis socioeconômicas na distribuição de casos e óbitos de Covid-19 no Brasil e foi publicado na Revista Geografia Ensino & Pesquisa, da Universidade Federal de Santa Maria na data de 12/01/2022.

Trata de um estudo que utiliza de variáveis socioeconômicas de uma amostra de 200 municípios brasileiros referentes aos Índices de Desenvolvimento Humano dos Municípios (IDHM) e suas variações IDHM Renda, IDHM Longevidade e IDHM Educação, bem como os dados epidemiológicos sobre a distribuição de casos e óbitos relacionados a Covid-19 no Brasil divulgados até a data de 02/06/2020.

Estes dados foram analisados com base em testes estatísticos (correlação e regressão). Os resultados apontaram influência relativa, principalmente do IDHM Renda na distribuição de casos e óbitos relacionados à Covid-19 por 100.000 habitantes. Na porção territorial Norte-Nordeste do Brasil, as áreas com a presença predominante de municípios com baixo IDHM Renda apresentaram também maiores valores de casos e óbitos por 100.000 habitantes, ao passo que na porção territorial Centro-Sul, as áreas com IDHM Renda mais elevado, apresentaram baixos valores de casos e óbitos por 100.000 habitantes. Os resultados também indicaram que os maiores valores de casos e óbitos relacionados à Covid-19 estão

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 107-113, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

fora das Regiões Metropolitanas brasileiras, evidenciando uma disseminação desse vírus para os municípios do interior, o que se confirmou nos períodos seguintes a pandemia, quando esta se alastrou por todo território nacional (DINIZ *et al.*, 2022, p. 1).

Vale ressaltar que durante a produção do artigo, principalmente durante a fase de coleta de dados, os pesquisadores observaram uma grande dificuldade em encontrar dados unificados em relação a pandemia naquele período (junho/2020), tendo que recorrer a diversas bases secundárias, dentre elas bases do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) da Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (INFRAERO), <https://economia.terra.com.br>, <https://covid.saúde.gov.br>, <https://covid19br.wcota.me/> e outros sites para montar a base principal de dados.

Os trabalhos do grupo de estudo para a execução deste artigo, duraram por todo o período de pandemia (cerca de 2 anos), visto a sensibilidade em tratar e relacionar estatisticamente dados de variáveis socioeconômicas para explicar o comportamento da distribuição de casos e óbitos por Covid-19 no Brasil.

## Referências

ANSELIN, L. Local indicators of spatial association - LISA. **Geographical Analysis**, Columbus, v.27, n. 2, p. 93-115, 1995. DOI : [10.1111/j.1538-4632.1995.tb00338.x](https://doi.org/10.1111/j.1538-4632.1995.tb00338.x)

DINIZ, M. T. M.; OLIVEIRA JÚNIOR, M. A. C. de; PEREIRA, V. H. C.; ROCHA, G. C. Análise da influência de Variáveis Socioeconômicas na distribuição de casos e óbitos de Covid-19 no Brasil. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 25, p. e43, 2022. DOI: 10.5902/2236499461365. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/61365>. Acesso em: 13 maio. 2022.

PEREIRA, VITOR HUGO CAMPELO; DINIZ, MARCO TÚLIO MENDONÇA; ROCHA, GLAIRTON CARDOSO; OLIVEIRA JUNIOR, MARCOS ANTONIO CAVALCANTE DE. (2021). Análise de dependência espacial da taxa de mortalidade por Covid-19 nos municípios brasileiros. **Confins**. 52. 1.

LIMA, J. P. P. C. **Difusão espacial da COVID-19 em Presidente Prudente e Botucatu - São Paulo**. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/217928>>.

Novo coronavírus chegou ao RN em março, trazido da Europa. **Jornal Tribuna do Norte**, Rio Grande do Norte, ano 2020, p. 7, 10 julho 2020.

PEREIRA, V. H. C.; DINIZ, M. T. M.; ROCHA, G. C.; OLIVEIRA JUNIOR, M. A. C. Análise de dependência espacial da taxa de mortalidade por Covid-19 nos municípios brasileiros. **Confins. Revue Franco-brésilienne de Géographie/Revista Franco-brasileira de Geografia**, n. 52, 2021.

PEREIRA, V. H. C.; DINIZ, M. T. M.; ROCHA, G. C.; OLIVEIRA JÚNIOR, M. A. C. Identificação das rotas iniciais de importação e disseminação da Covid-19 no Brasil. **Geosaberes Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 11, p. 423-436, 2020.

SPOSITO, M. E. B.; GUIMARÃES, R. B. **Por que a circulação de pessoas tem peso na difusão da pandemia**, 26 mar, 2020. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/35626/porque-a-circulacao-de-pessoas-tem-peso-na-difusao-da-pandemia>. Acesso em 25 de agosto de 2022.

## EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA: AS POSSIBILIDADES DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

**Dayana Aparecida Marques de Oliveira Cruz**

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

E-mail: [dayana.cruz@ufr.br](mailto:dayana.cruz@ufr.br)

**Karina de Araújo Gomes Ferreira**

Universidade federal de São Carlos (UFSCar)

E-mail: [karinaagf@estudante.ufscar.br](mailto:karinaagf@estudante.ufscar.br)

**Karolina Cardozo Dias**

Universidade federal de São Carlos (UFSCar)

E-mail: [karolinacardozodias@estudante.ufscar.br](mailto:karolinacardozodias@estudante.ufscar.br)

*"Foi uma forma de como a gente se expressa, com nossas vivências de mundo, com nossas percepções do espaço que a gente vive". (PODCAST GEONAVIDA - STÉFANO CAVALHEIRO DOMINGUES, 2021, s.p).*

### INTRODUÇÃO

As experiências do ensino remoto emergencial atravessaram de formas distintas cada sujeito, em graus e níveis diferentes causando impactos em nossas vidas profissionais e cotidianas. Docentes e futuros docentes exerceram suas práticas profissionais num contexto delicado, desafiador e, de tal maneira, incerto. Delicado porque diversos são os fatores que afetaram a permanência, vida, saúde física ou mental dos discentes e docentes empenhados em sobreviver na medida que realizam seus trabalhos; as mazelas de um país corrompido pela negação da ciência, não deixou ninguém escapar. Desafiador, pois, nunca antes, um modelo de ensino foi empregado de forma repentina ao mudar as dinâmicas do ensino e da sala de aula, do ponto de vista metodológico e pedagógico. E incerto, porque as esperanças chocam-se com a realidade desigual da periferia do capitalismo.

Este contexto exerceu diversas implicações sobre as metodologias e práticas pedagógicas do ensino de Geografia, as futuras professoras e professores inserem-se numa *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 114-121, set./2022. Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".*

realidade sem horizontes, tal qual as alunas e alunos também. Assim, as reflexões sobre os novos desafios são propostas para contorná-los, mesmo diante do cenário de crise global sanitária, econômica e política. Porém, a Geografia, nos permite problematizar tais mazelas, ao compreender o mundo e o questionando através das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

O objetivo deste texto é apresentar um relato que promove a discussão de uma Geografia resiliente, mesmo que o recorte esteja no ensino da Geografia, essa reflexão deve ser expandida as outras áreas do conhecimento geográfico, que também (re)existiram face aos impasses do mundo pandêmico. O relato apresentado neste texto partiu da experiência vivenciada durante o projeto de extensão “Geografia na vida: Refletindo sobre temas da Geografia e sua relação com a vida cotidiana”, realizado no âmbito do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Registro) no período de 02/04 a 29/10 de 2021. O projeto contou com a participação de oito estudantes do ensino médio, além de duas graduandas e uma professora de Geografia.

A fim de compartilhar este relato, organizamos o texto em duas partes principais. Na primeira, reunimos as experiências de três mulheres que, ao vivenciar os diferentes momentos de suas trajetórias profissionais, contam as experiências e incertezas do ensino remoto emergencial de Geografia. Em seguida, o trabalho aborda os desdobramentos de tais experiências que, diga-se de passagem, sucederam os muros acadêmicos. Por fim, as considerações finalizam o relato.

## **O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO**

Diferente da educação à distância, que é uma modalidade de ensino concebida, planejada e executada de forma não-presencial, o ensino remoto emergencial configurou-se como uma maneira rápida e improvisada para lidar com as condições impostas pela pandemia (MENEZES; FRANCISCO, 2020). As implicações sociais, econômicas e emocionais causadas pelas incertezas da pandemia impuseram novos obstáculos no âmbito do acesso à Educação. Por outro lado, Davis (2020) chama atenção para o fato de que a crise vivenciada a partir de 2020 atenuou velhas desigualdades provocadas pela perversidade do capitalismo. Neste sentido, as implicações para/na Educação precisam ser compreendidas não só a partir de uma perspectiva conjuntural, mas também estrutural.

Se a educação à distância aglutina uma série de profissionais (coordenadores, docentes, conteudistas, tutores etc), no ensino remoto, docentes foram expostos à

sobrecarga de trabalho devido ao acúmulo de atividades que fugiam ao escopo das funções desenvolvidas ao longo da formação inicial e continuada.

Foi neste contexto complexo que docentes de todas as áreas (incluindo a Geografia) atuaram durante os anos de 2020 e 2021. No IFSP/Registro, os desafios apresentados também estiveram presentes, impondo novos desafios à prática pedagógica no ensino de Geografia, sobretudo em relação à participação dos estudantes. A ausência da convivência na materialidade do espaço escolar teve rebatimentos diretos na participação dos estudantes durante as aulas. As fotos abstratas no *Google Meet* e o silêncio durante as aulas síncronas davam a impressão de solidão, um sentimento incomum em aulas presenciais. Cabe ressaltar que este não foi um cenário restrito à educação básica, o mesmo cenário se impôs na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Sorocaba), onde todas as instâncias da instituição foram afetadas pela pandemia e a incerteza sobre o futuro dos estudantes e servidores foi colocada. Num contexto mais amplo, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em abril de 2020, 826 milhões de estudantes do mundo não tinham acesso a computadores domésticos em casa e 706 milhões não tinham acesso à internet. Essas estatísticas representam mais de 40% dos estudantes em todo o mundo, no momento em que computadores e internet eram primordiais para a continuidade das atividades escolares (UNESCO, 2020). “As disparidades são acentuadas em países de baixa-renda: na África Subsaariana, 89% dos estudantes não têm computador doméstico e 82% não têm acesso à internet” (UNESCO, 2020, s.p - tradução livre das autoras).<sup>1</sup>

Diante deste cenário, diversas estratégias foram adotadas para alcançar os objetivos didáticos durante o ensino remoto. Nas aulas de Geografia para os estudantes do primeiro e segundo ano do ensino médio foi utilizado o *podcast*<sup>2</sup>, uma espécie de programa de rádio com vários temas. O “Geografia na Vida” tinha como objetivo abordar temas da Geografia que dialogassem com o cotidiano dos estudantes. O *podcast* foi escolhido por conta da possibilidade de ser acessado a partir de um link pela internet, demandando menor capacidade de processamento do material se comparado a uma vídeo-aula, por exemplo. Neste sentido, mesmo os estudantes com limitado acesso à internet conseguiam acessar e

---

<sup>1</sup> “Disparities are particularly acute in low-income countries: in sub-Saharan Africa, 89 per cent of learners do not have access to household computers and 82% lack internet access” (UNESCO, 2020, s.p).

<sup>2</sup> “O termo *podcast* resulta da junção dos termos *ipod* (dispositivo de reprodução de áudio/vídeo da Apple) e *broadcast* (método de transmissão ou distribuição de dados), onde um ficheiro áudio é denominado de *episode* (episódio)”. (Carvalho, 2009 *apud* Cruz, 2009. p.66).

acompanhar minimamente as discussões realizadas na disciplina, pois não era necessário fazer o *download* do conteúdo, já que essa ferramenta possibilita a transmissão do conteúdo pela internet, em diversas plataformas de *streamings*.

Ao observar que, no decorrer do segundo semestre de 2020, os estudantes mostraram-se interessados no *podcast* criado para eles, surgiu a ideia do projeto de extensão, visando criar um *podcast* com os estudantes no qual eles fossem protagonistas em todo o processo de criação. Surgiu, então, o “GeoNaVida”. Apesar da disponibilidade para participar do projeto, sem dúvidas, este era um grande desafio, afinal, a criação do *podcast* “GeoNaVida” exigia assídua participação, envolvimento e comprometimento com a proposta. Por conta do distanciamento social, as possibilidades de realização do trabalho coletivo seriam feitas pelo *Google Meet*, *Google Drive* e *Whats app*.

Como desenvolver um projeto em tempos de pandemia?

O ponto de partida foi a criação de vínculo com os estudantes. Conversas amistosas antes do início das reuniões, votações para discutir mínimos detalhes, oportunidade para que todas as pessoas pudessem falar e expressar suas opiniões, ideias e criatividade. Com o tempo, percebemos que os estudantes estavam cada vez mais envolvidos por se sentirem parte do projeto como protagonistas - o que de fato eles sempre foram! “Me ajudou a ter contato com realidades diferentes, ampliar minhas percepções sobre a sociedade e suas relações com a Geografia, né? ” (PODCAST GEONAVIDA - LAURA XAVIER MARIANO, 2021, s.p.) “Foi muito bom conseguir me expressar através desses episódios...esse podcast foi uma forma de como a gente se expressa com nossas vivências de mundo, com nossas percepções do espaço que a gente vive.” (PODCAST GEONAVIDA - STEFANO CAVALHEIRO DOMINGUES, 2021, s.p.). Essa apropriação do projeto também foi acompanhada pela apropriação das próprias discussões e temas que estavam sendo discutidos. Afinal, os objetivos pedagógicos sempre estiveram ligados à reflexão sobre como a Geografia pode nos ajudar a entender a vida cotidiana.

Por ser um projeto coletivo realizado remotamente, a organização foi uma etapa fundamental. Todos tinham acesso ao *Drive* com os materiais do projeto (planilha de organização, roteiros dos episódios, arquivos de gravações, senhas das plataformas utilizadas para publicação, distribuição e divulgação dos episódios). Qualquer integrante do projeto tinha autonomia para alterar os arquivos do projeto, bem como acompanhar o andamento de episódios que não estavam diretamente sob sua responsabilidade, sem que houvesse intermediação de um único responsável. Essa possibilidade estreitou os laços de confiança,

identificação e vínculo com o projeto. Do ponto de vista técnico, os episódios eram elaborados seguindo a sequência: pesquisa; discussão; elaboração do roteiro; contato com pessoas convidadas; gravação feita pelo celular ou computador; edição de áudio no *software Audacity*; organização da ficha técnica do episódio contendo as referências utilizadas e as atribuições de cada participante; publicação e distribuição do episódio através da plataforma *Anchor*, e divulgação pelo *Instagram* (@geonavida\_ifsp).

Além dos próprios participantes, outras pessoas puderam sugerir temas para os episódios através de consulta feita pelo *Google Forms*. O aprofundamento para as pesquisas ligadas aos temas propiciou o contato com novas discussões realizadas no âmbito da Geografia e suas interlocuções com outras áreas do conhecimento, sobretudo em relação aos temas que não são abordados com tanta frequência nas aulas (gênero, saúde, artes, esporte, etc.) "Eu aprendi muitas questões teóricas, muitas questões técnicas da Geografia [...] outros episódios de outras áreas, que se complementam, e aprendi tudo de forma muito espontânea e descontraída, sem obrigatoriedade." (PODCAST GEONAVIDA - STEFANO CAVALHEIRO DOMINGUES, 2021, s.p.).

Nós percebemos que o benefício do uso do *podcast* no âmbito educacional é fundamental para desenvolver competências e habilidades dos estudantes que participam da atividade. A criatividade e autonomia dos estudantes são aprimoradas durante o processo, devido ao desenvolvimento da atividade que promove a escrita, o *audioler* (técnica de ler através da escuta, sendo um ato cognitivo bastante complexo) (YOSHIMOTO; MOMESSO, 2015), debates e diferentes formas de pensar, fazendo com que o estudante tome a posição de criticidade e saiba tomar decisões, tudo isso somado ao fato de estarem trabalhando em grupo, essas são habilidades fundamentais para a construção de um indivíduo crítico que é o que o ensino de Geografia busca promover (FERREIRA; OLIVEIRA CRUZ; DIAS, 2021).

## **DESDOBRAMENTOS DO PROJETO**

Embora os debates proporcionados pelos episódios tenham sido de grande relevância para que os estudantes compreendessem melhor sobre o papel da Geografia na interpretação das questões cotidianas, outros aprendizados ligados ao próprio processo de desenvolvimento do projeto também foram fundamentais para a vida escolar desses indivíduos, a saber: 1) novos aprendizados sobre algumas ferramentas proporcionadas pelas TICs; 2) organização, sistematização e publicação de material de áudio em plataformas de podcast; 3) pesquisa e seleção de informações na internet em *sites* com referências; 4) boas

práticas de escrita, evitando plágios e identificando a fonte de dados, entrevistas e outras informações; 5) valorização da criatividade, senso crítico e compartilhamento de ideias.

Com base nos resultados dos projetos, nossas experiências e vivências expandiram-se para outros formatos (minicursos e apresentações de trabalhos) em diferentes eventos<sup>3</sup>, os quais tiveram o intuito não só de compartilhar a experiência, mas, sobretudo de indicar as possibilidades técnicas de elaboração do *podcast* no contexto das aulas de Geografia.

Mas, além dessas produções, a qualidade e o engajamento do *podcast* foi algo notável, com mais de 600 reproduções, incluindo países como Moçambique, Japão, Alemanha e México. Além disso, a maior parte dos ouvintes foram mulheres (68%) com idades entre 18-22 anos. Dentre os trinta episódios publicados, o mais assistido foi “Quais os impactos da mineração em nossas vidas?” Ressaltamos que contamos com a participação de pessoas que foram fundamentais ao enriquecimento dos episódios que embasaram temáticas multidisciplinares. Participaram pessoas de diversas áreas: Geografia, Biologia, Educação Física, Ciências Sociais, Educação, Artes e Arquitetura<sup>4</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação do projeto mencionado ao longo deste relato foi resultado da necessidade de rápida adaptação ao ensino remoto emergencial em decorrência da pandemia do novo coronavírus. As TIC's foram importantes aliadas durante o processo, que possibilitaram a participação e o desenvolvimento dos estudantes de forma ativa, sobretudo nas tomadas de decisões quanto à escrita, à autonomia, à criatividade e à criticidade. A mediação horizontal entre docente e discentes foi um fator decisivo para obtermos os resultados positivos durante a proposta de elaboração do *podcast* GeoNaVida, os quais foram relatados pelos próprios participantes no último episódio.

---

<sup>3</sup> Trabalho publicado: “O uso de ferramentas tecnológicas aliadas ao ensino da Geografia na construção de indivíduos críticos e pensantes” (FERREIRA; OLIVEIRA CRUZ; DIAS, 2021). Minicursos: “*Podcast*: educação e as tecnologias da informação e comunicação em diálogo” na Semana da Pedagogia: 100 anos de Paulo Freire (IFSP - campus Registro); “*Podcast*: diálogos sobre questões socioambientais no ensino de Geografia” na XII Semana de Estudos de Geografia da UFSCar.

<sup>4</sup> Tomamos liberdade de citar os nomes das pessoas que contribuíram para o projeto, num gesto de agradecimento em suas participações: Adriano Sousa (ETEC/FATEC), Daniela Tenório (UFSCar), Fernanda Tibério (IFSP), Giselly Rodrigues (IFSP), Gislaine Silva (SEE/SP), Gleicielly Souza (UFSCar), Gustavo Dimg (Artista local), João Braz (UFSCar), João Silva (UFSCar), Julia Santos (UFSCar), Kleiton Nogueira (UFCG), Maiara Bernardino (UFSCar), Maisa Fidalgo (IFSP), Marta Souza (IFSP), Martín Torres (Universidad de Chile), Neusa Mariano (UFSCar), Pedro Rocha (UFF), Rafael Sant'Ana (UNISO), Raissa Razera (UFSCar), Ronaldo Pinto (UFSCar) e Thiago Costa (IFSP).

O processo de ensino-aprendizagem deu-se de forma autônoma envolvendo pesquisa, debate e sistematização das ideias que ampliou o debate acerca da Geografia para além dos limites disciplinares. A cooperação dos estudantes, o comprometimento e a dedicação foram frutos da identificação que os integrantes desenvolveram com o projeto. Para além da tarefa de fazer um roteiro ou organizar uma gravação, as discussões envolvidas serviram para que os integrantes do projeto refletissem sobre o próprio papel da Geografia na vida cotidiana.

Em meio às desigualdades atenuadas pelo ensino remoto emergencial e, apesar das inúmeras dificuldades técnicas e emocionais impostas pela pandemia, o espaço de discussão construído coletivamente no âmbito do projeto indicou novas possibilidades para a prática pedagógica e seus respectivos impactos no processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, S. **O podcast no ensino básico. Universidade do Minho.** Portugal: Centro de Investigação em Educação (CIEd), 2009.

DAVIS, M. A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. In: DAVIS, M (et. al). **Coronavírus e a luta de classes.** Terra sem Amos: Brasil, 2020.

FERREIRA, Karina de Araújo Gomes; OLIVEIRA CRUZ, Dayana Aparecida Marques; DIAS, Karolina Cardozo. O uso de ferramentas tecnológicas aliadas ao ensino da Geografia na construção de indivíduos críticos e pensantes: experiências a partir da criação de podcasts. **Anais do Encontro Regional de Ensino de Geografia**, p. 415-424, 2021. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/ereg/article/view/3696>, acesso em 22 abr. 2022.

GEONAVIDA. **O que o GeoNaVida significou?** Entrevistados: Dayana Aparecida Marques de Oliveira Cruz; Karina de Araújo Gomes Ferreira; Karolina Cardozo Dias; Laura Xavier Mariano Pereira; Stefano Cavalheiro Domingues. Spotify, 01 nov. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4jc1AqyDJ06dO6puPvMf2X>. Acesso em: 10 mai. 2022.

MENEZES, S. K. O; FRANCISCO, D. J. Educação em tempos de pandemia: aspectos afetivos e sociais no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Brasileira de Informática na Educação – RBIE**, n. 28, 2020, p. 985-1012. Disponível em: <https://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/view/v28p985/6749>, acesso em 02 abr. 2022.

UNESCO. **Startling digital divides in distance learning emerge.** Disponível em: <https://en.unesco.org/news/startling-digital-divides-distance-learning-emerge>, acesso em 04 abr. 2022.

YOSHIMOTO, E; MOMESSO, M. Do Podcast à web rádio na escola: uma experiência pautada nas tramas do “audioler”. **IV Colóquio internacional: educação, cidadania e**

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 114-121, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

Relato de Experiência

*Experiências e vivências no processo de ensino-aprendizagem em geografia: as possibilidades das tecnologias de informação e comunicação em tempos de pandemia. Dayana Aparecida Marques de Oliveira Cruz et al.*

**exclusão.** 2015. Disponível em:  
<[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO\\_EV047\\_MD1\\_SA6\\_ID1161\\_05052015013834.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO_EV047_MD1_SA6_ID1161_05052015013834.pdf)>. Acesso em: 02 de maio de 2022.

**A CULTURA ESCOLAR SOB A LENTE DA *WEBCAM*:  
INTERAÇÕES SOCIAIS NAS ATIVIDADES DO ENSINO  
REMOTO NO CONTEXTO PANDÊMICO**

**Felipe Iop Capeleto**

Universidade Federal de Santa Catarina, Blumenau, SC

[felipe.iop@ufsc.br](mailto:felipe.iop@ufsc.br)

**Eduardo Augusto Werneck Ribeiro**

Instituto Federal Catarinense, São Francisco do Sul, SC

[eduardo.ribeiro@ifc.edu.br](mailto:eduardo.ribeiro@ifc.edu.br)

**Reginaldo Leandro Plácido**

Instituto Federal Catarinense, Araquari, SC

[reginaldo.placido@ifc.edu.br](mailto:reginaldo.placido@ifc.edu.br)

**Fernando de Oliveira Amorin**

Amorim Ruffato Arquitetura

[filosofia.arqurb@gmail.com](mailto:filosofia.arqurb@gmail.com)

**Isabel Cristina Bohn**

Secretaria Municipal de Educação de Navegantes, Navegantes, SC

[isabelbohnvieira@gmail.com](mailto:isabelbohnvieira@gmail.com)

## **Introdução**

A escola, ao longo dos anos, tem sido objeto de estudo com diferentes enfoques de análise. O mundo escolar, por exemplo, desperta curiosidade em saber quem são os atores, os valores e hábitos sociais organizados dentro desse espaço (ALMEIDA; SILVA, 2018). Nesse espaço organizado, tem-se a cultura escolar, que segundo Plácido; Benkendorf; Todorov (2021, p. 186) “refere-se às práticas e modos de transposição didática de diferentes conteúdos, comportamentos e normas sociais realizados na (e pela) escola”.

Conquanto, com o advento da pandemia Covid-19, identificam-se novas dimensões sobre a cultura escolar e suas relações sociais (SANTANA; SALES, 2020), que carecem de estudo. Nesse contexto, esta nota de pesquisa se refere a uma pesquisa (ainda em desenvolvimento) que acontece em uma instituição de Educação Profissional e Tecnológica

(EPT), com oferta de cursos técnicos integrados ao ensino médio em Santa Catarina, e tem por objetivo, discutir a cultura escolar na EPT. Não obstante o estudo apresenta uma especificidade na modalidade de educação, os resultados podem contribuir no processo de ensino-aprendizagem como proposta de formação autônoma e integral aos discentes, mesmo frente aos desafios impostos pelo contexto pandêmico, o qual impôs a reorganização de estratégias para o desenvolvimento das atividades educacionais.

Nesse sentido, a pesquisa assumiu duas premissas. A primeira assevera que novas percepções sobre a escola serão construídas, a partir da experimentação da virtualização do espaço escolar, advindas da opção de Atividades do Ensino Remoto (AER). Já a segunda premissa, afiança que a escola não perde seus elementos culturais, postulados diante dessas novas ferramentas tecnológicas de ensino e aprendizado, mas que novos elementos são agregados à cultura escolar.

De acordo com Plácido; Benkendorf; Todorov (2021), as instituições escolares possuem um jeito peculiar de lidar com os mais diversos assuntos que permeiam o cotidiano escolar, adaptando-se frente às adversidades. Nesse contexto educacional, novos espaços escolares (virtuais), associados a ampla oferta de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) no processo ensino-aprendizagem, também devem ser considerados (MIRANDA et al., 2020).

Dessa maneira, identificar a percepção da cultura escolar pelo estudante ingressante no Ensino Médio Integrado em tempos de pandemia, possibilitará compreender uma produção espacial peculiar, imposta pelo período. Isso posto, o presente estudo apresenta como aporte teórico, os fundamentos de Santos (2012), tendo a escola como espaço em seus acúmulos de tempo e construção, combinando com Plácido, Benkendorf e Todorov (2021), que entendem a escola como espaço fluido e dinâmico.

Santos (2012) sinaliza que o espaço deve ser entendido a partir de suas interações (objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais), não deixando de observar as práticas sociais anteriormente estabelecidas. Nesse sentido, com as AERs, as interações entre os estudantes durante as aulas e, até mesmo, durante os intervalos escolares, foram afetados (ALVES, 2020). Entende-se, neste momento, uma lacuna a ser investigada. Por conseguinte, buscaremos compreender como o contexto pandêmico impactou nas percepções, levando em consideração a cultura escolar como uma das formas de compreender a dinâmica das relações no ambiente escolar.

Uma estratégia para esse entendimento, consiste em avaliar, pela própria comunicação (mensagem), a qual os estudantes mais se apropriam atualmente, a produção audiovisual. Esta, no que lhe concerne, composta por inúmeros aplicativos que são amplamente utilizados para o lazer e entretenimento dos estudantes, como é o caso das redes sociais. Nessa conjuntura, sinaliza-se a estratégia de conhecimento abordada como uma possível indicadora da cultura escolar.

Intentando à proposta metodológica sugerida em Plácido, Benkendorf e Todorov (2021), com os conceitos de porosidade e permeabilidade, podemos compreender o recurso audiovisual com o conceito de porosidade, enquanto fluidez dos espaços, e seu conteúdo imagético com o conceito de permeabilidade, compondo o diálogo. Os conceitos de Plácido; Benkendorf; Todorov (2021) aproximam-se com a propositura citada anteriormente de Santos (2012). Ressaltamos que são perspectivas diferentes, entretanto, podem coadunar na análise dos produtos audiovisuais como indicadores da percepção da cultura escolar, produzida durante o período da pandemia.

Os dados apresentados nesta nota são resultados parciais do curso de extensão de produção de audiovisual, oferecido para os estudantes da instituição de ensino em análise. O curso foi proposto em dois momentos: um para a turma de 2021, para estudantes que estavam em atividades de ensino remotas e, em um segundo momento, para estudantes que estão em atividades presenciais na instituição escolar. Salientamos que já houve a conclusão da primeira turma de 2021 e o curso para a turma 2022 está em execução. Esta nota de pesquisa tratará sobre o comportamento dos participantes da primeira turma no desenvolvimento do curso.

### **Sobre os conceitos porosidade e permeabilidade: possíveis aproximações teóricas**

Ao abordarmos a questão da cultura escolar por meio da produção audiovisual, aplicaremos os conceitos de porosidade e permeabilidade em Plácido; Benkendorf; Todorov (2021). Entretanto, entendemos que essa abordagem propicia uma possível aproximação teórica com Santos (2012), sobre o espaço. Passemos a pontuar essa possibilidade.

Plácido; Benkendorf; Todorov (2021), ao abordarem a questão da análise da cultura escolar, indicam que o espaço e o tempo devem ser vistos como elementos estruturantes das instituições e das experiências escolares. Para entender esses arranjos, supostamente estabelecidos, os autores buscaram nas duas categorias (porosidade e permeabilidade), uma

possibilidade de traduzir uma construção da história das interações sociais na escala da escola. Essa é uma perspectiva metodológica que busca situar a instituição escolar em um espaço e tempo em diálogo com seu meio envolvente e, em simultâneo, considerando seus sujeitos. O conceito de porosidade leva em consideração a fluidez dos espaços da instituição escolar, enquanto a permeabilidade considera o diálogo e trânsito de ideias que perpassam a escola. Nesse sentido, vislumbramos que esses conceitos podem ampliar o arcabouço teórico para o entendimento sobre os lugares e seus significados, a partir do aprendizado que ficaram marcados (impactados) em nossas vidas, neste caso, a escola (PLÁCIDO; BENKENDORF; TODOROV, 2021; SANTOS, 2012).

Ao identificarmos esta aproximação teórica nos elementos que produzem o espaço escolar, oportunizamos refletir sobre diálogos e trânsitos de ideias que perpassam a escola. Entendemos que a abordagem de Plácido; Benkendorf; Todorov (2021) é complementar a de Santos (2012), pois ambas buscam analisar fenômenos espaciais. Santos (2012) traz uma perspectiva ampla e complexa, inerente aos sistemas de ações, técnica e do tempo, dando um embasamento geral que ajusta o contexto teórico de nossa análise. Plácido; Benkendorf; Todorov (2021), por sua vez, propõem identificar a cultura escolar como uma das dimensões da ação do cotidiano (síntese), porém, para uma escala definida, nesse caso, a escola.

Sinaliza-se, assim, um ponto interessante que devemos explorar doravante. Essa abordagem ainda não está difundida dentro da discussão sobre a cultura escolar, assim, entendemos ser oportuno apresentar, nesta nota de pesquisa, essa primeira aproximação, ressaltando que ainda será melhor explorada.

Ressalta-se outro aspecto teórico desta nota. Consideramos que a percepção e a sensibilidade para o contexto cotidiano são fundamentos que perfazem a formação social do indivíduo, sendo estes construídos na coletividade escolar por meio das interações e práticas, evidenciando outra potencial aproximação com Plácido; Benkendorf; Todorov (2021). Nesse sentido, quando indicamos a intenção de avaliar os produtos audiovisuais, entendemos estes como indicadores de elementos estruturantes que expõem o espaço (escolar) em produção. Dessa forma, as interações acontecidas com as AERs serão dimensionadas a partir dos efeitos que a pandemia trouxe aos estudantes com suas experiências pregressas, acordos e interações sociais já estabelecidas em mais um espaço escolar, o virtual. Entendemos que por estímulos voluntários (participação do curso audiovisual) será possível identificar como se materializaram as práticas sociais anteriores (cultura escolar) e como foram transpostas ao novo ambiente escolar.

### **Sobre o curso de audiovisual: primeira turma**

Algumas ponderações para a análise dos participantes da primeira turma: a) os estudantes que participaram do curso tinham acesso à internet; b) os estudantes participantes dominavam, anteriormente ao curso, o uso de variados aplicativos e redes sociais tais como: WhatsApp, Instagram, TikTok, Google Meet, Facebook etc.; e c) com o advento das AERs, não houve uma discussão ou formação com os discentes sobre o uso da TIC, ou mesmo adaptação de outras já em uso no ambiente escolar. Com esses indicadores, a oferta de um curso de extensão teve como motivação, a proposta de um nivelamento tecnológico e orientação artística para o desenvolvimento dos produtos a serem desenvolvidos. Todos foram estimulados a abordarem suas impressões sobre a escola no momento pandêmico em que estavam situados.

A formatação do curso considerou que o produto final deveria conseguir expor ideias que podem ser compartilhadas e mostradas a diferentes públicos. Nessa perspectiva, consideramos a discussão de Adorno (2021), para as questões de generalização culturais e potenciais impactos na roteirização dos produtos. A aplicação do curso com a primeira turma aconteceu por meio do serviço de conferência web da rede brasileira para educação e pesquisa (RNP – Webconf), nos dias 15 e 22 de setembro e 6, 10 e 13 de outubro de 2021, com duração aproximada de duas horas para cada encontro. Os conteúdos abordados foram distribuídos nos seguintes módulos: 1 – Breve história do cinema; 2 – Ideia, argumento e roteiro; 3 – Linguagem audiovisual; 4 – Introdução básica a fotografia; 5 – Introdução básica ao som; 6 – Pré-produção, produção e captação; e 7 – Decupagem, edição e finalização.

O curso de extensão foi ofertado no campus do Instituto Federal de São Francisco do Sul – Santa Catarina e contou com a participação de 5 estudantes, mas com a conclusão de 4 e apenas 2 produziram o vídeo final.

### **Considerações parciais**

A expectativa com o desenvolvimento da pesquisa é de que a abordagem teórica ainda será amadurecida. Apesar de poucos concluintes ao longo do curso, para efeito desta nota, não abordaremos os produtos finais, tratando-se apenas, do comportamento dos participantes da primeira turma. Assim, discutiremos os resultados parciais.

Existiu uma certa expectativa em relação ao comportamento dos estudantes participantes. Por ser um curso não obrigatório, o perfil esperado era que fosse igual ao divulgado por eles mesmos nas redes sociais, associado à disposição, desenvoltura e participação. No entanto, nas AERs, essa expectativa não se efetivou. Tendo em vista que esse aspecto não era objeto da pesquisa, todavia, entendemos que o comportamento, a partir do perfil dos estudantes no processo ensino-aprendizado, deveria, também, ser incluído na discussão teórica.

Nesse sentido, identificamos um aspecto inusitado no decorrer do projeto, a constatação da webcam desligada. Em uma primeira avaliação, esse comportamento mostrou-se desconexo com o problema da pesquisa, no entanto, refletindo sobre os conceitos de porosidade e permeabilidade, podemos refazer uma outra interpretação.

Mesmo sendo um curso de extensão e com participação voluntária, a proposta em si materializou aspectos formais de um espaço escolar. Nesse sentido, mesmo em AER, o espaço virtual, em certa medida, trouxe aos estudantes a materialização da escola, concedendo ao curso um valor próximo (ou igual) ao que acontece na compreensão das relações sociais na escola presencial. Dessa forma, ao responder o professor do curso, com a opção de desligar a webcam, pode ser entendido como acontece com o aluno que não quer olhar para o professor, mas não significa necessariamente que ele não está querendo prestar atenção. O que não deixa de ser um traço da cultura escolar nos dias atuais, pois há estudantes que participam da cultura escolar de forma anônima, o que não significa isenta ou nula.

Esses indicadores permitem avaliar as premissas da pesquisa. Para a primeira premissa, a experiência do ambiente virtual se faz verdadeira, pois mesmo que conectado ou familiarizado com as tecnologias, os estudantes se mostraram adaptados ao ambiente. Ainda que seja um comportamento diferente nas relações pessoais e fora da escola com muita disposição e descontração, o espaço virtual se tornou estático ou, até mesmo, sem imagem (webcam fechada), mas não deixou de ser mais um espaço escolar.

Sob esse aspecto, pode-se ponderar que o estudante com a webcam desligada, pode sinalizar informações importantes sobre os impactos com as AERs. A desigualdade econômica, a precariedade do equipamento utilizado para acesso às aulas, dificuldade em contratar um pacote de dados que dê condições para que o estudante possa participar por vídeo nas aulas, são exemplos de situações vivenciadas, que trouxeram impactos nos processos de ensino e aprendizado (MACEDO, 2021). Nesse contexto, a realidade econômica pode valorar a questão da permeabilidade, como uma condicionante agravante,

gerando a opressão do diálogo e interação entre os envolvidos. Também, existe a dimensão psicológica que não pode ser descartada. Mas pode ser também porque, na percepção do estudante, da mesma forma que no espaço presencial da escola, o anonimato seja uma forma de participação no ambiente escolar.

Ao ligar a webcam, a interação pode causar um certo desconforto ao exibir o local onde o aluno assiste suas aulas (se está no quarto ou em outro ambiente, não importando onde). Esse desconforto é relatado por Araújo e Lua (2021), ao analisarem a questão da mescla entre o privado e o público, quando a casa é incorporada ao mundo do trabalho pela webcam. De forma análoga, a exposição on-line pode deixar o estudante constrangido com a exibição de sua intimidade, ou seja, seu ambiente de descanso é inserido em um ambiente escolar.

Essa ponderação, em certa medida, ajudou a discutir a segunda premissa. O ato de desligar a webcam e potenciais contextos, ajudam a ampliar a interpretação sobre as estratégias que os estudantes adotaram no desenvolvimento da cultura escolar. Outras possibilidades analíticas para entendermos essas percepções são, por exemplo: em relação ao fato de desligar a câmera – este comportamento não pode ser entendido como apenas um ato de indisciplina, mas como uma estratégia oscilante entre a resistência da educação bancária e a acomodação, entre a negação e a afirmação do cotidiano escolar (FONTES; SANT’ANA, 2011). Em sentido contrário, alegar que a câmera ligada é sinal de concentração, mas que mesmo ligada pode estar com baixa concentração em decorrência do sono (BERNARDO et al., 2009). Outro aspecto em relação a câmera ligada pode estar associado a aula em si, o formato e os elementos audiovisuais que constituem as AERs, que não podem estar desenhadas adequadamente para aquele ambiente, favorecendo que a atenção visual do estudante seja dispensada ao professor (FARSANI; RODRIGUES, 2021).

Nessa conjectura, considerando que a primeira premissa da pesquisa assevera novas percepções sobre a escola, a partir da experimentação da virtualização do espaço escolar (AER), podemos inferir que as mesmas foram evidenciadas no número reduzido de estudantes que chegaram ao final do curso. Nesse sentido, o espaço virtual é entendido como mais um espaço escolar, promotor de interações sociais e culturais, em que a aprendizagem se perfaz com o outro e com o meio. Contudo, em relação à segunda premissa, compreendemos que a escola amplifica, nesta nova realidade, desafios diante das novas ferramentas tecnológicas de ensino e aprendizado, principalmente, em decorrência das desigualdades econômicas, sendo esse um fator limitante ao intento.

Isso posto, abarcar o contexto escolar, enquanto espaço vivido, fluido (porosidade) e de diálogo (permeabilidade) é conceber a formação educacional em sua integralidade, formando cidadãos críticos, reflexivos e autônomos. Todavia, cabe elucubrar a respeito das desigualdades econômicas expressas em um mesmo território. Transpor a retórica de leis, frente às desigualdades sociais, buscando o acesso equitativo ao ensino é prospectar a construção de uma sociedade justa e igualitária, independentemente do contexto (pandemia) experienciado.

## Referências

- ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade** 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Educação**, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365>. Acesso em: 7 maio 2022.
- ARAÚJO, T. M.; LUA, I. O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional** [online], v. 46, e27, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000030720>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000030720>. Acesso em: 6 maio 2022.
- BERNARDO, M. P. S. L. et al. Duração do sono em adolescentes de diferentes níveis socioeconômicos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** [online], v. 58, n. 4, p. 231-237, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852009000400003>. Acesso em: 6 maio 2022.
- ALMEIDA, F. J. de; SILVA, M. G. M da. Currículo e conhecimento escolar como mediadores epistemológicos do projeto de nação e de cidadania. **Revista e-Curriculum**, v. 16, n. 3, p. 594-620, 2018. DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2018v16i3p594-620>. Acesso em: 7 maio 2022.
- FARSANI, D.; RODRIGUES, J. Proxêmica e comunicação não verbal na interação em sala de aula. **Psicologia Escolar e Educacional** [online], v. 25, e229866, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392021229866>. Acesso em: 6 maio 2022.
- FONTES, M. G.; SANT`ANA, R. B. A experiência geracional na fala de adolescentes de escolas públicas: disciplina e resistência ao poder escolar. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 6, n. 3, p. 751-778, 2011. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/2193/1832>. Acesso em: 7 maio 2022.
- MACEDO, R. M. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p. 262-280, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210203>. Acesso em: 6 maio 2022.

MIRANDA, R. V. et al. Ensino híbrido: novas habilidades docentes mediadas pelos recursos tecnológicos. **EaD em Foco**, v. 10, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i1.913>. Acesso em: 7 maio 2022.

PLÁCIDO, R.; BENKENDORF, S.; TODOROV, D. Porosidade e permeabilidade: Uma abordagem mesoanalítica em história das instituições escolares a partir da Cultura Escolar. **Metodologias e Aprendizado**, [S. l.], v. 4, p. 183-196, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21166/metapre.v4i.2221>. Disponível em: <https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/2221>. Acesso em: 6 maio 2022.

SANTANA, C. L.; SALES, K. M. B. Aula em cada: educação, tecnologias digitais e pandemia COVID-19. **Educação**, v. 10, n. 1, p. 75-92, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p75-92>. Acesso em: 7 maio 2022.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2012.

## VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS: RELATOS DA RELAÇÃO UNIVERSIDADE-ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA

**Carla Pizzuti Savian**

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

E-mail: [carlapizzutisavian@hotmail.com](mailto:carlapizzutisavian@hotmail.com)

**Franciele Delevati Ben**

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

E-mail: [francielaidelevattiben@gmail.com](mailto:francielaidelevattiben@gmail.com)

**Natália Lampert Batista**

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

E-mail: [natalia.batista@ufsm.br](mailto:natalia.batista@ufsm.br)

### Introdução

A pandemia de COVID-19 (termo em inglês que significa *Corona Virus Disease 2019*) trouxe a necessidade de algumas adaptações do contexto escolar e acadêmico, isso em prol do bem-estar comum. Diante da existência de um momento em que apenas o isolamento, que preferimos chamar de físico à social, pôde colaborar para a diminuição da circulação de um vírus capaz de levar as pessoas à óbito - até a existência comprovada de uma vacina ou (futuramente de) tratamento -, criou-se uma conjuntura de excepcionalidade onde há o afastamento do educador e do educando do meio escolar presencial, da estrutura física de uma escola.

Frente a este mesmo cenário, têm-se também o desafio de mantermos uma formação de professores(as) em andamento, pensando e “vivenciando” os espaços escolares. Parece um raciocínio lógico o de que para se formar um(a) professor(a) é necessário o seu contato com o futuro ambiente de trabalho, isto é, a escola, mas as condições sanitárias do país (re)moldaram essa dinâmica e transformaram essas vivências pedagógico-escolares, trazendo novas e impensadas trajetórias de formação e constituição de *professoralidade*<sup>1</sup> (SANTANA; PEREIRA, 2019). Diante da excepcionalidade imposta pela pandemia, foi extremamente necessário se pensar a educação, o ambiente escolar, o acesso à educação e, inclusive, em como continuar com a formação de professores(as).

---

<sup>1</sup> Segundo Pereira (2016), a professoralidade consiste no processo contínuo de formação docente ao longo de toda vida, passando pela formação inicial, continuada e autoformação. Ou seja, corresponde a profissionalização do docente.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 131-137, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

Assim, em 2020, instituiu-se na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como em outras Instituições, o Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE) como uma possibilidade de manter as atividades educacionais para os distintos cursos. É possível perceber que essa saída foi pensada como possibilidade responder à questão “como manter a oferta de ensino diante do contexto pandêmico?”. Ademais, foi realizada a utilização da internet e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como estratégias mediadoras para o desenvolvimento das aulas. A partir disso, as escolas e universidades passam a implantar o ensino remoto.

Nesse sentido, o presente trabalho versa sobre o ensino remoto (REDE) desenvolvido pela UFSM, mais especificamente o curso de Licenciatura em Geografia. O propósito deste trabalho é relatar como se desenvolveu a disciplina de Vivências Pedagógicas I (GCC 1085), com carga horária de 60 horas, no Curso de Geografia Licenciatura da UFSM durante o período de outubro de 2021 a fevereiro de 2022, no cenário da pandemia, onde a disciplina mencionada foi realizada no formato REDE e prescindindo de vivências escolares, sendo que a disciplina esteve pela primeira vez em um momento diferente do que vinha transcorrendo nos anos anteriores na presencialidade do curso.

### **Breves considerações teóricas**

Conforme Montenegro, Matos e Lima (2021, p. 2), o isolamento social frente à pandemia de COVID-19 trouxe reflexões e desafios aos professores sobre suas metodologias de ensino, verificando-se a necessidade de se reinventar as novas formas de ensinar, por meio dos recursos tecnológicos. Para além disso, as desigualdades sociais e a reinvenção de si como forma de atuação e (auto)formação docente, mais do que nunca, entraram em pauta e tornaram necessárias novas reflexões e ações sobre a formação profissional dos estudantes e docentes das licenciaturas (FELTRIN; BATISTA, 2020).

Foi através das novas metodologias, recursos e desafios que a disciplina de Vivências Pedagógicas I foi desenvolvida. Porém não devemos esquecer que as desigualdades ainda existem e, em muitos casos, foram acentuadas, ou seja, alguns professores em formação não tiveram acesso à internet para participar e vivenciar a disciplina, por isso destacamos também a importância do ensino presencial para abranger mais contextos dentro da Universidade e corrigir esse tipo de problema.

Prosseguindo, e comentando sobre a aproximação professor(a) em formação e professor(a) que já trabalha com a prática docente, Saggiorato e Leme (2020), ao discutirem sobre a formação dos docentes de Geografia, trazem que os saberes da profissão são plurais, advindos de diferentes fontes, tais como fontes acadêmicas e sociais. Essas fontes sociais podem ser do contexto social e econômico (saberes pessoais); da educação básica (saberes da formação escolar); saberes oriundos de estágios e formação inicial; saberes advindos da leitura de currículos, de programas e políticas educacionais (das diretrizes educacionais) e saberes de suas próprias experiências, como do contato com escolas e profissionais da educação. Todavia, mesmo com essa diversidade de saberes para a formação docente, a vivência dos espaços escolares (presencial ou remotamente) são imprescindíveis para a professoralidade.

Além disso, de acordo com os autores, a atuação do(a) professor(a) é construída também com base na interação com outras pessoas e com instituições da sociedade. Diante disso, percebe-se a importância da existência de uma aproximação do professor(a) em formação, com profissionais educadores que já vivenciam a prática docente. Dessa forma temos a escola como um espaço co-formador de professores(as) e de fundamental importância para os(as) profissionais que estão dedicando-se aos cursos de licenciatura.

### **Notas sobre a proposta da disciplina**

Conforme já mencionado, a disciplina foi ofertada através do ensino remoto, devido a Pandemia. Sendo assim, foram utilizadas aulas *online* síncronas através da plataforma *Google Meet*, além de atividades assíncronas, tais como leituras de textos e realização de atividades como produção de quadro síntese e construção de relatórios, disponibilizadas na Plataforma *Moodle*.

O objetivo da disciplina de acordo com o plano de ensino<sup>2</sup> de graduação disponível no *site* da Geografia da UFSM foi o de reconhecer e conhecer as várias formas de organização do ensino e múltiplos ambientes escolares, proporcionando ao(a) educando(a) o contato com diversas modalidades, níveis e sistemas de ensino, assim como seus diferentes contextos socioespaciais. Para que o objetivo da disciplina fosse alcançado no cenário do REDE, as

---

<sup>2</sup>Plano de Ensino da disciplina de Vivências Pedagógicas I:

<https://portal.ufsm.br/documentos/download.html?action=componente&download=false&id=848803>.

Acesso em agosto de 2022.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 131-137, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

aulas se basearam em conversas e encontros com professores(as) de variados âmbitos escolares para entender diferentes realidades escolares (foco deste trabalho), bem como na aplicação de questionários e entrevistas com docentes que trabalham no espaço escolar para produção de relatórios e (auto)narrativas professorais (destacada em outra oportunidade). Esses encontros foram realizados na *Plataforma do Google Meet* sincronamente e depois disponibilizados na *Plataforma do Moodle* para que os(as) educandos(as) tivessem acesso, caso não conseguissem participar no horário da disciplina por alguma demanda ou imprevisto.

### **Relatando a aproximação professor(a) em formação e docentes de escolas em REDE**

Como a proposta do presente artigo é relatar uma experiência de como se deu uma disciplina do curso de graduação em Geografia Licenciatura, optamos por apresentar a estrutura da primeira unidade proposta no plano de ensino da disciplina aqui relatada (Quadro 1). A unidade denominada “O ensino de Geografia em diferentes contextos escolares” a qual propunha a aproximação do licenciando(a) com a escola. Mas, como a disciplina precisou ser ofertada no modelo REDE, foi necessário realizar algumas adaptações metodológicas, afinal, como levar os(as) licenciandos(as) para as escolas já que naquele momento não era possível fazer isso de modo presencial? Para isso, fez-se movimento contrário: levou-se os(as) docentes e as escolas para a sala de aula do REDE.

Vale comentar que cada um dos encontros elencados no Quadro 1, contaram com a participação de profissionais da educação com experiência em cada uma das realidades propostas como temática, desde profissionais formados a pouco tempo, até profissionais com décadas de experiências. Além disso, os(as) convidados(as) atuavam ou atuaram em diferentes regiões do Brasil. Destaca-se que a temática relacionada com a educação especial foi uma demanda que surgiu dos(as) educandos(as), de debater sobre questões relacionadas a esse assunto, pois não é prevista na ementa da disciplina para a Vivências Pedagógicas I. Nesse sentido, o desenvolvimento da disciplina contou com bastante interação e participação dos(as) discentes da Geografia.

**Quadro 01.** Quadro resumo das atividades desenvolvidas na Unidade 1 da disciplina de Vivências Pedagógicas I, no ano de 2021.

<b>Data</b>	<b>Temática</b>	<b>Texto Referência para leitura dos(as) graduandos(as)</b>	<b>Assuntos discutidos</b>
28/10	A realidade do ensino de Geografia no contexto do ensino técnico.	DURÃES, M. N. Educação técnica e educação tecnológica múltiplos significados no contexto da educação profissional. <b>Educação &amp; Realidade</b> , v. 34, n. 3, p. 159-175, 2009.	O contexto das escolas de ensino técnico e profissionalizantes; A capacitação para o trabalho; A formação de educandos(as) críticos; O investimento em educação; e a necessidade de práticas de ensino para além da tradicional.
04/11	A realidade do ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos.	BECKER, E. L. S; KELLER, L. K. A Trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. <b>EJA em Debate</b> , v. 9, p. 35-53, 2020.	Contribuição de Paulo Freire na alfabetização de jovens e adultos; diferença de contextos do Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).
11/11	O ensino de Geografia nas escolas do campo e classes multisseriadas; e a Educação Especial na contemporaneidade.	DRUZIAN, F.; MEURER, A. C. Escola do campo multisseriada: experiência docente. <b>Geografia Ensino &amp; Pesquisa</b> , v. 17, n. 2, p. 129-146, 2013.	Sobre a educação especial, comentou-se acerca da falta da presença de profissionais capacitados(as) na área de educação especial em escolas. Sobre as escolas do campo, falou-se das classes multisseriadas e da importância de se ensinar para graduandos(as) do campo a partir do estudo do lugar.
18/11	Possibilidades e limites para o ensino de Geografia à distância.	LOSEKANN, MARILSE BEATRIZ. Uso de TIC no ensino superior de geografia à distância. <b>GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais</b> , v. 9, n. 18, p. 1-11.	Comentou-se sobre as diversas problemáticas que vieram à tona durante a pandemia e a necessidade de ensino remoto, tais como o acesso à internet pelos educandos(as), a falta de capacitação de professores para o uso de tecnologias; as desigualdades sociais e de classe.
02/12	A realidade do ensino de Geografia nos sistemas público e privado.	GIROTTO, E. D.; MORMUL, N. M. O perfil do professor de Geografia no Brasil: Entre o profissionalismo e a precarização. <b>Caminhos de Geografia</b> , v. 20, n. 71, p.420-438, 2019.	Foram discutidas as diferenças salariais e de estrutura de escolas privadas e públicas, assim como diferenças em questões de autonomia didática na elaboração de suas aulas.

Fonte: as autoras, 2022.

Ao encerramento do semestre e das aulas da disciplina, que chamamos abreviadamente de Vivências, alguns educandos(as) deixaram comentários que podem auxiliar em uma breve síntese avaliativa da disciplina. Dentre os comentários, que serão colocados a seguir, há considerações sobre a disponibilidade da professora e do docente orientado, sobre a importância de os discentes terem tido encontros com professores de diferentes contextos (e de diversos cantos do Brasil); a importância do contato com diversas modalidades de ensino e agradecimentos pelas trocas e experiências que aconteceram durante o desenvolvimento da disciplina:

1. *“Gostaria de aproveitar este espaço para agradecer a professora (omitido) e ao docente orientado (omitido) pela disponibilidade que sempre demonstraram em auxiliar nós graduandos no decorrer da disciplina de Vivências Pedagógicas I, bem como por todas as atividades desenvolvidas na mesma que, mesmo diante do cenário pandêmico e da modalidade REDE, nos proporcionaram a experimentar vivências[...] Todas as rodas de conversas com professores convidados, leituras, debates em aula com os colegas, relatórios, quadros e avaliações foram cruciais para minha formação e, com certeza, vieram a agregar muito na constituição de minha professoralidade.”*
2. *“Destaco também a importância de termos tido encontros com professores de diferentes contextos (e de diversos cantos do Brasil) nos garantindo um conhecimento pleno da realidade do ensino de Geografia nos mais variados cenários Brasil afora. Foi de uma sabedoria imensa proposição desta atividade que, somada a atividade do relatório em que tivemos a oportunidade de escolher o/ a docente entrevistado/ a, se revelaram ser enriquecedoras em minha formação, onde a partir das vidas contadas pelo outro, pude fazer o exercício de resgatar as minhas vivências e de contar os relatos do outro, e dessa forma constituindo a professoralidade e massificando minha tarimba.”*
3. *“A disciplina foi extremamente enriquecedora. A professora abordou diversas modalidades de ensino, isso fez com que tivéssemos um amplo conhecimento e podemos fazer as demais disciplinas com este conhecimento prévio.”*
4. *“Só tenho que agradecer pelas trocas, experiências e aprendizados que foram construídos no decorrer das aulas.”*

Observa-se que, dentro do contexto de excepcionalidade em que a disciplina transcorreu, ainda houve um bom aproveitamento frente a interação com as escolas. Buscou-se realizar discussões amplas e com significativa participação dos(as) discentes e dos(as) convidados(as) como forma de buscar promover, mesmo que remotamente, uma experiencição da escola, uma reinvenção da formação e a promoção de reflexões sobre o que é ser professor(a).

## Conclusão

Pensamos que o objetivo da disciplina, de aproximar os(as) licenciandos(as) de distintas realidades e contextos escolares, foi alcançado a partir da metodologia utilizada pela docente, mesmo diante da necessidade de adaptação para o ensino remoto. Mas, fica evidente que o contato de um(a) professor(a) com a estrutura de diferentes escolas e seus diferentes educandos(as) é extremamente importante para a constituição como professor(a).

Embora a impossibilidade de que os discentes da disciplina de Vivências Pedagógicas I fossem até diferentes escolas reconhecerem seus contextos, a proposta de levar professores(as) que trabalham em diferentes escolas, de diferentes espaços, para relatarem suas experiências para os(as) professores(as) em formação, ou seja, discentes da disciplina citada, surgiu como uma alternativa de se fazer possível a realização de uma aproximação desses discentes com as múltiplas realidades que acontecem na prática docente.

## Referências

FELTRIN, T.; BATISTA, N. L. Autoformação docente em tempos de pandemia: da (im)possibilidade da reinvenção sem cuidado de si. **Revista Científica Educ@ção**, v. 4, p. 1017-1029, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46616/rce.v4i8.128>. Acesso em: 18 maio. 2022.

MONTENEGRO, R. M. B.; MATOS, E. O. da F.; LIMA, M. S. L. Desafios e possibilidades do trabalho docente em tempos de pandemia. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 1–10, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6476>. Acesso em: 18 maio. 2022.

PEREIRA, M. V. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação de professores. Santa Maria: Ed da UFSM, 2016.

SANTANA, A. F. T.; PEREIRA, M. V. Da constituição da professoralidade ou como alguém se torna professor. **Revista de Educação, Língua e Literatura da UEG-Inhumas**, v. V. 11, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/9475#:~:text=A%20pr%C3%A1tica%20docente%2C%20via%20de,%2C%20aprendizagem%2C%20negocia%C3%A7%C3%A3o%20e%20proposi%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 18 mai. 2022.

SAGGIORATO, B.; LEME, R. C. Os Saberes do Professor de Geografia. **Geografia, Ensino e Pesquisa**, Santa Maria, v.24, n. 35, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/download/42578/html?inline=1>. Acesso em 18 mai. 2022.

## EXPERIÊNCIAS DENTRO DA COMUNIDADE ESCOLAR RURAL E SUAS ADVERSIDADES DIANTE DA COVID-19

**William Miyakava**

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP  
E-mail: [william.miyakava@unesp.br](mailto:william.miyakava@unesp.br)

### Introdução

Este relato refere-se à minha experiência docente durante o Programa de Residência Pedagógica, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Cabe afirmar aqui que o programa como um todo fora realizado dentro de um contexto pandêmico, onde se fez necessário o distanciamento social e a adoção de uma nova metodologia de ensino, virtual. A partir desta realidade, aprendi a me adaptar e (re)inventar a este novo processo de ensino-aprendizagem, com o intuito de potencializar a formação continuada de professores, impulsionado pela CAPES em uma escala nacional.

A atuação do projeto se deu na Escola Estadual Assentamento Santa Clara, localizada no Assentamento Che Guevara, no município de Mirante do Paranapanema. O vínculo com tal escola se deu a fim de expandirmos o conhecimento para além dos muros da universidade e da malha urbana do município de Presidente Prudente.

A seguir, compartilho os saberes, materiais e métodos utilizados, para assim analisar os resultados alcançados pelos bolsistas da Residência Pedagógica do curso de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, campus Presidente Prudente (FCT/UNESP) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” a partir de minha experiência pessoal, enquanto geógrafo licenciado pela mesma instituição, durante este período de aprendizagem e valiosas trocas.

### Desenvolvimento

Ingressei em junho de 2020 através do edital 01/2020 do Programa de Residência Pedagógica (CAPES). Minha atuação se deu nos meses de outubro de 2020 a março de 2021 como bolsista do instituição (CAPES), onde, segundo o órgão, os objetivos do programa se encaixam em:

Fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura; contribuir para a construção da identidade

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 138-144, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

profissional docente dos licenciandos; estabelecer corresponsabilidade entre IES, redes de ensino e escolas na formação inicial de professores; valorizar a experiência dos professores da educação básica na preparação dos licenciandos para a sua futura atuação profissional; induzir a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica com base nas experiências vivenciadas em sala de aula. (BRASIL, 2022)

Pela primeira vez tive a oportunidade de ingressar em um projeto de licenciatura da minha Instituição de Ensino Superior (IES), assim se tornando uma oportunidade marcante para a formação de professor de geografia. No começo do programa houve certas turbulências e instabilidades, visto a incerteza do futuro e do que nos esperava durante nossa jornada.

Como dito anteriormente, se fez necessário rever e adotar novas metodologias de ensino-aprendizagem para nos adequarmos ao ensino remoto. Assim, começamos nosso planejamento e seu desenvolvimento através de reuniões virtuais com os demais residentes, professores preceptores, orientadora do projeto e corpo administrativo escolar, e inclusive com outros núcleos do programa (Geografia UNESP Rio Claro e Geografia UNESP Ourinhos).

Fui designado para atuar na Escola Estadual Assentamento Santa Clara, no 3º ano A do ensino médio, junto à uma colega bolsista e o professor preceptor da escola. Por conta da pandemia de COVID-19, os alunos da escola foram orientados a assistirem as aulas do Centro de Mídias da Educação de São Paulo (CMSP) e realizarem atividades na mesma plataforma.

Os professores e professoras da escola assistida também realizavam aulas e encontros virtuais para além do CMSP, através da plataforma virtual Google *Meet* e Google sala de aula. Conforme a situação da pandemia de COVID-19 foi melhorando durante os anos de 2020 e 2021, foi exigido o retorno presencial dos professores e posteriormente dos alunos pelo Estado de São Paulo.

A falta de organização, burocracias e imposições hierárquicas se tornaram mais presentes dentro do ambiente escolar durante a pandemia, onde pudemos perceber o notável afastamento e descontentamento dos professores e alunos ao se inserirem nessa situação.

Dificuldades foram encontradas, seja por parte dos alunos, quantos dos professores e corpo administrativo. Infelizmente muitos alunos acabaram por abandonar ou trancar suas matrículas, pois durante a pandemia não tinham acesso à internet ou equipamentos que possibilitassem o estudo de forma remota. Este dado fora obtido a partir de levantamentos internos de busca ativa realizados em conjunto ao corpo administrativo escolar. -

Havia também aqueles que não se sentiam estimulados a seguir este modelo de ensino virtual, criando uma enorme defasagem no ensino como um todo, porém como educadores não podíamos desistir do processo de ensino, como ressalta Freire (2003, p. 52), “seria uma agressiva contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca. Este processo é a educação”.

Se fez necessário portanto, o reconhecimento e a busca pela autonomia dos alunos e alunas dentro e fora das salas de aula, e lutou-se muito, através de inúmeras reuniões, discussões com a direção escolar, e conversas com o professor-preceptor, para que o processo de ensino-aprendizagem fosse de acordo, ou o mais próximo possível da realidade vivida dos alunos.

Nesse sentido, Tomita (2006, p. 31) expõe que “nos dias de hoje, os alunos não se contentam em entrar em sala de aula apenas para receber informações, passivamente. Eles esperam que ocorra um ensino condizente à realidade de suas vidas”.

Para me inteirar mais no processo de ensino-aprendizagem e educação, realizamos uma atividade da Residência Pedagógica em Geografia de Presidente Prudente a partir da leitura, desconstrução e elaboração de um seminário sobre a obra da autora Lana de Souza Cavalcanti – *Pensar pela Geografia: ensino e relevância social* (2019).

A familiarização com o CMSP também se fez necessária, afinal, era o canal principal onde os alunos e alunas assistiam as aulas e discutiam sobre suas dúvidas e atividades. Assim, estudei e elaborei uma análise sobre a teoria e metodologia utilizada em 5 aulas de Geografia do CMSP, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Reformulei as mesmas em vídeos-aula de 30 minutos a serem compartilhados com os demais residentes e alunos da E.E Assentamento Santa Clara, utilizando outras metodologias e materiais de ensino, mesmo que de modo virtual e remoto.

Em relação a inovação de metodologias no ensino, sugeri ao professor preceptor que trabalhássemos com jogos eletrônicos, a fim de contribuir com uma metodologia adaptada à acessibilidade tecnológica e o ensino através de jogos para abordagem de conteúdos programáticos de Geografia, seguindo as normas da BNCC e Currículo Paulista.

De antemão iríamos utilizar o jogo eletrônico “*SimCity BuildIt*” – um jogo eletrônico para celular, onde não se faz necessário o uso de internet para acessá-lo após seu download, não requer muita capacidade de *hardware* para sua operação e é grátis nas lojas de aplicativos móveis para celular (*App Store* e *Google Play*).

Com o jogo em mãos, exploraríamos temas da geografia urbana tais como a expansão urbana, estudos urbanos, metrópoles e cidades, intercalando com as habilidades de meio ambiente, referente a construções sustentáveis e um urbanismo mais verde. O uso do jogo eletrônico não iria substituir o papel do professor em sala de aula, muito menos as aulas teóricas, pois o mesmo seria o mediador destas atividades. O resultado esperado era obter melhores índices de avaliação naquelas habilidades que os alunos mais apresentaram dificuldades ao longo dos bimestres.

Esta metodologia foi fruto de um trabalho desenvolvido durante minha graduação em licenciatura junto a outros colegas, culminando em uma *live*, transmitida através da plataforma Youtube<sup>1</sup>, onde participaram bolsistas da Residência Pedagógica e espectadores.

Infelizmente não foi exequível tal metodologia pois só seria possível quando os alunos estivessem frequentando a escola de modo presencial, uma realidade que naquele momento, ainda estava longe de ocorrer. Portanto, minha atuação dentro da escola se deu desde a participação das reuniões administrativas e das aulas de trabalho pedagógico coletivo (ATPC), até o acompanhamento semanal do 3º ano A da E.E Assentamento Santa Clara.

No ano de 2022, o funcionamento da escola voltou a ser presencial, porém todo acompanhamento por parte dos residentes do programa de Residência Pedagógica continuou sendo remoto, assim, a supervisão das aulas síncronas se deu também através da plataforma *Google Meet*, tal qual as reuniões semanais e quinzenais com o corpo docente e administrativo escolar.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://youtu.be/6xf8edAT95E>. Acesso em: 23 ago. 2022.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 138-144, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

Com a retomada presencial na escola foi necessária a organização para que o processo fosse realizado de forma gradual e segura em todos os segmentos escolares, portanto a coordenação e corpo administrativo escolar solicitou novamente aos residentes a atuarem nesta parte burocrática de mapeamento e busca ativa dos alunos e alunas, de modo a evitar ao máximo a evasão escolar.

A outra face desta retomada foram as recuperações continuadas de outros bimestres, referentes até mesmo aos anos anteriores, devido à enorme defasagem no ensino e conteúdo programático visto a dificuldade de acesso e aprendizagem das aulas do CMSP.

Assim, a equipe de trabalho da E.E. Assentamento Santa Clara, elaborou pequenas leituras, atividades de recuperação, plantões de dúvidas, e correção de provas, para auxiliar o professor e os alunos a se adaptarem novamente ao ensino presencial. Um momento bastante delicado, pois ao mesmo tempo que para uns era uma alegria voltar à escola, para outros infelizmente ainda era de grande tristeza visto as perdas pessoais durante a pandemia.

Tal retomada coincidiu com o prazo final de inscrição e preparação dos vestibulares paulistas e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), juntando todos os ânimos possíveis: alegria, tristeza, expectativa, ansiedade etc. Foram tempos difíceis, mas que vividos dia por dia, conseguimos dar um suporte e retaguarda aos alunos e alunas.

Em muitos atendimentos os alunos se sentiam muito mais à vontade e com necessidade de conversar e desabafar sobre as mais diversas realidades vivenciadas durante a pandemia, do que sobre assuntos relacionados à escola em si. Foi a partir dessa experiência que pude perceber de fato que o papel de um educador não se limita jamais à sala de aula, que vai muito além de uma lista de chamada, atividade ou prova.

Muitas vezes somos as pessoas mais próximas dos alunos e alunas, por se ter trocas diárias com os mesmos, e isso acaba por criar relações de afeto e segurança para que possamos ser um porto seguro em meio à toda e qualquer tempestade que apareça nos caminhos deles. Isto nenhum estágio obrigatório curricular ou aula de faculdade ensinam, mas está no tato de nos doarmos por completo à profissão e à educação.

### **Considerações Finais**

Cabe aqui apresentar minhas considerações finais sobre o ensino de Geografia e o processo de ensino-aprendizagem. Foi um ano e meio em que pude vivenciar, relatar, *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 138-144, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

experienciar, construir, desconstruir e contribuir com o processo de educação no nível básico.

Ter contato com uma escola advinda de um assentamento rural que carrega consigo tantas lutas e resistências foi motivo de orgulho e prazer imensurável que tive a partir do Programa de Residência Pedagógica, fomentado pela CAPES com a finalidade da formação continuada de professores e a valorização da licenciatura em momentos tampouco positivos, marcados por enormes turbulências e ataques à educação.

Tais experiências vivenciadas foram de tamanha importância. Através destas pude perceber que o ser professor é uma concepção livre e não homogênea, onde cada um de nós tem sua devida importância na sociedade, a partir de seus trejeitos e qualidades, deixando registros pela educação e salas de aulas.

É uma via de mão dupla: sempre temos algo a oferecer assim como sempre temos o que aprender, não importando nosso grau de formação. Através das vivências pude perceber, me sentir parte efetivo do corpo docente escolar, e enxergar a realidade por trás da sala de aula e da lousa marcada pelo giz.

Somente a educação pode salvar o mundo! Que jamais deixemos de esperar o inalcançável.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**. Brasília, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)>. Acesso em 20 mai. 2022.

BRASIL. **PORTARIA GAB Nº82, DE 26 DE ABRIL DE 2022**. Dispõe sobre o regulamento do Programa Residência Pedagógica – PRP. Brasília, DF: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2022. Disponível em: <[28042022 Portaria 1691648 SEI CAPES 1689649 Portaria GAB 82.pdf \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/programa-residencia-pedagogica/2022/portaria-gab-82-2022)>. Acesso em: 23 mai. 2022.

CAVALCANTI, L. S. **PENSAR PELA GEOGRAFIA: ENSINO E RELEVÂNCIA SOCIAL**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

FREIRE, P. **EDUCAÇÃO E ESPERANÇA**. In: *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2003.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. **CURRÍCULO PAULISTA ENSINO MÉDIO**, 2020. Disponível em: <<https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp->

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 138-144, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

<content/uploads/2020/08/CURR%C3%8DCULO%20PAULISTA%20etapa%20Ensino%20M%C3%A9dio.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

SOUZA, W. V. F.; TEIXEIRA, M. C.; GRASSI, J. L. B.; MIYAKAVA, W. Para além dos muros da escola: os jogos eletrônicos como possibilidade metodológica para o ensino de geografia dentro e fora da sala de aula. In: FRANK, B.; BERBET, T. (org.). Geografia, Ensino E Meio Ambiente: interfaces do conhecimento. 1ed. Paranavaí - PR: UNESPAR, 2021, v. 1, p. 138-149.

TOMITA, L. M. S. O Saber e o Sabor no Ensino de Geografia. In: ANTONELLO, I. T.; MOURA, J. D.; TSUDAMOTO, R. Y. **MÚLTIPLAS GEOGRAFIAS: ENSINO – PESQUISA – REFLEXÃO**. Londrina, Vol. III, Edições Humanidade, 2006.

## QUAL ÁFRICA VOCÊ CONHECE? ROMPENDO COM ESTERÉOTIPOS NUMA AULA DO GOOGLE MEET

**Juliane da Silva Ribeiro**

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

E-mail: [ju\\_abayomi@hotmail.com](mailto:ju_abayomi@hotmail.com)

Esse relato de experiência faz parte do capítulo 3 da dissertação “*O chão da escola e as suas possibilidades: a disputa do currículo e a construção de uma Geografia Negra*”. A pesquisa final é resultado das reflexões produzidas no chão da escola pública, em especial, na Rede Estadual de Educação de São Paulo. Busco, com elas, apresentar os limites e possibilidades de se disputar o currículo de geografia desde a escala da escola, reafirmando a necessidade de posicionar-se, como negra, mulher e trabalhadora, nesse processo. Para isso, analiso um conjunto de ações didáticas desenvolvidas entre os anos de 2014 e 2021 na Escola Estadual Marina Cintra, localizada na região central da cidade de São Paulo.

A atividade que será apresentada visa demonstrar a importância de reafirmar o recorte racial no ensino de geografia, na direção daquilo que aqui denominamos de Geografia Negra, a prática relatada integra o capítulo “*Manual Prático para Aulas, Geografias Negras e Afins*”. A música me atravessa de forma expressiva e aqui uso como inspiração o nome do álbum de um grande artista, Ed Motta, que em 1997 lançou “*Manual Prático para Festas, Bailes e Afins*”. O nome desse álbum que sempre me chamou muita atenção, virou nome do pequeno “manual” que foi criado para ajudar os leitores e as leitoras na construção e inspiração de práticas que promovam uma Geografia Negra. Esse repertório conta com práticas que já foram construídas na sala de aula e fora dela com os meninos e meninas; são práticas de um corpo inquieto que entende o quanto é importante professoras e professores serem criativos/as e promoverem discussões que tenham um caráter antirracista e isso pode acontecer no chão da escola e ao redor dela também.

A atividade que dá nome ao título foi ministrada durante a fase de ensino emergencial remoto, onde aproveitei esse momento de aulas *on-line* para convidar duas amigas e um amigo para contribuir com uma nova visão de África, naquela ocasião a habilidade do 1º bimestre visava desconstruir os estereótipos mantidos sobre o continente africano. Caroline Castro, Diogo Comum e Tainá Ramos, falaram das suas experiências na África do Sul, Egito, Quênia e Zanzibar, respectivamente.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 145-149, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

Primeiro, montei uma apresentação de slides com informações demográficas (pirâmide etária), posição geográfica dos países, a macrorregião pertencente, imagem de satélite extraída do *Google Maps*, apresentação das convidadas e convidado, além de fotos e vídeos que foram disponibilizadas deixando os alunos/as maravilhados/as com uma visão de continente que quase não é apresentada. Uma questão introdutória que foi feita para os/as participantes marcava o início da fala das convidadas/os: “Que África eu conheci e qual a visão de África após minha ida ao continente africano?”. Em um dos relatos, o diretor de filmagem e colorista Diogo Comum disse: “Eu não lembro de uma aula sequer sobre África, toda minha construção sobre o continente havia sido feita de forma midiática, portanto um lugar miserável, subnutrido a ser salvo. Essa construção começou a se quebrar quando conheci o hip hop e soube que os arquitetos dessa cultura vinham de lá. Essa conexão fez com que eu virasse os olhos aos continentes e pesquisasse sobre. Hoje sei que África não precisa ser salva, muito pelo contrário, eu me volto para ela para ser salva.” COMUM, Diogo. [Qual África você conhece?]. *Whatsapp*: [mensagem privada para a pesquisadora] 29 abr. 2021. 1 mensagem de *Whatsapp*).

Já a produtora cultural Tainá Ramos, que viajou para o Kenya e Zanzibar deixou o seguinte comentário: “Eu sou da década de 80. Então minha visão de África sendo uma pessoa que estudou em escola pública na periferia da zona leste de São Paulo é extremamente estereotipada. Aquela África que é um país e não um continente, porque nem essa imensa diferença nos é explicada. Uma África cheia de miséria, fome, pobreza e animais exóticos. Fiz faculdade na Zumbi dos Palmares e mesmo cursando administração tinha aula de História econômica do negro e Diáspora Africana. Nesse momento da vida já tinha uma outra bagagem de conhecimento sobre África, que muito se deu através da arte (música e artes visuais) e as aulas da Professora Silvana foram um excelente complemento a esse conhecimento. Após minha ida ao continente africano meu olhar para África é ainda mais cheio de admiração. É um continente muito rico... em tudo. E poder dialogar com as pessoas do Kenya e Tanzânia, além de pessoas de outros países que estavam a passeio nesses lugares que visitei, encheu meu coração e mente de potência. Cada história, comida, praia, show e conversa que tive nessa viagem são experiências de uma vivência ímpar. Esperando ansiosamente pela próxima ida ao continente” RAMOS, Tainá. [Qual África você conhece?]. *Whatsapp*: [mensagem privada para a pesquisadora] 29 abr. 2021. 1 mensagem de *Whatsapp*.

Esses comentários abriram brechas para aprofundar diferentes temas. Além do que estava escrito na apresentação do *Power Point*, foram levantados outros assuntos importantíssimos. Diogo e Tainá falaram sobre as obras de infraestrutura e grandes *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 145-149, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”*.  
ISSN: 2176-5774

modificações que estão acontecendo no Cairo e Zanzibar. Ele citou a construção da “Nova Cairo” e a produtora cultural comentou sobre as estradas que estão sendo construídas na ilha no Oceano Índico, nos dois relatos a China foi apontada como maior investidora. Mediando essa conversa, contei para os meninos e as meninas que integravam a aula sobre os interesses dos chineses revelando um novo imperialismo, que esses investimentos não estavam só no continente africano e falei sobre os investimentos chineses no Brasil, nos setores de energia e infraestrutura, por exemplo. Aqui reforcei o que é a Geopolítica e como uma aula que fala sobre romper com estereótipos nos levava para tantos outros caminhos que promovem um raciocínio geográfico.

Fiquei muito feliz com essa dinâmica, porque mesmo a pandemia sendo esse momento tão difícil e delicado, continuei pensando nessa construção da Geografia Negra e em como poderia me apropriar dessa plataforma para construir algo legal. Confesso que não foi fácil dar aula ao longo de 2020, sentimentos de frustração e angústia me cruzavam a todo momento, olhar o caminho que o país vinha (e vem seguindo) me deixava agoniada, em um pesadelo que não tinha fim. Esses sentimentos estiveram presentes na escrita e 2020 foi difícil para desenvolver a pesquisa do mestrado mencionada acima. Porém, 2021 chega e algumas modificações aconteceram, um certo ânimo despertado pela chegada da vacina e isso permitiu pequenas, mas importantes construções como essa aula no *Google Meet*.

Retomando, na aula seguinte, os alunos/as dividiram o que mais acharam interessante e as ressignificações que fizeram sobre a África após esse encontro. Eu dividi com eles/as várias coisas que desconhecia, mostrando que esse inacabamento, esse aprendizado constante também atravessa meu corpo. Esse dizer escancarado que não sei, sempre me humanizou e de certa forma me aproximou e aproxima dos alunos/as

É preciso destacar que mais uma vez contei com a ajuda de amigas, a *designer* May Francolino fez a arte de divulgação (Figura 1) da aula que está relatada e a ideia era chamar a atenção das alunas/os para essa manhã tão especial. A arte foi divulgada no *Instagram* e grupos de *Whatsapp* que tanto utilizamos durante a pandemia para comunicação com os/as estudantes.

A aula *on-line* com Caroline, Diogo e Tainá deu certo! A aula durou mais de 1 hora e 30 minutos e, geralmente, as outras aulas eram finalizadas com 1 hora. Sei que o número é baixo, frente ao número de matriculadas/os, mas tivemos quase 30 alunas/os *on-line* na plataforma do *Google Meet*. Nas outras aulas, a média era de 15 alunas/os e isso demonstra o quanto foi difícil ministrar aulas durante essa fase de ensino emergencial remoto, mesmo assim, eu sempre tentei me conectar com os/as estudantes e promover atividades variadas.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 145-149, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

É preciso lembrar que cada escola é lugar, é particular, assim são muitas as possibilidades para construir essa Geografia Negra e ressignificar o olhar sobre o continente africano. Essas possibilidades podem estar atreladas apenas à sala de aula ou não. Como foi relatado, me apropriei desse momento de ensino emergencial remoto para trazer um novo olhar para o continente. Porém, nada impede a nós, professoras/es, de convidar um amigo ou uma amiga que tem um horário mais flexível para contribuir com essa aula e esse tema que é tão estereotipado no imaginário de grande parcela das pessoas. Se a presença desses amigos e amigas não for possível, fazer o uso de vídeos e fotografias e mostrar relatos de viagem é uma alternativa. Caroline Castro, participante dessa aula, disse: “Hoje, a África que conheço é avançada, tecnológica e extremamente sensível”. CASTRO, Caroline. [Qual África você conhece?]. *Whatsapp*: [mensagem privada para a pesquisadora] 29 abr. 2021. 1 mensagem de *Whatsapp*. Eu usei de minha sensibilidade, criatividade e das tecnologias disponíveis nesse momento para criar o meu repertório.

Concluo afirmando que essa ideia não pode ser copiada de forma idêntica, essa prática faz parte de um manual que foge desse lugar comum, esse manual é reflexivo, é partilhar e trazer ideias que não serão aplicadas de forma idêntica, mas poderá inspirar ou contribuir para o despertar da criatividade e construir Geografias Negras. Aqui tem uma professora que se colocou como autora, diferente da ideia gerencialista que o Governo do Estado pensa. Me coloco como autora, construindo saberes que me faz refletir sobre que currículo quero construir, como estou construindo o ensino de geografia e que tudo isso está em disputa.

Isso é disputa e essa é a minha disputa!



Figura 1: Arte desenvolvida pela amiga Mayara Francolino para divulgação de aula. Fonte: Mayara Francolino/reprodução, 29 abr. 2021.

## RELATOS SOBRE A DISCIPLINA DE “GEOTECNOLOGIAS NA CONTEMPORANEIDADE”: PENSANDO A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA

**Natália Lampert Batista**

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

E-mail: [natalia.batista@ufsm.br](mailto:natalia.batista@ufsm.br)

**Maurício Rizzatti**

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

E-mail: [geo.mauricio.rizzatti@gmail.com](mailto:geo.mauricio.rizzatti@gmail.com)

**Jhennifer Tais Vieira Habowski**

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

E-mail: [jhennifer.vieira@acad.ufsm.br](mailto:jhennifer.vieira@acad.ufsm.br)

### Introdução

A pandemia de COVID-19 trouxe significativas mudanças no cotidiano dos docentes e discentes das diferentes Instituições. Com a implementação do trabalho remoto, muitas transformações ocorreram e novos cenários emergiram. Por tais motivos, foi pensada a ementa da Disciplina Complementar de Graduação (DCG), “Geotecnologias na Contemporaneidade” (GCC1110), registrada nos Cursos de Geografia Bacharelado e Geografia Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no eixo “Geografia e Geotecnologias”. A proposta da disciplina foi atender a demanda dos(as) estudantes para este tema, bem como permitir uma adequada oferta, dentro dos padrões do Regime de Exercícios Domiciliares (REDE), da Instituição, no primeiro semestre de 2021.

Cabe ressaltar que, segundo Rizzatti (2022), as geotecnologias estão ligadas a um conceito muito divulgado no século XXI: o geoprocessamento, que se refere a operações matemáticas para o tratamento de informações geográficas. Tais ferramentas geotecnológicas estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, especialmente, pela democratização da informação realizada pelos mapas online e pelo advento da internet, como defende Laudaes (2014).

Assim,

As geotecnologias podem ser entendidas como as novas tecnologias ligadas às Geociências, as quais trazem avanços significativos no

## Relato de Experiência

*Relatos sobre a disciplina de “Geotecnologias na contemporaneidade”: pensando a docência no ensino superior em tempos de Pandemia. Natália Lampert Batista, Maurício Rizzatti e Jhennifer Tais Vieira Habowski.*

desenvolvimento de pesquisa, em ações de planejamento, em processos de gestão, manejo e outros tantos aspectos relacionados a estrutura do espaço geográfico. Essas considerações, tornam-se importantes à medida em que profissionais de diversas áreas atuam diretamente com questões espaciais (LAUDARES, 2014, p. 22).

Ademais, “As geotecnologias são utilizadas não apenas na etapa do planejamento, mas também no monitoramento e no controle de planos ou projetos, durante a sua execução, permitindo a identificação de desvios e a revisão contínua de ações que envolvem a questão 'onde'” (AGUILAR; FLAIN; COELHO, 2018, p. 19-20). Além de todo esse potencial técnico diretamente ligado a atuação de Bacharéis e Bacharelas em Geografia, também tem função primordial no ensino de Geografia, possibilitando abordar conhecimentos complexo e abstratos de forma mais visual e mais instigante aos estudantes dos diferentes níveis e modalidades de ensino (RIZZATTI, 2022). Ou seja,

O uso dessas ferramentas acaba por tornar-se quase que obrigatório no ambiente escolar, como forma de motivação dos alunos frente ao Ensino de Geografia. Atualmente, além das tecnologias móveis, muitas escolas contam com laboratórios de informática e multimídias onde é possível ter acesso às tecnologias de informação e comunicação (TIC) permitindo aos professores desenvolver trabalhos dinâmicos e interativos. (RIZZATTI et al, 2017, p. 57).

Tendo esse contexto como parâmetro, a DCG de “Geotecnologias na Contemporaneidade” foi ofertada, em REDE, para os cursos de Geografia Licenciatura e Geografia Bacharelado, da UFSM, buscando auxiliar os(as) graduandos(as) a “Conhecer o conceito de Geotecnologias e relacioná-lo com os campos de estudo da Geografia. Identificar os principais pontos de difusão das Geotecnologias na contemporaneidade, com destaque as aplicações na Geografia, no ensino e no cotidiano da população. Utilizar alguns *softwares* livres difundidos no cotidiano para o entendimento do espaço geográfico” (UFSM, 2021, p. 1). Com base nisso, o presente relato de experiência tem por objetivo descrever a realização da mencionada disciplina no formato REDE, bem como apontar breves considerações acerca da sua realização em tempos de pandemia.

### **Metodologia de realização da DCG e reflexões sobre a prática**

A disciplina foi ofertada pelo REDE, no primeiro semestre de 2021, devido a Pandemia da COVID-19. Para a efetiva oferta da disciplina, as aulas e materiais foram todos

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 150-157, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

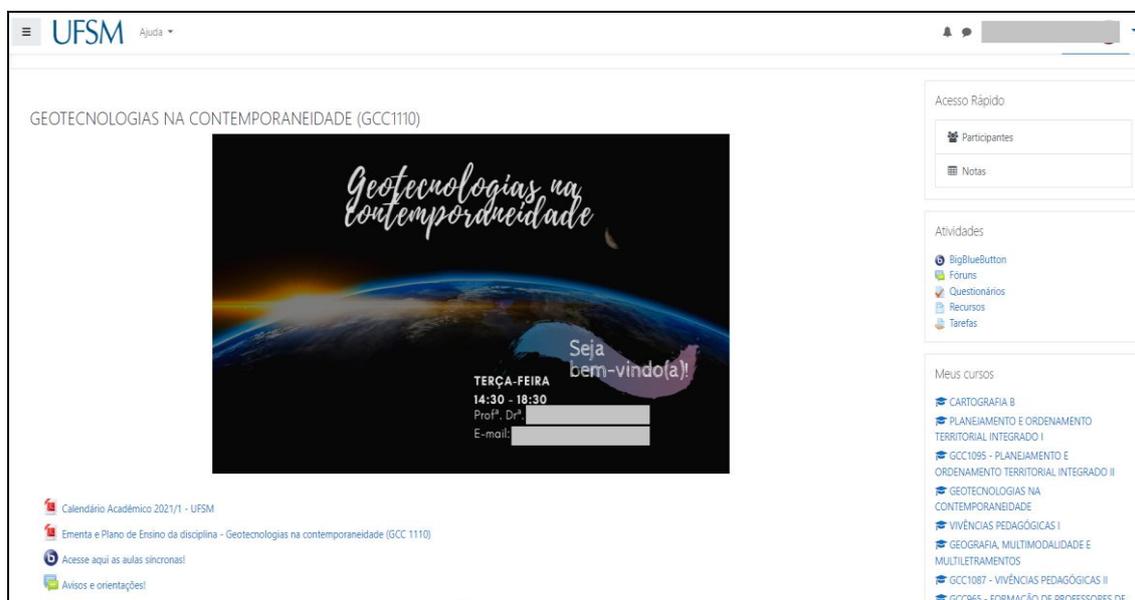
ISSN: 2176-5774

## Relato de Experiência

*Relatos sobre a disciplina de “Geotecnologias na contemporaneidade”: pensando a docência no ensino superior em tempos de Pandemia. Natália Lampert Batista, Maurício Rizatti e Jhennifer Tais Vieira Habowski.*

postados na Plataforma Moodle (Figura 1). Nela, organizou-se um *layout* padrão para as apresentações, vídeos de gravações de aulas e atividades assíncronas com tutoriais e orientações para produção de materiais. Ademais, foram utilizadas aulas síncronas semanais e atividades assíncronas, a fim de subsidiar a construção de conhecimentos sobre geotecnologias pelos estudantes. As aulas síncronas foram realizadas no *BigBlueButton* (BBB) da Plataforma Moodle (Figura 2). Está ferramenta atrelada ao Moodle permite compartilhamento de vídeo, áudio e tela e gravação e disponibilização das aulas. Já o material das aulas assíncronas também foi disponibilizado na Plataforma Moodle, mediante textos complementares, *links* para *softwares* livres e tutoriais produzidos para a disciplina.

Figura 1: *Layout* geral da disciplina de Geotecnologias na Contemporaneidade (GCC1110).



Fonte: Plataforma Moodle, 2021.

## Relato de Experiência

Relatos sobre a disciplina de “Geotecnologias na contemporaneidade”: pensando a docência no ensino superior em tempos de Pandemia. Natália Lampert Batista, Maurício Rizatti e Jhennifer Tais Vieira Habowski.

Figura 2: Plataforma BBB utilizada para as aulas online e disponibilização das gravações das aulas realizadas.

Reprodução	Nome	Descrição	Visualização	Data	Duração	Download	Ação
Apresentação	Gravação da aula de 25/05			ter, 25 mai 2021, 13:30 -03	127		
Apresentação	Gravação da aula de 01/06			ter, 1 jun 2021, 13:46 -03	140		
Apresentação	Gravação da aula de 08/06			ter, 8 jun 2021, 13:34 -03	135		
Apresentação	Gravação da aula de 22/06			ter, 22 jun 2021, 13:40 -03	145		

Fonte: Plataforma Moodle, 2021.

As aulas síncronas foram ministradas no horário da disciplina com objetivo de discutir e explicar conteúdos teóricos previstos na ementa. Além disso, destinaram-se a resolução de dúvidas e questionamentos dos(as) estudantes frente aos conteúdos e as atividades práticas previstas. As atividades assíncronas, por sua vez, foram destinadas a realização de atividades práticas baseadas em tutoriais elaborados para as aulas, conforme conteúdo programático apresentado no Quadro 1. Para todas as aulas, metade do turno se destinava a aula síncrona e a outra metade para as atividades assíncronas com tutoriais. Optou-se por essa dinâmica, pois, assim, os(as) estudantes conseguiram acompanhar mais efetivamente o debate teórico, assim como realizar as proposições práticas, conseguindo acompanhar os vídeos, pausando-os e, efetivamente, seguindo as rotinas associadas a cada tutorial disponibilizado.

Quadro 1: Conteúdo programático da disciplina desenvolvido no REDE da UFSM.

<p>UNIDADE 1 – CONCEITUAÇÃO DE GEOTECNOLOGIAS</p> <p>1.1 – Definição do conceito de Geotecnologias.</p> <p>1.2 – As Geotecnologias nas diferentes áreas do conhecimento.</p> <p>1.3 – Aproximação das Geotecnologias com a Geografia.</p> <p>1.4 – As Geotecnologias no cotidiano da população.</p> <p>UNIDADE 2 – APLICAÇÕES DAS GEOTECNOLOGIAS</p> <p>2.1 – Geotecnologias na atuação do(a) Geógrafo(a).</p> <p>2.2 – Geotecnologias na escola.</p> <p>2.3 – Geotecnologias no cotidiano: aplicativos de uso geral.</p> <p>UNIDADE 3 – CONHECENDO FERRAMENTAS GEOTECNOLÓGICAS</p> <p>3.1 - Aplicações práticas com o <i>Google Earth Pro</i>.</p> <p>3.2 – Softwares para mapeamento colaborativo.</p> <p>3.3 – Aplicativos de localização e de entrega/ <i>delivery</i>.</p> <p>UNIDADE 4 – CONHECIMENTOS GEOTECNOLÓGICOS APLICADOS À GEOGRAFIA</p> <p>4.1 – Desenvolvimento de uma proposta de aplicação geotecnologias para a Geografia.</p>
---

Fonte: UFSM, 2021.

Durante as aulas síncronas, os conteúdos que foram trabalhados consistiram em nas definições do conceito de Geotecnologias e suas aplicações nas diferentes áreas do conhecimento. Posteriormente, abordaram-se aproximações das geotecnologias com a Geografia e com o cotidiano da população. Após essa introdução mais teórica com os conteúdo e conceitos, passamos com elementos teóricos e práticos acerca de alguns *softwares* como: *Google Earth Pro*, *My Maps*, *Canvis*, *Maps-me*, *StereoPhotoMaker*, *MapBiomias*, *Earth Viewer - HHMI BioInteractive*, *HHMI Biome Viewer*, entre outros.

A disciplina, também, buscou desenvolver uma aplicação geotecnológica com os estudantes com tema e recorte espacial de sua escolha. Esta atividade prática foi composta de vídeo tutorial produzido pelos estudantes, um breve resumo expandido com as concepções que norteiam o vídeo e, conseqüentemente, produzindo uma aplicação de geotecnologias no estudo de um tema geográfico. As atividades práticas, desenvolvidas em aula, que foram desenvolvidas pelos estudantes consistem em aplicação de geotecnologias para estudo de assuntos da Geografia, bem como a testagem de *softwares* de mapeamento colaborativo e do *Google Earth Pro*, como ferramentas para subsidiar a prática profissional, e dos *softwares MapBiomias*, *Earth Viewer - HHMI BioInteractive*, *HHMI Biome Viewer*, entre outros, voltados a aplicações geotecnologias nas escolas.

Dentre os temas de aplicações geotecnológicas, entregues como trabalhos finais da disciplina, houveram distintos mapeamentos com o *Google Earth Pro*, produções de mapas colaborativos com o *Canvis* e com o *My Maps*, bem como alguns/algumas graduandos(as) buscaram novas ferramentas atreladas as “geotecnologias do cotidiano” para realizarem sua produção final da disciplina. Os resultados foram bastante válidos e permitiram identificar que houve aprendizagem e que os(as) graduandos(as) desempenharam efetivamente as propostas realizadas para a turma.

As atividades seguiram as resoluções institucionais e didáticas realizadas pela UFSM. Porém, todos os procedimentos adotados foram pensados com base nas observações de aplicações com os(as) graduandos(as), buscando potencializar a aprendizagem deles(as) e (re)pensando os modelos que estavam sendo implementados com base nos objetivos da disciplina.

Segundo Villela (2016, p. 222),

[...] as teorias da Didática são propostas de compreensão e operacionalização de situações pedagógicas. São concepções atreladas a certos modelos teóricos mais amplos e visam operacionalizar a prática do professor em sua rotina. Tem referência circunstancial, têm objetivos, ajudam a construir um sistema. Em vez de, obedientes, seguir os modelos, precisamos entendê-los, descobrir sua lógica, seus campos de realidade, a fim de compreendê-los. Os preceitos didáticos não devem ser tomados como bula ou manual de instrução, generalizável ao absoluto.

Por isso, os procedimentos técnicos adotados foram pensados com base no entendimento do modelo REDE, mas buscando reinventar cotidianamente as metodologias e estratégias didáticas, mesclando formatos (síncrono e assíncrono) de modo a produzir, efetivamente, conhecimentos sobre a temática da disciplina. O REDE trouxe a reinvenção docente e a necessidade cotidiano de produzir novas estratégias pedagógicas, reconhecendo os potenciais e limitações de si e dos outros (FELTRIN; BATISTA, 2021).

## **Conclusão**

A partir das vivências tecidas na DCG de “Geotecnologias na Contemporaneidade”, podemos destacar que, mesmo reconhecendo as desigualdades sociais e as limitações do modelo imposto pela pandemia, ainda foi possível realizar um trabalho adequado frente as demandas de oferta nos cursos de Geografia Licenciatura e Geografia

## Relato de Experiência

*Relatos sobre a disciplina de “Geotecnologias na contemporaneidade”: pensando a docência no ensino superior em tempos de Pandemia. Natália Lampert Batista, Maurício Rizziatti e Jhennifer Tais Vieira Habowski.*

Bacharelado da UFSM. A proposição da disciplina permitiu refletir sobre o modelo REDE, buscando a adaptação e a promoção de estratégias pedagógicas atreladas a uma proposição teórico-prática de trabalho com os(as) estudantes da graduação. Obviamente que a disciplina também foi desafiante a todos(as) que estiveram vinculados a ela. Seja docentes, sejam estudantes, todos(as) precisaram se adaptar aos modelos didáticos desenvolvidos para a produção de saberes desempenhada na DCG.

Conclui-se, portanto, que os desafios impostos pela modalidade REDE foram muitos, desde a necessidade constante de (re)pensar formas de contato com os(as) estudantes, produção de múltiplos materiais complementares (como tutoriais) para aulas, bem como uma constante (re)invenção de si para trabalhar com as proposições da disciplina. Por outro lado, como a ementa de “Geotecnologias na Contemporaneidade” foi organizada e registrada para desenvolvimento em REDE, visto que ela é uma DCG, pode-se propor um conteúdo programático adequado as demandas profissionais dos(as) graduandos(as), mas viável ao modelo excepcional implementado.

Das aprendizagens que ficam, a principal é que ser docente é um constante (re)criar-se em prol da aprendizagem dos(as) estudantes e de sua própria aprendizagem. *Docenciar* em tempos de pandemia foi um ato permanente de tomar consciência de si, dos desafios e das possibilidades viáveis para manter os processos didático-pedagógicos em vigência e contribuindo com todos(as) que buscavam um sopro de esperança e normalidade.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Referências

AGUILAR, C. B. D.; FLAIN, E. P.; COELHO, E. C. R. **O mundo das Geotecnologias: ferramentas de análise e representação territorial.** São Paulo: Ed. Mackenzie, 2018.

FELTRIN, T.; BATISTA, N. L. Autoformação docente em tempos de pandemia: da (im)possibilidade da reinvenção sem cuidado de si. **Revista Científica Educ@ção**, v. 4, p.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 150-157, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

Relato de Experiência

*Relatos sobre a disciplina de “Geotecnologias na contemporaneidade”: pensando a docência no ensino superior em tempos de Pandemia. Natália Lampert Batista, Maurício Rizzatti e Jhennifer Tais Vieira Habowski.*

1017-1029, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46616/rce.v4i8.128>. Acesso em: 18 maio. 2022.

LAUDARES, S. **Geotecnologias ao alcance de todos**. Curitiba: Appris, 2014.

RIZZATTI, M. **Cartografia Escolar, Inteligências Múltiplas e Neurociências no Ensino Fundamental: a mediação (geo)tecnológica e multimodal no ensino de Geografia**. 510 p. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Geografia. Santa Maria/RS: Universidade Federal de Santa Maria, 2022.

RIZZATTI, M.; CASSOL, R.; BATISTA, N. L.; DAMBROS, G. Utilização de Geotecnologias na Cartografia Escolar: a compreensão da representação do relevo com alunos do Ensino Fundamental. **Geografia em Questão**, v. 10, p. 56-76, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Ementa de Geotecnologias na Contemporaneidade – GCC1110**. Santa Maria/RS: UFSM, 2022. Disponível em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/documento.html?id=13504710>. Acesso em 24 de mai. 2022.

VILLELA, M. P. **Estética da Professoralidade: um estudo crítico sobre a formação de professores**. Santa Maria: Ed da UFSM, 2016.

# EXPERIÊNCIA DOCENTE NA PANDEMIA DA COVID-19: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA E A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

**Felipe César Augusto Silgueiro dos Santos**

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP

E-mail: [felipe.cesar@unesp.br](mailto:felipe.cesar@unesp.br)

## Introdução

O presente documento tem por objetivo apresentar um pouco do que foi construído para a disciplina de Estágio Supervisionado IV para a Turma 61 do curso de licenciatura e bacharelado em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP) Câmpus de Presidente Prudente/SP no ano de 2021.

Destacamos que a construção da atividade que será apresentada foi realizada em conjunto com a disciplina de Projeto Interdisciplinar II (PID II) ministrada pelo Prof. Dr. Nécio Turra Neto. A ideia foi alinhar propostas e reflexões visando o bom desenvolvimento de ambas as disciplinas no contexto pandêmico da COVID-19 naquele momento.

*A priori* iremos apontar como a pandemia da COVID-19 modificou amplamente a forma de abordar a disciplina ministrada, principalmente por conta das medidas remotas que foram adotadas não só pela FCT/UNESP, como pelas escolas estaduais e particulares.

Posteriormente iremos apresentar a metodologia da transposição didática e o “percurso pedagógico, ferramentas adotadas para a realização das atividades avaliativas da disciplina, que visavam também estimular o desenvolvimento da personalidade docente de alunas e alunos.

Por fim, iremos fazer algumas considerações finais com relação aos enfrentamentos que teremos para a disciplina de estágio supervisionado e para o ensino de Geografia, refletindo sobre as atividades realizadas e as potencialidades que elas representam.

## A questão pandêmica e a necessidade de se repensar o Estágio Supervisionado

A pandemia da COVID-19 causou um impacto significativo nas dinâmicas de todas e todos, seja pela inesperada disseminação de um vírus pouco conhecido ou pela ruptura que o momento demandou por conta do imediatismo com relação as medidas adotadas para conter o avanço da doença.

As medidas iniciais indicavam que a higiene regular, o distanciamento social, o uso de máscaras e a não aglomeração de pessoas em locais fechados seriam as primeiras iniciativas que poderiam contribuir contra a disseminação do vírus.

Tal situação se configura um desafio para nós, ainda mais de uma disciplina como o estágio supervisionado, que demanda uma aproximação das alunas e alunos com a escola, com a dinâmica da sala de aula, no intuito de conhecer e se apropriar do cotidiano escolar, conforme afirma Cacete (2015, p. 6) ao destacar que “[...] o estágio é um campo de conhecimento, é uma atitude investigativa, uma pesquisa”.

Portanto foi preciso pensar a disciplina de forma a refletir sobre o momento pandêmico e os riscos que ele representava naquele instante. O uso do meio remoto para a configuração das aulas representou uma alternativa possível frente a situação, mesmo que também demonstrasse desconforto e descrença com relação a ausência de estar no convívio escolar.

### **A transposição didática dos dados como metodologia**

Muitas metodologias podem ser pensadas para compensar as debilidades apresentadas no contexto pandêmico. Em períodos que a formação educacional demanda adaptações, as metodologias representam uma aproximação com as realidades dos alunos em todas as esferas seja do ensino básico, fundamental, médio e superior (MINERVINO e SALVANO, 2019) algo que a transposição didática possibilita por justamente estabelecer essa relação do “ensinar e ensinado”.

Formulada por Michel Verret em 1975 e rediscutida por Yves Chevallard em 1985, a transposição didática se constitui em um processo de passagem do conhecimento científico, aquele aprendido pelos livros e pelas aulas, para um aprendizado mais didático, destinado a educar e formar perante as invariabilidades existentes no decorrer dos estudos, principalmente aqueles voltados à formação profissional (POLIDORO e STIGAR, 2000).

Deste modo, o uso da transposição didática como metodologia na disciplina de Estágio Supervisionado IV surge como instrumento de formação e mecanismo de contenção das debilidades apresentadas com relação a pandemia da COVID-19, que demandou alternativas possíveis de reestruturação das atividades acadêmicas, onde esta teve seu papel principal para o estabelecimento do ensino-aprendizagem das futuras e dos futuros docentes.

### Da teoria à prática: As atividades construídas pelas alunas e alunos

A definição dos pontos por parte das alunas e dos alunos se baseou na perspectiva de que, tal decisão já incide a oportunidade de elas e eles se posicionarem enquanto docente e escolherem temas que possam ser considerados pertinentes para suas alunas e seus alunos.

Estes foram decididos após reuniões semanais com os grupos definidos entre elas e eles onde tal possibilidade, foi a escolhida para que já pudessem se integrar e se relacionar com a dinâmica docente e suas interrelações, visando uma união entre as e os futuros docentes.

Com os pontos definidos, coube a nós apresentar o “Percurso Pedagógico” exemplificado na figura 1:

**Figura 1** – Exemplo de Percurso pedagógico entregue pelo Grupo 01

PERCURSO PEDAGOGICO
Série/Turma: Ensino Médio Período: Matutino/Noturno Disciplina: Geografia Professores: Grupo 01 – Disciplina de Estágio IV (Erika Silva, Maria Júlia de Goes, Nayara Leva Batista) Quantidade de aulas: 02 períodos (matutino/noturno)
TEMA
Oficina – O papel da Unesp no município/região de Presidente Prudente/SP
OBJETIVOS
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Expor</b> aos alunos do Ensino Médio de uma determinada instituição as bases do ensino superior público, seu funcionamento e produções;</li><li>• <b>Explicar</b> o conceito de extensão universitária e como ela se aplica na comunidade;</li><li>• <b>Demonstrar</b> como funcionam os processos seletivos;</li><li>• <b>Apresentar</b> os cursinhos preparatórios comunitários.</li></ul>
O aluno deverá ser capaz de:
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Compreender</b> o papel da Universidade pública na sociedade;</li><li>• <b>Identificar</b> as formas de ingresso no ensino superior;</li><li>• <b>Propor</b> alternativas para que a Universidade se aproxime ainda mais das escolas públicas e comunidade.</li></ul>
CONTEÚDO
<ul style="list-style-type: none"><li>• O que é a Universidade pública e qual o seu papel na sociedade;</li><li>• O que são projetos de extensão e como eles se aplicam na comunidade;</li><li>• Quais são as formas de ingresso na universidade pública? O vestibular, o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e o SISU (Sistema de Seleção Unificada);</li><li>• Universidade pública para quem? Meios de democratização do ensino superior público;</li></ul>

Fonte: Acervo do autor (2022).

O “percurso pedagógico” foi um documento formulado em conjunto com o professor responsável pela disciplina de PID II que consiste em um material que busca apresentar as principais bases do arcabouço teórico metodológico das temáticas escolhidas para serem apresentadas e socializadas com a comunidade acadêmica e escolar.

O mesmo foi construído após sucessivas reuniões ocorridas entre o docente de PID II e nós, onde foi possível denotar que a construção de um roteiro de elaboração de trabalho, com suas motivações, intencionalidades e objetivos pudesse ser construtivo e possibilitasse o interesse no desenvolvimento de atividades de pesquisa, um dos focos da proposta apresentada à turma.

Os quadros 1 e 2 apresentam os temas que foram abordados nas atividades finais que foram avaliadas na disciplina de Estágio Supervisionado IV:

**Quadro 1** – Temas abordados pela turma do matutino em Estágio Supervisionado IV em Geografia



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Quadro 2** – Temas abordados pela turma do noturno em Estágio Supervisionado IV em Geografia



Fonte: Acervo do autor (2022).

As apresentações ocorreram via *Google Meet* respeitando o distanciamento social indicado pela instituição na qual lecionamos. Estas foram socializadas entre todas e todos, já que as reuniões ocorriam com cada um dos grupos envolvidos, visando contribuir com análises e privando situações que pudessem causar desconforto com os grupos.

A variedade de temas apresentados buscou atender a situação emergencial que a pandemia da COVID-19 apresentava. Entretanto, tal proposta não foge da intencionalidade de ofertar ferramentas de estímulo a este tipo de metodologia de ensino, que alie o interesse em desenvolver temas que sejam pensados por alunas e alunos e o estímulo a pesquisa no âmbito do ensino de Geografia.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 158-164, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".*

ISSN: 2176-5774

Tais possibilidades são oportunizadas pela dinâmica aberta que o estágio supervisionado pode ofertar, já que esta disciplina evoca o interesse de licenciandas e licenciandos em realizar atividades que busquem o seu desenvolvimento acadêmico e de sua personalidade docente, lidando com atividades interativas e menos repetitivas.

Após as apresentações, foi o momento de diálogo e de socialização de posições e opiniões de cada uma e de cada um com relação a dinâmica das aulas, a atividade experienciada e os pontos positivos e negativos dessa proposta por nós apresentada e realizada em conjunto com a disciplina de PID II.

Depois deste momento, ficou acordado que seria construído um meio eletrônico digital e que este seria socializado em várias mídias sociais (*Facebook, Instagram e LinkedIn*) possibilitando que mais pessoas tivessem acessos e se motivassem a adotar esta perspectiva de ensino dentro de uma disciplina como estágio supervisionado. O endereço eletrônico é: <https://sites.google.com/view/geoestagio2021>.

A proposta é que professoras e professores se apropriem dos materiais elaborados e os utilizem em suas atividades pedagógicas, visando estimular a amplitude dessas tarefas e que as mesmas contribuam para o reforço do ensino em Geografia, a partir de uma disciplina formativa como o estágio supervisionado.

### **Considerações e provocações finais**

O caminho traçado para a formação docente de licenciandas e licenciandos em cursos de graduação é longo e demanda uma atenção em todo o seu processo de construção, visando sempre o estímulo a profissionalização docente e sua participação ativa nas dinâmicas escolares.

Disciplinas como a de Estágio Supervisionado funcionam como mecanismos para atender e suprir essas demandas, mediante a oportunidade de experimentar novas realidades nas escolas a partir da atuação docente da estagiária e do estagiário.

Entretanto, situações como a pandemia da COVID-19 nos suscitou a necessidade de repensar esse processo de formação, já que era preciso respeitar o distanciamento social indicado para o momento.

Logo a proposta apresentada por alunas e alunos, em construção conjunta com o docente da disciplina, possibilitou que sejam debatidas novas ferramentas e frente de estudos relacionados ao estágio supervisionado, visando aprimorar as potencialidades de todas e todos mediante o que é debatido no espaço da disciplina indicada.

## Relato de Experiência

*Experiência docente na pandemia da Covid-19: o estágio supervisionado em Geografia e a transposição didática. Felipe César Augusto Silgueiro dos Santos.*

Com isso também evidenciamos repensarmos as atividades realizadas no âmbito do ensino de Geografia, buscando adaptar-se as essas realidades, mas não esquecendo das inúmeras possibilidades que a temática pode proporcionar, como o estímulo a pesquisa mediante temas que possuam grande relevância e a possibilidade de utilizar metodologias e ferramentas pedagógicas, como a transposição didática dos dados e o “percurso pedagógico.

## Referências

CACETE, Núbia Hanglei. Formação do professor de Geografia: Sobre práticas de ensino e estágio supervisionado. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral/CE, v. 17, n. 2, p. 3-11, 2015.

MINERVINO, Maria das Lágrimas Leite, SILVANO, Geanne Estevam. Metodologias ativas no ensino de Geografia na educação básica. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2019, Fortaleza/CE, **Anais...** Fortaleza/CE: Editora Realize, 2019, p. 1 – 12.

POLIDORO, Lurdes de Fátima; STIGAR, Robson. A transposição didática: A passagem do saber científico para o saber escolar. **Ciberteologia: Revista de Teologia e Cultura**, n. 27, p. 1 – 7, 2000.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib, PAGANELLI, Tomoko Iyda, CACETE, Núbia Hanglei. A formação docente e o ensino de Geografia. In:\_\_\_\_\_. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 87 – 104.

## Agradecimentos

Agradeço a turma 61 pela oportunidade em lecionar a disciplina “Estágio Supervisionado IV”, onde elas e eles se mostraram dispostos em contribuir da melhor forma possível com o andamento da mesma, com paciência e dedicação.

Agradeço ao Prof. Dr. Nécio Turra Neto pela parceria nas atividades.

Agradeço a Coordenação do Curso de Geografia pelo apoio nos momentos mais difíceis da relação com alguns setores das escolas.

Agradeço a Chefia do Departamento de Educação pelo apoio e suporte com relação ao andamento da disciplina

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 158-164, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

Relato de Experiência

*Experiência docente na pandemia da Covid-19: o estágio supervisionado em Geografia e a transposição didática. Felipe César Augusto Silgueiro dos Santos.*

Por fim, agradeço as secretarias do Departamento de Educação, de Geografia e a Técnica de Graduação pelo suporte burocrático.

## **O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA UFPR LITORAL EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19: ALGUNS APONTAMENTOS**

**Ângela Massumi Katuta**

Universidade Federal do Paraná, Matinhos, PR

E-mail: [angela.katuta@gmail.com](mailto:angela.katuta@gmail.com)

**Danielle Willemann Sutil de Oliveira**

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

E-mail: [danniwillemann@gmail.com](mailto:danniwillemann@gmail.com)

O presente relato de experiência teve como objetivo apresentar e refletir brevemente sobre o Estágio Supervisionado no curso de licenciatura em Geografia da UFPR (Universidade Federal do Paraná) litoral realizado em formato remoto durante a Pandemia da Covid-19 no ano de 2021 a partir de duas perspectivas: da orientação do estágio e de sua supervisão, tendo como subsídio a avaliação do mesmo pelas estagiárias.

A metodologia de análise qualitativa foi adotada na coleta de informações para a construção do relato. Desse modo, solicitamos às estagiárias uma avaliação realizada a partir de um questionário com questões abertas qualitativas que destacassem os pontos positivos e negativos de vários elementos envolvidos do estágio em formato remoto. É importante frisar que todas as participantes já haviam realizado, em um momento anterior, estágios presenciais, sendo possível então que estabelecessem relações e reflexões acerca da experiência remota, imposta pelo cenário pandêmico. Além disso, fizemos uso de nossas reflexões como docentes – orientadora e supervisora – para tecer uma discussão acerca do trabalho no período.

Assim, o estágio dos educandos do penúltimo semestre de formação no curso de licenciatura já mencionado, foi realizado em formato predominantemente remoto em escolas estaduais de ensino fundamental e médio de várias localidades, dentre eles, no Colégio Estadual Benedito João Cordeiro, localizado no Bairro Sítio Cercado, município de Curitiba/Paraná, foco da presente reflexão. Durante o período, três estagiárias realizaram suas observações e regências nas turmas de ensino médio e fundamental na disciplina de geografia, sendo a instituição escolhida pelas práticas pedagógicas diferenciadas da docente regente e também pela possibilidade de conhecer outras realidades de sala de aula.

Iniciamos o relato contextualizando o estágio do curso antes e no contexto da Pandemia. Na sequência, abordamos sua organização, implementação e, ao final, fizemos uma avaliação na perspectiva da orientação, da supervisão e das próprias estagiárias. Entendemos que a situação de pandemia forjou transformações do estágio supervisionado, das ações ligadas à supervisão e à orientação em novo contexto e também possibilitou aos estagiários, em processo de formação inicial, experiências de ensino remoto que não estavam colocadas em seu horizonte formativo.

Uma das vantagens do estágio remoto verificada foi que, por meio do mesmo, professores e educandos de municípios e unidades da federação os mais diversos puderam entrar em contato e tecer juntos a formação em uma situação nunca antes vivenciada por ambos. Entendemos que existem diversos limites do estágio em formato remoto, pois a vivência da escola como um todo foi impossibilitada, dado que houve interdição do acesso aos prédios escolares, aos seus vários ambientes, às salas de aulas presenciais, entre outros.

A vivência presencial e física na escola possibilita estabelecer relações sociais escolares para além do espaço da sala de aula (arredores da escola, momentos de entrada e saída dos estudantes e equipe escolar, intervalo – ambiente da sala de professores, relações que ocorrem no pátio da escola, entre outras). Além disso, pode proporcionar uma constante troca de aprendizados no momento da aula com o professor regente da turma e também com outros profissionais que atuam na escola, fator prejudicado na dinâmica virtual, pois as conversas entre professor e estagiários não podiam ser feitas durante as aulas. Outro elemento limitante das relações e interações sociais voltadas ao processo de ensino e aprendizagem é que muitos estudantes não possuíam câmeras, outros não se sentiam à vontade para abri-las, alguns não as abriam em função da limitação de seu pacote de dados ou tinham dificuldade para interagir nas aulas. Contudo, sabemos que foi um momento necessário e que, certamente, nos permitiu verificar que a reinvenção constante deste espaço formativo é possível e necessária.

### **O estágio supervisionado no curso de licenciatura em Geografia da UFPR litoral e sua reinvenção em tempos de pandemia**

O estágio supervisionado do curso de licenciatura em geografia da UFPR litoral ocorre a partir do 3º ano ou 5º semestre letivo e tem a carga horária total de 420 horas, efetivada em 4 blocos de 105 horas. O objetivo é que este espaço viabilize o aprimoramento ético-político, técnico-científico e educacional da formação profissional, por meio da

vivência, análise e solução de questões ligadas ao exercício da docência em geografia nas várias modalidades da educação básica, visando a mobilização dos conhecimentos ético-políticos, teóricos e práticos construídos ao longo da formação (PPC, 2015<sup>1</sup>). Em cada um dos 4 semestres existe um foco a partir do qual se realiza a reflexão e a formação:

- Estágio I - Educação e Democracia: trabalha-se o exercício do magistério em geografia tendo como referência as suas possíveis contribuições à democracia participativa fim de adensar a formação docente no campo ético e político, restringida no contexto pandêmico. Para tanto, investiga-se os Projetos Político Pedagógicos das escolas, os Planejamentos dos docentes como expressões das políticas e programas públicos, tendo como referência a gestão democrática da escola. A partir dessa construção, prepara-se os educandos e educandas para o campo do Estágio II;

- Estágio II - O educador geógrafo e os espaços escolares: como o próprio tema informa, o foco neste momento está voltado à atuação do profissional na escola e nos diferentes espaços educativos que a transcendem: espaços educativos não formais e informais. Neste momento também se investiga e analisa os materiais didáticos e paradidáticos utilizados em sala de aula, compreendendo-os como um dos elementos que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem dos conhecimentos geográficos, mas que devem ser constantemente interrogados e analisados criticamente pelos educadores e educadoras a fim de que tenham autonomia no trabalho com os mesmos;

- Estágio III - Identidades e compromissos nos espaços educacionais: é neste momento em que ocorre uma imersão maior no tocante ao trabalho em sala de aula nos vários níveis de ensino e modalidades educacionais. Neste momento, os educandos e as educandas são incentivados(as) a adensar as relações com os supervisores (professores e professoras da educação básica da disciplina de geografia) a fim de que possam construir parcerias para o trabalho em sala de aula em que o primeiro orienta e possibilita vivências nas aulas de geografia e nas escolas que incentivem os futuros professores e professoras na construção das suas identidades e dos seus compromissos educacionais. O professor supervisor tem plena liberdade e centralidade na mediação deste processo, cabendo ao orientador de estágio auxiliá-lo e fortalecê-lo;

---

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ/LITORAL. Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia da UFPR/Litoral. Matinhos: UFPR Litoral, 2015. Disponível em: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2016/08/PPC-Geografia-Versão-Final-AlteradoCoord-geral-estagio-of-11fev2016-1.pdf>

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 165-174, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

- Estágio IV - Propostas e Ações como Educador(a): é nesta fase que, preferencialmente, os estagiários fazem suas proposições educacionais em comum acordo com os seus supervisores, procurando fazer intenso diálogo com a realidade dos educandos tendo como referência a interdeterminação entre o ensino, a pesquisa e a extensão pois se compreende a aprendizagem dos conteúdos da geografia enquanto instrumento de compreensão, leitura e transformação da realidade.

Com a interrupção do calendário acadêmico na segunda quinzena de março de 2020 em função da Pandemia de COVID-19, os estágios supervisionados foram cessados e retomados apenas em 2021, pois a avaliação do coletivo de docentes e discentes que compõe o curso foi a de que, a despeito de entender que haveria perdas na organização do mesmo em formato remoto, havia a necessidade de efetivá-lo a fim de que os educandos e educandas da turma que entrou em 2017 pudesse continuar a sua formação para concluir o último semestre letivo. Ainda assim, os mesmos se formaram um ano depois do tempo previsto.

Tomada a decisão, foram debatidas coletivamente na Câmara do Curso – instância pedagógica que reúne o conjunto de discentes e docentes que, respectivamente, estudam e colaboram com o curso por meio dos módulos -, as estratégias de efetivação do Estágio III em formato remoto. Em função de que muitos discentes tinham retornado às suas cidades de origem e outros tinham mudado de residência, muitas das quais em outras unidades federativas, foi proposto que os mesmos pudessem fazer o estágio remotamente com educadores e educadoras de outros municípios e unidades da federação que também estavam atuando por meio do ensino remoto. Alguns educandos e as educandas que moravam ou estavam morando no município de Matinhos fizeram com profissionais que atuavam nas escolas estaduais do mesmo.

Importante destacar que um dos desafios foi o preenchimento dos termos de compromisso e outros documentos dos estagiários e estagiárias que efetivaram seus estágios de docência no estado do Paraná e São Paulo, pois ambas as SEEDs (Secretarias de Educação de Estado) possuem protocolos e encaminhamentos distintos, o que demandou diálogos dos orientadores e da coordenação do curso com os responsáveis nas SEEDs, com os diretores e os pedagogos para a realização dos mesmos.

### **A supervisão do estágio: o chão da escola e sua relevância na formação inicial docente e sua reinvenção no contexto da pandemia**

Estar em sala de aula ganhou novos contornos, complexidades e espacialidades no momento em que a pandemia da Covid-19 adentrou o nosso cotidiano. Isto porque a situação pandêmica exigiu a criação de um novo ambiente educacional em contexto remoto, excluindo deste processo a materialidade do chão-da-escola com suas várias territorialidades, tão fundamentais para o exercício do ensinar/aprender e aprender/ensinar. A inexistência de uma sala de aula física com carteiras, a falta de convivência e interação entre sujeitos na sala e a necessária adequação dos conteúdos e metodologias para as discrepantes condições de acesso dos educandos marcaram algumas das muitas mudanças exigidas para o período.

Sendo impossível a realização de uma mera transferência ou reprodução da sala de aula física para um ambiente virtual, os professores da educação básica se viram imersos na tarefa de compreender e conceber um novo espaço para trocas, considerando as inúmeras transformações, dificuldades e impossibilidades geradas pela situação pandêmica, agravada pela crise econômica: falta de infraestrutura de internet, ausência de espaço em casa adequado para as aulas remotas, falta de privacidade nas casas - o que fez com que muitos estudantes não ligassem suas câmeras e/ou microfones, falta de tempo pois muitos estudantes tiveram que cuidar de seus irmãos, da casa e até mesmo trabalhar, entre outras ações que interferiram na drástica mudança do ambiente escolar.

Aos poucos o cotidiano escolar foi sendo adaptado e reorganizado, com novas prioridades e modos outros de debater as temáticas das aulas, com temas geradores que articulassem o atual momento daqueles estudantes e com estratégias pedagógicas que dessem conta de envolvê-los naquele período – eivado de preocupações e demandas outras. Para citarmos alguns exemplos, uma das principais estratégias adotadas no período foi a realização de levantamento *in loco* durante a aula, com desafios para que os estudantes pudessem verificar produtos que possuíam em casa, demandou-se também a seleção trechos de letras de canções que tivessem relação com o tema trabalhado, entre outras. Em relação aos conteúdos adaptados, optamos por trazer, sempre que possível, a relação entre a matéria (Por exemplo: globalização, multinacionais, Brasil) com notícias recentes, principalmente conectadas à realidade no contexto da pandemia.

Neste processo, o estágio também mudou, desde a interação inicial com a escola e a professora supervisora, o modo como os estagiários e estagiárias poderiam estar presentes em sala, fazendo com que novamente aprendêssemos, enquanto criávamos e organizávamos pela primeira vez a supervisão e orientação em questão. Como educadoras, entendemos que o estágio supervisionado representa importante etapa para a formação do profissional

docente, compreendendo que a supervisão se constitui no vínculo fundamental para que o estudante de licenciatura em geografia possa entrar em contato com o chão-da-escola desde a perspectiva docente – muitas vezes pela primeira vez. Com isto, a supervisora sempre se propôs a receber e trabalhar o estágio de maneira conjunta com os professores orientadores da Universidade, não sendo diferente no período remoto.

Pouco tempo após o início do período de ensino remoto a professora da educação básica foi contatada para receber algumas estudantes que precisavam fazer o estágio supervisionado. Diferente dos outros anos, estas estudantes encontravam-se em outras cidades e campi – fator que impossibilitaria a realização desta relação em tempos de ensino presencial. Após os combinados iniciais, foram realizadas algumas reuniões para: organizar o cronograma de trabalho, compreender as expectativas das estudantes e apresentar e problematizar questões iniciais.

Para melhorar a comunicação, decidimos pela criação de um grupo no *whatsapp*, uma vez que, diferente da sala de aula, o ambiente do Google Meet tornava impossível conversar de modo mais particular ou relatar impressões sobre o andamento da atividade – por vezes explicando contextos familiares, ou como foram programadas as propostas didáticas. Dessa maneira, as estudantes podiam relatar suas impressões, o que consideravam desafiador, perguntando como lidar com determinadas questões e até mesmo questionando experiências anteriores à pandemia. Esse grupo foi uma alternativa criada para adensar os diálogos entre as estagiárias e a supervisão, visto a impossibilidade de realizá-los no ambiente virtual da sala de aula.

Este processo de acompanhamento-comunicação cotidiano, auxiliou as estudantes de licenciatura a construir uma visão acerca da escola, da sala de aula e de como pensar suas próprias aulas de geografia, nem sempre supridas por planejamentos ou livros didáticos ofertados pelo Estado. Além disto, pretendíamos criar um ambiente de acolhimento no qual podiam relatar suas angústias e medos diante do “ser professor”, uma vez que sabemos que, em geral, existe uma insegurança sobre o estar em sala pela primeira vez, com questionamentos como “será que dou conta?”, “e se eu não souber responder?”, “e como saber o que aplicar nas aulas?”, enfim, questões que emergem principalmente quando nos deparamos com a prática da sala no momento do estágio.

É neste sentido que o estágio supervisionado pode auxiliar na formação inicial dos professores, uma vez que, quando existe de fato uma relação de supervisão e troca de experiências com os mesmos, pode ocorrer a ampliação tanto do seu aporte teórico e de

ferramentas para o trabalho em sala de aula, quanto no trabalho com sua confiança em se sentirem preparados para estar neste novo papel. Pensar o período do estágio vai para além do ato de receber estudantes em sua sala de aula ou deixá-los apáticos observando a sua prática. Pelo contrário, relaciona-se com o encontro de projetos educativos (da educação básica e da formação inicial de professores), com a defesa de uma dada concepção de educação, dos papéis docentes, dos objetivos pedagógicos do ensino de geografia, com a apresentação das possibilidades para se trabalhar em um horizonte ético-político voltado à democracia, apesar dos desmontes promovidos por determinados setores governamentais.

Com toda certeza realizar esta atividade em formato remoto representou um exercício de adaptação e comprometimento de todos os envolvidos com a mesma, sendo necessário estruturar momentos para que as interações pudessem ocorrer, colocando em nosso cotidiano mais momentos de reflexão que descolavam-se da intensidade da sala de aula presencial – uma vez que, em outros momentos, a interação ocorre totalmente na escola, envolvida pelas dinâmicas, práticas sociais e tempos da mesma, ao contrário da modalidade remota na qual a dinamicidade da sala e do ambiente escolar como um todo acabava com o fim da chamada do *Google Meet*.

### **Avaliação do estágio supervisionado no contexto pandêmico sob múltiplos olhares**

Nas linhas que seguem apresentamos uma síntese avaliativa do estágio supervisionado, iniciando com as perspectivas das estagiárias, cujas respostas ao questionário aplicado junto às mesmas evidenciaram um conjunto de elementos positivos e negativos em relação ao formato remoto:

- A falta de contato físico com o ambiente escolar e com a totalidade dos sujeitos que o compõem impediu interações mais amplas com os professores, a equipe escolar e os estudantes da educação básica no momento das aulas bem como nos intervalos, na entrada e saída da escola que ocorrem no estágio presencial. Foi verificada também a sobrecarga dos professores no Ensino Remoto Emergencial. O contato com as estratégias utilizadas pela profissional para possibilitar a participação e interação no referido ambiente, foi um ponto positivo apontado. Outro, foi a chance de estagiar com uma educadora de outro município e conhecer as várias realidades dos educandos da capital paranaense;

- Sobre o estágio em formato remoto problematizaram que a situação permitiu perceber ainda mais a importância da interação para além das telas, evidenciaram também o fortalecimento da esperança em função do contato com uma prática docente que incentivava

a interação em sala de aula. Indicaram também que tomaram consciência de que as dificuldades de acesso dos educandos e educandas não estão restritas à região litorânea, mas também à capital do estado;

- Em relação à supervisão do estágio elogiaram as reuniões remotas que a docente fazia com as estagiárias, nas quais os diálogos sobre seus receios, inseguranças e outros questionamentos ligados à docência eram problematizados, auxiliando na ruptura das barreiras entre a supervisora e as estagiárias. Além disso, por meio da prática da docente supervisora, verificaram que é possível efetivar o que aprenderam durante a formação inicial. Como ponto negativo problematizaram que o ambiente remoto prejudicou a convivência com a supervisora;

- Em relação à orientação do estágio destacaram como ponto positivo o compartilhamento das vivências, o debate semanal das experiências em sala de aula na Universidade, a preocupação da orientação. Um ponto negativo do processo refere-se ao desencontro de informações e protocolos para que pudessem iniciar seu estágio, uma vez que a SEED mudou seu protocolo de oferta de estágio e o processo de entrada nas escolas passou a ser gerido pela Secretaria de Educação e não mais pela escola, como era anteriormente. Além disto, destacaram também os percalços na organização do estágio, dada a situação pandêmica;

- Em relação aos desafios do estágio em formato remoto destacaram a questão da fragilidade material promovida pela situação pandêmica, sobretudo no tocante às dimensões psicológica e econômica e à necessidade de equipamentos e internet de qualidade. Estes elementos foram também apontados como problemáticos. Outro desafio foi conciliar no espaço doméstico a realização do estágio com os cuidados com a filha. A conciliação do tempo das aulas, do estágio e do trabalho também foi destacada. Sabe-se que durante este período inúmeras pessoas foram interdidas da possibilidade de acesso às atividades escolares e acadêmicas, seja pela falta de acesso à equipamentos, redes de internet e pacote de dados que permitissem seu acesso online. Não foram poucos os relatos de estudantes que passaram dois anos sem contato com professores por não terem internet, equipamento e até mesmo pelo fato de terem que arranjar algum trabalho remunerado. Apesar das alternativas emergenciais efetivadas verificamos nas aulas remotas o impacto causado pelas diferentes condições materiais de acesso neste período, com defasagens de aprendizagem e falta de atenção generalizadas nas salas.

Outro ponto levantado nos relatos das estagiárias corresponde à saúde mental e fragilidade psicológica do período pandêmico. Ao longo de dois anos, um dos maiores desafios do isolamento social foi justamente a adaptação para o ensino remoto, quando antes estávamos acostumados a encontrar pessoas, ir presencialmente a diferentes espaços escolares em distintos tempos. De um momento para o outro, a casa se tornou local de descanso, trabalho e lazer, o que restringiu drasticamente as relações sociais. Este cenário gerou um sério sentimento de desesperança nos estudantes e jovens, que entenderam tais restrições como “impedimentos” para que aproveitassem esta fase, além disto, era no ambiente escolar que muitos encontravam amparos para os problemas de casa, precisando agora lidar com isto longe deste local que, não raro, os protegia e auxiliava a construir visões outras acerca de suas vidas.

Por fim, as estagiárias ainda destacaram a conciliação do trabalho doméstico e cuidados com filhos - caso de uma estagiária neste período. Estando em casa e sendo as responsáveis por estes serviços, mulheres – de todas as idades – se viram realizando sua dupla jornada de modo concomitante, os limites entre trabalho doméstico e trabalho remunerado – ou no caso estágio – mesclaram-se e avançaram um sobre o outro, gerando uma sobrecarga e desafio ainda maior para que elas pudessem ter atenção total no estágio sendo realizado. Neste sentido, destacou-se a relevância de se ter espaço adequado às atividades escolares.

- A experiência do estágio remoto demonstrou, segundo as estagiárias, que na educação básica as aulas presenciais são fundamentais pois permitem mais interações e o “olho no olho”. Além disso, permitiu verificar o quanto a supervisora precisou se desdobrar para realizar interações e escuta atenta dos educandos e educandas. Outro elemento destacado foi a distância entre o que a Secretaria de Estado propõe e as práticas docentes que se depararam com um conjunto de problemáticas que, não raro, fugiam da alçada dos profissionais que não tiveram apoio institucional;

- Quando solicitadas a compararem o estágio presencial e remoto evidenciaram que, apesar das vivências maravilhosas, a situação as levou a refletir sobre a questão da exclusão dos educandos e educandas que não tinham condições materiais para acompanhar as aulas remotas. Uma delas, destacou que o estágio presencial realizado no semestre anterior foi desgastante dada a falta de acolhimento da escola e dos professores. A questão da interação das estagiárias, dos estudantes e dos educadores no ambiente escolar foi evidenciada como ponto positivo no estágio presencial, apesar da restrição de ter que estagiar apenas em escolas locais. No ambiente remoto foi interessante o fato de se ter ampliado o escopo geográfico

dos locais de realização do estágio, possibilitando conhecer professores e estudantes de outros municípios e, conseqüentemente, outras realidades;

- As estagiárias afirmaram que o estágio remoto foi excelente, muito por conta da forma como a supervisora trabalhou em sala de aula, apesar da dificuldade de acesso das mesmas e também dos estudantes por falta de equipamentos e de sinal de internet adequados à plataforma utilizada, determinada pelo governo do estado do PR (Google Meet). Afirmaram que o ensino remoto poderia ser satisfatório em um mundo ideal no qual os estudantes tivessem assistência familiar, alimentação, moradia, acesso a equipamentos eletrônicos e espaços adequados, internet de qualidade, acompanhamento para sanar dificuldades de aprendizagem e também no qual os educadores também tivessem material eletrônico, pacote de dados adequados oferecidos pelo Estado e também ampliação das horas atividade. Destacaram que, apesar de existirem problemáticas na educação presencial, ela auxilia a sanar algumas dificuldades dos educandos como na questão da oferta da alimentação, de proporcionar ambientes (sala de aula, biblioteca, laboratório de informática, mobiliário, entre outros) adequados às necessidades do ensino e da aprendizagem.

Tendo em vista o exposto, podemos afirmar que o estágio supervisionado em tempos de pandemia, a despeito das suas dificuldades, demandou a reinvenção da docência na educação básica e na formação docente. Exigiu ampliação e adensamento do diálogo entre as docentes de ambos os níveis de ensino, bem como com as estagiárias para a criação de um ambiente propício à formação de professores, apesar da situação pandêmica. Importante destacar que o trabalho diferenciado e comprometido da supervisora fez significativa diferença nos pontos que foram avaliados positivamente no estágio em formato remoto.

## **DISTANCIADOS POR UM VÍRUS, UNIDOS POR UM MAPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA COLETA DE DADOS PRODUZIDA NO PERÍODO PANDÊMICO DA COVID-19**

**Guilherme Aparecido de Godoi**

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

E-mail: [guilhermeapgodoi@gmail.com](mailto:guilhermeapgodoi@gmail.com)

**Francismara Neves Oliveira**

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

E-mail: [francis.uel@gmail.com](mailto:francis.uel@gmail.com)

**Ana Carolina Mexia Aleixo**

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

E-mail: [anacarolinamexiaaleixo@gmail.com](mailto:anacarolinamexiaaleixo@gmail.com)

### **Introdução**

No final de 2019 tornou-se público que uma nova doença – a COVID-19, estava se alastrando rapidamente, fato que começou a chamar a atenção do mundo inteiro. Esse novo vírus (SARS-CoV-2) foi detectado primeiramente na China, na cidade de Wuhan, mas em pouco tempo se espalhou por todo o mundo. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou que o mundo estava vivendo um estado de pandemia. Desde então, o cotidiano das pessoas passou a ser marcado pelo uso de máscaras, lockdowns, distanciamento social, medidas sanitárias, aulas remotas e infelizmente milhares de pessoas se contaminaram e perderam suas vidas. De fato, a pandemia causada pelo coronavírus trouxe danos imensuráveis para o mundo inteiro. Além da questão da saúde e epidemiologia, a pandemia ocasionou impactos sociais, econômicos, políticos, culturais sem precedentes na história da sociedade moderna.

Esse contexto inédito também interferiu diretamente no mundo acadêmico-universitário. Além da interrupção das aulas e atividades presenciais, a realização de diversas pesquisas científicas, especialmente aquelas em que a coleta de dados é realizada presencialmente, foi impactada com a situação pandêmica. Um pesquisador, por exemplo, que coleta seus dados junto a alunos de uma escola, em uma biblioteca ou em algum departamento público, não pôde assim fazê-la, pois estes locais fecharam suas portas ou tiveram seu acesso restrito durante grande parte desse período. Nessa direção, alguns

## Relato de Experiência

*Distanciados por um vírus, unidos por um mapa: relato de experiência de uma coleta de dados produzida no período pandêmico da Covid-19. Guilherme Aparecido de Godoi, Francismara Neves Oliveira e Ana Carolina Mexia Aleixo.*

pesquisadores adiaram projetos de pesquisa para ocorrerem posteriormente ou pausaram pesquisas que já estavam em andamento.

Tais aspectos foram vivenciados pelos integrantes do grupo de pesquisa “Processos de escolarização no cotidiano escolar: contribuições da Epistemologia Genética”, também conhecido como “Grupo de Pesquisa Piagetiano”, do departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), que desde 2009 desenvolve pesquisas na perspectiva piagetiana. Nesse grupo, os estudos abrangem desde trabalhos de conclusão de curso, iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado, nas mais diversas temáticas correlacionadas à educação, entre elas, geografia, educação física, matemática, música, pedagogia, psicologia escolar, dentre outras. Com exceção dos estudos teóricos como os de revisão sistemática, as pesquisas desenvolvidas pelo grupo possuem coleta de dados junto a um público-alvo, que acontecem predominantemente no espaço escolar. Sejam os estudos de caso, que contam com um número reduzido de participantes, até os delineamentos evolutivos, no qual participam diversos sujeitos com idades e níveis de escolarização variados, a coleta dos dados sempre se realizou presencialmente.

Devido a imprevisibilidade e prolongamento da situação pandêmica, as pessoas e instituições tiveram que encontrar meios para se adaptar a essa situação. No âmbito educacional, foi adotado o ensino remoto emergencial, com retomada das atividades escolares à distância. Nessa direção, as pesquisas acadêmico-científicas sobre os fenômenos relacionados à Educação, puderam retornar aos poucos suas investigações e intervenções junto ao ambiente escolar. Diante o contexto descrito, o presente texto objetivou relatar a experiência de uma coleta de dados realizada virtualmente, referente a um estudo desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Piagetiano - UEL, o qual teve como temática investigar o conhecimento cognitivo das noções espaciais de graduandos em pedagogia.

### **Um estudo acerca da representação do espaço: preâmbulo**

Entre as temáticas possíveis para serem estudadas na perspectiva da Cartografia Escolar, a que pretende investigar o nível de desenvolvimento das noções espaciais em estudantes de pedagogia, apresenta-se como sendo de extrema relevância. Afinal de contas, para um professor dos anos iniciais desenvolver uma prática pedagógica construtiva com a alfabetização cartográfica, torna-se indispensável que tal docente tenha domínio cognitivo e conceitual dos aspectos envolvidos na construção dos conhecimentos cartográficos.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 175-181, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

Apoiado no aporte teórico-metodológico da teoria piagetiana da Epistemologia Genética, a representação do espaço envolve o desenvolvimento das noções espaciais topológicas, projetivas e euclidianas (PIAGET; INHELDER, 1993). O espaço topológico comporta as noções de vizinhança, separação, ordem, envolvimento e continuidade. São as primeiras noções elaboradas pelo sujeito a partir da sua interação com o meio físico e social. Em continuidade, são elaboradas noções do espaço projetivo e euclidiano. As noções projetivas envolvem o relacionamento das perspectivas: acima-abaixo, frente-atrás e direita-esquerda são as noções que permitem a coordenação dos diferentes pontos de vista no campo espacial. Já o espaço euclidiano comporta as noções métricas de distância, área e proporção, as quais são fundamentais na organização de um espaço estruturado em um sistema de coordenadas.

O desenho espontâneo ou cópias de modelos pré-definidos foram alguns recursos utilizados por Piaget para investigar a psicogênese das noções espaciais. Um de seus experimentos, foi a prova operatória intitulada como Mapa da Aldeia (PIAGET; INHELDER, 1993). Em linhas gerais, essa prova consiste em solicitar ao participante que realize um desenho de uma composição territorial fornecida como modelo. Em outras palavras, trata-se de um mapeamento.

O método clínico-crítico é o método utilizado nas pesquisas na perspectiva da Epistemologia Genética. Segundo Delval (2002, p. 12):

O método clínico é um procedimento de coleta e análise de dados para o estudo do pensamento da criança (embora também se aplique ao estudo do pensamento dos adultos) que se realiza mediante entrevistas ou situações muito abertas, nas quais se procura acompanhar o curso do pensamento do sujeito ao longo da situação, fazendo sempre novas perguntas para esclarecer respostas anteriores. Consta, portanto, de algumas perguntas básicas e de outras que variam em função do que o sujeito vai dizendo e dos interesses que orientam a pesquisa que está sendo realizada.

Nessa direção, a essência do método piagetiano consiste na intervenção sistemática que o pesquisador realiza em função do que o participante vai dizendo ou fazendo. No Mapa da Aldeia, por exemplo, o pesquisador não vai analisar somente o desenho produzido, mas sim, realizar questionamentos ao participante, durante e após a realização do mapa, com o intuito de compreender melhor como ele representa a situação e organiza sua ação. Deste modo, realizar a coleta desses dados pressupõe o contato direto com o participante. A esse

## Relato de Experiência

*Distanciados por um vírus, unidos por um mapa: relato de experiência de uma coleta de dados produzida no período pandêmico da Covid-19. Guilherme Aparecido de Godoi, Francismara Neves Oliveira e Ana Carolina Mexia Aleixo.*

respeito nos questionamos: seria possível uma coleta de dados virtual seguindo os princípios do método clínico-crítico? Quais procedimentos adotar e quais adaptações poderiam ser realizadas para aplicação da prova operatória do Mapa da Aldeia? Essas questões foram motivadoras para idealização de um estudo inédito, o qual tem sua experiência relatada no tópico a seguir.

### **Adaptações do método piagetiano para o contexto virtual: epílogo**

O estudo realizado teve como objetivo investigar o conhecimento cognitivo das noções espaciais de graduandos em pedagogia. O cenário foi uma universidade estadual do norte do Paraná. O grupo participante foi formado por estudantes de 4 turmas do curso de pedagogia. No total 59 estudantes consentiram em participar do estudo e devolveram assinado (virtualmente) o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A coleta dos dados ocorreu coletivamente durante uma das aulas da disciplina de Psicologia da Educação, a qual estava sendo ministrada virtualmente através do Google Meet.

Para a produção dos dados foram realizadas adaptações tanto no instrumento quanto no procedimento de coleta. Toda a coleta dos dados ocorreu virtualmente via Google Meet e Google Forms. Para a prova operatória do Mapa da Aldeia, foi disponibilizado uma maquete que serviu como modelo para o mapeamento. Os participantes tiveram acesso a essa maquete através de um vídeo e um slide com duas fotografias do referido modelo. O slide permaneceu em exibição durante a execução do desenho. A Figura 1 ilustra o slide com as imagens da maquete

**Figura 1.** Slide com as imagens da maquete



Fonte: elaborado pelos autores

## Relato de Experiência

*Distanciados por um vírus, unidos por um mapa: relato de experiência de uma coleta de dados produzida no período pandêmico da Covid-19. Guilherme Aparecido de Godoi, Francismara Neves Oliveira e Ana Carolina Mexia Aleixo.*

Primeiramente foi explicado para o grupo que a tarefa consistia em realizar um mapeamento da maquete disponibilizada. Foi transmitido um vídeo que apresentava a maquete e seus elementos. Nesse vídeo, os elementos foram todos focados um a um e nomeados pelo narrador. Por fim, a câmera filmou todos os ângulos da maquete, circundando o modelo por todos os lados, inclusive por cima. Em seguida foi explicado que o desenho deveria ser feito a partir de uma visão aérea (vertical). Para garantir um bom entendimento, foi fornecido a seguinte narrativa: “Imaginem que existe um helicóptero sobrevoando essa maquete. Ele está posicionado na parte central e bem no alto. É esta a visão que o mapa de vocês deve representar. Como se alguém estivesse olhando lá de cima”. Por fim, os participantes foram orientados a utilizarem para o desenho os materiais que tivessem disponíveis ao seu alcance naquele momento. E que durante o mapeamento permaneceria projetado na tela um slide com duas fotografias da maquete. Como mostra a Figura 1, o slide trazia escrito “Lembre-se de desenhar na visão aérea”, reforçando a orientação para o mapeamento.

Através desse movimento, com a exibição do vídeo e as imagens da maquete, buscou-se garantir que todos os participantes percebessem os elementos que compunham o modelo a ser representado. Assim como, possibilitar a percepção das relações de proporção e posicionamento entre os elementos. Em linhas gerais, estas adaptações procedimentais objetivaram vencer o distanciamento e possibilitar a percepção de um objeto ausente fisicamente, mas presente por meio da tecnologia.

Par e passo, os participantes também foram orientados a preencherem um formulário com algumas questões que versavam sobre o mapeamento realizado. Este formulário foi construído a partir do Google Forms e seu link foi disponibilizado no chat da sala de aula virtual. O Quadro 1 representa o formulário com as questões.

**Quadro 1.** Formulário do Participante

Neste formulário estão algumas questões sobre o mapeamento realizado. Lembre-se que não há resposta certa ou errada. Procure fornecer respostas completas e não aquelas curtinhas, com sim ou não. Seus dados pessoais não serão divulgados.	
1-	Nome completo
2-	Idade
3-	Está em qual semestre do curso de pedagogia?
4-	Anexar seu mapa (tire uma foto do mapa e faça upload do arquivo)
5-	Fale um pouco sobre seu mapa? O que você desenhou? Como desenhou? etc
6-	Você considera que seu mapa representa bem a maquete? Justifique. Explique um pouco mais.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 175-181, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

## Relato de Experiência

*Distanciados por um vírus, unidos por um mapa: relato de experiência de uma coleta de dados produzida no período pandêmico da Covid-19. Guilherme Aparecido de Godoi, Francismara Neves Oliveira e Ana Carolina Mexia Aleixo.*

7- Você teve alguma dificuldade para construir esse mapa? Explique um pouco mais.
8- Agora fale um pouco sobre as casas que você desenhou. O que você desenhou? Considerando o que você desenhou comparado a maquete, o que você percebe?
9- Agora fale um pouco sobre os prédios que você desenhou. O que você desenhou? Considerando o que você desenhou comparado a maquete, o que você percebe?
10- Agora fale um pouco sobre as ruas, o rio e as árvores que você desenhou. O que você desenhou? Considerando o que você desenhou comparado a maquete, o que você percebe?
11- Uma pessoa teria que estar olhando a maquete em que posição para ter uma vista igual ao mapa que você desenhou? Explique um pouco sobre isso.

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Os participante preencheram o formulário logo quando terminaram o mapeamento. Neste formulário, além de questões com dados pessoais, os participante tiveram que anexar uma fotografia do mapa cosntruído e responder a algumas questões sobre a atividade realizada. Essas questões solicitavam que o participante explicasse sua ação na representação gráfica. Nesse sentido, tiveram que responder, por exemplo, como representaram as casas, os prédios, as árvores e os demais elementos, e por que decidiram por assim representá-los. Havia também uma questão sobre a perspectiva adoadada no desenho. Por mais que todos tivessem sido orientados a adotar a visão vertical, buscou-se com essa questão verificar se o participante sustentou essa perspectiva no mapa.

Em suma, as questões buscavam investigar como estava organizado o pensamento do participante na representação espacial. Assim como, garantir uma forma de intervenção acerca da atividade realizada, aspecto essencial no método clínico-crítico. De modo geral, a maior parte dos participantes conseguiu registrar respostas completas para as questões, trazendo ideias interessantes sobre o mapa construído. As imagens também foram anexadas com sucesso. Deste modo, foi possível coletar aspectos relevantes para o entendimento do nível de elaboração espacial que esses participantes apresentavam no momento da produção dos dados.

### Considerações finais

Coletar dados e produzir uma pesquisa na perspectiva piagetiana, durante a pandemia do coronavírus com o distanciamento social, constituiu-se enquanto uma tarefa desafiadora. Uma série de adaptações foram planejadas para que essa coleta ocorresse virtualmente, buscando assim superar esse distanciamento e produzir dados que permitissem uma leitura adequada da situação investigada.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 175-181, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

## Relato de Experiência

*Distanciados por um vírus, unidos por um mapa: relato de experiência de uma coleta de dados produzida no período pandêmico da Covid-19. Guilherme Aparecido de Godoi, Francismara Neves Oliveira e Ana Carolina Mexia Aleixo.*

Em nossa análise, as adaptações da prova operatória do Mapa da Aldeia produziram um resultado satisfatório. O vídeo e as imagens da maquete conseguiram fornecer a percepção necessária do modelo topográfico para a realização do mapeamento. Com isso, o fato de o participante não estar no mesmo espaço físico que o material da prova, não se constituiu enquanto um fator limitador para a realização do experimento. Quanto ao formulário com as questões, consideramos que foi um elemento essencial, pois por meio das respostas dos participantes, foi possível obter indícios acerca do pensamento envolvido na representação espacial, complementando a análise do desenho.

Contudo, as adaptações procedimentais não foram suficientes para alcançar a dinamicidade envolvida no método clínico-crítico. Tal aspecto se relaciona ao fato de que no método piagetiano é indispensável a intervenção sistemática do experimentador. A partir das ações e falas do sujeito, o experimentador realiza uma série de intervenções com o intuito de coletar dados sobre aquilo que não é percebido diretamente, isto é, o pensamento que organiza a ação. Nesse sentido, enquanto o sujeito desenha seu mapa e ao terminá-lo, o experimentador realiza questionamentos acerca das condutas adotadas na tarefa realizada. Deste modo, os questionamentos organizados no formato de um formulário, não permitiram essa intervenção dinâmica sobre as respostas fornecidas.

Por fim, consideramos que alguns aspectos procedimentais podem ser melhorados. Entre eles, a realização do experimento individualizado. Com isso, a intervenção do pesquisador é favorecida, podendo obter informações importantes, de modo síncrono, junto ao participante. Assim como permite observar outros aspectos relevantes, por exemplo, as condutas procedimentais e reações corporais do sujeito que desenha seu mapa.

## Referências

DELVAL, Juan. **Introdução à prática do Método Clínico**: descobrindo o pensamento das crianças. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A representação do espaço na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

## COVID-19 EM DESENHOS: GEOGRAFIAS VIVIDAS POR ALUNOS DE CAARAPÓ-MS<sup>1</sup>

**Kamila Madureira da Silva**

Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS

E-mail: [kamila\\_agro@hotmail.com](mailto:kamila_agro@hotmail.com)

**Alexandre Bergamin Vieira**

Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS

E-mail: [alexandrevieira@ufgd.edu.br](mailto:alexandrevieira@ufgd.edu.br)

### Introdução

A Geografia existe para nos auxiliar a compreender a complexidade de nossas vidas, subsidiando a nossa sobrevivência. Vivemos geograficamente nosso cotidiano.

Para Faria (2012) a Geografia é algo que surgiu conjuntamente com a humanidade, mas que no início das civilizações não era assim denominada e se fazia necessária para que ocorresse a sobrevivência dos seres humanos:

A Geografia nasceu junto com a humanidade e se desenvolveu à medida que a sociedade foi evoluindo. Quando o homem ainda vivia da coleta e da caça, eram necessários conhecimentos geográficos para localizar água, comida e abrigo. Quando passou a dominar as técnicas de agricultura e criação de animais, o homem precisou entender da chuva, do solo, das plantas. (FARIA, 2012, p. 53)

Dessa forma, a Geografia, antes de se institucionalizar como conhecimento científico estruturado, nos remeteria para o (re)conhecimento da organização espacial dos fenômenos ou da espacialidade dos objetos da vida cotidiana e, assim, deve se apresentar aos alunos da educação básica como algo concreto, vivenciado, percebido e real.

Assim, para que os alunos do ensino fundamental e médio compreendam quão experienciada e real são as suas geografias, buscamos trazer para o seu cotidiano aqueles temas de Geografia que, aparentemente, se apresentam como algo enfadonho e tedioso e que não lhes pertencem. Ou melhor, procuramos, a partir da sua realidade, trazer elementos da espacialidade dos objetos reais do seu dia a dia que a princípio pareciam distantes do raciocínio espacial, sendo a pandemia de Covid-19 foi o tema orientador da discussão.

---

<sup>1</sup> Este texto é fruto das reflexões realizadas junto ao Projeto de Extensão “Trabalho de Campo: o ensino de Geografia fora da sala de aula”, financiado pela Pró-reitoria de Extensão da UFGD.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 182-190, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

A pandemia de Covid-19 acirrou ainda mais as desigualdades sociais, de acesso à tecnologias e à inclusão digital, não que antes, em período não pandêmico, estas desigualdades não estivessem sempre presentes, agora elas se tornaram latentes e visíveis até mesmo aos que se negavam a enxergá-la.

Caminham lado a lado professores sobrecarregados, munidos de seus celulares (particulares), computadores (particulares), com as memórias esgotadas, tanto dos aparelhos, quanto dos profissionais da educação, que necessitaram, neste período, manter contato via WhatsApp com todos seus alunos, que passaram então a ter o contato telefônico particular do professor, e acessá-lo a qualquer momento do dia, 24h.

As dificuldades do ensino remoto extrapolam as barreiras do acesso à educação, pura e simples, trazendo a realidade econômica das famílias para o contexto escolar. Nossos alunos em sua maioria padecem a falta do acesso à internet, aos celulares e computadores, mas padecem a falta do “arroz e feijão” no prato, e padecem a falta de paz que a escassez proporciona dentro dos lares, já desestruturados e munidos de álcool e drogas. É lamentável pensarmos tal situação, mas ela é uma realidade de muitos alunos das escolas na qual desenvolvemos nossas atividades.

Para isso fizemos uso da linguagem pictórica para que o aluno pudesse analisar geograficamente o seu contexto espacial e social. Sobre a linguagem pictórica no ensino da Geografia, Ferraz (2009) afirma:

Para o geógrafo, que tem no olhar a paisagem o ponto de partida do processo de estudo e reflexão sobre os determinantes espaciais da sociedade, assim criando subsídios para o ser humano mais bem localizar-se e orientar-se no mundo, o aprimorar esse olhar a partir da experiência acumulada pelos artistas em seus quadros e obras pictóricas torna-se de grande importância e de crucial necessidade para a sua formação (FERRAZ, 2009 p. 30-31).

Ferraz (2009), ainda aponta que a imagem pictórica é um formidável elemento para a compreensão da realidade socioespacial e da geograficidade do mundo e afirma que, a partir da imagem e/ou do desenho, busca-se o sentido paisagístico que expressa o sentido perceptível de determinado aspecto do mundo.

É isto que entendemos que a linguagem pictórica tenta apresentar e é o desenho o exercício estético e imagético de observador/criador, que interessa ao geógrafo, ao professor e aos alunos das aulas de Geografia. (FERRAZ, 2009, p. 32-33).

Compreender aquilo que nos rodeia se torna algo de suma importância para a nossa sobrevivência. Para isso se faz necessário entender diversos fenômenos que, de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente, interferem e/ou influenciam nossas vidas. A partir disso, nas Escolas Estaduais Professor Joaquim Alfredo Soares Vianna e Professor Arcenio Rojas, localizadas na cidade de Caarapó-MS, buscamos construir as Geografias dos alunos na pandemia de Covid-19 a partir da elaboração de imagens pictóricas (desenhos) como elementos centrais na compreensão dos temas geográficos que, anteriormente, e na maioria das vezes, se apresentava como algo avulso e genérico, desconexo do mundo vivido e percebido pelos alunos, causando a sensação de não pertencimento e falta de sentido àquilo trabalhado de forma restrita apenas nas poucas aulas de geografia.

Por fim, devemos frisar que os desenhos não se apresentaram apenas como simples ferramenta de ilustração dos temas geográficos trabalhados em sala de aula. Eles, os desenhos em si, foram centrais na construção e representação das (re) estruturação espaciais provocadas pela pandemia de Covid-19: o isolamento social, as aulas remotas, as desigualdades em todos os aspectos, principalmente no que tange ao acesso às redes de internet e equipamentos digitais para elaboração das atividades.

Assim, a seguir apresentaremos um breve relato de como estruturamos a atividade com os desenhos e analisaremos alguns deles como forma de compreender as diferentes geografias por eles representadas.

### **As geografias dos/nos desenhos**

A pandemia de Covid 19, trouxe situações inusitadas em todos os aspectos da vivência humana. A escola representa para os estudantes muito além do simples acesso à educação, ela é um momento de socialização, de compartilhar experiências, extravasar sentimentos e emoções, ter acesso ao alimento (merenda escolar), que muitas vezes é a única refeição do dia que os alunos têm acesso, um momento de libertação de lares com relações abusivas e/ou violentas, enfim, a escola é um espaço de trocas muito importante para o aluno, que foi bruscamente interrompido com o necessário isolamento social.

A atividade proposta aos alunos foi que eles relatassem, em forma de desenho, o que estavam sentindo em relação a pandemia de Covid 19 e todas as transformações no cotidiano que vieram a contragosto junto com ela.

O desenho é uma forma muito democrática de expressão, pois atinge a todo o público de maneira justa, desde o Ensino Fundamental ao Ensino Médio, ou ainda, um

artista renomado das artes visuais. Todos, sem sombra de dúvidas, possuem a capacidade de expressar emoções através dos desenhos e trazer reflexão e análise àqueles que podem observá-lo e absorvê-lo, visto que é intencional a emoção que o desenho denota e aquela que ele tem a capacidade de gerar no receptor.

O trabalho foi desenvolvido buscando contemplar um modelo de metodologia ativa, a sala de aula invertida, que tem sido implantada em universidades como a Harvard University e o Massachusetts Institute of Technology (MIT) com o intuito de explorar os avanços das tecnologias educacionais, além de minimizar a evasão e o nível de reprovação (MORAN; BACICH, 2018).

Nessa metodologia, os alunos têm a oportunidade de analisar, refletir e tentar compreender o tema, antes mesmo das explicações do professor. Os alunos receberam os materiais sobre o tema nas aulas de Geografia, tais como textos, artigos, vídeos, filmes, podcasts, entre outros, tiveram um prazo para estudá-los, e então poderem interagir com o professor, que traz o conteúdo e a discussão para a sala de aula.

Em nosso caso, os desenhos foram os resultados deste processo. Os alunos após analisarem o tema sozinhos, em casa, realizaram os desenhos, e os encaminharam para a professora, que realizou a postagem dos mesmos, sem identificação de autor, no fórum da plataforma Google Classroom, visando, desta maneira, obter as percepções e sentimentos que estes desenhos proporcionaram aos alunos e como os mesmos estavam se sentindo emocionalmente, bem como os impactos vividos ou observados pelos mesmos, em relação a pandemia de Covid 19.

### **Os desenhos da Geografia da Pandemia**

No decorrer da atividade, recebemos em média 120 desenhos que traziam uma análise da pandemia de Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, nos apresentando que as repercussões não são apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos.

Nossos alunos através dos desenhos expressam o que estão sentindo na pele, o número de mortos e infectados, bem como o impacto gerado no Sistema Único de Saúde, isso acirrado nas populações vulneráveis, que, além do medo e confinamento que a doença nos trouxe, sofrem com a insegurança alimentar e econômica, acirrando os processos de violência doméstica entre outras questões.

Outra questão observada é o impacto na saúde mental das pessoas, devido a mudanças drásticas no cotidiano, através do isolamento, o anseio por testes, vacinas, medicamentos, tudo isto aliado por uma comunidade antivacina, levando a um terrível retrocesso, fato também observado pelos nossos alunos. Isso, ao mesmo tempo que nos entristece, nos alegra, pelo fato dos alunos compreenderem quão errôneo é este pensamento, e como leva a riscos a toda sociedade.

Havendo a compreensão por parte dos alunos que as enfermidades são fenômenos biológicos e sociais, e ainda políticos, nos colocando diante de uma necessidade eminente das ciências, de pesquisadores, visando as estratégias para o enfrentamento e combate ao Covid-19 no Brasil, ao mesmo tempo que passamos por um desmonte da educação, um demérito as ciências, uma desvalorização dos profissionais das mais diversas profissões, que não deixa de ser também política.

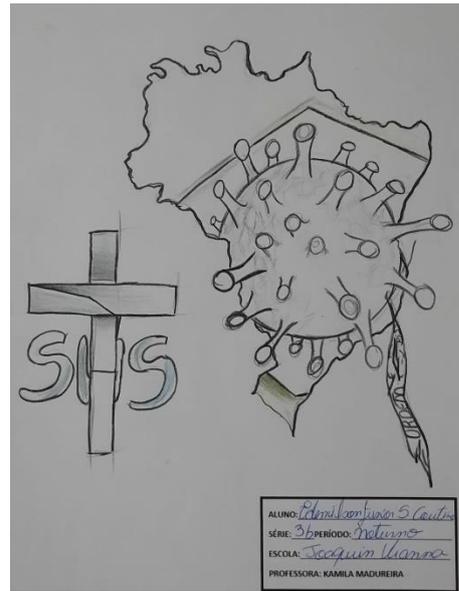
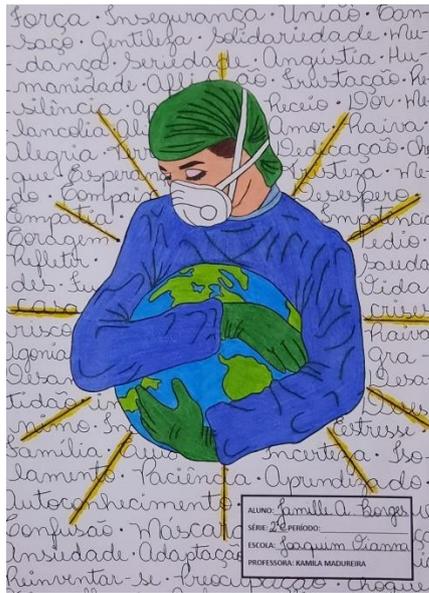
A situação dos contágios também acompanham a desigualdade social, gerando um contágio desigual, pois, impossibilitados a aderir ao isolamento social e com a ausência de condições financeiras para adquirir o sabão, o álcool em gel, as máscaras, expõem ainda mais a classe trabalhadora. Isso é evidenciado pelos alunos nos desenhos, bem como pôde ser percebida por todos que observam estes, pois, através de ilustrações, a informação adquire caráter ainda mais democrático, chegando a todos, sejam eles brasileiros ou não, graduados ou não.

A partir dos desenhos, realizamos as análises coletivas dos mesmos e a discussão dos temas pertinentes, abordando geograficamente as análises prévias expostas e observadas pelos próprios alunos, valorizando as vivências e sentimentos dos mesmos, passando a abordá-las teoricamente, de forma crítica e participativa.

*Figura 1: Desenhos da COVID-19: a percepção dos alunos*

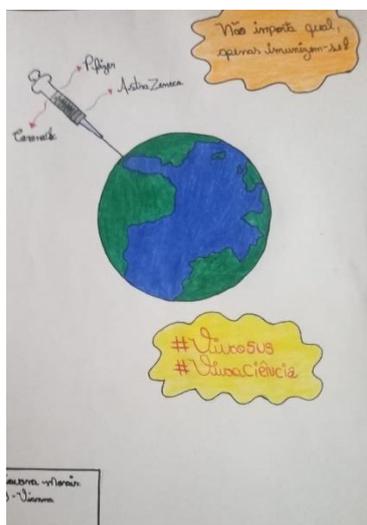
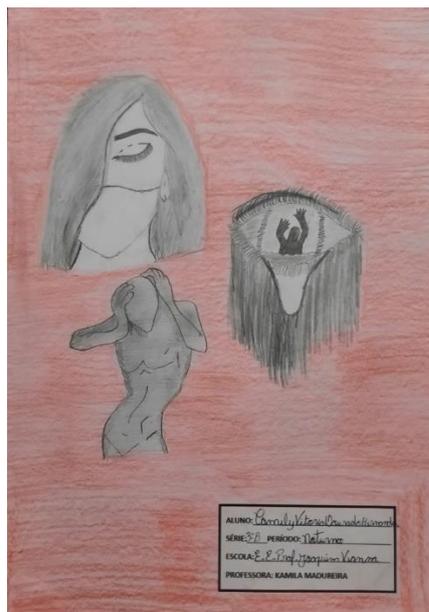
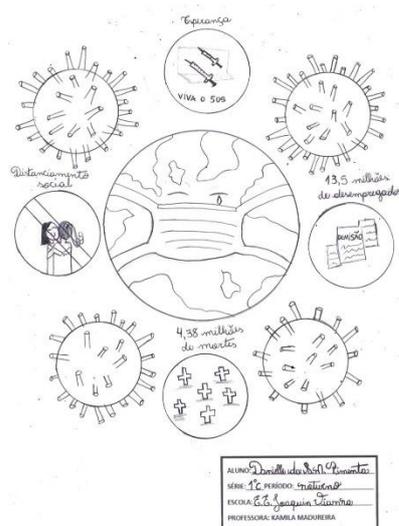
Relato de Experiência

*Covid-19 em desenhos: Geografias vividas por alunos de Caarapó-MS. Kamila Madureira da Silva e Alexandre Bergamin Vieira.*



## Relato de Experiência

*Covid-19 em desenhos: Geografias vividas por alunos de Caarapó-MS. Kamila Madureira da Silva e Alexandre Bergamin Vieira.*



**Fonte:** Projeto de Extensão UFGD. **Autores:** alunos da escola EE Joaquim Vianna – Caarapó-MS, 2021.

A partir dos espaços de escuta – que se definem como aqueles momentos nas aulas, em que os alunos trazem os seus conhecimentos e experiências pessoais à discussão, utilizando-os na construção de um novo conhecimento, coletivo e produzido pela turma (MACHADO, 2001, p. 4) – os alunos expuseram suas interpretações dos seus próprios desenhos e dos outros, ficando clara a interpretação da realidade para além das “fake news”, valorizando a necessidade dos cuidados individuais e coletivos, a importância do SUS, as injustiças e as desigualdades sociais persistentes em nosso país, o espaço global articulado, o aumento da violência doméstica, os descasos e omissões do Governo Federal, o impacto na saúde mental em todos os cidadãos, etc. Enfim, revelaram um espaço vivido e diversificado, mascarado no discurso oficial, tratando a pandemia como uma “gripezinha”, “e daí!”.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 182-190, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

### **Considerações Finais**

A pandemia de Covid-19 no Brasil deve ser analisada considerando as especificidades presentes no território brasileiro e uma delas é a desigualdade social que agrava a situação pandêmica, situações estas ‘varridas para baixo dos tapetes’, mas agora escancaradas.

Além da necessidade dos estudos médicos/técnicos/farmacológicos próprios das doenças expostos por nossos alunos em seus desenhos, vislumbramos as situações socioeconômicas relativas ao capitalismo. A Covid 19-no Brasil veio importada pelas viagens da elite, porém quem sofre as duras consequências é a classe trabalhadora, empobrecida, esquecida, que preenchem os dados dos impactos do vírus, devido a necessidade do trabalho, na maioria das vezes informal, na luta socioeconômica pela subsistência, aflorando ainda mais a necessidade de melhores condições de saúde, educação e trabalho.

O ato de estimular o senso crítico no estudante é fundamental, pois ele desenvolve a capacidade de analisar as informações que lhe são transmitidas cotidianamente, seja no contexto escolar ou não. O aluno passa de mero receptor do conhecimento à construtor e disseminador de informações, que quando exposto elas não são facilmente absorvidas pelas massas de manobra, podendo refugar informações se buscar fontes seguras de análises, exercendo seu papel de cidadão consciente.

Essa atividade permite considerar o papel da Geografia na formação do cidadão, visto que seu objeto de estudo é o espaço, que é político, cultural, social, além de físico, que deve ser estudado e vivido, levando ao aluno a compreender-se como parte, e não como mero observador.

### **Bibliografia**

FARIA, A. C. V. O que é Geografia? Educação em curso. – Ibitiré, MG. **Revista da Fundação Helena Antipoff**, v.1, n.2, pág. 52-56. jun. 2012.

FERRAZ, C. B. O. Geografia: o olhar e a imagem pictórica. In.: **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 29-41, set./dez. 2009.

MACHADO FILHO, C. S. **Os “espaços de escuta” na formação e atuação do professor**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2001.

Relato de Experiência

*Covid-19 em desenhos: Geografias vividas por alunos de Caarapó-MS. Kamila Madureira da Silva e Alexandre Bergamin Vieira.*

MORAN, J.M.; BACICH, L. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: **Penso**, 2018.

## ENSINAR-APRENDER, APRENDER-ENSINAR: EXPERIÊNCIAS DO TIROCÍNIO EM TEMPOS DE PANDEMIA

**Aila Cristina Costa de Jesus**

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

E-mail: [ailacristinacj@gmail.com](mailto:ailacristinacj@gmail.com)

**Aline dos Santos Lima**

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

E-mail: [aline.lima@ifbaiano.edu.br](mailto:aline.lima@ifbaiano.edu.br)

Este texto tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas durante a realização do Tirocínio Docente Orientado no componente curricular Geografia Rural ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano) - *Campus* Santa Inês no semestre 2020.2 com vigência entre 16/08 e 06/11/2021. O Tirocínio Docente Orientado<sup>1</sup> é um estágio de docência no Ensino Superior. No Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (POSGEO/UFBA), o tirocínio é uma atividade obrigatório que tem como finalidade preparar o estudante para atividades docentes.

A disciplina na qual o tirocínio foi realizado tinha como objetivo discutir a natureza e dinâmica do espaço rural brasileiro, com ênfase na produção e modernização da agricultura, os movimentos socioespaciais e reforma agrária (IF BAIANO, 2017). A nossa abordagem partiu da compreensão da permanência da questão agrária (GERMANI, 2005) e seus desdobramentos na sociedade brasileira.

Devido a pandemia da doença infecciosa COVID-19, causada pelo novo coronavírus denominado SARS-CoV-2 e a necessidade de medidas de proteção e prevenção contra o vírus, o componente Geografia Rural foi ministrado por meio das Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs). Ou seja, o planejamento das atividades foi construído a partir do Plano de Ensino para as APNPs e executado em momentos síncronos e assíncronos. Os momentos síncronos foram realizados por meio de plataforma de

---

<sup>1</sup> Segundo o Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, o “O Tirocínio Docente Orientado, quando constar de grade curricular do Curso, deverá ser desenvolvido em atividades de graduação, pós-graduação, lato sensu ou extensão, a critério do Colegiado, e terá por finalidade a preparação do estudante para a atividade docente e que deverá ser desenvolvida em um semestre letivo no decorrer do Mestrado e/ou Doutorado.”. (POSGEO/UFBA, 2020).

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 220-227, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

videoconferência (*Google Meet*) e as atividades assíncronas foram disponibilizadas para os(as) estudantes via plataforma Moodle IF Baiano. O planejamento das atividades da disciplina ocorreu de forma conjunta entre a professora responsável pela disciplina e a discente tironecista. Nossa proposta de trabalho pretendeu garantir a aprendizagem dos conteúdos por meio da interação entre os sujeitos envolvidos no processo.

De forma geral, a disciplina foi desenvolvida por meio de aulas expositivas dialogadas a partir de textos selecionados, debates e exposições de materiais audiovisuais (vídeos, mapas, podcast e documentários). Devido ao formato não presencial, buscamos utilizar diferentes formas de recursos audiovisuais para contribuir na consolidação da aprendizagem dos discentes. Como processo avaliativo da aprendizagem, propomos: I) participação nos momentos síncronos; II) respostas do questionário; III) Processo de pesquisa; IV) Construção de material didático e V) autoavaliação do processo de aprendizagem.

### **Ensinar-aprender a Geografia Rural: com quais sujeitos dialogamos?**

Para conhecer os sujeitos aos quais íamos trabalhar, aplicamos um questionário para os(as) 26 discentes matriculados no componente curricular. Com o questionário tínhamos a intenção de identificar quem eram os sujeitos que ali estavam, quais eram as condições de acesso e de acompanhamento das APNPs e as possíveis vinculação/aproximação com a temática da disciplina. Foram preenchidos 22 questionários através dos quais foi possível conhecer o perfil dos e das estudantes da turma.

O perfil se apresentou da seguinte forma: a) 71% de mulheres e 29% de homens, com faixa etária variada entre 21 a 49 anos, maioria egressos das escolas públicas; b) as condições de acessos às aulas síncronas: 43% utilizavam o notebook para participar, 38% utilizavam o celular, 14 % o computador e 5% faziam uso de tablet; c) e, acerca do ambiente para conexão nas APNPs, as respostas foram as seguintes: 29% tinha acesso na sala com outras pessoas, 24% disse acessar sozinho no quarto, 19% acessava no quarto com outras pessoas, 19% acessava sozinha na sala, 9% indicou outros ambientes, como a cozinha. No ensino remoto, o ambiente no qual os(as) discentes estão inseridos influencia diretamente na interação e envolvimento durante as aulas. Portanto, conhecer o perfil dos(as) discentes foi importante para se entender quais as condições materiais de acesso que tinham e, diante disso, se necessário, (re)pensar os caminhos do processo de ensino-aprendizagem.

**Ensinar-Aprender a Geografia Rural: planejamento, execução e orientação**

O plano de ensino das APNPs foi construído a partir do diálogo entre a docente responsável e a discente tirocista fazendo com que a disciplina fosse conduzida de forma compartilhada. Optamos pela participação e acompanhamento de todas as atividades/aulas realizadas. Portanto, partilhamos todas as etapas inerentes à organização e execução da disciplina. Ao todo foram 12 momentos síncronos, considerando as aulas e as orientações no processo de pesquisa e a construção das cartilhas.

Durante a construção e planejamento do plano de ensino, optamos pela seleção prévia dos textos que seriam discutidos e na escolha dos materiais de apoio (podcast, documentários, vídeos, textos) para as atividades síncronas e assíncronas. A metodologia de ensino e o processo de avaliação também foram planejados em parceria. Prezamos pela interação entre os sujeitos, a valorização das temáticas e reflexão sobre realidade a partir da conjuntura da pandemia.

As aulas ministradas pela tirocista, com supervisão e acompanhamento da professora responsável pela disciplina estão listadas no Quadro 1, com as respectivas datas e temáticas. Nestes dias, a tirocista ficou responsável pela apresentação dos textos e problematização de questões inerentes à temática. A orientação era que os(as) discentes da disciplina realizassem a leitura prévia dos textos e elaborassem questões para o debate durante a aula. Ao escolhermos essa proposta de metodologia nossa intenção era promover o debate e interação dos(as) discentes mesmo nas condições de ensino não presencial, onde muitas vezes, o cansaço, a impossibilidade de participar e outras questões poderiam interferir no momento.

Quadro 1. Aulas ministradas e as temáticas abordados no componente Geografia Rural

Data	Temática da aula	Referência(s) básica(s)
24/08/21	Reflexão sobre a estrutura e a organização do espaço rural no Brasil	GERMANI, G. I.. Condições históricas e sociais que regulam o acesso à terra no espaço agrário brasileiro. <b>GeoTextos</b> , vol. 2, n. 2, 2005. 115-148.
31/08/21	Continuação da aula discussão da aula anterior + discussão sobre Questão Agrária no Brasil	Podcast <b>Geografando nas Sextas: O Campo Baiano em Debate</b> . Episódio 03: Questão Agrária: pesquisas e abordagens no Brasil e na Bahia
14/09/21	O campesinato no Brasil e a produção da agricultura familiar camponesa	WANDERLEY, M. N. B.. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. <b>Revista de Economia e Sociologia Rural</b> , Brasília, v.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 220-227, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".*

		52, 2014. p. 25-44.
21/09/21	Modernidade e barbárie: reflexões sobre o uso de tóxicos no agro brasileiro	LIMA, A.S. JESUS, A. C. C. PEDREIRA, I. A. Modernidade e barbárie: reflexões sobre o uso de tóxicos no agro brasileiro. In: Simpósio Internacional de Geografia Agrária-Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 2019, Recife-PE. <b>Anais IX SINGA</b> . Recife-PE: UFPE, 2019.  Documentário “O veneno está na mesa I”.
28/09/21	Continuação da aula discussão da aula anterior + Apresentação dos resultados do projeto de pesquisa “Geografando o uso de agrotóxicos no Vale do Jiquiriçá” Chamada Interna PROPES Nº 02/2019/ PIBIC-Af/CNPq/IF Baiano.	

Elaboração: Aila Cristina Costa de Jesus, 2021.

Os textos foram escolhidos com objetivo de apresentar as questões conceituais e teóricas sobre a discussão do rural brasileiro, ao mesmo que, foram pensados para contribuir com a compreensão da realidade a qual os discentes estão inseridos no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, no estado da Bahia, onde posteriormente atuarão como professores e professoras<sup>2</sup>. Não obstante, construímos conjuntamente um exercício da “pedagogia da pergunta”. Inspiradas em Paulo Freire, acreditamos que ensinar não é transferir conhecimento e que não existe ensinar sem aprender (FREIRE, 1996; 2017). Nas palavras de Freire (2017, p. 55),

É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos.

E nesse processo de ensinar-aprender, o diálogo e o debate eram fundamentais. Como forma de incentivar a interação dos(as) discentes nos debates e socialização dos entendimentos e dúvidas sobre o texto/temática, realizamos intervenções para contribuir com as discussões e provocar a reflexão sobre a realidade do Vale do Jiquiriçá - Bahia - Brasil, principalmente sobre a materialização da questão agrária, estrutura fundiária e a produção da agricultura familiar camponesa. A partir dessas experiências, foi possível, conforme nos ensina Freire (2017, p. 56), repensar o pensado e envolver a curiosidade dos educandos por

<sup>2</sup> O Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, é formado por 20 municípios, são eles: Amargosa, Brejões, Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jiquiriçá, Lafayette Coutinho, Laje, Lajedo do Tabocal, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas e Ubaíra. *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 220-227, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

diferentes caminhos. Era o exercício de fazer a pergunta não feita e perceber como os educandos estavam "grávidos de sugestões" que muitas vezes não enxergamos.

Além dos momentos listados, executamos a Orientação (síncrona e assíncrona) no desenvolvimento das atividades propostas no plano de ensino da disciplina que denominamos "Processo de Pesquisa" e "Construção da Cartilha Expressões sobre o rural no Vale do Jiquiriçá". A orientação do processo de pesquisa consistiu em momentos síncronos e assíncronos (via *Google Meet*, e-mail e Moodle) para orientar o levantamento, sistematização e análises dos dados sobre municípios do Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, o qual cada equipe ficou responsável de realizar. Para esse processo, montamos uma orientação com tutoriais que foram anexados ao plano de ensino contendo informações sobre onde/como os dados poderiam ser coletados. Tal ação tinha como intuito familiarizar os(as) discentes aos procedimentos metodológicos e técnicas de pesquisa.

Dessa forma, periodicamente, foram realizadas reuniões de orientação com as equipes para sanar dúvidas e discutir sobre o andamento da pesquisa, bem como, a forma de sistematização e análises dos dados. Após finalizar o processo de pesquisa, orientamos a construção de uma Cartilha a partir dos dados levantados. A Cartilha intitulada "Expressões do espaço rural no Vale do Jiquiriçá: olhares sobre o município de ..." tinha como objetivo servir de material didático para serem utilizadas pelos(as) próprios discentes em atividades futuras de estágios supervisionados, bem como, por professores e professoras da Educação básica do Vale do Jiquiriçá<sup>3</sup>.

Esta etapa foi importante na construção dos(as) discentes como futuros pesquisadores e pesquisadoras, como também na solidificação do processo de ensinar-aprender. Segundo Freire (1996) não há ensino sem pesquisa, sem curiosidade e criatividade. Por isso, o conhecimento precisa ser vivido e percebido. Pesquisar sobre os municípios que os(as) discentes tinham alguma relação possibilitou o que Freire (2017, 63) chama "teoria emergida molhada da prática vivida". Assim, é possível pensarmos na vinculação entre os debates teóricos construídos na disciplina e a concretização de uma pesquisa para observar os aspectos discutidos na realidade de seus municípios, em outras escalas e perspectivas.

Outro ponto que demonstra a construção do processo de ensino-aprendizagem dos(as) discentes é um pequeno exercício que fizemos durante as aulas. Na primeira aula,

---

<sup>3</sup> Os(as) discentes matriculados(as) em Geografia Rural vivem em Cravolândia, Jaguaquara, Jiquiriçá, Mutuípe, Santa Inês e Ubaíra. As pesquisas realizadas e a cartilha produzida abordaram a realidade concreta do campo nos municípios de Jaguaquara, Santa Inês e Ubaíra.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 220-227, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".*

ISSN: 2176-5774

pedimos que cada discente definisse o significado de rural com três palavras. Solicitamos a mesma coisa na última aula. Foi possível perceber que houve uma ampliação na compreensão sobre as dimensões do rural/campo brasileiro e fortalecimento entre o momento anterior e posterior as leituras, discussões, pesquisas e produções (Figura 01).

Figura 01. Três palavras que definem o rural para os discentes matriculado no componente Geografia Rural



Fonte: Questionários aplicados, 2021. Turma Lic. Em Geografia, IF Baiano Campus Santa Inês.  
Elaboração: Aila Cristina Costa de Jesus, 2021.

As nuvens de palavras demonstram como os(as) discentes construíram suas visões sobre o rural. Abordamos as perspectivas sobre o rural e as interpretações que a sociedade tem desse espaço, interpretações que vão deste ao idílico/puro, do atraso, do exótico, como também, da resistência e identidade. Dessa forma, as nuvens de palavras serviam como fio condutor das discussões ao longo da disciplina e da reflexão sobre a compreensão sobre o rural. Podemos perceber aqui, no mínimo, algumas concepções, que perpassam desde ao agrícola, ao agrário, as lutas e resistências.

### **Considerações finais**

A experiência do tirocínio docente na disciplina Geografia rural tem vinculação direta com a pesquisa de mestrado desenvolvida pela discente tirocenista. Por isso, a atividade se apresentou como uma experiência formativa de significativa aprendizagem. O exercício de articular os conhecimentos e as reflexões construídas nas disciplinas cursadas no mestrado com as práticas e as discussões do componente curricular foi um desafio que contribui com a formação enquanto professora-pesquisadora a partir da docência no ensino superior.

Apesar das dificuldades e percalços inerentes ao ensino remoto, a parceria com a professora responsável ajudou bastante na elaboração de estratégias que garantem a interação dos sujeitos e a construção do conhecimento. Dessa forma, a aprendizagem foi considerada positiva, em especial, como pensamos e executamos a disciplina com condução partilhada, pautada no tripé pesquisa-ensino-extensão.

As experiências do tirocínio confirmam aquilo que Freire (2017) dizia sobre a leitura do mundo e leitura da palavra. Na disciplina, tínhamos o objetivo de discutir o rural e agricultura recente no Brasil e mundo. Foi pensar o rural a partir do texto, mas conhecendo o contexto o que tentamos fazer. Ler a palavra, mas lendo o mundo e o contexto, de forma crítica, que as palavras estavam inseridas.

E com isso, destacamos a responsabilidade ética, política e profissional que, nós, enquanto educadoras, tivemos ao propor essa disciplina e proposta de ensino. Paulo Freire diz que o ensinar “exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes” (FREIRE, 2017, p. 56). Por isso, ao longo da disciplina dedicamos ao estudo, pesquisa e reuniões para preparar, capacitar, formar e vivenciar e perceber as interações entre a realidade e as discussões teóricas. Foi isso que alimentou a análise crítica da própria prática.

Esta frase o explicar o que construímos “Ensinar - Aprender. Leitura do mundo - Leitura da palavra” (FREIRE, 2017, p. 55), pois, na medida que ensinávamos, aprendíamos. Na medida que aprendíamos, ensinávamos. Ensinávamos e aprendíamos com a leitura da palavra – leitura dos textos, das discussões teóricas – e a leitura do mundo – o que foi sendo construído a partir das experiências dos sujeitos envolvidos, das trocas com a professora responsável pela disciplina, das vivências socializadas com os(as) discentes, as questões das realidades apresentadas e o exercício da leitura crítica do contexto ao qual estamos inseridos.

## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; Tia, não.** Cartas a quem ousa ensinar. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GERMANI, Guiomar. Condições históricas e sociais que regulam o acesso a terra no espaço agrário brasileiro. **GeoTextos:** Revista da Pós-Graduação em Geografia. Salvador, v. 2, p. 115 -147, 2006. Disponível em: <https://geografar.ufba.br/germani-guiomar-condicoes-historicas-e-sociais-que-regulam-o-acesso-terra-no-espaco-agrario-0>. Acesso em: 01. jun. 2021.

IF BAIANO. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia.** Santa Inês: SETEC/MEC, 2017.

## Agradecimentos

Agradecimentos a Turma Geografia Rural do Curso de Licenciatura em Geografia do IF Baiano *Campus* Santa Inês.

**SER PROFESSORA RESIDENTE NA PANDEMIA COVID-19 (2020-2021): RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA NA UFSM**

**Eduarda Sardi**

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

E-mail: [eduarda.sardi@hormail.com](mailto:eduarda.sardi@hormail.com)

**Ana Clarice Soares Hanauer**

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

E-mail: [anahanauer@yahoo.com.br](mailto:anahanauer@yahoo.com.br)

**Sandra Ana Bolfe**

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

E-mail: [sabolfe@hotmail.com](mailto:sabolfe@hotmail.com)

A experiência de Residência Pedagógica do curso de geografia/licenciatura, foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Santa Marta, localizada no bairro Nova Santa Marta, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Ela é composta por turmas de anos iniciais (1º ao 5º ano), anos finais (6º ao 9º ano) ensino médio 1º ao 3º ano (tarde e noite) e turmas de Educação de Jovens e Adultos (6º ao 9º ano). A Escola se estabeleceu neste local, caracterizado como área periférica de habitação popular precária e de baixa renda. O bairro encontra-se a oeste da área urbana, sendo composto por sete vilas e uma população de 12.722 habitantes (IBGE, 2010), se configurando como de alto índice de segregação. Segundo dados da secretaria da escola, em agosto de 2020, a instituição atendia 445 estudantes, assim como 12 funcionários e 36 professores.

O período de trabalho da professora residente iniciou em 01 de novembro de 2020 e foi até 18 de dezembro de 2021, sendo realizado no 9º ano, com a turma 91, composta por 22 estudantes no total. As atividades do Programa de Residência Pedagógica de Geografia foram supervisionadas pela coordenadora Sandra Ana Bolfe e pela professora preceptora Ana Clarice Soares Hanauer, responsável pela disciplina de geografia em todo o ensino fundamental e EJA. Os anos de 2020 e 2021 foram desafiadores para realizar essa experiência, já que estávamos em um contexto de pandemia do COVID-19. Em 2020 os estudantes tiveram duas semanas de aula presencial, o restante desse ano ocorreu totalmente de forma remota. O ano letivo de 2021 iniciou de maneira completamente remota, com os

## Relato de Experiência

*Ser professora residente na Pandemia Covid-19 (2020-2021): relato de experiência do Programa de Residência Pedagógica em Geografia na UFSM. Eduarda Sardi, Ana Clarice Soares Hanauer e Sandra Ana Bolfe.*

estudantes recebendo todos os materiais através de grupos de WhatsApp das turmas, que foram criados pelos professores da escola. Entretanto, devido à realidade socioeconômica do bairro e das famílias na comunidade escolar, nem todos os estudantes tinham acesso às tecnologias para acompanhar, da melhor forma, o andamento do ano escolar. Muitos dependiam dos smartphones de seus pais, irmãos mais velhos ou outros membros da família para terem acesso aos grupos, portanto, ficavam confusos e em alguns casos, desistiam de acompanhar o lançamento das atividades.

De março a maio de 2020 a escola ficou totalmente fechada, sem qualquer atendimento presencial à comunidade escolar. Todos os encaminhamentos e atividades escolares ocorreram de forma remota. Durante este período a escola perdeu contato com muitos estudantes, devido a estes não terem acesso ou conhecimento para o uso das tecnologias de comunicação. A partir do mês de maio de 2020 iniciaram mudanças e flexibilizações em todo o estado do Rio Grande do Sul, permitindo a abertura da escola para entrega das atividades de forma impressa para os estudantes.

Uma vez por semana, grupos diferentes de professores faziam a distribuição desse material para alunos de todas as turmas. Apesar de ser uma forma de alcançar mais estudantes, esse processo foi motivo de preocupação e discussão entre residentes e professores, já que existia um risco maior de contágio do coronavírus. Entretanto, devido a correlação de forças desfavorável entre escola e Estado, ela não teve escolha e, por conta da pressão do governo estadual, permaneceu nesse sistema seguindo todos os protocolos de segurança possíveis. Posteriormente, foi instaurado o modelo híbrido, onde aqueles que não tivessem comorbidade e possuísem um termo de responsabilidade assinado por seus familiares, poderiam retornar à sala de aula, onde a professora Ana daria aulas presenciais, enquanto todos os estudantes deveriam continuar realizando as atividades remotas.

As primeiras atividades realizadas pelos professores residentes a partir de outubro de 2020 aconteceram de forma totalmente remota, foram focadas em conhecer o contexto da escola, seu Programa Político Pedagógico, as normativas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as adaptações curriculares realizadas durante a pandemia. Outro foco era a inserção do Programa Residência Pedagógica em Geografia/UFSM como parte da escola, para conhecimento de alunos e professores. Ela foi realizada através da confecção de um jornal intitulado JOGRAFIA, cujas três edições abordaram temas diversos como pandemia, racismo, violência contra a mulher, vacinação e muitos outros. A partir do mês de março de 2021, os residentes foram designados para turmas específicas, se responsabilizando

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 191-197, set/2022, **Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.***

ISSN: 2176-5774

pelas atividades de geografia delas. Estas atividades elaboradas pelos professores residentes se concentravam na confecção de aulas em que o estudante conseguiria realizar a atividade sem o contato síncrono com o professor, dessa forma elaboramos material de leitura e revisão, que seria enviado aos estudantes conforme a evolução do conteúdo. Porém, percebeu-se que as devolutivas eram extremamente baixas, além de muitas atividades retornarem incompletas ou em branco. Por essa razão foi definido que somente uma atividade mensal de cada disciplina seria enviada, com a expectativa de que haveriam mais retornos. Entretanto, a expectativa foi frustrada, visto que o número de devolutivas permaneceu baixo mesmo com as mudanças aplicadas.

A primeira atividade construída para a turma 91 e, enviada no mês de março de 2021, foi um diagnóstico sobre o aprendizado deles até o momento, visando compreender melhor onde eles apresentavam mais dificuldades e quais foram as lacunas deixadas pelo ensino remoto do ano anterior. Pensando nisso, foram analisadas as atividades enviadas para eles no 8º ano (ano de 2020) e quais os conteúdos mais importantes que as compunham, os quais eram: cartografia, população e geopolítica. Optou-se por esta atividade pois, até então, não era possível saber se os estudantes estavam de fato realizando as atividades impressas sozinhos e com algum grau de empenho, pois poderiam ter sido realizadas por um adulto, ou o estudante poderia ter pego as respostas na internet. Para a Professora regente da turma e a professora residente, somente o retorno da atividade impressa respondida não significava aprendizagem de fato. As atividades diagnósticas não retornaram diretamente no mês seguinte, pois dependia da organização de cada estudante em conjunto com a sua família. A devolução poderia ser feita a qualquer momento dentro do trimestre, permitindo assim possibilidade de maior retorno. Mesmo assim, muitas atividades foram entregues fora de época ou até mesmo não foram entregues.

Mesmo assim, seguiu-se para os meses de abril e maio de 2021, com a definição de que os conteúdos seriam as “Organizações Multilaterais”, visto a importância e a influência delas no cenário mundial. Primeiramente foram destacadas a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), pois devido ao contexto pandêmico de crise social, econômica e sanitária, era preciso que os estudantes percebessem a importância e a influência de ambas, nas mudanças ocorridas globalmente. Já na próxima atividade, o foco foram as organizações do setor econômico, também extremamente relevantes para a compreensão do contexto global. Para os meses de junho, julho, agosto, setembro e outubro de 2021, os conteúdos determinados foram os continentes, incluindo

também os polos Sul e Norte. Em comum a todos, foram citadas as características geográficas, as regionalizações, a organização populacional e os aspectos culturais, eventualmente destacando pontos importantes e únicos de cada um. Os meses de novembro e dezembro de 2021, não contaram com atividades enviadas para os estudantes, visto que as aulas já estavam ocorrendo totalmente de forma presencial.

Como citado anteriormente, neste momento era difícil para as professoras, medirem a aprendizagem dos estudantes, visto que não era possível confirmar se a execução dos trabalhos estava sendo feita corretamente por eles. Outro ponto importante a ser destacado é a falta de questionamentos dos estudantes, que pouquíssimas vezes buscaram as professoras para tirar dúvidas acerca das atividades, impedindo-as de perceber quais as maiores dificuldades na execução das tarefas.

Em outubro de 2021, devido a flexibilizações sanitárias, houve a possibilidade de realizar aulas presenciais com a turma 91. Mesmo elaborando diversos materiais ao longo do ano, seguindo um planejamento pedagógico específico para a turma, percebeu-se, durante as aulas presenciais do modelo híbrido, que os estudantes apresentavam grande dificuldades com conteúdos mais básicos como, orientação geográfica, escala e interpretação de mapas e figuras. Em diálogo com os estudantes, assim como analisando as devolutivas das atividades, percebeu-se que eles não haviam absorvido os conteúdos dos materiais enviados mensalmente em atividade impressa, pois muitas vezes nem se recordava dos temas das aulas e não conseguiam responder questões sobre estes tópicos. Portanto, optou-se por realizar uma aula sobre elementos de um mapa, visando rever conceitos básicos para poder finalmente iniciar os conteúdos enviados no remoto.

Essa aula foi meu primeiro contato frente a frente com os alunos, enquanto professora residente. As primeiras impressões da sala de aula foram de grande tensão, pois os estudantes estavam distantes e utilizando máscaras, conforme às normativas sanitárias, por conta disso estabeleceu-se um ambiente de muita formalidade. A inexperiência em sala de aula também foi fator determinante para esse ambiente formal, porém com o andamento da atividade e uma maior aproximação com os estudantes, dentro do permitido pelas normas vigentes, a sala de aula tornou-se um ambiente mais leve. Nesse período, metade dos estudantes de cada turma estava no ensino remoto e metade no presencial durante uma semana, e na outra semana revezavam-se. Para esse tema, foi levado para a sala de aula um mapa político do mundo e também um globo terrestre, visando facilitar a visualização dos alunos.

Foi explicado para eles sobre qual atividade seria realizada e foram distribuídas folhinhas contendo um mapa, retirado do livro didático, cercado de pequenos textos, explicando os diferentes elementos dele. A partir de então, pediu-se que cada um lesse um desses trechos, para envolvê-los na atividade. Após a explicação, os estudantes foram orientados a construir seu próprio mapa, utilizando uma imagem do mapa *Mundi*, cujo tema seria continentes. Era preciso identificá-los, construir uma legenda, colocar um título, identificar a data, definir a orientação e desenhar uma escala (eles não obtinham conhecimento suficiente para construir uma da forma exata, naquele momento). O conteúdo escolhido, é aplicado em situação normal no 6º ano, portanto, já havia um certo tempo que os estudantes não tinham contato com ele. Desta forma surgiram várias dúvidas ao longo da atividade. A criação da legenda foi o aspecto mais questionado, pois nem todos possuíam lápis de cor para fazê-la em cores diferentes, então foi preciso aplicar a estratégia de determinar símbolos para cada local escolhido no mapa. Desta forma, todos os estudantes tiveram condições de realizar a atividade, que foi muito elogiada pela professora titular, pois demonstrava grande dedicação por parte dos alunos.

Em novembro de 2021 houve a possibilidade de uma nova inserção presencial na turma 91. Ao entrar na sala, evidenciou-se que a turma estava composta por alunos diferentes do primeiro momento. Isso porque, com a definição de que todos deveriam voltar para o presencial, a escola precisou dividir a turma em grupo A e B. Decidiu-se realizar a aula sobre elementos de um mapa com esse grupo, já que somente o grupo A estava presente na primeira vez. Novamente utilizou-se um mapa para ilustrar os elementos, mas dessa vez com o tema de Brasil político, a mudança de tema do mapa ocorreu pois havia acabado o tonner da impressora da escola, portanto foi preciso utilizar imagens que já estavam impressas, cuja temática era o Brasil. Desta forma optou-se por mostrar um mapa relacionado à execução da atividade. Distribuiu-se a atividade impressa com as informações e junto com a turma foram lidas todas as explicações contidas nela. Depois, entregou-se a cada um, uma imagem do mapa do Brasil, para que eles a transformassem em um mapa completo. O tema deveria ser os estados, em que cada um escolheria cinco estados e os pintaria, para compor a legenda.

Como atividade final do Programa de Residência Pedagógica em Geografia dentro da escola, foi iniciada a produção de um documentário acerca da “Geografia dos 30 anos do bairro Nova Santa Marta”, para homenagear a comunidade por sua construção. Um estudante de cada ano foi convidado a ir até a escola, para compartilhar suas experiências com relação ao bairro e seus conhecimentos sobre a história dele. Através de uma roda de

## Relato de Experiência

*Ser professora residente na Pandemia Covid-19 (2020-2021): relato de experiência do Programa de Residência Pedagógica em Geografia na UFSM. Eduarda Sardi, Ana Clarice Soares Hanauer e Sandra Ana Bolfe.*

conversa, estudantes e professores discutiram a importância social da construção da comunidade, assim como seus impactos nas vidas dos habitantes. Tudo isso foi registrado por meio de vídeo e áudio, para posteriormente ser elaborado e formatado como documentário. Ao fim da conversa, todos os estudantes foram convidados a realizar uma caminhada pelas ruas do bairro, guiados pela diretora da escola e moradora da comunidade. Durante esse trabalho de campo, todos deveriam registrar com seus celulares e câmeras o seu olhar sobre o bairro.

A produção do mesmo ainda está em andamento, visto que as atividades escolares foram interrompidas pelas férias de final de ano e o retorno às aulas em 2022, foi marcado por grande necessidade de focar em atividades didáticas de recuperação dos conteúdos. Além disso, a edição do Programa de Residência Pedagógica em Geografia teve seu fim em março de 2022, portanto será necessário aguardar a próxima edição do programa, caso a professora preceptora seja selecionada para participar, para que possivelmente haja a finalização do documentário.

Encerrei minhas práticas pedagógicas no final do ano letivo de 2021, participando do conselho de classe dos anos finais junto a professora preceptora, onde pude emitir minhas opiniões junto aos demais professores sobre os estudantes da turma 91. Para concluir este relato de experiência, destaco que, ao realizar a Residência Pedagógica, percebi a importância de me tornar responsável pelo processo de aprendizado de outros seres, pois é um procedimento que requer muita dedicação e aperfeiçoamento constante, para que seja possível proporcionar da melhor forma, a educação. Porém, com a pandemia de COVID-19, esse desafio transformou-se em algo ainda mais profundo, pois a sala de aula já não era mais um espaço seguro e a relação entre professores e alunos tornou-se distante.

Devido às restrições sanitárias características do momento pandêmico, a relação com os alunos se deu de forma extremamente formal e distante, com apenas um encontro presencial com cada grupo de alunos. Portanto, não houve uma conexão significativa no âmbito da afetividade, impedindo uma medição mais precisa da influência do Programa de Residência Pedagógica na aprendizagem dos alunos. É possível afirmar que houberam atividades diferentes das comuns propostas pelos professores titulares, porém, o contexto social e a sobrecarga da saúde mental dos estudantes, não os permitiu tirar grande proveito das mesmas.

Contudo, o processo inteiro foi de muito aprendizado e protagonismo, impedindo a permanência na zona de conforto e expandindo os horizontes. Através desse turbulento

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 191-197, set/2022, **Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.***

ISSN: 2176-5774

## Relato de Experiência

*Ser professora residente na Pandemia Covid-19 (2020-2021): relato de experiência do Programa de Residência Pedagógica em Geografia na UFSM. Eduarda Sardi, Ana Clarice Soares Hanauer e Sandra Ana Bolfe.*

momento, foi possível perceber a necessidade de ressignificar o valor das relações humanas, tão importantes no processo de aprendizagem, e que hoje tornaram-se a maior carência dentro da escola. Também foi possível reparar a disparidade de contextos em que cada escola está inserida, evidenciando ainda mais, a necessidade de repensar a educação como um todo e, os métodos avaliativos existentes. Esse período foi essencial para a formação dos futuros professores, pois permitiu uma nova visão que será responsável por grandes mudanças no futuro.

## Referências

CEED/RS. Parecer autorizando atividades domiciliares. **SINEPE/RS**, Porto Alegre, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/noticias/ceedrpublica-parecer-autorizando-atividades-domiciliares>. Acesso em: 27 nov. 2021

FERREIRA, Carlos A.; BASTOS, Ana M. Ensino, aprendizagem e avaliação no contexto da pandemia: percepções de formadores de futuros professores. **Laplage em revista**, Sorocaba, v.6, n.3, p. 109-119, set/dez, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>> . Acesso em: 27 nov. 2021

RIO GRANDE DO SUL. **Orientações à Rede Pública Estadual de Educação do Rio Grande do Sul Para o Modelo Híbrido de Ensino 2021**. Porto Alegre: Secretaria de Educação, março de 2021.

SARDI, Eduarda; ALTERMANN, Francisco; HANAUER, Ana C.; BOLFE, Sandra A. A Precariedade do Trabalho Docente Durante a Pandemia de COVID-19: o combate entre a educação e a técnica. **Anais da XXI Jornada do Trabalho Geografia, Trabalho, Ambiente: desigualdades territoriais e desafios da pandemia COVID 19**. Santa Maria, n. 21, p. 220 - 233, 2021.

## **MONITORAMENTO DA COVID-19 EM UMA CIDADE MÉDIA DO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DE SANTA MARIA E O OBSERVATÓRIO DE INFORMAÇÕES EM SAÚDE**

**Pedro Leonardo Cezar Spode**

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

E-mail: [pedrospode@gmail.com](mailto:pedrospode@gmail.com)

**Maurício Rizzatti**

Universidade Federal de Santa Maria, , Santa Maria, RS

E-mail: [geo.mauricio.rizzatti@gmail.com](mailto:geo.mauricio.rizzatti@gmail.com)

**Carina Petsch**

Universidade Federal de Santa Maria, , Santa Maria, RS

E-mail: [carinapetsch@gmail.com](mailto:carinapetsch@gmail.com)

O monitoramento da COVID-19 no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS), deu-se por meio de um projeto institucional intitulado Enfrentamento da epidemia da COVID-19 no estado do Rio Grande do Sul, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), submetido a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 30710520.6.0000.5346. Este projeto, iniciado em abril de 2020, esteve vinculado ao Observatório de Informações em Saúde da UFSM, composto por uma equipe interdisciplinar, possibilitou à avaliação e monitoramento de casos suspeitos, confirmados e óbitos de COVID-19 em Santa Maria, RS, pela Vigilância Epidemiológica do município.

No observatório, a equipe de Geografia ficou responsável pelo mapeamento dos casos suspeitos, confirmados e óbitos, de 2020 até 2022, buscando identificar padrões de dispersão, concentração e quantificação por bairros, assim como calcular taxas de incidência, por exemplo, cor/raça. A Vigilância Epidemiológica disponibilizou, nesse período, planilhas eletrônicas contendo o endereço dos diferentes casos. Cabe ressaltar que o Observatório de Informações em Saúde, no que se refere à Geografia da UFSM, esteve vinculado à rede de pesquisadores brasileiros ligados ao campo da Geografia da Saúde, cuja organização resultou em uma força tarefa com intuito de atender às demandas dos gestores de saúde de municípios

e estados das diferentes regiões do país (MOTA et al., 2021)<sup>1</sup>. Tal esforço coletivo entre Geógrafos e profissionais de outras áreas, como Epidemiologia e Saúde Pública, foi uma resposta da Geografia brasileira à emergência em saúde pública vivenciada no Brasil e no mundo (GUIMARÃES; CATÃO; NOSSA, 2020).

Para a representação espacial, foi proposto uma metodologia de Geolocalização dos casos de COVID-19 (RIZZATTI, et al., 2020), que consistia desde a formatação da tabela, sua inserção no complemento MMQGIS, do *software* QGIS, utilizando uma base do *Google Maps API*, atribuindo, assim, uma latitude e longitude ao endereço e, conseqüentemente, gerando uma camada pontual dos casos suspeitos, confirmados e/ou óbitos.

Dependendo da finalidade, como produção acadêmica, notas técnicas, demandas da Vigilância Epidemiológica, entre outras, os pontos eram contabilizados por polígonos para quantificar o número de casos por bairros ou setores censitários, propondo interpretações para dispersão intraurbana, buscando entender a dinâmica geográfica da pandemia. Foram realizados inúmeros trabalhos acadêmicos, capítulos de livros, notas explicativas, trabalhos de conclusão de curso e estágio curricular obrigatório de Geografia-Bacharelado, sendo disponibilizados no *site* do Observatório (Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/observatorio/>), cujo objetivo foi demonstrar o comportamento da pandemia em Santa Maria, RS, desde abril de 2020 até janeiro de 2022.

Como exemplificação do trabalho realizado junto ao Observatório de Informações em Saúde, tem-se a comparação dos óbitos acumulados em 31 de dezembro de 2020 e em 31 de junho de 2021. Em 31 de dezembro, foram contabilizados 151 óbitos pela doença no município, enquanto em 31 de julho de 2021, este número alcança o total de 806, um acréscimo de 655 mortes em decorrência da COVID-19 no ano de 2021, aumento percentual de 433%. A espacialização dos óbitos por COVID-19<sup>2</sup>, nos bairros urbanos de Santa Maria, RS, em 31 de dezembro de 2020 e 31 de julho de 2021, podem ser observadas nos mapas das Figuras 01 e 02.

---

<sup>1</sup> De acordo com Mota et al., (2021, p. 443), em entrevista com Raul Borges Guimarães, um dos coordenadores da rede nacional de Geógrafos da Saúde, “a força tarefa de geógrafos da saúde desenvolveu análise acerca da distribuição dos casos de COVID, assim como identificou tendências. Também foram realizados estudos de vulnerabilidade social”.

<sup>2</sup> Eram geradas camadas pontuais como produto da geolocalização dos endereços. Para não identificar a residência dos pacientes, realizava-se a contagem por polígono (bairros, no caso). Os produtos gerados para a Vigilância Epidemiológica, eram disponibilizados em pontos com os casos, os quais, possuíam acesso a um mapa interativo do *My Maps*.

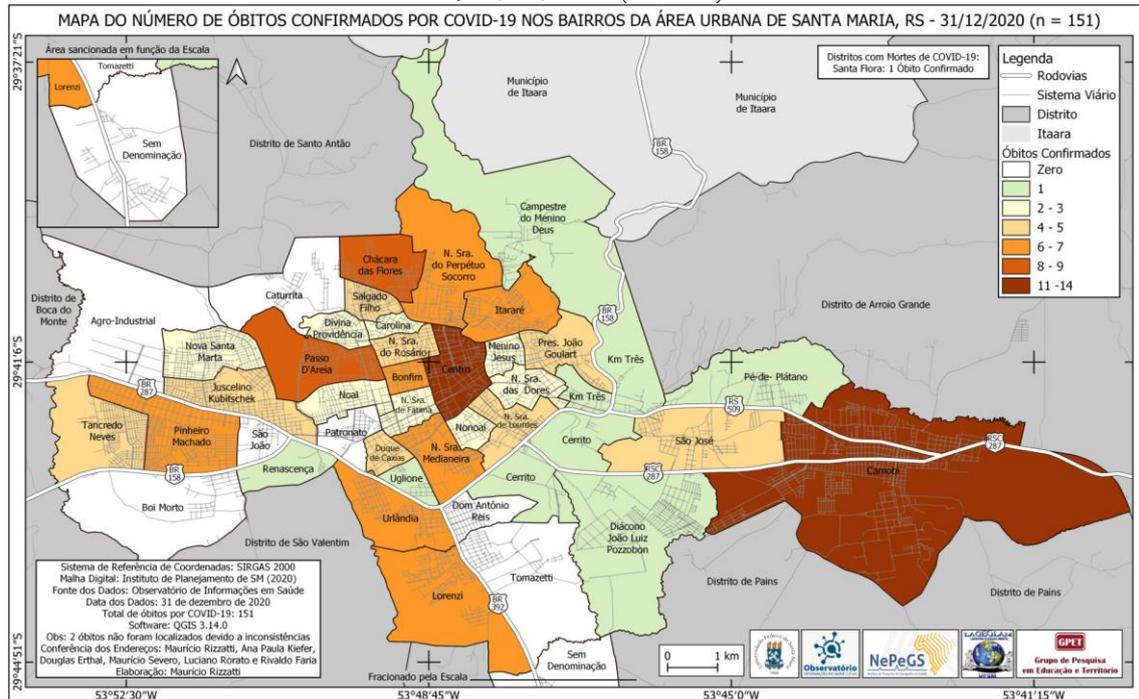
*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 198-204, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

## Relato de Experiência

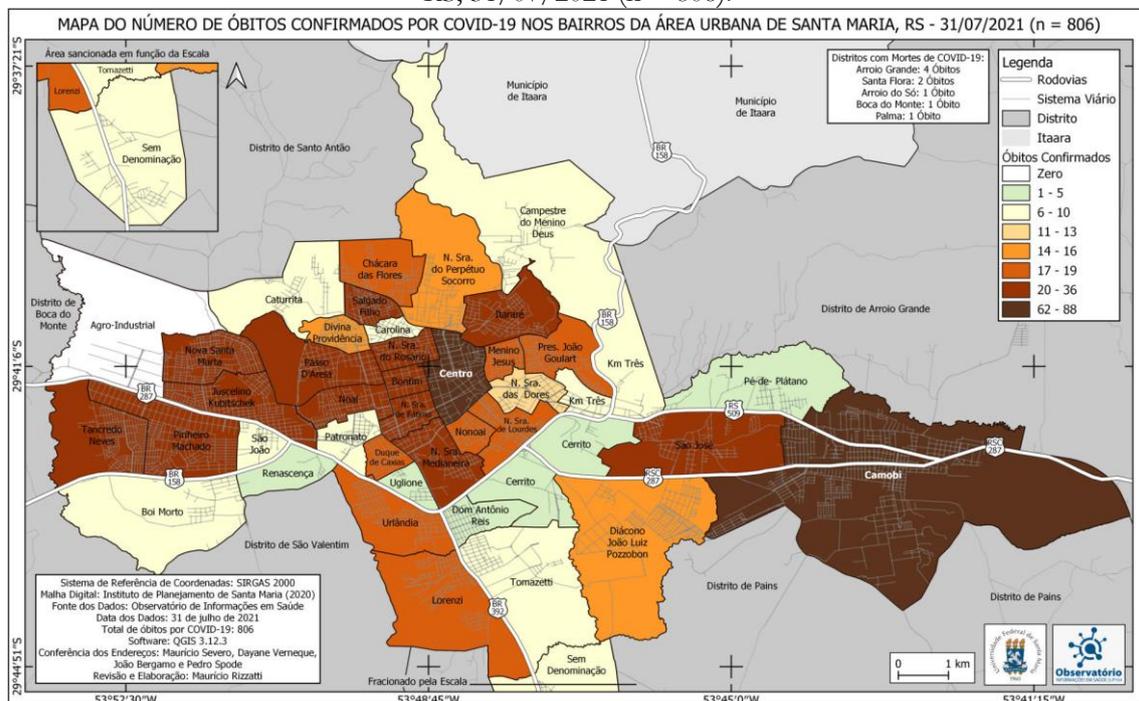
*Monitoramento da Covid-19 em uma cidade média do Rio Grande do Sul: o caso de Santa Maria e o Observatório de Informações em Saúde. Pedro Leonardo Cezar Spode, Maurício Rizzatti e Carina Petsch.*

**Figura 01.** Mapa dos número de óbitos acumulados por COVID-19 na área urbana de Santa Maria, RS, 31/12/2020 (n = 151).



Organização: os autores (2021).

**Figura 02.** Mapa dos número de óbitos acumulados por COVID-19 na área urbana de Santa Maria, RS, 31/07/2021 (n = 806).



Organização: os autores (2021).

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 198-204, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".*

ISSN: 2176-5774

No dia 31 de dezembro de 2021, 33 bairros apresentavam óbitos causados pela COVID-19, são eles: Campestre do Menino Deus (1), Cerrito (1), Diácono João Luiz Pozzobon (1), Km Três (1), Pé-de-Plátano (1), Renascença (1), Uglione (1), Menino Jesus (2), Nonoai (2), Nossa Senhora das Dores (2), Carolina (3), Divina Providência (3), Noal (3), Nossa Senhora de Fátima (3), Nova Santa Marta (3), Juscelino Kubitschek (4), Nossa Senhora de Lourdes (4), Presidente João Goulart (4), Salgado Filho (4), Tancredo Neves (4), Duque de Caxias (5), Nossa Senhora do Rosário (5), São José (5), Bonfim (6), Itararé (6), Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (6), Nossa Senhora Medianeira (6), Pinheiro Machado (6), Urlândia (6), Lorenzi (7), Passo d'Areia (8), Chácara das Flores (9), Centro (11) e Camobi (14), totalizando 148 óbitos<sup>3</sup> na área urbana. Neste contexto registrou-se 1 óbito em zona rural, no Distrito de Santa Flora.

Em 31 de julho de 2021 apenas o bairro Agro-Industrial ainda não havia registrado óbitos na cidade. Nesta data, os números absolutos de óbitos por COVID-19, nos bairros de Santa Maria são: Bonfim (31), Boi Morto (8), Cerrito (2), Campestre do Menino Deus (7), Carolina (10), Chácara das Flores (19), Camobi (88), Centro (62), Duque de Caxias (17), Diácono João Luiz Pozzobon (14), Dom Antônio Reis (4), Divina Providência (15), Itararé (29), Juscelino Kubitschek (35), Km Três (7), Lorenzi (17), Menino Jesus (17), Nossa Senhora das Dores (13), Nossa Senhora de Lourdes (19), Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (14), Nossa Senhora do Rosário (23), Nossa Senhora de Fátima (22), Nossa Senhora Medianeira (36), Nova Santa Marta (20), Noal (25), Nonoai (17), Pinheiro Machado (31), Passo D'Areia (29), Presidente João Goulart (19), Patronato (9), Pé de Plátano (5), Renascença (1), São João (7), São José (23), Salgado Filho (32), Tancredo Neves (26), Tomazzetti (7), Uglione (3), Urlândia (19) e Sem Denominação (6). Nesta data foram registrados 9 óbitos em distritos rurais, são eles: Arroio Grande (4), Santa Flora (2), Arroio do Só (1), Boca do Monte (1) e Palma (1).

Na Tabela 01 podem ser visualizadas as taxas de mortalidade, por bairro, calculadas para 100 mil habitantes. Em 31 de dezembro de 2020, os bairros que apresentavam as maiores taxas de mortalidade eram: Chácara das Flores (228,48), Divina Providência (222,71), Duque de Caxias (149,74), Lorenzi (124,53) e Passo D'Areia (114,36). Nos dados de 31 de julho de 2021, merecem destaque as taxas calculadas para os seguintes bairros: Divina

---

<sup>3</sup> Utilizou-se o valor de 148 óbitos, em razão de que 2 óbitos não foram localizados pelo endereço apresentar inconsistências, o que impossibilitou a geolocalização destes dados.

Providência (1113,59), Duque de Caxias (509,13), Chácara das Flores (482,36), Diácono João Luiz Pozzobon (444,16) e Bonfim (433,14).

A taxa de mortalidade é calculada através do número de óbitos, em relação a população residente e, posteriormente, multiplicada por 100 mil habitantes. Considerando isto, é possível observar bairros com evolução das taxas de mortalidade em Santa Maria, RS, como o Divina Providência, Duque de Caxias, Diácono João Luiz Pozzobon, Chácara das Flores e Salgado Filho, os quais, os dados já vinham demonstrando desde 2020.

Neste sentido, embora os bairros Camobi e Centro, como bairros com os maiores fluxos de pessoas e mais populosos do município (Tabela 01), concentrem a maioria dos óbitos por COVID-19 na data avaliada (13/07/2021), as maiores taxas de mortalidade vinham ocorrendo em bairros localizados nas zonas periféricas de Santa Maria, RS. Isso pode ser observado na evolução da taxa de mortalidade para as datas avaliadas (Tabela 01), em que bairros de regiões periféricas apresentaram aumento significativo nas taxas de evolução, como: Diácono João Luiz Pozzobon (1300,25%), Juscelino Kubitschek (775,11%), Menino Jesus (750,19%), Noal (733,49%) e Salgado Filho (700,05%).

Esta dinâmica da COVID-19 em Santa Maria, RS vinha sendo demonstrada através de trabalhos sobre a periferização dos casos confirmados e óbitos ainda no ano de 2020 (RIZZATTI et al., 2020); (SPODE et al., 2020). Além disso, pôde ser confirmado que as maiores taxas de incidência de óbitos pela COVID-19 na cidade, no ano de 2020, estavam ocorrendo na região norte da área urbana de Santa Maria, em bairros pobres (RIZZATTI, 2021). Assim,

[...] a taxa de incidência maior nos bairros periféricos, demonstra, claramente, que os óbitos por COVID-19 em Santa Maria ocorreram nos bairros com maiores problemas socioespaciais, com menor acesso a infraestrutura (RIZZATTI, 2021, p. 36).

Dessa maneira, portanto, estes dados forneceram elementos que indicaram uma relação entre as condições sociais dos bairros e uma maior mortalidade em razão da COVID-19 em Santa Maria, RS, como diversos estudos revelaram para o Brasil e outros países.

**Tabela 01.** Taxa de mortalidade por COVID-19 nos bairros de Santa Maria, RS, em 31 de dezembro de 2020 e 31 de julho de 2021.

Bairro	População residente	Taxa de mortalidade por COVID-19 em 31/12/2020	Taxa de mortalidade por COVID-19 em 31/07/2021	Evolução da taxa de mortalidade (%)
Agroindustrial	224	0,0	0,0	0,00
Bonfim	7.157	83,83	433,14	416,69
Boi Morto	2.561	0,0	312,38	312,38
Cerrito	1.127	88,73	177,46	100,00
Campestre do Menino Deus	2.697	37,07	259,55	600,16
Carolina	3.356	89,39	297,97	233,34
Chácara das Flores	3.939	228,48	482,36	111,12
Camobi	21.822	64,15	403,26	528,62
Centro	17.847	61,63	347,40	463,69
Duque de Caxias	3.339	149,74	509,13	240,01
Diácono J. L. Pozzobon	3.152	31,72	444,16	1300,25
Dom Antônio Reis	1.984	0,0	201,61	201,61
Divina Providência	1.347	222,71	1113,59	400,02
Itararé	7.300	82,19	397,26	383,34
Juscelino Kubitschek	13.730	29,13	254,92	775,11
Km Três	2.504	39,93	279,55	600,10
Lorenzi	5.621	124,53	302,44	142,87
Menino Jesus	5.410	36,96	314,23	750,19
Nossa Senhora das Dores	4.656	42,95	279,21	550,08
Nossa Senhora de Lourdes	5.993	66,74	317,04	375,04
Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	6.151	97,54	227,61	133,35
Nossa Senhora do Rosário	6.769	73,86	339,78	360,03
Nossa Senhora de Fátima	8.836	33,95	248,98	633,37
Nossa Senhora Medianeira	9.030	66,44	398,67	500,05
Nova Santa Marta	12.722	23,58	157,21	566,71
Noal	7.582	39,56	329,73	733,49
Nonoai	4.168	47,98	407,87	374,39
Pinheiro Machado	10.943	54,82	283,29	416,76
Passo D'Areia	6.995	114,36	414,58	262,52
Presidente João Goulart	6.252	63,97	303,90	375,07
Patronato	2.575	0,0	349,51	349,51
Pé de Plátano	2.200	45,45	227,27	400,04
Renascença	1.791	55,83	55,83	0,00

São João	1.706	0,0	410,32	410,32
São José	5.697	87,76	403,72	360,03
Salgado Filho	9.801	40,81	326,50	700,05
Tancredo Neves	11.456	34,91	226,96	550,13
Tomazzetti	2.039	0,0	343,31	343,31
Ugllione	1.808	55,30	165,93	200,05
Urlândia	8.967	66,91	211,89	216,68
Sem Denominação*	-	-	-	-

**Fonte:** IBGE (2010). Vigilância Epidemiológica de Santa Maria (2020, 2021).

**Organização:** os autores (2021).

## Referências

GUIMARÃES, R. B.; CATÃO, R. DE C.; NOSSA, P. N. Geografia a serviço da emergência em saúde pública. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, 28 jul. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Base de informações do Censo Demográfico 2010:** resultados do universo por setor censitário. 2010.

MOTA, A. A. da; VIEIRA, A. B.; SANGALLI, A.; KNAPP, C. O que a geografia da saúde por Raul Borges Guimarães tem a dizer sobre a Covid-19. **Revista Interdisciplinar em Educação e Territorialidade – RIET**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 440–447, 2021.

RIZZATTI, M.; SPODE, P. L. C.; BATISTA, N. L.; ERTHAL, D. B.; FARIA, R. M. Evolução e Periferização da COVID-19 na área urbana de Santa Maria, RS: traçando padrões espaciais. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, p. 441 - 449, 2020.

RIZZATTI, M. **Geoprocessamento Aplicado a Geografia da Saúde:** análise dos óbitos por COVID-19 na área urbana de Santa Maria/RS, em 2020, 2021.

RIZZATTI, M.; BATISTA, N. L.; SPODE, P. L. C.; ERTHAL, D. B.; FARIA, R. M.; SCCOTI, A. A. V. ; PETSCH, C.; COSTA, I. T.; TRENTIN, R. Metodologia de geolocalização para mapeamento intraurbano de COVID-19 em Santa Maria, RS. **Metodologias e Aprendizado**, v. 3, p. 8 - 13, 2020.

SANTA MARIA. **Boletim Epidemiológico | COVID-19 – 31/12/2020.** Prefeitura Municipal de Santa Maria, RS. 2020. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br/coronavirus/?secao=boletim>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SANTA MARIA. **Boletim Epidemiológico | COVID-19 – 31/07/2021.** Prefeitura Municipal de Santa Maria, RS. 2021. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br/coronavirus/?secao=boletim>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SPODE, P. L. C.; RIZZATTI, M.; BATISTA, N. L.; ERTHAL, D. B.; FARIA, R. M. Quando a doença chega à periferia: expansão da COVID-19 para os bairros das regiões centro-oeste e oeste da área urbana de Santa Maria, RS. **Disciplinarum Scientia | Ciências Humanas**, v. 21, n. 2, p. 13-27, 2020.

**VIVÊNCIA DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM MEIO  
PANDÊMICO: EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ESTADUAL  
FERNANDO COSTA E NA ESCOLA DE ASSENTAMENTO  
SANTA CLARA**

**Ana Carolina Santana Lopes**

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP

E-mail: [santana.lopes@unesp.br](mailto:santana.lopes@unesp.br)

**Ramon Gomes Rocha**

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP

E-mail: [ramon.rocha@unesp.br](mailto:ramon.rocha@unesp.br)

**Stephanie Babosa da Costa**

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP

E-mail: [stephanie.costa@unesp.br](mailto:stephanie.costa@unesp.br)

O presente relato compõe a experiência de três residentes do programa de Residência Pedagógica, discentes do curso de Licenciatura em Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de Presidente Prudente - São Paulo, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O mesmo expõe uma reflexão das nossas vivências durante o desenvolvimento das atividades escolares em meio pandêmico, em duas escolas com estruturas diferentes, a Escola Estadual Fernando Costa localizada na área central de Presidente Prudente e a Escola de Assentamento Santa Clara em Mirante do Paranapanema, no período de 2020 até o fim do primeiro trimestre de 2022.

A Residência Pedagógica é uma ação que integra a Política Nacional de Formação de Professores, seu objetivo principal é proporcionar qualidade e aperfeiçoamento no processo de formação prática na licenciatura, inserindo o discente na escola de educação básica, antecipando sua experiência prática docente em sala de aula. Para nós bolsistas e futuros professores esse projeto foi enriquecedor, apesar dos obstáculos enfrentados, pois estávamos no período da pandemia de Covid-19.

No início do programa as atividades desenvolvidas tiveram um caráter introdutório, partindo de uma apresentação entre os residentes, com o intuito de conhecermos os bolsistas do curso de licenciatura em geografia da Unesp dos campus de Ourinhos e Rio Claro. Neste *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 205-212, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”*.

## Relato de Experiência

*Vivência da residência pedagógica em meio pandêmico: experiência na Escola Estadual Fernando Costa e na Escola de Assentamento Santa Clara. Ana Carolina Santana Lopes, Ramon Gomes Rocha e Stephanie Babosa da Costa.*

início também nos foi apresentado de forma virtual os professores das escolas nas quais desenvolveríamos as atividades propostas.

Ao final do primeiro semestre do programa realizamos reuniões pela plataforma *google meet*, nós residentes, juntamente com a orientadora e os professores preceptores das escolas. Discutimos sobre as atividades que seriam executadas nos próximos semestres e nos foi apresentado a plataforma centro de mídias de São Paulo (CMSP), para que pudéssemos ter conhecimento de como estava sendo o seguimento das aulas.

O CMSP é um aplicativo para que os alunos acompanhassem as aulas durante o ensino remoto, devido a pandemia de COVID-19. Além do aplicativo as aulas eram transmitidas na TV Cultura e no YouTube separados por séries/anos, com dias e horários organizados com as matérias a serem dadas.

A partir do segundo semestre, começamos a trabalhar com os alunos e exercer a regência, de forma remota. Para relatar nossas experiências pedagógicas a seguir, iremos separar as escolas, para podermos mostrar as diferenças em cada vivência.

### **Assentamento Santa Clara**

A Escola Estadual Assentamento Santa Clara, está localizada dentro do Assentamento Che Guevara zona rural do município de Mirante do Paranapanema, todos os alunos são residentes da zona rural.

Ao acompanharmos as aulas do centro de mídias de São Paulo, nós residentes enviávamos vídeos relacionados às aulas ou produzíamos infográficos. Abaixo será colocado um dos infográficos que foi produzido com o tema sobre conservação e preservação ambiental.

## Relato de Experiência

*Vivência da residência pedagógica em meio pandêmico: experiência na Escola Estadual Fernando Costa e na Escola de Assentamento Santa Clara. Ana Carolina Santana Lopes, Ramon Gomes Rocha e Stephanie Babosa da Costa.*



Imagem 1: Infográfico Preservar e Conservar

Infelizmente não tivemos nenhuma aproximação com os alunos, a princípio isso nos frustrou, pois o intuito principal era o contato, a troca de experiências, anteriormente a nossa expectativa era realizarmos uma educação com formato horizontal, humanizada, na qual o educando fizesse parte do processo educativo, e nós pudéssemos aprender com a troca de experiências com os alunos. Mas isso não foi possível devido todo o momento complexo que vivemos, a pandemia era algo novo, não sabíamos ao certo como lidar com isso.

A pandemia do coronavírus nos fez repensarmos sobre a prática docente, os alunos que não conseguimos contato, pensávamos, “será que este aluno possui acesso às aulas no centro de mídias?”, “Os seus familiares estão bem?” Como o aluno está se sentindo no meio dessa quebra de realidade, visto que não era possível mais frequentar a escola, conversar com os amigos, já que tudo mudou tão de repente.

### **Escola Estadual Fernando Costa**

A Escola Estadual Fernando Costa está localizada na área central, urbana de Presidente Prudente - SP, ao lado de um colégio particular, em meio de diversos comércios,

## Relato de Experiência

*Vivência da residência pedagógica em meio pandêmico: experiência na Escola Estadual Fernando Costa e na Escola de Assentamento Santa Clara. Ana Carolina Santana Lopes, Ramon Gomes Rocha e Stephanie Babosa da Costa.*

está em uma avenida muito movimentada, uma escola construída na década de 1940, atende em sua maioria alunos residentes da zona norte do município de Presidente Prudente.

Continuamos as atividades com o acompanhamento do Centro de Mídias, também realizávamos reuniões com a nossa preceptora, as reuniões eram realizadas no período da tarde os assuntos debatidos nas reuniões eram relacionados as abordagens escolares, como a nova grade escolar, acesso ao ensino remoto, infraestrutura, investimento, evasão dos alunos mesmo com a possível volta presencial. Para atender os alunos, ou melhor, os plantões, ficávamos à disposição do horário que eles podiam, normalmente no período da manhã que eram o turno que estavam matriculados na escola.

Isso nos manteve conectados com a escola, mesmo que a distância, e nos ajudou a ter um pouco da visão/vivência de professor que não tínhamos, por não estarmos em uma sala de aula.

Depois que os alunos assistiam às aulas do centro de mídias, eles tinham o dever de responderem as questões que eram disponibilizadas, e era enviado um roteiro com questões através do *Google drive*, elas eram baseadas nas aulas, e no material didático, como mostra a figura abaixo. Lembrando que outra maneira de responder o roteiro, era de forma impressa, para aqueles que não possuíam material digital, ficava disponível na secretaria da escola para retirada.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO - SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO  
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE - ESCOLA ESTADUAL FERNANDO COSTA

PROFESSOR: 2. ANO/SÉRIE: 8ABC 3. DISCIPLINA: Geografia 4. Nº DE AULAS PREVISTAS: 04

5. PERÍODO DE REALIZAÇÃO: (25/10 a 29/10)

7. Objetivos de aprendizagem

7.1 – Objetivos da aula: Brasil e comércio exterior nos blocos econômicos

7.2 Habilidades e competências: (EF08GE09) Identificar, comparar e analisar os padrões econômicos mundiais de produção, distribuição e intercâmbio dos produtos agrícolas e industrializados, tendo como referência os Estados Unidos da América e os países dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) (EF08GE12) Analisar a importância dos principais organismos de integração do território americano, identificar as origens da formação de blocos regionais e comparar as características desses blocos, especialmente na América Latina.

7.3 – Unidades temáticas/Objetos de conhecimento: Conexões e escalas/Corporações e organismos internacionais e do Brasil na ordem econômica mundial.

7.4 8.0 Como a aula será realizada

8.1 – ATENÇÃO ESTUDANTE! Veja suas tarefas: **A) Assistir aulas do CMSP do 4o bimestre e realizar as tarefas no CMSP referentes às aulas do mês de outubro /novembro**

b) Realizar a 3a AAP AAP 3 2021 Digital - Como acessar o Caed para fazer a AAP - ATIVE A LEGENDA <https://www.youtube.com/watch?v=j389erhv-QY>

c) realizar atividades da apostila volume 3 p.129, atividade 3.2

Qualquer dúvida , me chame no whatsapp

8.2 – Recursos: Computador e/ou celular/ Aplicativo CMSP

9. Acompanhamento e avaliação da aprendizagem :Registro das aulas e atividades propostas durante as aulas do CMSP/Registro das tarefas do app

Imagem 2: Roteiro

## Relato de Experiência

*Vivência da residência pedagógica em meio pandêmico: experiência na Escola Estadual Fernando Costa e na Escola de Assentamento Santa Clara. Ana Carolina Santana Lopes, Ramon Gomes Rocha e Stephanie Babosa da Costa.*

Após a realização destes roteiros, eles enviavam por fotografias suas dúvidas. A correção da atividade contabilizava a nota geral e presença. Nós residentes, éramos encarregados de monitorar alguns alunos, com foco naqueles que ficaram distantes da escola devido a pandemia, e não realizavam as atividades, assim, tirávamos as dúvidas dos educandos em geral.

Duas ou três vezes na semana, era feito esse contato com os alunos, em dias intercalados, para que eles realizassem as outras atividades de outras disciplinas além da Geografia. Caso, não realizassem as atividades, trabalhávamos de forma mais direta com eles, contato contínuo e persistente, para que eles pudessem realizar as atividades e não serem prejudicados.

Contatamos os alunos e buscamos entender o porquê de sua ausência. Muitos relataram que estavam sem tecnologia suficiente para acompanhar as atividades a distância, dependiam dos materiais de outras pessoas para acompanhar.

No geral, muitos tinham sido afetados pela pandemia e passavam por problemas financeiros na família. Outra situação eram os pais deixarem os alunos de castigo e assim eles ficavam sem realizar as atividades escolares, nesta situação, foi preciso dialogar com os pais dos alunos. Trabalhamos com a disciplina de Geografia, mas muitas vezes os alunos nos procuravam para tirar dúvidas de outras disciplinas, e quando estava ao nosso alcance, também auxiliávamos.

Durante o terceiro semestre, continuamos com nossas reuniões, mas de forma mais flexível. Houve desencontro entre o calendário da escola e o dos residentes, desta forma, fizemos apenas reuniões entre nós e ficamos ausentes dos acompanhamentos com os alunos, por conta do período de férias.

Nas reuniões compartilhávamos nossas vivências, não só por parte da residência pedagógica, mas também sobre nossos estágios vivenciados também durante a pandemia, além de experiências profissionais que alguns já haviam iniciado.

Encaminhando ao final do programa, fizemos reuniões com todos os residentes e voluntários, para discutir sobre a atividade e relatório final e sobre o seminário da Residência Pedagógica, da UNESP, de diferentes áreas participantes.

Para a atividade final, tivemos quatro opções de atividades e deveríamos produzir uma crônica pedagógica; um vídeo relatando “O que é aula?” ou a elaboração de um material didático inclusivo; ou um texto argumentativo sobre os desafios da pandemia nas escolas. Todas essas atividades eram baseadas no ano em que trabalhamos com os alunos.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 205-212, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

Depois finalizamos com o relatório final de cada um o seminário com os núcleos do programa, da UNESP, que foi muito importante, pois compartilhamos nossas experiências, tanto nós residentes, como orientadores e preceptores e assim vimos que apesar da metodologia ser particular de cada escola, enfrentamos os mesmos problemas.

Encontramos grandes desafios devido ao momento pandêmico. A falta de comunicação com os alunos foi um dos fatores que dificultou nossa atuação na residência, refletindo nas atividades a serem feitas com eles. Em alguns momentos era perceptível o sentimento de que a residência não estava acontecendo, mas sabíamos e identificamos essa dificuldade, pois muitos alunos se afastaram da escola por não possuírem computadores dentro de suas residências ou não ter acesso a internet.

Logo, os alunos que iam buscar atividades impressas na escola, nem sempre conseguiam entregar tudo em dia, pois tinham problemas de locomoção como também colocavam suas vidas em riscos devido a possível contaminação provocada dentro dos ônibus públicos ou carros particulares de aplicativo.

Nossa preceptora lutava para que seus alunos não desistissem, já que muitos possuíam dificuldades financeiras, o que colaborou muito para que o ensino fosse deixado de lado, e optassem pelo trabalho para ajudar suas famílias.

Foi uma das maiores dificuldades, visto que, a escola como uma construção cultural, o espaço não é neutro, o espaço nos mostra uma comunicação, sempre tem algo a nos dizer, a forma como o ambiente escolar se coloca pode nos dizer muito sobre os indivíduos que ali estão presentes, segundo Frago (2001, p. 77) + *et al.* [...]a autora Aline de Novaes Conceição.

Em meio a todos esses obstáculos, percebemos que tanto discentes como alunos, não sabíamos trabalhar 100% por meio do ensino remoto, já que muitos demonstram dificuldades de manusear o *google meet*, *google classroom* entre outras plataformas que usamos para educação a distância.

Assim, entendemos que a residência não foi só um desafio acadêmico, mas foi também um desafio de buscarmos novos meios de aprendizagem para nos comunicarmos com o ambiente escolar, acompanhando sempre as tecnologias e entendemos que o papel do professor ultrapassa a aprendizagem em sala, é saber se posicionar e se colocar disponível para o aluno, não apenas dentro da escola, mas fora. Quando nos colocamos no lugar do próximo, a sensação de empatia fica até pequena para poder descrever.

Outro problema encontrado foi a ausência de bolsas, pois em parte do projeto ficamos sem receber nossas Bolsas de residência pedagógica devido ao mal planejamento do

## Relato de Experiência

*Vivência da residência pedagógica em meio pandêmico: experiência na Escola Estadual Fernando Costa e na Escola de Assentamento Santa Clara. Ana Carolina Santana Lopes, Ramon Gomes Rocha e Stephanie Babosa da Costa.*

Governo Federal, que atrasou bolsas de alunos, residentes, por todo o país. Para isso foi necessário criar um projeto de lei, Lei nº 14.241, que permitisse ao Governo Federal terminar de custear os pagamentos de bolsas para os residentes pedagógicos em todo o país até o final do projeto.

Esse momento foi conturbado para diversos participantes do projeto, pois muitos necessitam do dinheiro para pagar contas, comprar comida entre outros. Logo, essas pessoas precisaram arrumar outros meios para conseguir o dinheiro que não foi repassado para nós. Isso trouxe insegurança para todos nós continuarmos no referido projeto, pois não sabíamos quando e se íamos receber novamente.

É muito provável que os estudantes das escolas públicas tenham se prejudicado mais, em comparação com os demais, mas o que temos que pensar é que cada um se virou como conseguiu no meio da pandemia.

### **Por fim...**

Esse programa foi realizado em conjunto a partir dos orientadores da área, dos preceptores e dos docentes bolsistas e não bolsistas. Para nós é de suma importância relatar nossas vivências e experiências durante esse contexto de pandemia – COVID 19 – na educação básica, pública e em duas escolas com diferentes realidades. Pois é uma ferramenta para auxiliar na construção e formação de docentes críticos em busca de qualidade educacional.

Finalizamos este relato, destacando a importância do programa para nossa carreira na licenciatura e por isso agradecemos a CAPES pela concessão das bolsas. Agradecemos nossos preceptores e orientadores, por nos auxiliar, dialogar e dividir parte de suas histórias e opiniões conosco. Além da nossa experiência no programa, com auxílio deles, muitos de nós adquirimos novas experiências particulares na licenciatura.

Alguns dos textos debatidos nas reuniões com a professora orientadora e preceptores foram os capítulos dos livros de Paulo Freire *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia* e Lana de Souza Cavalcanti *Pensar pela geografia – ensino e relevância social*.

Nossa vivência no programa nada mais é que a relação da teoria e prática: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (FREIRE, 1974)

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 205-212, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

## Relato de Experiência

*Vivência da residência pedagógica em meio pandêmico: experiência na Escola Estadual Fernando Costa e na Escola de Assentamento Santa Clara. Ana Carolina Santana Lopes, Ramon Gomes Rocha e Stephanie Babosa da Costa.*

Que estejamos abertos a constantes mudanças que a escola pode passar, que a nossa formação seja crítica para que não seja permitido morrer o amor e a dedicação, a educação libertária, que é uma construção diária dentro da escola e fora, para além dos muros.

## Referências

CAVALCANTE, L, S. **Pensar pela Geografia ensino e relevância social**. Goiânia, GO. C&A Alfa Comunicação, 2019.

CENTRO DE MÍDIAS SP. **O Que é o Centro de Mídias da Educação de São Paulo?** Disponível em: <https://decatanduva.educacao.sp.gov.br/centro-de-midias-sp/>. Acesso em 22 ago. 2022.

CONCEIÇÃO, N, A. **Espaço e lugar privilegiado para formação de professores: Instituto de Educação “Fernando Costa” (1953-1975)**. Editora Cultura Acadêmica. Marília/SP. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Editora Paz e Terra. 1996. Rio de Janeiro.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa de Residência Pedagógica**. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>>. Acesso em 10 mai. de 2022.

## DA MINHA CASA ATÉ A ESCOLA: ENCONTROS ENTRE GEOGRAFIA E LÍNGUA PORTUGUESA

**Leandro Mendes Nogueira**

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

E-mail: [leandromenog@hotmail.com](mailto:leandromenog@hotmail.com)

### Introdução

Durante o transcurso da pandemia do Covid-19, muitos educandos e educadores estiveram isolados em suas casas. O vazio e o silêncio tomaram conta de nossas ruas, escolas, dos espaços de lazer, e dos espaços coletivos em geral, lugares esses que nos permitiam a convivência com o outro e o exercício da sociabilidade. Esse isolamento nos impossibilitou do encontro físico com os amigos e familiares, que muitas vezes se deu de forma virtual.

Os fatos relativos à experiência de vida de nossos alunos ou da vida de outras pessoas e de outros lugares para que entendêssemos melhor a realidade cotidiana foram se alterando. Observa-se, dessa forma, uma modificação nas experiências de vida não somente de nossos alunos, mas da sociedade como um todo, afetando diretamente nosso entendimento sobre a realidade. Restrito às nossas casas, grande parte do nosso contato com o mundo se fazia pela tela digital do celular, do computador ou da televisão. Ainda que esses meios oferecessem possibilidades enriquecedoras de pensarmos nossas conexões com o outro e o mundo, um exercício de observação mais atento de nossa casa poderia abrir outras oportunidades para obter informações e saberes poucos trabalhados. Já exercitou olhar da sua janela para ver o mundo que o cerca? Para Mário Quintana (2005, p.40), "Quando abro a cada manhã a janela do meu quarto é como se abrisse o mesmo livro numa página nova". Assim como a janela do quarto desse grande poeta abriu inspirações para seus escritos, o mesmo poderia ser exercitado com os nossos alunos para observar o mundo que se abre através de uma janela.

Foi nesse contexto, de muitos desafios, que reinventamos nossas aulas. O relato a seguir trata de uma experiência desenvolvida com alunos do sexto ano do ensino fundamental II na cidade de São Paulo, nas aulas de Geografia e Língua Portuguesa, buscando aproximá-los da realidade em que vivem e, ao mesmo tempo, conectando

conceitos científicos dessas duas áreas do conhecimento. Desse modo, esse trabalho se inicia com o desenvolvimento de uma observação mais atenta da paisagem que se vê pela janela da casa e avança, na medida em que os alunos retornam às atividades presenciais na escola, para uma análise do percurso casa-escola e arredores da escola.

## **Metodologia**

Para esse trabalho utilizamos a metodologia de análise dos percursos urbanos e a metodologia dialética em sala de aula. Os percursos urbanos constituem uma metodologia que visa a compreensão do espaço de vivência cotidiana, onde podemos analisar com mais atenção a materialidade e as relações sociais e ao mesmo tempo desenvolver conexões entre consciência, espaço e lugar (RICO; COELHO & GOUVEIA, 2019). Já a metodologia dialética coloca o aluno como sujeito participante da construção do conhecimento. Essa construção ocorre através de três importantes momentos do trabalho pedagógico: mobilização para o conhecimento, construção do conhecimento e elaboração da síntese do conhecimento (VASCONCELLOS, 1992). A seguir, relatamos o desenvolvimento desse projeto.

### **Primeira etapa (momento inicial e mobilização para o conhecimento)**

O fio condutor dessa experiência partiu da obra literária “Da minha janela”, de Otávio Júnior (2019). Nas aulas de Língua Portuguesa, após uma pesquisa em sala sobre o tema favelas (desde origem do nome, evolução histórica e como entendemos esse conceito hoje), os alunos conheceram um pouco sobre a trajetória do autor, que cresceu em uma favela e, finalmente, partiram para a leitura da obra. O conhecimento prévio de temas pertinentes ao livro foi de extrema importância para a qualidade da leitura.

Selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos, os alunos foram convidados a fazer uma leitura coletiva, em primeiro momento, seguida de uma discussão que visava compartilhar olhares, ou seja, um momento em que cada um contribuía com suas percepções sobre o que observou durante a leitura.

Assim, fizemos a leitura compartilhada da obra, que se caracteriza por uma riqueza e um cuidado no tratamento das imagens e na descrição de uma favela do Rio de Janeiro através de uma janela. Imagens noturnas, diurnas, pássaros, cores, pinturas na parede, crianças se refrescando em uma piscina, pessoas que consertam suas casas, foram algumas das muitas imagens que os alunos conseguiram observar. Em todas, é marcante o sentimento

da alegria e a sensação de simplicidade. Qualidades essas que também tivemos que reinventar durante o período da pandemia.

Nas aulas de Geografia, utilizamos o filme “Koyaanisqatsi – Uma vida fora de equilíbrio”, de Godfrey Reggio (1982), como um recurso didático inicial e mobilizador para o conhecimento. O filme não possui nenhum diálogo. Sua narrativa se desenvolve através de imagens e música, mostrando cidades e paisagens naturais. Analisamos alguns trechos do filme. Para cada trecho, os alunos faziam anotações no caderno dos elementos sociais e elementos naturais que apareciam nas imagens. Fazíamos uma reflexão conjunta ao final de cada trecho, que também era colocada na lousa.

Na primeira parte do filme, observamos o predomínio dos elementos naturais e suas primeiras transformações pelos seres humanos. Na segunda parte, já ocorre o predomínio dos elementos sociais e, posteriormente, sua destruição para dar lugar ao novo. Na terceira e última parte, permanece o predomínio dos elementos sociais, destacando a vida moderna nas grandes cidades, as tecnologias e as indústrias.

No final da exposição, fizemos uma análise geral do filme, evidenciando as transformações da sociedade no espaço natural ao longo da história. Os aspectos que compõem a arte cinematográfica (sons, música, enquadramento, narrativa e outros) também foram analisados pelos alunos, com a intenção de desenvolver uma capacidade criativa e autônoma de leitura intelectual e sensível do filme.

Posteriormente, realizamos uma atividade de observação com os alunos, aproveitando o espaço da casa de cada um como elemento fundamental de aprendizado. Com uma câmera, eles deveriam tirar, do mesmo local, duas ou mais fotos da paisagem que viam da janela da sua casa, mas em momentos diferentes. Posteriormente, a partir da observação dessas fotos, faziam um registro no caderno das diferenças e semelhanças entre uma fotografia e outra. Compartilhamos as observações, verificando a dinamicidade das paisagens. Além disso, os alunos foram estimulados a falar de outros elementos da paisagem que vão além da imagem em si, como odores e sons, percebidas por eles na realização da atividade.

### **Segunda etapa (construção do conhecimento)**

À medida que a primeira etapa foi avançando, íamos desenvolvendo os conceitos geográficos de “lugar”, “paisagem” e “espaço geográfico”. Para essa construção, utilizamos fotografias de diferentes sociedades, lugares e momentos históricos, observando as

transformações nessas paisagens, pela ação humana ou da natureza. Aproveitando os recursos cartográficos, analisamos através do aplicativo “Google Earth” imagens de satélite de diferentes momentos da região da escola, o que nos permitiu observar as transformações ocorridas nesse espaço. Nessa etapa, os alunos haviam internalizado os conceitos e eram capazes de produzir uma análise mais atenta e complexa.

Foram desenvolvidas também estratégias de leitura. Durante o processo, foi realizada uma análise não somente do texto verbal, mas principalmente do texto visual, promovendo uma leitura reflexiva das imagens. Respeitando os turnos de fala e o ponto de vista do outro, foi possível elevar o nível de entendimento da obra.

### **Terceira etapa (proposta de trabalho e síntese)**

A proposta de trabalho para os alunos foi dividida em três partes, elencadas a seguir.

Parte I: Faça uma observação atenta do trajeto da sua casa até a escola por um período de cinco dias. Durante esses dias, procure não fazer uso do celular e se atente ao seu percurso. Analise os elementos sociais (as casas, condição das ruas, calçadas, comércio etc.) e a presença de elementos naturais (árvores, espaços verdes etc.) e, no último dia de observação, responda às perguntas que compõem o questionário de observação. Os maiores detalhes dessa análise estavam presentes no questionário.

Parte II: Tire fotos ou produza um vídeo do trajeto de sua casa para escola. Você pode utilizar os recursos audiovisuais (luz, som, imagem etc.) que foram analisados nas aulas de Geografia, através do filme "Koyaanisqatsi – Uma vida fora de equilíbrio", de Godfrey Reggio (1983).

Parte III: Produção de um relatório de observação. Escreva um texto relatando um pouco de como foi essa experiência, suas sensações, sentimentos e percepções, utilizando os conceitos geográficos de “lugar” e “paisagem”. Nesse relatório propusemos as seguintes questões para aprofundar a análise do trajeto: 1) Como você se sentiu durante esses dias de observação? 2) Quais os lugares você mais se conecta, aos quais se sentem pertencentes e familiares? 3) Há algo em seu trajeto que você nunca havia percebido antes? 4) O que mais te chamou a atenção durante esses dias? 5) Mais alguém participou com você desse momento de observação? 6) O que vocês puderam observar? 7) Você acha que aprendeu algo novo nesse período? 8) Qual foi a parte mais interessante desse tempo de análise do trajeto?

### **Resultados**

A partir da análise dos questionários e relatórios, observa-se que cada educando, dentro de sua individualidade, foi tocado de uma maneira diferente com a mesma proposta. Reflexões sobre a evolução do bairro, sobre como os sentimentos podem interferir na qualidade da observação, sobre proporcionar um tempo de qualidade com parentes próximos e sobre como é importante ter um olhar atento (especialmente em um momento em que a tecnologia é tão presente no cotidiano das crianças) podem ser observadas em alguns comentários:

Um bairro sofre várias transformações ao longo do tempo e eu tenho certeza que no passado o bairro da Vila Formosa era muito diferente do que hoje em dia, mas como será que o mesmo lugar vai ficar daqui a alguns anos? Isso depende da população e da decisão dela ao longo do tempo. Tudo depende da ação humana, foi assim que as primeiras cidades surgiram e é assim que elas evoluíram. (Aluno A).

Eu e minha mãe observamos o trajeto juntas, assim ela me ajudava a analisar o caminho da minha casa até a escola. Durante esse período eu percebi que dependendo de como eu estava me sentindo no dia, eu não conseguia prestar atenção em muitos detalhes, por exemplo, quando eu estava mais alegre eu conseguia reparar melhor no trajeto até a escola. (Aluna B).

Eu achei incrivelmente interessante todas as partes desse trabalho, mas a parte que eu gostei muito foi quando, eu e meus pais me ajudaram a tirar fotos, porque fazia um pouco de tempo que eu e meus pais não íamos a pé para voltar para casa, por isso fiquei muito feliz com essa parte do trabalho. (Aluno C).

Meu pai foi meu fiel parceiro nessa atividade, porque ele ficou desde o início observando tudo. Eu aprendi que às vezes a gente presta atenção em coisas bobas como por exemplo o celular e acaba não olhando ao seu redor. (Aluna D).

Com relação ao material audiovisual produzido, notamos também o exercício de diferentes olhares ao longo do trajeto, a valorização de lugares que gostavam, os principais problemas urbanos (como buracos e lixo nas ruas e calçadas), as obras da estação de metrô na rua da escola, o fluxo de pessoas e carros nas ruas, comparação entre casas antigas e prédios modernos, comércio e pontos de ônibus foram algumas das observações realizadas pelos alunos. Os aspectos artísticos da produção cinematográfica foram utilizados na elaboração dos vídeos, tecendo uma narrativa que demonstrava o potencial criativo e sensível dos alunos na observação do trajeto.

### **Considerações finais**

Ao longo desse trabalho, notamos uma grande potencialidade de aplicação desse projeto em todo o processo educativo, porque permitiu uma melhor articulação entre a teoria e a prática, além de possibilitar que o próprio aluno a partir da sua casa, do seu trajeto, de sua observação/descrição e organização do material elaborado conseguisse representar a sua percepção da cidade/realidade em que vive. O que proporcionou uma conexão entre o conhecimento cotidiano e o conhecimento científico.

Diferente da geografia dita tradicional, esse procedimento possibilitou aos educandos serem sujeitos/protagonistas na construção do conhecimento, o que permitiu a posteriori a produção de materiais diversos (textos, mapas, audiovisual etc.). Pensando em diferentes experiências de práticas (mapa mental, mapas, croqui, desenhos etc.), esse procedimento pode ser articulado a uma análise mais aprofundada dos espaços vividos pelos educandos.

A metodologia de análise dos percursos urbanos tem um enorme potencial de aplicabilidade no ensino básico, por meio da compreensão da vida urbana, seus lugares de vivência e de circulação, bem como suas contradições. O lugar é o espaço de reprodução da vida cotidiana e, no geral, não temos uma compreensão profunda das relações sociais e espaciais que são construídas em nosso entorno e para além dessa escala. Nossa consciência tende a uma análise superficial da vida cotidiana e dos lugares que habitamos e circulamos.

É preciso entender que a reprodução da sociedade no espaço geográfico é ao mesmo tempo a “reprodução do modo de produção capitalista, que conquistou a vida cotidiana, a cidade, o urbano e o espaço da vida. Podemos entender a reprodução nos atos da vida cotidiana, e é aí que a teoria ganha consistência, na prática” (PÁDUA, 2019, p.479). Desse modo, a realidade e a sua contextualização através do espaço urbano e das práticas urbanas nos permitem compreender o mundo contemporâneo e a sua fragmentação, compreender o movimento da própria sociedade e suas conexões com a nossa vida cotidiana.

A partir do lugar de vivência do aluno, é possível analisar um complexo de relações, que permitirá desenvolver conceitos para melhor compreensão, construção e transformação desse lugar. É por essa realidade mais próxima, possível de ser captada através da observação orientada, que o aluno poderá entender o lugar onde vive por uma ótica global. Porém, esta capacidade precisa ser estimulada, fazendo com que o aluno, nesse processo de observação, desenvolva noções dos processos sociais e naturais. Da observação do meio, vai-se aos poucos chegando a níveis de abstração mais complexos, procurando construir e organizar

este mundo que o rodeia e resolver os problemas que este mundo lhe apresenta, através de suas próprias ações sobre a realidade.

### Referências

JÚNIOR, O. **Da minha janela**. Ilustrações Vanina Starkoff. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

PÁDUA, R. F. O habitar como horizonte utópico. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), São Paulo, v. 23, n. 3, p. 478-493, dez. 2019.

QUINTANA, M. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

KOYAANISQATSI. Direção: Godfrey Reggio. Estados Unidos: Island Alive, 1983. 1 DVD (87 min.).

RICO, E.; COELHO, J.; GOUVEIA, L. Coimbra: percursos urbanos e exploração pedagógica. Coimbra: **Cadernos de Geografia**, 1996. Disponível em: [https://www.uc.pt/fluc/depgeotur/publicacoes/Cadernos\\_Geografia/Numeros\\_publicados/CadGeoNespecial99/artigo14](https://www.uc.pt/fluc/depgeotur/publicacoes/Cadernos_Geografia/Numeros_publicados/CadGeoNespecial99/artigo14). Acesso em: 10, maio, 2022.

VASCONCELLOS, C. dos S. Metodologia dialética em sala de aula. Brasília: **Revista de Educação AEC**, n. 83, abril de 1992.

## **GEOGRAFIA, GEOPOLÍTICA MUNDIAL E A PANDEMIA DA COVID-19. ENTREVISTA COM O PROF. RUY MOREIRA**

### **Diógenes Rabello**

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente/SP  
E-mail: [diogenesrabello@yahoo.com](mailto:diogenesrabello@yahoo.com)

### **Daiara Batista Mendes**

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente/SP  
E-mail: [daiarabatista0@gmail.com](mailto:daiarabatista0@gmail.com)

### **Eduardo Nardez**

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente/SP  
E-mail: [edu\\_nardez@hotmail.com](mailto:edu_nardez@hotmail.com)

### **Resumo**

Esta entrevista, ao compor o Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”, tem o objetivo de trazer alguns elementos da atualidade, lidos a partir da perspectiva da geografia. Para isso, foi convidado o Prof. Dr. Ruy Moreira, para dialogar com o Caderno Prudentino de Geografia a partir de algumas provocações elaboradas pelo coletivo que compõe o Conselho Editorial da revista. O Prof. Ruy Moreira é geógrafo (Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 1970) e doutor em Geografia Humana (Universidade de São Paulo, USP, 1994), professor aposentado do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e professor permanente dos cursos de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense e da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ). Foi presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros entre o período de 1980 a 1982. E tem sua trajetória marcada por uma importante contribuição para o pensamento geográfico desde uma perspectiva do encontro de uma teoria geral da geografia e de uma teoria geral do Brasil. Nesta entrevista, foram abordados os temas: o cotidiano e a teoria geográfica da pandemia da Covid-19, a geografia durante a pandemia, a geopolítica mundial e as alternativas para superar o avanço do fascismo.

**Palavras-chave:** conjuntura, pensamento geográfico; geografia política; Covid-19; guerra da Rússia-Ucrânia, a nova ordem mundial.

## **GEOGRAPHY, WORLD GEOPOLITICS AND THE COVID-19 PANDEMIC. INTERVIEW WITH PROF. RUY MOREIRA**

### **Abstract**

This interview, which makes up the Thematic Dossier “Geography, Teaching and Research in the course of the Covid-19 pandemic”, aims to bring some elements of the present, read from the perspective of geography. For this, we invite Prof. Dr. Ruy Moreira, to dialogue with Caderno Prudentino de Geografia based on some provocations prepared by the collective that makes up the Editorial Board of the journal. Prof. Ruy Moreira is a geographer (*Universidade Federal de Rio de Janeiro*, UFRJ, 1970) and a PhD in Human Geography (*Universidade de São Paulo*, USP, 1994), retired professor at the Department of Geography at the *Universidade Federal Fluminense* (UFF) and permanent professor of courses *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 228-265, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”*.

ISSN: 2176-5774

in postgraduate in geography at the *Universidade Federal Fluminense* and at the *Universidade Federal Fluminense* y de la *Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado de Rio de Janeiro* (FFP-UERJ). He was president of the *Associação dos Geógrafos Brasileiros* (AGB) from 1980 to 1982. And his trajectory is marked by an important contribution to geographical science from the perspective of the meeting of a general theory of geography and a general theory of Brazil. In this interview, the topics were addressed: daily life and geographic theory of the Covid-19 pandemic, geography during the pandemic, world geopolitics and alternatives to overcome the advance of fascism.

**Keywords:** conjuncture, geographic thought; political geography; Covid-19; Russia-Ukraine war, the new world order.

## **GEOGRAFÍA, GEOPOLÍTICA MUNDIAL Y LA PANDEMIA DEL COVID-19. ENTREVISTA CON EL PROF. RUY MOREIRA**

### **Resumen**

Esta entrevista, al componer el Dossier Temático “Geografía, Docencia e Investigación en el transcurso de la pandemia de la Covid-19”, pretende traer algunos elementos del presente, leídos desde la perspectiva de la geografía. Para esto, el prof. Dr. Ruy Moreira, para dialogar con *Caderno Prudentino de Geografia* a partir de algunas provocaciones elaboradas por el colectivo que conforma el Consejo Editorial de la revista. Profe. Ruy Moreira es geógrafo (*Universidade Federal de Rio de Janeiro*, UFRJ, 1970) y Doctor en Geografía Humana (*Universidade de São Paulo*, USP, 1994), profesor jubilado del Departamento de Geografía de la *Universidade Federal Fluminense* (UFF) y profesor permanente de los cursos de Geografía de la *Universidade Federal Fluminense* y de la *Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado de Rio de Janeiro* (FFP-UERJ). Fue presidente de la *Associação dos Geógrafos Brasileiros* de 1980 a 1982. Y su trayectoria está marcada por una importante contribución al pensamiento geográfico en la perspectiva del encuentro de una teoría general de la geografía y una teoría general de Brasil. En esta entrevista se abordaron los temas: cotidianidad y teoría geográfica de la pandemia del Covid-19, geografía durante la pandemia, geopolítica mundial y alternativas para superar el avance del fascismo.

**Palabras clave:** coyuntura, pensamiento geográfico; geografía política; COVID-19; Guerra Rusia-Ucrania, el nuevo orden mundial.

**CPG:** Quería que você relatasse para gente como você pessoalmente no seu cotidiano vivenciou a fase mais intensa da pandemia, que foi entre 2020 e 2021. Quais reflexões você tomou sobre isso na sua vida e quais foram suas experiências?

### **RUY MOREIRA:**

Então. Eu fiz como todo mundo que não é bolsonarista (riso). Fiquei recluso, muita higiene nas mãos, máscara. Para muita gente foi um problema, para mim nem tanto, porque eu não sou “rueiro”, sou mais do tipo “caseiro”, o que entretanto não é o caso de

todo mundo aqui em casa. A minha esposa é mais de circular. Então, para ela foi muito complicado. Para mim foi o momento que aproveitei para fazer a retomada de um monte de leituras, algumas das quais faço com certa regularidade, outras que fazia tempo não fazia. Eu estou, por exemplo, escrevendo um livro cruzando Marx-marxismo com a geografia, então aproveitei para dar uma relida em toda obra do Marx, incluindo *O Capital*, que tomou mais tempo que o conjunto da obra de Marx, porque é um livro mais volumoso, mais intrincado, mais maçudo. E só agora terminei a releitura. Aproveitei para colocar em dia as anotações e também fiz uma releitura dos clássicos da geografia, porque eu quero fazer justamente esse cruzamento de Marx-Geografia com os problemas atuais. Reli Humboldt, por exemplo, os clássicos, os geógrafos de um modo geral, todos quase não lidos por nós, e talvez por isso fora da fronteira da geografia não sendo objeto de leitura por ninguém, a maioria deles tendo seus textos ainda hoje restritos à sua própria língua, com que eles foram publicados. Só agora, por exemplo, *O Cosmos*, de Humboldt, teve uma tradução espanhola. Aliás, uma bela edição. E tive que encomendar lá da Espanha. A obra do Ritter nem mesmo chegou a nós. Quando muito, chegou um ou outro livro dele. Tenho uma velha edição inglesa, xerocopiada de um volume da Biblioteca do IBGE. Então, aproveitei também para rastrear toda essa literatura pelas redes sociais, até onde consegui alcançar. E é o pouco que eu tenho aqui. Aproveitei também o que eu tenho e não tinha lido para ler. Outro que já tinha lido, para reler. Por exemplo, neste momento estou terminando a releitura de toda a obra de Pierre George, que teve quase tudo dele publicado aqui entre nós. Ou em Portugal e Espanha. Quando o livro dele não tem em português, tem facilmente em espanhol. Sem contar o acesso a sua obra em francês, toda disponível. Ou em inglês. George é bem traduzido e divulgado no mundo inteiro. Estou fazendo o mesmo com Jean Tricart. Embora com maior dificuldade. A obra de Tricart é menos difundida, menos conhecida e menos traduzida entre nós. Por isso tem pouca circulação no Brasil. Não significa fora da França. Um ou outro geomorfólogo brasileiro se inspira nele, cujo maior exemplo é Aziz Ab' Saber, um tricartiano típico, e dono de uma obra grandiosa. E, certamente por influência dele, o Nordeste, uma escola de geografia recheada de tricartianos, onde talvez mais e melhor se conheça e se aplique a obra e as teorias de Tricart. Dos mais recentes, estou fechando, entre outros, a leitura da obra de Harvey, cuja literatura está quase toda disponível em português. Se não em português, em inglês e espanhol.

Aproveitei, em resumo, este período de reclusão, dois anos caminhando praticamente para três anos agora, coisa que para mim ainda não acabou - eu ainda saio na rua com muito cuidado, e com máscara, disso eu sou um pouco neurótico. Como tudo tem dois pratos da balança, houve de um lado o isolamento, de ficar recluso em casa, pouco podendo sair, exceto no essencial de supermercado, farmácia, padaria, etc. e tal, e de outro lado a oportunidade de muita leitura e atualização com a literatura geográfica, de aproveitar, explorar, o máximo possível, o tempo. Aí atravessando o prato inteiro, tanto o lado negativo quanto o positivo. Além de que nunca trabalhei tanto, porque descobrimos o *Meet*, esse instrumento de comunicação remota, então o que eu participei de *lives*, debates via remoto, nesses dois anos foi uma barbaridade. Creio que tantas atividades concentradas, assim, no tempo curto de dois e três anos, eu nunca tinha feito até então.

A pandemia teve esse colorido, a parte escura, a parte clara, nublada, mas também de sol, céu azul, sol transparente, e eu soube aproveitar o máximo possível tudo isso. Mas reforçou em mim também uma antiga impressão, que é a parte final da questão, e sempre fez parte de minha consciência, que é a importância da obra geográfica e sua comunicação em seu papel vital para que a humanidade tenha o conhecimento mais consciente e claro do Brasil e do mundo. Falta, todavia, ainda, o necessário link. E eu espero que todos os geógrafos venham tendo a mesma experiência e percepção que a minha, para que, então, a gente leve a obra literária da geografia a chegar ao grande público. A percepção de que o grande problema da geografia é esse que acabei de lembrar, que os clássicos não foram traduzidos para além de sua própria língua, mesmo os franceses, pouca obra do Reclus tendo sido traduzida para além do mais próximo da França, quase tudo ainda estando ainda em francês. Vidal ainda está em francês, Sorre, Brunhes, George, Tricart. E restritos ao público da geografia. Mas, talvez isso reflita o problema maior, que é o de nós mesmos pouco os termos lido. Um problema que dificulta o acesso das pessoas à obra dos geógrafos. Causa e reflexo talvez da dificuldade de nós mesmos termos pouco acesso como área acadêmica ao grande público. E do vice-versa. Poucas pessoas nos leem. Por exemplo, o nosso geógrafo mais conhecido, que é Milton, pouca gente o leu. Sobretudo entre nós!!! É mais mencionado que lido. Sua obra provavelmente por isso não chegou ao grande público. Idem a obra do Aziz, Carlos Augusto, Bertha Becker, Armando Correia, Manuel Correia de Andrade. Nós mesmos, na verdade, pouco os lemos. Mais citamos, que de fato lemos. Talvez dentre os que mais tenham transgredido fronteiras, para além de nós geógrafos, no tocante à sua obra, esteja o Manoel Corrêa de Andrade. Manoel é daquele

tempo em que o geógrafo se formava em história e geografia, e optava por trabalhar com história ou geografia. Mas nesse curso, criam o hábito do entrecruzamento de ideias e obras. Caio Prado foi trabalhar com história. Orlando Valverde com geografia. Aziz com a interface com a geologia. Manoel, particularmente, vai trabalhar seja com a história e seja com a geografia, passa a dedicar-se à geografia, mas continua trabalhando com a história, o que o torna autor de clássicos seja da geografia, como *A terra e o homem no nordeste*, seja de clássicos da história, como *A cabanada*, que são fabulosos. Sobre este, uma obra esgotada, sempre insisti com ele que devia republicar. Um estudo sobre a rebelião dos cabanos, em Pernambuco, cabanada, não cabanagem, que é um levante do Pará/Amazônia, que é uma coisa impressionante de lindo trabalho. E ainda hoje vemos sua obra circular seja no campo da história e seja no campo da geografia.

O fato é que, de um modo geral, temos, como área, muito pouco contato com o grande público. E no entanto talvez esse momento da pandemia, em que as questões geográficas afloraram como questões dos homens, as quais, sem compreendê-las, sobretudo com o enfoque da geografia ambiental e o enfoque da geografia social, combinados, ninguém entenderia o que estava acontecendo, tenha se mostrado um claro momento. Tema que foi de minha live com os colegas do PET da UFGD, feita no transcorrer do auge do fluxo da Covid-19. Sempre tive essa consciência, eu e muitos outros, o que nessa quadra se reforçou em mim. Espero que a juventude toda, a geração nova de geografia, também venha a ter essa percepção. E que isso faça que a gente busque sempre nossos caminhos. E ir aos clássicos, é um pressuposto.

Mas essa percepção é decorrência de que as nossas coisas teóricas e empíricas de geografia não são domésticas, e não tão teóricas, mas das essencialidades da humanidade. A geografia ainda está isolada do mundo e o mundo está isolado da geografia, mas eu tenho impressão que um ganho desse lado da pandemia é a consciência da necessidade de quebrar essa fronteira, abrindo para a possibilidade de a gente reverter essa distância, agora que a consciência disso publicamente se clarifica.

Fato é que cada vez mais o mundo busca a literatura da geografia, mas tem essa dificuldade: busca-se uma obra de um clássico da geografia em português, mas não se encontra, porque existe em alemão ou francês, língua das origens, não tanto de fácil acesso. São as implicações, do meu lado pessoal, positivas e negativas desse momento duro da humanidade, que é o da pandemia, que levou à morte mais de um milhão de pessoas nos

Estados Unidos, o Brasil a caminho das 700 mil. Uma brutalidade muito forte e muito séria.

**CPG: Nesse último período percebemos um movimento reacionário muito forte de descrença e de negação da própria ciência. Como você acha que a Geografia se movimentou para se posicionar enquanto campo científico?**

**RUY MOREIRA:**

São duas as questões que vejo. Uma é a questão do negacionismo. A outra é a oportunidade que a gente teve e soube ou não aproveitar. Com relação à ciência e ao negacionismo, eu diria o seguinte: já antes da pandemia, por conta da difusão do pós-moderno, vinha se negando a ciência, questionando a centralidade da razão, até por um equívoco de confundir ciência com razão. A ciência é mais do que a razão. E a razão mais que a ciência. Ambas básicas e necessárias. Mas não suficientes. Não existe ciência sem intervenção da razão, sem intervenção do conceito e das categorias científicas. Mas existe razão sem ciência. Este é um discurso do logos, o discurso filosófico conhecido, já estabelecido, já elaborado. Mas mesmo assim, a razão precisa da checagem da ciência. A prática teórico-experiencial da empiria. Então, coisa lógica da estrutura do pensamento, a razão é fundamental. Como também nosso corpo. Fonte do conhecimento através da sensibilidade, e o corpo que experiencia o mundo, não a razão. Esta a sistematiza. Uma e outro sendo então copartícipes, numa relação recíproca e não eliminativa, no processo do conhecimento. O problema é que este foi o grande pecado do logos que verbalizou e sistematizou o tom do discurso da ciência. No qual não existe um casamento entre a razão e a sensibilidade, mas supressão desta por aquela, algo que vem de Descartes até Kant, com sua concepção moderna do que é ciência. Tudo em nome da subsunção do vivo pelo inorgânico. Do natural (então reduzido ao físico) sobre o humano. Só que a hegemonia do inorgânico sobre o humano – estou me referindo à física e, de certo modo, à química –, fez que a parte do lado sensível na teorização do processo cognitivo, acabasse completamente ignorada e dissolvida frente à parte lógica do conceito. A eliminação da parte da experiência senso-perceptivas do corpo, do conhecimento como sendo antes de tudo uma experiência e vivência de nossa sensibilidade corpórea, deixando à parte integrativa da razão a exclusividade da formação do conhecimento, torna a ciência um corpo de uma perna só. A cientificidade do campo do inorgânico – como passa a ser considerada a forma

paradigmática da ciência – logo se desdobrando para todos os outros campos, inclusive as ciências humanas. E a grande vítima foi justamente a compreensão da vida. Daí o pós-moderno nascer com a aparência de uma grande crítica negacionista da verdade e validade da ciência. Com sua invectiva acerba da metanarrativa.

Alguns filósofos, como Nietzsche, até que tentam dar uma reversão nesse movimento, antecipando a mesma denúncia. Mas, embora tivessem conseguido chamar a atenção para tal equívoco, não lograram sensibilizar muito. A razão maquinica, que, no dizer de Deleuze e Guattari, é o que está na origem de tudo isso, leva o conhecimento moderno a já surgir parametrado no compromisso do projeto técnico – daí a hegemonia do inorgânico – da construção do capitalismo, e faz da ciência que já nasça entendida como parte chave da instituição e florescimento das forças produtivas. A formalização da ciência caminhando rapidamente para a subserviência ao projeto técnico da revolução tecnológica, de que Revolução Industrial não é mais que um nome sofisticado, organizando sua lógica no Habermas vai chamar a razão instrumental. A ciência como um pressuposto do grande salto na capacidade de produção capitalista, rumo à reprodução mais e mais ampliada do capital.

Então, essa usurpação do conhecimento científico pelo projeto de construção técnica do capitalismo fez com que a parte corpórea do processo cognitivo fosse deixada de lado. A crítica só ganhando terreno com o surgimento da ciência da vida, a biologia, seu primeiro abalo, Darwin aparentando dar um aspecto de revertério sobre tudo isso, recuperando o corpo vivo seja para o campo fenomênico do processo cognitivo, seja para a vivência do próprio processo cognitivo. Por isso na decorrência da biologia logo vem a psicologia, e com ela a percepção, recuperando para o campo do movimento processualístico o corpo, o homem de carne e osso aparecendo como o sujeito do conhecimento. Pouco se altera o paradigma do físico-inorgânico, entretanto, o panorama conceptivo do logos discursivo da ciência ainda mais se reforçando. Derivada para o darwinismo social, a própria trajetória da biologia e da obra de Darwin não leva a releitura para muito além. Não se consegue romper com a hegemonia paradigmática da física, logo reforçada pelo surgimento da química, esse mix de coisa técnica e coisa do inorgânico – sinônimo de recurso da natureza manipulável para os fins de uso industrial – só vindo a desmontar-se com o advento da crise do meio ambiente, crise na verdade do paradigma de ciência e técnica então vigente. E mãe do desconstrutivismo derradiano que migra a negação da ciência do estruturalismo para o pós-moderno.

É quando essa interdição toda do passado vem à tona, só que vem à tona no sentido do outro extremo. A negação radical da razão. Depois de se eliminar a sensibilidade, e em seu nome, quer-se eliminar agora o papel da razão. Substituídas ambas pelo simbólico. Emergindo um discurso de desrazão, de crítica à racionalidade, crítica da própria condição humana do homem, do homem como aquele que é, de fato o que mais importa. Declarada morta a ciência, ainda mal-nascida, do homem. O sujeito cujo objeto de conhecimento paradoxalmente é o próprio sujeito. Morte do sujeito, pois. É um discurso de questionamento que surge sobretudo no campo das ciências humanas, a partir do estruturalismo, do neoestruturalismo e do pós-estruturalismo. O desconstrucionismo de Derrida de permeio. Discursos que vão dar no chamado pós-moderno. A radicalização do fim do sujeito, e então da própria história, entendido por aquelas críticas como o outro nome da razão. Quebrando o entendimento de mundo como um discurso de metanarrativas. Outro modo de negar o papel da totalidade como categoria do conhecimento. Fragmentando o objeto, e criando, a partir do objeto fragmentário, o olhar negador da ciência, que assim progride. Um tipo de negacionismo de esquerda, que vai alimentar, com a emergência da chamada crítica da ideologia cultural, o tal marxismo cultural, sobretudo, o negacionismo de extrema direita de hoje.

Talvez eu abuse na maneira de dizer, mas diria um movimento de oscilação que leva de uma espécie de negacionismo de esquerda, uma esquerda não-marxista, o politicamente correto crítico do sistema, crítico do imperialismo da razão na ciência, ao outro extremo, o prato da balança do politicamente correto de direita, o negacionismo das forças mais reacionárias, crítico da ciência agora como a negação da verdade revelada da Bíblia. Opostos que têm em comum a crítica radical do estatuto da ciência. A crítica negadora da esquerda, que logo se retroalimenta no movimento identitário que aos poucos se forma nas entranhas das lutas étnica e de gênero dos anos 1960 nos EUA, e a crítica negacionista da extrema direita, que se retroalimenta no movimento conservador surgido nas entranhas do conservadorismo religioso das igrejas pentecostais, nos mesmos anos 1960 e nos mesmos EUA. De onde tudo vem. E não por acaso. Críticas logo clarificadas como posicionamentos opostos frente à política de irradiação das medidas de combate à pandemia do covid-19. A crítica de esquerda, agora resgatando em reencontro a importância fundamental da ciência. E a crítica de extrema direita, tomando da condenação da orientação científica para afirmar por verdadeiros os valores conservadores supostamente extraídos dos ensinamentos da Bíblia. Tradução distinta e oposta dos

opostos no plano da ideologia e da política do plano das ideias sobre a verdade da visão de mundo. A crítica da esquerda, da verdade científica, então confundida com a crítica da leitura do mundo centrada na razão, com ela reencontrada, mas ainda reivindicante do lugar cognitivo do corpo. E a crítica da extrema direita, da palavra verdadeira da Bíblia. A pandemia é a fonte da energia que vai balançar os dois pratos da balança. A força da realidade que vai materializar as duas formas de contestação no campo do confronto. O agora humanismo de esquerda, confrontado com o negacionismo de direita. Daí o embate materializar-se no embate da vacina. Para a esquerda significando o realce do papel da importância da pesquisa, da ciência, da valorização do corpo, da centração da verdade na defesa da vida. Para a direita negacionista a condenação de tudo que acusa de pura ideologia cultural. A teologia transfigurada no negacionismo da própria existência. É quando ciências já antes revolucionadoras, como a biologia, mãe da medicina e da vacina, passam a ocupar seu papel de centro do paradigma, porque vacina significa isto, as ciências naturais da vida ganhando o lugar de referência nas ciências da natureza, o conhecimento biológico do corpo humano movendo-se no centro das características do conhecimento científico, aquele ligado à produção da vacina. E esse deslocamento de centro fez que novos focos de conhecimento, sobretudo a biologia molecular, ganhasse uma aceleração inaudita. Algo que já vinha acontecendo. Mas incapaz ainda de romper o paradigma físico e químico de conhecimento científico. Da própria ideia de ciência.

Hoje a gente tem essa coexistência, nada pacífica: o negacionismo tipificado como ideologia de extrema direita, de um lado, e a ciência reafirmada como verdade do conhecimento e defesa da vida, de outro. E a releitura do próprio lugar da física, da química, da geologia, reencontradas numa leitura ecológica da vida como um princípio biofisiogeoquímico, princípio das tecnologias da vacina. Tudo isso num anúncio de renascimento, digamos assim, da ciência nos seus ensaios do nascedouro, a ciência passível de ser baseada mais nas ideias do médico e biólogo André Vesálio, que nas do físico Galileu Galilei. E da ultrapassagem da leitura cartesiana que separa espírito e corpo como referência central do discurso cognitivo e da cientificidade que desde então se impõe. Sem que uma coisa negue à outra, ao contrário do que fora na vitória do paradigma da física.

Outra questão, a segunda, é a vertente ambiental. É isso que vimos, que, agora, neste momento em que se cria alternativa rápida de combate ao Covid-19 através de vacinas, vacinas que foram criadas num tempo recorde na história da medicina, se oferece como lado teórico-prático ao debate da ciência, o papel cognitivo da razão e do corpo, o

debate do problema mais amplo do paradigma. Momento que a gente ainda não pode ver no seu desenvolvimento mais pleno, mas valendo como fundamento da recuperação da crença na ciência. Deixando ao negacionismo o ônus do descrédito isolado. Mesmo para aqueles que pensam que a terra é plana. Isto significando dizer, em suma, que estamos numa quadra da história das ideias, dos valores, da ética, distinta e válida para a reescrita da própria história da ciência, em que mesmo a crítica pós-moderna vai perdendo sentido, a noção de ciência transmutando seu conceito e significado, sem o enfrentamento de qualquer negativismo diante do fato enfático da origem de nossos problemas na forma histórica de relação homem-natureza que vivemos. Do inorgânico e do orgânico, o não-vivo e o vivo, que se afirmam como quadro concreto da natureza. A dialética das coisas sem vida e das coisas com vida firmada como principalidade da centralidade do paradigma.

O olhar do sensível que vai fazer que a visão ambiental vá para além do que a ecologia política revela. E por completo. O limite que pôs o discurso ambiental prisioneiro de uma Economia Política capturadora e fundadora do paradigma da cognicidade no horizonte do inorgânico da física. E mesmo do atual conceito questionável da sustentabilidade. De vez que uma das consequências da pandemia é que, já antes dela, mas reafirmada por ela, a gente começa a descobrir outro universo de ideia de relação ciência-natureza-economia. A realidade que leva toda descrença negacionista a esboroar. Leva a descrença *a lá* esquerda, tipo esquerda pós-modernista, a começar a dissolver. Se já não se dissolveu. E a dissolver-se a descrença de viés extremo-direitista, cuja data de validade perde cada vez mais força. Porque, na verdade, não mais que um recurso político-ideológico pegado na descrença da ciência para poder se firmar um controle político do poder do Estado, objeto de captura da extrema-direita. O que não sei como dizer é para onde vai o discurso de extrema-direita agora frente o descortinar de um momento novo na história da ciência. De qualquer modo, o que entendo é que há um momento novo na história da ciência, por conta do outro lado dos pratos da balança da pandemia, o lado, digamos, positivo, de subida afirmativa, não negativo, de descida negacionista. Acho que isso abre para nós da Geografia uma oportunidade muito grande, muito grande, mas muito grande mesmo, porque a Geografia, tanto a física quanto a humana, acaba também entrando num novo momento de discurso paradigmático, paradigmático de uma natureza e do homem que transcende o lado do inorgânico, não por acaso a geografia física assim sendo chamada, a síntese ecológico-social da vida cobrando os direitos de passagem.

Penso, assim, que cada vez mais, por exemplo, a geografia física vai se afirmar como a geografia da natureza, mantendo-se física mais no sentido metodológico que epistêmico-ontológico do entendimento do mundo. A natureza de cujo ecossistema trófico-fotossintético o homem faz parte. Com efeito de remanejamento que, claro, se reflete igualmente sobre o entendimento da geografia humana. Geografia física e geografia humana proporcionando nova unicidade à geografia como um todo. Tricart, faz tempo, clamava por isso. Clamor que logo vem a fazer que a geomorfologia, a climatologia, a hidrologia seguidamente se refaçam. Entre nós em verdade já há tempo. Numa peculiaridade, aliás, da geografia brasileira no contexto da geografia mundial. Sabidamente temos uma climatologia geográfica que faz contraponto com a climatologia meteorológica, criada por Carlos Augusto Figueiredo Monteiro. E uma geomorfologia do palimpsesto que faz contrapondo com a geomorfologia geológica, criada por Aziz Ab` Sáber. Já tendo mesmo passado da hora de nós geógrafos brasileiros descobrirmos e aplicarmos a climatologia da sensibilidade do corpo de Carlos Augusto e a geomorfologia antroponatureza da teoria do reduto-refúgio de Aziz Ab' Saber. Rompimentos paradigmáticos antes mesmo de acontecer a ruptura pós-pandêmica do paradigma de ciência reinante. Condição a que isto se faça também para além das fronteiras da geografia, num diálogo para além que é o salto de qualidade que nos falta. Quebrando de vez a metáfora de Hartshorne à pergunta de o que é a geografia, lembrando não haver propriamente uma estante de geografia nas livrarias, quando existe é uma estante lá no fundo da livraria, e na estante do fundo na prateleira de baixo. E não por faltar obras para expor-se nas mesas e estantes dos livros disponibilizados ao público. Voltando ao tema da primeira provocação.

**CPG: Tem uma questão que nos provoca muito, que é pensar o tema do ensino de geografia e a formação dos geógrafos e das geógrafas neste momento. Você acha que o processo de formação dos geógrafos e das geógrafas teve algum prejuízo durante a pandemia da Covid-19?**

**RUY MOREIRA:**

Acho que do ponto de vista formal, sim. Traduzindo: os alunos não tiveram a oportunidade, bem como os professores, de terem seus encontros na sala de aula. Uma coisa é você ter aula com professor ao vivo, dialogando e conversando. Além de que, para

além da sala de aula, sempre há um corredor, momento de encontro que você e inter-pares avaliam o conhecimento passado, tiram dúvidas do visto e ouvido, somando espaço do corredor e da sala. Momentos daquela relação inter-pessoal que é fundamental no processo de conhecimento e de formação do graduando, e do já estando ou a caminho da fase da pós-graduação. Tira-se uma dúvida aqui, tira-se outra dúvida ali, faz-se a verificação do intercâmbio professor-aluno, cresce a relação de identificação e amizade. Mas para além dos momentos da e para além do corredor e da sala, há, também, os momentos dos encontros da AGB<sup>1</sup>, da ANPEGE<sup>2</sup>, dos eventos científicos e políticos, onde geógrafos, via ENGs e ENANPEGE<sup>3</sup>, fazem seus contatos no nível mais amplo da comunidade. São momentos importantes, onde alunos e professores têm o contato direto entre si e com os geógrafos do Brasil inteiro, num cotejamento e rede de relações que os acompanham profissionalmente para o resto da vida. Ali você faz uma relação que vai para além do seu curso de graduação, amplifica a relação de bibliografia, descobre que a bibliografia que usa é verdadeira, existe de carne e osso, diante dos autores dos textos e dos livros que você está lendo, usando na sua formação de graduação e tanto o impressionam. O que se desdobra no amanhã do mestrado e de doutorado. Então, nesse ponto de vista, sim, foi um lado negativo.

Mas não diria que o prejuízo, se usaria essa palavra, foi total. Porque tivemos também o lado do proveito. Como dizia antes, fiz tantas palestras e dei tantos cursos num lapso tão curto de tempo, num só ano, ou em um tempo de apenas dois anos, que concentradamente nunca tive. E num contato de *lives* que proliferaram a um só tempo por todo o país. Então, é como se os estudantes e os professores tivessem saído do limite físico da coisa física do corredor e da sala de aula e se espreado para a coisa não-física, não-física mas existente, numa potencialização relacional impressionante. Um contato “físico” muito mais amplificado. Mamãe sempre me dizia que “Nem tudo é de todo 100% mal. Há mal que vem para o bem e bem que vem para o mal com proveito igual”. Acho que foi o que houve. Até certo ponto, se a gente pode achar que a mamãe estava certa, talvez alguma coisa aí ocorreu de coisa certa. O bom do *boom* da *live* é que você organiza um debate na sua casa, em Presidente Prudente, mas está presente ao mesmo tempo em todas as casas. Não é uma coisa física, não fica limitada às quatro paredes da faculdade, da universidade ou do

---

<sup>1</sup> Associação dos Geógrafos Brasileiros.

<sup>2</sup> Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia.

<sup>3</sup> Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 228-265, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

ambiente onde o esteja fazendo, mas vale com interativo com todos os colegas, professores, estudantes de graduação, pós-graduação e para além do mundo da geografia de Presidente Prudente, todos os cantos, todas as cidades e todos os estados, e a um só tempo. Todos estando e não-estando presentes de certa maneira. Então, aquele contato que não aconteceu do ponto de vista físico, acaba acontecendo do mesmo jeito. De um outro ponto de vista, mas de um mesmo conteúdo. É uma novidade! Que, creio, junto à presencialidade, veio para ficar.

E com um aspecto de valor inestimável. Acho que muita gente, eu aí me incluindo, acabou se atualizando inesperadamente nas novas ideias da geografia. E de um modo rápido e diversificado que nunca tínhamos tido. É como se estivéssemos num ENG ou num ENANPEGE e pudéssemos assistir a todas as mesas do evento a um só tempo. Sobretudo através a gravação posterior do you tube. Eu mesmo tive essa experiência. Por exemplo, rastreando as redes, assiste e fui descobrindo *lives* de colegas da geografia física e da geografia humana com ideias e atualidade de ideias que eu jamais teria a oportunidade de conhecer. Mesmo tendo estado em todos os encontros da AGB e da ANPEGE em que esses colegas com frequência também estiveram com suas intervenções. Eu estava em outra mesa e não podia assistir. Não havia gravação de you tube. Então assisti intervenções de colegas da geomorfologia, da biogeografia, da climatologia, da geografia de gênero (geografia feminista), da geografia cultural, da geografia agrária, da geografia urbana, da teoria geral que nunca tinha assistido, encantado de descobrir suas ideias, e, com elas, a quantas anda a geografia brasileira, seu incrível desenvolvimento e adiantamento de perspectivas. Me atualizei, assim, com as novas ideias e perspectivas de teoria e método, dessas áreas e outras, as velhas e novas, as ideias em curso que eu não teria acesso para me informar, me atualizando através das *lives*. Algumas descobertas ao acaso. Outras, digitando o nome do ou da colega no you tube. Uma riqueza enorme, ao alcance de minha escolha, apesar do controle e mandonismo do robô.

Por isso, imagino que, voltando à balança dos dois pratos, a gente tem que relativizar um pouco essa ideia do prejuízo. Mamãe Regina, prá variar, estava certa. É dela a ideia dos dois pratos da balança.

Então, a formação do geógrafo e da geógrafa teve prejuízo, sim, durante a pandemia da Covid-19, respondendo afirmativamente. Mas, sem sombra de dúvida, houve também muitos ganhos. Sabe-se que desigual, dado a desigualdade de meios de acesso a esses meios. E não só por parte dos estudantes, mas também dos professores,

particularmente de escolas, que terminada a universidade, se não têm acesso ao universo mutante desta, se defasam, ficam para trás, se perdem no tempo. Não basta ao professor apenas ler, ler e ler, ter uma estante gigantesca, porque a gente não tem tempo para ler tudo. É preciso o contato verbal com a ideia. Daí a importância do acesso aos meios interativos de *lives* e gravações, o ouvir não raro rendendo no imediato mais que o ler, ouvir de preferência ao vivo e a cores, às vezes mais valendo uma gravação, que podemos ouvir e reouvir, repetidamente, que um texto. Um universo de novidades, tudo disponível, guardado, nas entranhas do you tube.

Por aí descobri como a geografia não parara no tempo, ver como ela progrediu e saber que novas direções seguira. Foi uma descoberta fantástica. Então, ao lado do prejuízo, que certamente ocorreu, houve também este lado de proveito. Acho que foi um tempo em que a gente nunca dialogou tanto ou teve tanta oportunidade de dialogar sobre as ideias, sobre a geografia e sobretudo nos atualizarmos.

Pode soar uma loucura. Mas não vejo como alguém pode se formar bem, na graduação, no mestrado ou no doutorado, ser professor escolar ou professor universitário ao arrepio do conhecimento e atualização das ideias. E isso foi possível termos no isolamento da pandemia, através a ida direta ao evento ou acesso indireto aos arquivos das *lives*. Algo que tem duração mesmo pós-pandemia. Numa reiteração de Dona Regina, ao seu dito de aconselhamento mais completo, “Há males que vêm para o bem, filho. É só deve saber aproveitar e inverter as adversidades. Torne aquilo que é ruim numa coisa que acabe se transformando em coisa boa, positivo para você, saiba reverter o lado avesso da vida”. Foi o que fiz. E espero que todos nós, numa experiência coletiva. Até porque está tudo disponível.

**CPG: Olhando para alguns elementos atuais da geopolítica mundial, como a crise de abastecimento provocada pela pandemia, a concentração e dependência excessiva da China, conflito entre Rússia e Ucrânia/potências ocidentais nucleadas pelos EUA na OTAN, pergunto como isto coloca em marcha um rearranjo global das cadeias produtivas hoje em curso. Você acredita em uma reversão do processo de globalização? Que tipo de ordem mundial estaria emergindo?**

**RUY MOREIRA:**

Vejo aí duas questões. Primeiro, a questão das cadeias produtivas. Uma consequência da pandemia é que ela mostrou os limites sistêmicos e da globalização econômica do capitalismo. O que era o capitalismo antes de globalizar-se? E levou-o a se globalizar? Até então, o veículo de organização era mundializar-se via a industrialização planetária, de ver a indústria sair do limite dos países centrais e se estender aos países chamados periféricos. Entre os anos 1950, 1960 e 1970 o mundo inteiro foi assim se industrializando. Período da Revolução Industrial do Terceiro Mundo. Como é o caso do Brasil. Cujo auge foi justamente o período das décadas de 50-60, do segundo governo Vargas aos “50 anos em 5” do governo Juscelino. Daí avançando inclusive pelos 21 anos da ditadura. Em verdade o longo arco do que foi chamado o ciclo Vargas que vai da ascensão de Getúlio ao poder com a revolução de 1930, passa por seu suicídio em 1954 e os anos Juscelino de 50, até o término da ditadura militar em 1985. Longo período de 55 anos que inclui os dois períodos de governo Vargas, o período de governo Dutra, entre um tempo e outro de governo de Vargas, o período de Juscelino, o período curto do Jânio Quadros e o interrompido de João Goulart e conclui com os cinco governos militares. De 1930 a 1985. A rigor um período de industrialização e começo de urbanização do Brasil e do mundo. Em que Brasil e outros países se convertem de rurais em urbano-industriais. Cidades se industrializam. Mas também o campo. Espelho desse período, o Brasil, hoje, em 86% um país urbano-industrial, chegou a um ponto de ser um exemplo de potência industrial, o sexto PIB<sup>4</sup>, sexta potência econômica do mundo. Índice hoje em torno de 12<sup>a</sup> ou 13<sup>a</sup> PIB num declínio ocasionado pelo que se chama a desindustrialização. Desempenho que vem por conta do modelo que o mundo segue de “industrialização autossustentada”.

Isto significa dizer um país cujo parque industrial junta a totalidade dos setores de indústria que a história do desenvolvimento econômico da humanidade conheceu, desde a indústria de consumo de bens não-duráveis até a indústria de bens de capitais, passando pela fase da indústria de bens de consumo duráveis, indústria de bens intermediários e por fim a indústria de bens de equipamentos para a agricultura. No Brasil numa escala de tempo para além da fase inicial da industrialização substitutiva de importações. Também o Terceiro Mundo. Quando se atinge a plenitude do modelo. Aí incluída a África, particularmente África do Sul e Egito. A Ásia, Índia e Coreias. O grosso da América Latina. É um desenvolvimento, porém, desigual. Boa parte desses continentes só vindo a

---

<sup>4</sup> Produto Interno Bruto.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 228-265, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

industrializar-se depois dos anos 1970. E sob um novo modelo. O internacionalizado das cadeias produtivas.

É quando, então, a industrialização mundial se faz acompanhar da financeirização. O mecanismo de acumulação da fração rentista, a fração do capital financeiro que não precisa mais passar pelo setor da indústria – o famoso ciclo D-M-D` pelo qual o capital financeiro clássico, o capital industrial-financeiro, se multiplica através o investimento e empréstimos com juros na produção industrial – vindo a multiplicar-se pela reprodução puramente especulativa D-D` do dinheiro. Antes, há um sistema da produção de bens no qual o capital financeiro tem que investir para poder se multiplicar, mas logo o rentismo descobre que a própria mundialização colabora para que daí se descole e se multiplique pelo puro mecanismo de financiamento do crédito de consumo, explorando a rápida marcha de urbanização que avança junto com a indústria em escala de mundo, e a multiplicação do campo subsidiário, logo tornado cêntrico, dos serviços. Daí ser batizada uma “fração rentista”, a parte do capital financeiro que se autonomiza para se multiplicar pura e simplesmente movendo-se numa relação D-D` de reprodução capitalista. Financiando o crédito de consumo, pago em várias prestações, com empréstimos à larga, traz para essa esfera mesmo o trabalhador que vive da curta renda do seu curto salário. Um trabalhador com salário de proletário, mas levado ao padrão de consumo de baixa e mesmo média classe média. Vendo seu mínimo de salário milagrosamente amplificar-se na capacidade de também comprar e ter computador, celular, geladeira, carro, bens de consumo, ao lado do consumo dos habituais bens primários, em casa, tal qual se fosse um consumidor de classe média ou classe pobre melhorada. Mecanismo da logo chamada sociedade dos serviços, marcada pelo estado generalizado de endividamento.

Filho da urbano-industrialização acelerada, o rentismo ainda mais difunde e aprofunda a escala internacional do seu desenvolvimento. Espalha a indústria em especializações pelos países. Banaliza para todo lado a urbanização de onde vem. Leva o mundo à globalização. O mundo que aqui e ali já vinha se industrializando e se urbanizando agora se urbanizo-industrializa globalmente como um todo. Mais da metade da humanidade é hoje urbana e, metade dessa metade vive em grandes concentrações metropolitanas. Impactando e alterando o próprio modelo urbano-industrial. O que o capital rentista está a assim fazer? O desmonte do arranjo geográfico do sistema industrial que antes o capitalismo havia montado no tempo do capital financeiro. Para remontá-lo de

outro modo. Organizá-la de modo mais barato e produtivo. Articulá-lo como elo subsidiário da centralidade dos serviços.

Capital financeiro e capital rentista são, assim, modalidades não só diferentes, mas opostas de finança. O capital financeiro é aquele que vem da fusão da grande indústria e dos grandes bancos. O capital rentista é aquele que se desprende dessa origem e não tem mais qualquer ligação orgânica com o mundo da produção. O capital financeiro é o capital hegemônico da sociedade industrial. O capital rentista é o capital hegemônico da sociedade dos serviços. Duas formas de sociedade em que a indústria é um ramo vitalmente necessário. Mas com funções e inserções de importância diferentes. Na sociedade industrial sob uma forma funcional e modelar autossustentável. Na sociedade dos serviços numa forma de função e modelar fragmentária e disperso-especializada. A indústria peça-chave e de modelo autossustentável, na primeira. A indústria peça-de-complemento e de modelo de cadeias produtivas interdependentes, na segunda. Se por razão da permanência o capital financeiro, um capital industrial-financeiro, continua existindo. Por razão de natureza o capital rentista, um capital de conteúdo dinheiro-dinheiro, subordina e toma-lhe a dianteira. Duas formas de finança e duas formas de indústria que organizam e contabilizam a totalidade sistêmica de modo distinto. Fundamentalmente integrativo, o capital industrial-financeiro vive essencialmente da produção. Meramente especulativo, o capital rentista vive essencialmente da especulação. Usa do seu poder de influência para globalizar a indústria, globalizando-se por meio dela a si mesmo. Globalizando a indústria na forma fragmentária da superespecialização produtiva. E globalizando-se a si mesma como a financiadora da interconexão e crédito de consumo dos seus produtos. É assim que iremos ver a indústria saindo da concentração territorial de antes, para desmanchar-se nos nichos de especialização produtiva espalhados em nódulos pelo tecido esparramado da urbanização. O rentismo usando da urbanização para abrigar e conezionar a fragmentação da indústria. Via a generalização planetária do sistema de financiamento do crédito de consumo em larga escala que arruma a sociedade e a economia numa outra modalidade de arranjo de espaço. É o modelo de indústria das cadeias produtivas.

É esse modelo que passa a organizar os países que se industrializam a partir dos anos 1970. O modelo da divisão internacional do trabalho e das trocas instituída no e pelo interesse de expansão da financeirização rentista. Daí se estender mesmo para países antes desenvolvidos no modelo de industrialização autossustentada. Somados pelo remanche aos países que começam agora a se industrializar. Ordenando o espaço-mundo na espacialidade

dos nódulos esparsos da especialização produtiva. A urbano-industrialização de novo tipo. A urbano-industrialização que atomiza e remonta o parque industrial autossustentável de até os anos 1970. Do mundo que se arruma no sistema da produção em cadeia ria qual cada país cuida de gerar parte de um todo e um deles reúne na montagem do produto inteiro. Como era na forma clássica – antes totalmente nacionalizada – da montagem do automóvel. Um processo de geração nacional, agora de geração global. A geração das autopeças antes feitas na fronteira do país da indústria automobilística, agora organizadas de forma dispersa pelos diferentes países. Cada um deles produzindo um tipo de autopeça. Um deles recepcionando e integralizando as peças na montagem do carro. Modelo que logo se espalha para o ramo do celular. Do computador. Dos insumos de medicina. O que muda a própria natureza e forma da urbanização. Antes, uma urbano-industrialização espelhar de um modelo autossustentado que gerava e agregava internamente todos os segmentos da produção, exemplo clássico da produção do automóvel. Daí então, e só daí, indo para o todo da troca internacional. Urbano-industrialização onde o produto chega e é consumido agora acabado embaixo de um largo aparato de serviços. Por trás da qual é o sistema de financiamento do crédito de consumo que se move. Ordem de organização de espaço em que o rentismo, não o velho modelo industrial e bancário do capital financeiro, é o elemento que está globalizado. Arrastando consigo a indústria. A ordem urbano-industrial dos serviços. Cotidianidade do novo. Que Lefebvre percebe e tematiza. Cotidianidade do contrassenso, como acerbamente condena e critica.

É um modelo que reduz ao infinito o custo da produção. Eleva ao máximo o índice da produtividade. Põe nos píncaros a taxa de mais-valia. Conduz a economia à contabilidade fantástica dos superlucros. Dispersa a classe trabalhadora. Desmonta o aparelho sindical. E leva a reprodução a um grau inaudito de acumulação capitalista. Uma coisa absurda. Com que quem tem a ganhar é o rentismo. A própria indústria cai no laço do financiamento rentista. O financiamento do crédito de consumo do consumidor dos produtos da indústria. Quadro de hegemonia agora não mais da indústria, do comércio, dos bancos do D-M-D', dos próprios serviços, mas da organização rentista.

É quando o próprio Brasil tem o seu modelo industrial quebrado. Jogado estruturalmente no novo modelo. A chamada reestruturação produtiva. A desindustrialização e interiorização da indústria. O pós-fordismo toyotista. Até a década de 80, um pouco entrando em 90, a geração de autopeças era toda produzida aqui. Dizia-se, então, que um automóvel tinha uma taxa de 80% a 90% de grau de nacionalização. Porque

a indústria de autopeças e a montagem do automóvel realizavam-se totalmente aqui dentro. O que dava à indústria brasileira, desde os ramos de autopeças, o poder enorme de concorrência que então tinha. Desde então, começa o desmonte. Os ramos começam a fechar. As autopeças a ser produzidas em escala global. De exportador, o Brasil se tornar importador de autopeças. A montagem do automóvel a cair a 20%-30% de taxa de nacionalização. Perda de autossustentabilidade. Perda de autonomia com a qual começa a não guentarmos mais o tranco internacional dos custos e da concorrência. Até mesmo países como o Brasil, que tiveram sua industrialização no período anterior, da chamada indústria autossustentável, acabam por ver se dissolvendo no modelo internacionalizado da cadeia produtiva.

A aparente superioridade do modelo começa, todavia, a acabar com a eclosão da pandemia. Frente a incontornável dificuldade de abastecimento rápido dos insumos dependentes dos agora monopólios das cadeias produtivas o modelo entra em crise. Mostra sua incongruência. E praticamente em todos os setores. Estamos hoje, creio, numa fase de herança pós-pandêmica. Por conta da qual, acredito, a estrutura industrial em cadeias produtivas vá sofrer uma enorme reversão. A globalização, acredito, deixando de ser global. Digamos, se reglobalizando. A começar do campo da indústria. Começando a voltar, creio, ao tempo das indústrias nacionalmente organizadas. Se restabelecendo, por exemplo, em países como o Brasil, a indústria de montagem com o retorno nacional das indústrias de insumos. Hoje, todavia, no tempo dos chips. Como na forma clássica da indústria automobilística. Onde os parques de indústrias voltem a seus graus de 70, 80, 90% de taxa de nacionalização. Porque, sobretudo, percebeu-se que a estrutura mundial de especializações produtivas, dando a cada país especializado um poder insuspeitado de domínio geopolítico, como Taiwan, com os chips, e China e Índia com insumos de vacinas, deixa todos os demais países, inclusive os fortes, como os USA, numa inescapável situação de dependência e insegurança. Modelo bom para o rentismo. Ruim para o mundo. Que pede agora – já o fazia na crise de 2008 – um controle sistêmico do modelo de financeirização rentista. A chamada regulação da finança.

Lembremos o problema dos insumos de vacina em plena progressão mundial do surto pandêmico. O uso do poder de manipulação do país que descobre que tem uma parte-chave, estratégica, na ordem interdependente das cadeias de produção, como a China, como a Índia, para fazer, então, pressão sobre o resto do mundo. O que viu-se com a pandemia é que todo o mundo ficou pendente de que a Índia fornecesse o insumo

industrial para que se pudesse produzir a vacina da Astra Zeneca. Lembra-se disso? China e Índia impondo-se ao mundo por meio disto, o governo da Índia vindo a dizer “primeiro vamos produzir a vacina e vacinar o nosso povo.”. Claro, não por estar preocupado com o povo hindu, mas para garantia do populismo e a taxa do lucro industrial interno. Com o que o mundo inteiro ficou sem oferta imediata da vacina. Já havia a vacina, já havia a infraestrutura internacional de produção, já havia a circulação do produto no mercado, e um mercado mundial, mas mercado forçado a ficar adstrito ao interesse nacional da indústria da China, da Índia. Isso que se deu com a indústria de remédios. E logo chega aos outros ramos de insumo. Como a do automóvel. Hoje fato generalizado para toda a diversidade de produtos. No que, acredito, vai forçar a haver nova mudança na ordem mundial. E tenho impressão que a guerra da Ucrânia, já em parte, é efeito e elo acelerador disso.

Indo à segunda questão, centrando a bateria na questão da Ucrânia, para voltarmos à questão da China, vejamos um pouco sua lógica e o que significa. Como então vejo a guerra da Ucrânia? E partindo daí, a questão da geopolítica da China? A China usufrutuária da condição ímpar de grande potência na estrutura mundial da cadeia produtiva, que usa do monopólio para pressionar geopoliticamente o mundo e por tabela aumentar os temores e apreensões com que há tempo assusta a condição hegemônica dos Estados Unidos. Uma palavra inicial, pois, sobre a China. A China antes de mais não é uma sociedade socialista. Mas o que o próprio governo e os que a estudam chamam de socialismo de mercado. Formato de onde tira sua condição de potência emergente, emergente tanto econômica quanto militarmente. Veremos isso mais para a frente. E o que então a guerra da Ucrânia tem a ver com tudo isso? Antes de mais, o que é a guerra da Ucrânia? Para mim, a combinação de duas coisas: a primeira, essa preocupação dos Estados Unidos com a ascensão da China. O que nos leva à Rússia, segunda potência militar do mundo e sua grande aliada. Então, a guerra da Ucrânia é uma forma de enfraquecer a Rússia. Não que a Rússia seja uma potência econômica. Economicamente a Rússia no mundo é um país de nível médio, como é o nível econômico do Brasil. O Brasil é um país de economia de nível médio, não é grande potência econômica. Embora tenha estado entre as seis a oito potências mais urbano-industrializadas, e faça parte do G-20, o Brasil não é um dos países mais desenvolvidos do mundo. Não é uma potência mesmo industrial. É a situação da Rússia. Mas a Rússia, por conta da herança soviética, é a segunda potência militar do mundo. E o problema para os Estados Unidos é que essa segunda potência

militar, a única que com ele rivaliza mundialmente no plano das armas, é a grande aliada da China. E o grande inimigo dos Estados Unidos hoje não é a Rússia, é a China.

Então, qual é a jogada da guerra da (na, verdade, não da) Ucrânia, que tem os Estados Unidos por trás como força ativa, o que é visível? Usando inclusive países da Europa Ocidental. Via OTAN<sup>5</sup>. Outro sinônimo de Estados Unidos. O que explica essa outra não-obra do acaso de localizar-se em território americano a ONU<sup>6</sup>, a ONU que reverbera e verbaliza toda a pressão ocidental contra a Rússia, e em voz uníssona. Sede siamesa dessa outra que não está nos Estados Unidos, a OTAN, mas em Bruxelas, na Bélgica. ONU e OTAN formando nessa guerra a cara e a coroa de uma mesma moeda. A ONU como entidade política. A OTAN como entidade militar. Corpos de um mesmo pedaço, com os Estados Unidos no centro. O que significa o controle, político, via ONU; militar, via OTAN. Controle político-militar dos Estados Unidos, justamente. Quem entende de espaço, sabe que espaço é poder. Não é assim? O fato de a sede da ONU estar nos Estados Unidos significa estar ali a possibilidade do controle espacial do todo do mundo. Controlando a sede, controla, então, especialmente, o mundo. Nada de novidade. Com o acréscimo do fato de a OTAN estar em Bruxelas, que significa a possibilidade do controle militar, via Europa, sem o ônus do envolvimento territorial direto dos Estados Unidos na ocasião de conflito. Basta-lhe o controle das armas. Controlando as armas, controla a sede, controlando a Europa e por meio dela o mundo como um todo. A exceção é justamente a Rússia.

A sede da OTAN está por sinal justamente onde está também a sede da Europa do Euro, também não por acaso, porque por aí se faz a pressão continental norte-americana, pressão por onde sempre faz, Europa à frente, ameaças e avanços sobre as regiões e continentes, caso do Oriente Médio, a Europa, refém da OTAN, obrigando-se a estar junto dos Estados Unidos no campo dos conflitos. Como agora com a Rússia. A Europa Ocidental, mais que do euro, incluída aqui a Inglaterra, que sempre faz o jogo de xadrez dos Estados Unidos, porque, por este ainda estar ocupada, teme a OTAN. A França teme a OTAN. A Alemanha teme a OTAN. A OTAN que mantém a Europa Ocidental no vínculo com os Estados Unidos do ponto de vista do armamento, do financiamento das armas, da pesquisa tecnológica, a hegemonia das armas no mundo que é basicamente russa ou norte-americana.

---

<sup>5</sup> Organização do Tratado do Atlântico Norte.

<sup>6</sup> Organização das Nações Unidas.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 228-265, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

Esta é a razão porque a Inglaterra sai da Europa do Euro, colocando-se à margem e na pressão constante pelo fim da unidade do continente, em seu eterno papel de escudeiro dos Estados Unidos desde que com o fim da guerra perde a hegemonia do mundo. E perde com ela também a Europa. Depois que a Europa perde a primazia do mundo, e o perde porque a perde a Inglaterra, a hegemonia se transferindo para os Estados Unidos, a Inglaterra, não o continente, torna-se deste uma espécie de comunidade dependente, a pressão norte-americana fazendo-se por a Inglaterra por-se fora da Europa. Assim se explicando porque quando finda a guerra e o continente propõe-se juntar-se na unidade que hoje materializa-se na Europa do Euro, a Inglaterra forja uma unidade à parte, juntando outros países, a EFTA, tornando-se, com o fim da guerra e a ascensão e expansão europeia da União Soviética, na grande aliada americana da OTAN, explicando porque a Inglaterra do brexit sai da Europa do Euro, mas não sai da OTAN.

Então, por trás da pressão europeia sobre a Ucrânia, está na verdade, a pressão geopolítica dos Estados Unidos em sua relação com a China. E com qual o propósito? Pergunta que o próprio Ministro da Economia norte-americano responde, quando da primeira visita à Ucrânia, e a televisão transmite “Qual é o propósito do mundo ocidental na guerra contra a Rússia? Enfraquecer a Rússia”. Enfraquecer militar, não economicamente. A sanção econômica servindo como um aríete. Ao puro jogo geopolítico de inviabilizar o lado militar, já que a força econômica da Rússia no mundo é praticamente nenhuma – o mundo depende um pouco do seu petróleo, um pouco do trigo, um pouco dos fertilizantes, mas isso é apenas uma lista de commodities, a economia russa esta, sim, sua indústria e sua agricultura, dependentes da finança, tecnologia, insumos industriais, a famosa lista dos produtos especializados da cadeia produtiva, dependendo da economia do mundo. Então qual é o propósito do embargo econômico? O enfraquecimento econômico viabilizando o enfraquecimento militar. Foi o que disse o ministro. E qual é o propósito, então, do enfraquecimento militar? Chegar a fronteira da OTAN, via dependência da Rússia, à fronteira da China. Recrudescimento nos dias de hoje do que por sinal era o plano inicial que antecede o fim da URSS. E que, diz agora Putin, os Estados Unidos intencionalmente impediu. Antes preferindo chegar a fronteira da OTAN à fronteira da Rússia. De forma a fazê-la capitular. Fazendo incluir-se à Europa capitulada pelo Plano Marshal e a fundação da OTAN, depois da Europa Central e do Oriente pós-fim do bloco socialista, a própria Rússia como potência dependente. Erro de cálculo? O fato é que a guerra da/na Ucrânia tem, ao fim, embora por outros caminhos, o mesmo propósito.

Frente a inevitabilidade da emergência da China. De olho agora no fechamento da fronteira ocidental à China. Um correlato, ao sul e leste, o lado do Pacífico e do Índico, do fechamento de fronteira via a aliança Estados Unidos-Austrália-Índia-Japão, bloqueando essa outra saída. Há, todavia, como no dito do poeta, do lado oeste, uma pedra no caminho. E esta deve ser retirada. Não foi necessário o ministro completar o discurso. A guerra tem este propósito. Ilhada do lado oeste pela aliança euro-atlântica e ilhada do lado sul-leste pela aliança índico-pacífica, a China fica sem vínculo com o mundo, perde a rota da seda, vê esvaziar-se seu ímpeto de ascendência. O objetivo da guerra da Ucrânia não é a Rússia. É a China.

Mas há um segundo componente desta segunda questão que é a guerra da Ucrânia que é preciso acrescentar: por que justamente a Ucrânia? E é na atitude do governo da Ucrânia, e, sobretudo, na lista dos países da Europa centro-oriental que estão junto com ela, a Polônia, por exemplo, que está a resposta. O ultranacionalismo desses países face à Rússia. Qual a explicação para isso? Para ter a resposta é preciso fazer o retrospecto, mais para trás, da formação desses países. Sua relação com a Rússia ontem e hoje. Para o que é preciso lembrar tratar-se dos então membros da União Soviética, suas 15 repúblicas, em que se encontram Ucrânia, Estônia, Lituânia, Letônia, então etnias, não propriamente países, e dos então membros, estes sim países, então chamados Repúblicas Democráticas, Polônia, Hungria, Romênia, do bloco socialista, todos membros diretos ou indiretos do Pacto de Varsóvia, alma gêmea da OTAN, liderado pela União Soviética. Havia, assim, a URSS, união de 15 repúblicas, incluída a Rússia, socialistas soviéticas, e o arco de nações que separam ao centro e a leste a URSS do resto da Europa. Etnias transformadas em repúblicas autônomas quando da criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS, emancipadas e transformadas em Estados Nacionais com marca e governos próprios. E arco de defesa criado pela União Soviética em seu avanço sobre o território desses países em direção à Alemanha, chegando até ao coração da Alemanha hitlerista, Berlim, os soviéticos de um lado, o centro-oriental, e os aliados, Estados Unidos à frente, de outro lado, o centro-ocidental, o arco substituindo em favor da URSS à antiga cortina de ferro levantada pelo Ocidente quando da revolução de 1917, cuja consequência é a divisão da Alemanha em dois pedaços, a partir da divisão de Berlim em Berlim Ocidental e Berlim Oriental, a RFA, a República Federal da Alemanha (Ocidental), e a RDA, a República Democrática da Alemanha (Oriental). Todos, à exceção da Bielarus, ex-república socialista,

e da Hungria, ex-república democrática, hoje enlaçados junto à Ucrânia na guerra com a Rússia de Putin. Histórias diferentes. Destinos iguais.

Quando em 1991 a União Soviética termina, por uma decisão de ruptura partida da Rússia, logo seguida da Ucrânia e das outras ex-repúblicas, desmoronam, a um só tempo, a União Soviética e o bloco socialista, por extensão o Pacto de Varsóvia, as unidades agora transformadas em países independentes vindo a ter o problema de como e por que meio organizar-se como Estados Nacionais. Uma experiência nova para as ex-repúblicas soviéticas. E não tão nova para as ex-repúblicas democráticas. Nova, de fato, para as primeiras, já que como membros da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS, cada república autônoma tinha o seu próprio governo, num todo administrado pelo governo conjunto da União. Por exemplo, na época do desmoronamento, o governo da União Soviética era Gorbachov, mas a Rússia tinha seu próprio governo, Iéltsin, logo por este proclamada independente, cada uma das outras 14 seguindo o exemplo desta. A senha é dada pela Rússia de Iéltsin, que declara num dado momento não mais querer continuar parte da União Soviética, todas indo na esteira, já que, coração da União Soviética, Rússia e União Soviética praticamente se confundem, o sistema de repúblicas assim desaparecendo num estalo que derruba 74 anos de história. Cada uma se tornando um Estado, com seu governo nacional próprio. Quem são? E de onde veem esses governos?

Eis a razão por que recentemente Putin, numa crítica acerba à atitude separatista de Boris Iéltsin, diz ter sido o fim da União Soviética o maior erro geopolítico da história. Querendo com isso dizer que a atitude do governo russo de puxar o tapete desse desmoronamento é a origem propriamente da situação hoje vivida pela Rússia e demais membros do antigo Pacto de Varsóvia, deixando a Rússia e os hoje demais países entregues ao domínio da progressiva expansão territorial da OTAN, diga-se Estados Unidos, sobre a Europa de centro-leste, a última expansão, justamente à Ucrânia, já a caminho da incorporação. Suscitando a necessidade duma recomposição da antiga cortina de ferro, que caberia agora à Rússia reconstituir e reverter. A Rússia respondendo a uma estratégia de geopolítica dos Estados Unidos de, via OTAN, estabelecer a totalidade do domínio da Europa, e daí da China e do mundo. Uma atitude “neoimperial” da Rússia de Putin? Velho projeto imperial dos Estados Unidos. Bipolaridade OTAN e Pacto de Varsóvia retomada de nova forma? O que embasaria a guerra da Ucrânia? É a pergunta.

Mas pergunta que se antecede daquela outra dos motivos do comportamento dos governos então nascidos das cinzas da velha união de repúblicas socialistas e do bloco

soviético. Quem são os governos de hoje? Da Polônia, da Ucrânia, de cada um dos países desmembrados do antigo bloco e da antiga união de repúblicas soviéticas. Resposta: os burocratas que controlavam os partidos comunistas dessas repúblicas, e eram, também eles, respectivos governos seja das repúblicas autônomas e seja das repúblicas democráticas. No fundo já partidos nacionais, como o era o partido comunista da Rússia, diga-se melhor, da antiga Grã-Rússia, cada partido sendo uma célula de um governo respectivo, governo das repúblicas através da máquina partidária dos partidos comunistas. Governos nacionais, dentro embora de uma união de repúblicas, apresentados sem tais conotações. Ocultos dentro das máquinas. Assim como havia o partido comunista da União Soviética, o partido comunista russo, cujo último dirigente foi Iéltsin, havia o partido comunista ucraniano, o partido comunista lituano, a partido comunista georgiano, o partido comunista Tadjiquistão, assim como, fora, no bloco, o partido comunista polonês, o partido comunista húngaro, o partido comunista etc. Cada república, dentro do combo do partido comunista da união soviética, o famoso PCUS, coabitando seu partido comunista respectivo. Num embrião de partidos de governos nacionais. Governos dentro de um governo único, assim como partidos dentro de um partido único, o partido soviético, então tornados Estados nacionais independentes.

Em 1918, Rosa Luxemburgo, a marxista alemã prisioneira da cadeia da social-democracia que mais tarde, em janeiro de 1919, viria a assassiná-la, acompanhando de dentro da cela os acontecimentos internacionais, e, então, a complicada trajetória de construção da sociedade socialista soviética, atentava para a possibilidade desse acontecimento. Da cadeia, escreve, como se fosse numa longa carta, para Lênin, um conjunto de preocupações de referências, pondo-o a parte de sua posição em contrário, onde sugere outra forma à ideia de autodeterminação com que Lênin imaginava juntar em confraternização num mesmo projeto de sociedade a diversidade de povos da ainda Grã Rússia, então como um todo revolucionada, na qual fazia que prevalecesse a perspectiva da diversidade, objeto de Lênin, mas sem os riscos políticos que isso em si trazia. Nessa carta, que Lênin rejeitara – só em 1921, e sob as instâncias do partido comunista alemão, terminada a guerra, e sob nova rejeição de Lênin, solicitado a que a publicasse, é que as advertências escritas de carta vira um livro, *A revolução russa*, virão a se tornar conhecidas –, Rosa antecipa a tendência do surgimento, dentro das entranhas da revolução russa, de burguesias nacionais ascendentes à condição de governos de Estados Nacionais independentes, como veio a acontecer. Rosa só não anteviu a forma. Eram três críticas.

Todas três acontecendo. Fato é que a União Soviética herda um conjunto de etnias dominadas pela Rússia czarista, a chamada Grande Rússia, e que cabia à revolução evitar permanecesse em relações de domínio. Etnias que com a revolução socialista se juntam na unidade da União Soviética, organizadas constitucionalmente, na Constituição que institui a União Soviética, organizadas agora como etnias nacionais autônomas, entidades culturais distintas, unificadas e autônomas dentro da unidade, num quadro de constituição política que sob essa forma assim vai se manter até o desmoronamento soviético de 1991. Era a grande jogada, imaginada por Lênin, de manter juntos todos os povos russos e russificados dentro do projeto, então abraçado por todos eles, de construção de uma sociedade nova, a autonomia étnica e a igualação da vida social tomadas como o grande caminho de que o combo de partidos interiorizados na centralidade democrática do PCUS seria o guardião. Não deu certo. Tratava-se, claro, de resolver uma das contradições que a revolução herdava, junto a tantas outras, como as contradições de classes, a revolução democrático-burguesa que agita o todo da Grã-Rússia juntando operários, camponeses, etnias, numa grande aventura política desde o levante de 1905, e Lênin busca fazer prosseguir no estuário comum que as havia reunido. A forma é que parecia à Rosa não convir. Pois que ao preço de concessões, que cedo ou tarde irão, dizia, cobrar seus dividendos. Cria-se, então, uma união de repúblicas socialistas. Unindo etnias que rigorosamente nem eram nações. Portanto, países. Mas que na linha do tempo irão assim se vendo. Embora não necessariamente em forma de ruptura. Ajuda nisso, diz Rosa, o domínio de um território agora como tal reconhecido, e uma cultura própria, embora coexistente com a unidade cultural e linguística do combo russo, tudo dependendo, observa, todavia, dos resultados práticos do seu próprio desenvolvimento. Idealismo étnico a que mais tarde vai crescer-se a dos países do bloco, estes, sim, países, aderidos ao fluxo do pós-guerra. E este vai ser o problema. São governos que surgem dos bastidores do modelo de desenvolvimento, justamente. Burocratas dirigentes, como Iéltsin e Gorbachov, transformados de embriões em burguesias nacionais que vão fundar e governar os Estados-países de hoje.

Peça central do modelo, o planejamento soviético, diz Rosa como segunda advertência, só no geral vai resolver o problema da economia, deixando a desejar no varejo. O que efetivamente se deu. Quando, por exemplo, o povo russo queria comprar um par de sapatos, tinha que entrar numa longa e demorada fila, porque a loja que vendia o sapato era loja atacadista. Loja e indústria postas nas mãos de uma mesma burocracia administrativa, elite que, ao fim, avaliava custo e qualidade dos produtos que produzia e vendia, prestava

contas a si mesma. Pegava-se então uma fila gigantesca para comprar um par de sapatos, para, horas depois na fila, ter-se que vir a comprar um par de sapatos de qualidade ruim. Parte do velho problema seminal de relação cidade-campo com que a URSS desde o início surgira. Fruto de um problema seminal da revolução com o campesinato, tema da terceira crítica de Rosa. E, decorrente disso, o desacerto recorrente do setor industrial de consumo e do setor industrial de meios de produção. Desacertos que o puro e simples planejamento, dizia, por si não resolvia. Forma-se, sim, uma burocracia, E um problema estrutural de consumo de massa que das repúblicas da União Soviética se transfere para os países das democracias populares, cujo efeito é a existência de um mercado negro desses produtos desde os começos. E em todo o bloco. Quem é que vai ganhar com este mercado negro, organizando esse mercado? Quem tem poder para isso. O estamento burocrático. Fiel da balança e regente do partido. E, por meio deste, do Estado.

É essa burocracia enriquecida no mercado negro a fonte de origem da elite que vai se transformar nas hoje burguesias nacionais dirigentes da Rússia e países egressos do fim da URSS e países que com esta formavam o bloco socialista. Embriões de etnias que viram povos dos Estados Nacionais e acima destes as burguesias que os governam. Burocracia do planejamento que alimenta por meio deste o mercado negro, e leva ao término a União Soviética e à forma de nova geografia política que daí então emerge, dividindo em países independentes a Europa de centro-leste. Burocracia que sociologicamente se oculta como classe dentro do sistema e unidade federativa soviética. E usufrue dos meios e formas de vida de classe burguesa. Burocracia que tem o poder na mão, poder político, poder econômico, poder militar, e, no entanto, vive impedida de nutrir-se da oportunidade de uma cultura burguesa, uma condição sociológica típica de classe, talvez se podendo dizer uma burguesa então completando, às escondidas, sua formação, até que a abertura e controvérsias da reforma de Gorbachov lhe indica o momento e a forma de então histórica e sociologicamente resolver-se como classe. A geografia que lhe abre as portas. Expressa na forma como Putin, anos depois, faz sua leitura de “o maior erro geopolítico da história”. Eis a origem da atual Ucrânia, Letônia, Estônia, antigas repúblicas da URSS, Polônia, Hungria, Eslováquia, antigos países do bloco. E todos outros, não por acaso circunvizinhos. Países não por acaso dos Estados e governos mais reacionários do continente neste momento. Estados de burguesias ainda não de todo consolidadas. E que saem em busca de reconhecimento de legitimidade e consolidação como classe nacional dominante via ingresso à Europa do Euro e OTAN. No que se valem da fala de Putin,

expressão russa ele mesmo das burguesias nutridas dentro e a expensas do sistema, para então fincar raízes e projetar-se. O caminho? Para elas, o abrigo e reconhecimento da Europa do Euro e da OTAN. Para a Rússia, o resgate de antanho, a aliança asiática com a China.

Duas questões que, assim, se combinam. A primeira, o alvo verdadeiro não é a Rússia, mas a China. Cercar a China de um lado e do outro, enfraquecendo militar, e para isso economicamente, a Rússia, por cujo enfraquecimento, a OTAN, mesmo que a Rússia não seja incorporada, venha a formar hegemonia militar por toda a Europa e assim chegar à China. A segunda, a razão da forma da reação da Ucrânia. Exemplo espelhar das burguesias nacionais recém-egressas em busca de afirmação. Como os países do centro-leste, via entrada na Europa do Euro e vínculo com a OTAN. Como a Rússia, via retomada da ascendência pregressa e do arco de defesa soviética de outrora. Daí os jogos de guerra entre os antigos países do bloco de que a guerra na Ucrânia é o auge. Cujo preço para a Ucrânia é o desmonte do seu próprio povo. Jogado no exílio em sua quase metade. Preço a ser pago por crianças e mulheres, jogadas numa situação social a mais precária nos países receptores. Sem esquecer a proibição da migração aos homens acima de 18 anos. Num desmonte das famílias. Exílio que só acontece com esposas, irmãs, mães e filhos, ocasionando o problema da soberania dessas mulheres em relação a elas mesmas: quantas concessões mulheres e filhos terão que fazer para sobreviver, com vida para organizar, filhos para criar, condição familiar inteira a se reconstruir, vivendo em lugares adaptados? E não os melhores. E que para a Rússia é a morte da população jovem na guerra, não dos filhos da nova elite, o recrudescimento da repressão interna, o fortalecimento de um governo repressivo. Mapa de um quadro dos governos dos mais autoritários da Europa. Governos de uma burguesia europeia de centro-oriente nascida do enriquecimento ilícito e nela transformada com o fim da URSS.

Acrescente-se a isto a corrida armamentista, que nutre e se nutre da guerra. Corrida alimentada pelo fornecimento de armas dos governos norte-americano e europeus a uma Ucrânia devastada, de um lado, e corrida de gastos de guerra elevados pelas sanções econômicas ao povo russo, por trás do que estão empresas de produção e financiamento de armas recém-saídas da crise econômica que se arrasta pelo mundo desde 2008, de outro. Corrida de envio de volume crescente de dinheiro, cabendo lembrar-se que não existe almoço de graça. Quem, ao final, vai pagar a conta de tudo isso?

Mais ainda. A conjuntura de uma nova ordem, ordem econômico-financeira e sobretudo ordem geopolítica, que o mundo já de um tempo experimenta. A nova ordem mundial que desde ao menos 2008 já vinha acontecendo. Mas que com a ocorrência da guerra se visibiliza e se acelera. Fato é que desde então já se antevê um fim da globalização financeira, alicerçado na desdolarização, numa espécie de reglobalização da finança. E que as sanções econômicas da Rússia e a guerra da Ucrânia vêm a intensificar. Rumo a uma aglutinação regionalizada de pacote de moedas. Como a que a China vem realizando no âmbito do sul e oriente asiáticos ao redor do yuan. E agora a Rússia ao redor do rublo. Desmontes da organização da economia mundial centrada no valor internacional do dólar. E que a sanção econômica da Rússia, antes do Irã, leva a desmistificar como uma estratégia geopolítica norte-americana de controle monetário-financeiro das nações. Assim, toda vez que um país vende um produto, o produto é vendido e pago em dólar, parte da transação sendo paga de imediato em moeda e parte cada país devendo deixar guardado em bancos internacionais, e em dólar, a título de montagem de uma reserva de divisa internacional, uma espécie de uma poupança internacional que garanta estabilidade e credibilidade aos credores, antevendo, por exemplo, o Brasil, um eventual problema interno e necessidade de ajuda e empréstimo externo, a reserva internacional servindo para debelar a crise momentânea, pagar despesas de empréstimos e dívidas internacionais, oferecer garantia de cumprimento dos compromissos. Famosa política de segurança do Banco Mundial e do FMI, chamada política de dólar soberano. Reserva de moeda guardada em bancos controlados por quem? Instituições coligadas aos Estados Unidos. Qual foi a primeira sanção econômica que o governo norte-americano fez à Rússia? A retenção justamente da reserva internacional vinda de venda de petróleo, venda de trigo, a maior parte dessa venda guardada em bancos organizados no chamado esquema Swift, agora retida e expropriada por instância dos Estados Unidos, como antes fizera com o Irã. Prática então conhecida como embargo feito à economia e relações políticas de Cuba. Recentemente com a Venezuela. A novidade sendo agora o esquema Swift, usado como embargo da segunda potência militar do mundo.

Algo já previsível, o que têm feito Rússia e China, alvos preferidos das pressões ocidentais, já de algum tempo? A parte da dívida em dólar é trazida para dentro da fronteira, para o gasto interno, parte, entretanto, daquela deixada nos bancos do sistema Swift sendo usada para a compra do ouro, formando uma reserva internacional parte em dólar e parte em ouro, o dólar deixado nos organismos internacionais, o ouro trazido para

dentro da fronteira do país, tendência que com a guerra da Ucrânia e o embargo à Rússia grande parte dos países tende agora a seguir. Foi o que inclusive reduziu em muito o impacto das sanções para a Rússia. Já precavida dessa eventualidade política. Imagine que você seja um país e imagine você como um país olhando para sua reserva internacional e vendo o que o Estados Unidos está fazendo com a Rússia, qual sua tendência face isso? Resguardar-se do repeteco consigo o máximo possível. Não querendo ver repetir-se o mesmo com sua reserva. Vindo a desdolarizar e guardar sua economia sob outra forma. É o que está fazendo a China. Agora a própria Rússia. Então há uma tendência a fragmentação da estrutura monetária internacional. Desdolarizando-a. Com isto acabando a própria essência em si da globalização. Que, pelo que vimos vendo, já de algum tempo nada mais significa que globalização da indústria, agricultura (mais propriamente o agronegócio), comércio e os serviços montada para o domínio do rentismo. E nesse passo se forjando a busca de uma forma de regulação que globalmente o administre.

**CPG: A pandemia evidenciou os índices de desigualdade social, por outro lado mostrou a capacidade dos movimentos populares de apresentar projetos concretos para a classe trabalhadora. Como podemos compreender as ações e as formas de mobilização populares na busca por alternativas para as famílias mais afetadas, como a doação de alimentos, itens de higiene sanitária (máscaras e álcool em gel) a partir da concepção de contraespaços?**

**RUY MOREIRA:**

Então. Essa desigualdade sempre existiu. Ela é intrínseca à estrutura do sistema do capitalismo. Uma sociedade baseada na riqueza dividida em lucro e salário. Sociedade social e economicamente desigual já por sua estrutura. Sociedade que nem de longe equipara salário e lucro em valor monetário. Fruto do acesso desigual à propriedade – a famosa sociedade onde uns têm propriedade privada e os outros são privados de propriedade – em face do qual se distinguem e se interpenetram desigualdade de renda (a sociedade vista pelo prisma da distribuição da renda) e desigualdade social (a sociedade vista pelo prisma da distribuição da propriedade), uma a desigualdade que a gente vê e outra a desigualdade que a gente não vê, uma, a segunda, sendo a origem e se escondendo por trás da outra, a primeira. Estratos de renda e estratos classes em verdade se oferecendo como reciprocamente fundidos. A abordagem do estrato de renda entretanto sempre sendo

usada para ocultar a realidade estrutural real da estratificação de classes. Não apenas. Por esse motivo mesmo sociedade da diferença cada vez mais gritante de salários e lucros. O salário que existe como meio de sobrevivência e reprodução do assalariado, daí chamar-se mínimo, de modo a o trabalhador continuar a ter energia física, intelectual, corpórea, mantendo a força de trabalho em condição sempre viva e disponível para vender. O lucro que existe como meio de engorda da incorporação da mais valia expropriada daquele. Um bê-á-bá da teoria econômica. Sabemos disso. Que o avanço do culturalismo em sua condenação perempta do que chama economicismo parece vir para esconder. Já não bastasse a intencionalidade de confundir economia e riqueza, esta sempre vista como a expressão monetária do lucro, da renda (da terra) e do salário, as partes respectivamente correspondentes ao capital, à propriedade fundiária (rural e urbana) e ao trabalho, de modo a que o econômico e social apareçam ideologizados como o movimento natural do dinheiro – forma com que a riqueza passa a ser vista e desejada -, o dinheiro revestido no lucro benfeitor do salário (é quem garante o emprego), portanto da própria existência da sociedade. Daí que a distribuição desigual da renda apareça como natural (sempre houve e sempre haverá pobres e ricos no mundo), por isso mais que justo, escondendo a fonte original da distribuição desigual da propriedade. A acumulação do capital se fazendo a própria mola do progresso do mundo.

O problema é o monopolismo da propriedade que aumenta e torna essa desigualdade cada vez maior e mais ampla, e o discurso ideológico, mais e mais renovado, o último deles o neoliberalismo, que se renova num renovamento discursivo de ocultamento sempre crescente dos fundamentos de origem. Mas que a pandemia revela cruamente na catástrofe humana que vimos. Monopolismo por um tempo dissimulado pelas políticas sociais de Estado. O Welfare-State sepultado pelo neoliberalismo. Que se tenta recuperar com as políticas emergenciais da pandemia. Qual seja, a política de Estado característica do período dos anos 1930 aos anos 1970, auge do pacto capital-trabalho do pós-guerra, que se estende até os começos do desmonte neoliberalista. Conquista da classe trabalhadora, sobretudo a política e sindicalmente organizada, que, pressionando através de greves e ocupações de fábricas, fez que a burguesia recuasse, cedendo parte do lucro na forma de constantes aumentos de salário, fazendo do Welfare State uma política de acordos de salários e renda justamente. Mais que isto, sendo uma conquista, não uma concessão do patronato propriamente, o Welfare-State fez-se acompanhar de uma presença ativa da classe trabalhadora, seja em partidos políticos e seja em sindicatos, num ativismo que muda

a face do próprio Estado. Marca de uma conjuntura facetada pela própria capacidade da classe trabalhadora de pressionar o patronato como classe de domínio e o Estado como instância de mediação junto a um múltiplo de instituições de bem-estar social como escolas, serviços de saúde, aparatos culturais, formas de lazer, e políticas de sociedade civil assentada nos direitos políticos, organização sindical, liberdade de imprensa, opção religiosa de todos, e a própria presença do movimento popular na máquina do Estado através a participação no Executivo e no Parlamento. Sistema que mantém a desigualdade social e de renda mitigada por um bom tempo.

É um sistema que o patronato é obrigado a aceitar, assustado e reagente à emergência de revoluções socialistas que apresentam o capitalismo à sociedade e à classe trabalhadora como um regime social historicamente em fim de vida. Situação que estimula a luta da intelectualidade e da classe trabalhadora por reformas e direitos seja no capitalismo avançado e seja no capitalismo atrasado (os então países desenvolvidos e países subdesenvolvidos de Yves Lacoste e Pierre George), abrindo assim para a emergência das forças social-democratas e sua pauta de um socialismo mitigado dentro das próprias entranhas do sistema, o Welfare State, justamente, com o Estado capitalista na cabeça e no centro. Política que não por acaso começa a se dissolver com o fim dos países socialistas a partir do fim do bloco soviético, levando à dissolução também da pauta social-democrata em benefício do desmonte neoliberal. Desmonte das instituições de bem-estar social que declara o Estado um elefante grande e pesado a se enxugar, via a política de reestruturação tomada de empréstimo à URSS das reformas de Gorbachov (lá chamada de perestroica e glasnot), e a globalização acelerada da urbanização e das cadeias produtivas da indústria bancadas pela emergência do rentismo, pós-fordismo, pós-liberalismo (neoliberalismo) e pós-moderno sendo filhos de um mesmo parto.

É no Brasil o período coincidente com o fim da ditadura e a instituição da Constituição de 1988, cujos artigos são uma tentativa de composição da política do Bem-Estar Social e da política da neoliberalização, lados opostos que mal e mal conseguem compatibilizar-se e se enfrentam na sequência de emendas que aos poucos vai deformando a Constituição recém-formada completamente. O neoliberalismo se implementando no desmonte acelerado do patrimônio e instituições keynesianas e o Welfare State se mantendo nos apoios das forças da sociedade civil e da massa da classe trabalhadora ainda presentes e organizadas no âmago do próprio Estado (governadores, prefeitos, deputados,

senadores), o combate à pandemia vindo aí ter no SUS (Sistema único de Saúde) remanescente do velho Welfare seu grande sustentáculo.

Vale acrescentar a ligação de muitos desses participantes aos mecanismos de defesa das organizações não-governamentais, as ONGs<sup>7</sup>, assim chamadas por se situarem na interface da sociedade civil e do Estado como uma espécie de entidade privada de natureza pública, muitas nascidas justamente da falência da política do Welfare State, e, nestes termos, tomarem para si funções do ou análogas ao Estado, levadas e organizadas no âmbito da sociedade civil. Objeto de muitas críticas. Há ONGs e ONGs. Há ONGs que são criadas apenas para amealhar o dinheiro do Estado. Muitas das quais para atuarem como *lobbies*. São as ONGs dos ONGuistas. E há ONGs que fazem um papel social sério. Talvez um exemplo sejam as igrejas evangélicas. Há igrejas evangélicas e igrejas evangélicas. Há pastor que cria uma igreja para ganhar dinheiro, e, tomando a igreja como base logística, fazer carreira política, virando deputado federal, senador, prefeito, governador e até, presumivelmente, presidente da república, ministro do presidente. E há pastor que cria uma igreja realmente comprometida com a comunidade de onde nasce. Faces contraditórias de uma prática importada dos Estados Unidos. Assim pastores, assim ONGS.

Então a desigualdade social já existia, mas era um pouco mitigada por conta desses meios. E que com a pandemia fica então escancarada. Forçando os governos neoliberais a apelar às políticas sociais, um pouco no estilo do Welfare State, mas não exatamente, mesmo quando o Executivo rejeita, como no Brasil do Bozo<sup>8</sup>, o Parlamento pressionado pelos representantes das bases populares fazendo a diferença. Como a política de mitigação de mínimo de renda social de R\$ 600,00, quando Bolsonaro queria R\$ 200,00, garantida pelo Congresso e que o Governo Federal teve que cumprir, num jogo interno de correlação de forças, O Parlamento garantindo a ajuda do auxílio emergente. No fundo é o movimento popular que, via seus representantes, está presente, criando uma política de proteção social nesse período de pandemia, com recurso público federal, mais municipal e estadual. Política provisória reforçada pela atuação complementar de recolha e distribuição de cestas alimentares das ONGs, peças-chave por seu enraizamento também no meio da população, no sentido de realização de um movimento societário de ajuda mais ampla. Tal a transparência da desigualdade que então o sistema não consegue mais esconder.

---

<sup>7</sup> Organizações Não Governamentais.

<sup>8</sup> Refere-se a Jair Bolsonaro.

Todavia, olhando de novo os dois pratos da balança, o capital rigorosamente não teve o menor prejuízo. Tal também a presença das instâncias do neoliberalismo. Nunca, a despeito da pandemia, o lucro do sistema bancário e financeiro foi tão alto, nunca certos ramos industriais, sobretudo as indústrias alimentícias, mas principalmente as indústrias de remédios, enriqueceram tanto. As indústrias farmacêuticas, os supermercados, os ramos da agroindústria nunca ganharam tanto dinheiro na vida. O capital no geral nunca teve uma taxa de lucro tão alta. Qual foi aqui a varinha de condão? A precarização neoliberal do trabalho que já antes vinha sendo instituída. Aqui dentro o governo Temer, depois o Bolsonaro, lá fora, o governo Trump, nos Estados Unidos, o governo Macron, na França, um a um vão desmontando a legislação trabalhista do tempo do Welfare State, unidos mundialmente nesse movimento. A precarização legalizada do trabalho, que vinha acontecendo, legitimada a título de garantia de manutenção do mínimo de renda e trabalho pela própria emergência da pandemia, até mesmo se acentua. No Brasil, Temer<sup>9</sup> veio para isso, para fazer a reforma que instala o precariado, no lugar do proletariado. Na pandemia então intensificada pelo Posto Ipiranga, instalado no Ministério da Produção (substituto justamente dos ministérios da Indústria, do Planejamento, da Fazenda e do Trabalho, ministérios típicos da política de pactuação capital-trabalho do período do Welfare State), antes mesmo do surto pandêmico para isso. O que assim vemos as estatísticas pós-pandêmicas divulgar? De um lado acumulação. De outro, miséria. O capital com sua taxa mais que elevada de lucro. O trabalho com sua taxa mais que rebaixada de salário e nível de renda. Parte da resposta à pergunta é isso, a constatação de que a desigualdade social e de renda é intrínseca, estrutural do sistema do capitalismo. Assim como é no Brasil a misoginia, o racismo, a homofobia. Estrutural da natureza do sistema capitalista. Miséria social, para além da pandemia, estrutural. Porque estamos falando do capitalismo.

Mas há igualmente, num segundo aspecto, a face importante da presença-ausência mesmo que fraca do movimento popular. Por um lado, a miséria foi aumentando, mas a massa teve receio de ir à rua. Sabiamente isolando-se e escondendo-se, como cada um de nós, do surto do Covid, em casa para se proteger. É onde entra a ajuda das ONGs. E sem dúvida da participação conjunta da mobilização popular. Nunca a quantidade de cestas básicas chegou tanto a essas casas. E com rapidez tão grande. Por seu lado, driblando a dificuldade do isolamento as próprias comunidades isoladas se mobilizam para se organizar

---

<sup>9</sup> Michel Temer, presidente da república entre 2016 e 2018. Ascendeu ao governo a partir do golpe que ajudou a orquestrar contra a presidenta Dilma Rousseff.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 228-265, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

internamente. Como foi na comunidade da favela de Paraisópolis. Na periferia de São Paulo. Onde as próprias pessoas tomaram a iniciativa de se auto-organizar. Exemplo que se multiplica em vários outros lugares. O movimento comunitário auto-organizando o atendimento de si mesmo. Por iniciativa própria, a massa popular de Paraisópolis faz isso, se auto-organiza, via a divisão geográfica do território de favela, de modo a organizar o atendimento da demanda comunitária, criando em cada pedaço o que foi chamado de um presidente e um comitê de ajuda, usando do conhecimento do espaço, sabendo que espaço é poder, para se auto-organizar num arranjo de gestão territorial distributiva da assistência de modo a poder espacialmente amplificar sua capacidade de sobrevivência, facilitando a cada comitê ter o contato pessoal direto com a demanda das famílias. Fosse a ação realizada ao nível inteiro de Paraisópolis, e, sabia-se, seria difícil o serviço, mas o território da favela dividido em pedaços de autoadministração, ali onde o contato das famílias é direto, o conhecimento da demanda e a distribuição dos recursos podiam tornar tudo mais precisos. Assim, de imediato, sabia-se o que cada família tinha de necessidade e demanda de provisão de recurso. O quanto de feijão, o quanto de arroz, o quanto disso, o quanto daquilo, de coisas de alimento, de higiene, de roupa, de coberta, de remédios se mostrava mais exato. Mas reversivamente também facilitava a cada família saber o que podia oferecer de pessoas para bancar a prestação do serviço. Fazendo-se então o cálculo da cesta básica, considerado o total de necessidades. E igualmente fazendo o recurso chegar às casas com mais presteza e correspondência. Como no lema a cada um segundo as necessidades, de cada um segundo as possibilidades. Aprendizado espontâneo que a eclosão da pandemia vai buscar lá na interioridade da sabedoria da história.

Então a eclosão da pandemia teve essa dupla característica. De um, lado, a exposição da miséria como um elemento de estrutura. E que só se resolve com a superação desta. De outro, as formas superativas da dificuldade de mobilização popular. Que, penso, vai começar a acontecer. E por uma razão, sobretudo: o efeito retroativo da reglobalização sobre as cadeias produtivas, de que falamos mais para trás. Sua tendência de fazer retornar a estrutura industrial autossustentada dos anos 1970. E com ela o movimento operário. Na verdade o grande ausente nas lutas pré, intra e pós-pandêmicas. Restabelecido de outra forma, embora, mas dentro do mundo do trabalho que lhe é correspondente, sua presença e ambiência. Uma pergunta é: grande ausente, por quê? Resposta: dado o fato da mudança da geografia da percepção operária que acompanha a mudança da geografia da indústria. Explicando. Na época em que as economias industriais eram nacionais, a fábrica ficava

vizinha ao bairro de morada dos trabalhadores. Em muitos casos, fábrica e bairro territorialmente se concentravam num mesmo espaço, a exemplo do ABC<sup>10</sup>, em São Paulo, de Volta Redonda, no Rio de Janeiro, creio que de algum modo em algum lugar de Presidente Prudente. Formavam uma mesma identidade geográfica. Até porque territorialmente a indústria tem seu arranque numa forma fortemente concentrada no Brasil. E junto a essa concentração territorial da indústria vem também a concentração territorial operária, bairros e indústria coabitando uma mesma área, geralmente puxada como área da indústria. No passado eram bairros que inclusive se confundiam inteiramente com as localizações da indústria, as chamadas fábricas-vila, depois do que vilas e fábricas perdem o vínculo umbilical, fábrica e operários mantendo-se porém geminados mesmo em áreas separadas, como em Duque de Caxias e em Nova Iguaçu, noutro exemplo do Rio de Janeiro. Mesmo estando separados em espaço de morada e espaço do trabalho, fábrica e operariado mantinham assim a proximidade que permitia ao operário saber tudo que acontecia reciprocamente no bairro e na fábrica, porque a própria classe operária servia de via de comunicação entre um espaço e outro. Então havia uma percepção e face esta uma consciência de classe, que mantinha fábrica e bairro como um mesmo sistema social de vida. A condição espacial que pela percepção alimentava a classe e o seu movimento.

Quando a organização espacial muda com a modelização internacional das cadeias produtivas, muitas fábricas fecham no nível nacional e abrem no nível internacional, percepção e consciência espacial de classe com isso se evanesco. Foi o que aconteceu no Brasil com a redistribuição industrial que esvazia a grande São Paulo. E em tal grau que o ABC deixa de ser uma área industrial, para se tornar uma área de serviços. Redistribuição, na verdade, do parque industrial do triângulo Rio-São Paulo-Belo Horizonte. que muda a organização geográfica da classe trabalhadora em tal escala que neutraliza a percepção fábrica-bairro-fábrica que alimentava a troca de informações e a mobilização de classe dentro dela. Imagine isto em escala planetária. Há, então, um esgarçamento da condição espacial de classe nessa dissipação internacional do arranjo da indústria que separa no infinito da escala as duas vertentes da geografia do trabalho, a fábrica e o bairro, com seu reflexo de percepção e conscientização na formação de classe da classe trabalhadora. Percepção e consciência que se fragmentam, se dissolvem, se dissipam no novo arranjo, numa introjeção de relação de ser-consciência tornada intencionalmente impotente para produzir uma visão de mundo de classe no universo de vida da classe trabalhadora. É por

---

<sup>10</sup> Região industrial dentro da Região Metropolitana de São Paulo.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 228-265, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

isso que o movimento sindical se enfraquece. O movimento operário se dissolve. Os partidos operários se estiolam. É só olhar o que é o PT<sup>11</sup> de hoje, comparado ao PT do período em que surge.

Tenho, assim, a impressão de que vamos entrar num tempo de reversão e renascimento nacional da indústria face o desmonta que os próprios Estados vão ter que fazer no arranjo mundial das cadeias produtivas, renacionalizando e retornando a fábrica e o bairro ao termo do arranjo de antes, num renascimento da geografia operária. Com ela, do movimento operário. E já num contexto de luta contra o desemprego, a baixa de renda e a miséria social, uma miséria estrutural. O operariado voltando à rua para juntar-se ao movimento das mulheres, dos negros, dos índios, dos homossexuais, da juventude, dos velhos, a luta no Brasil ganhando mais força. Os dois pratos da balança, sempre, do capitalismo criando o seu contrário.

O movimento social recarregando-se de energia por conta do aumento da desigualdade. De modo progressivo, embora. Não no imediato de agora. Sabendo que a miséria não cria movimento, ao contrário, cria no trabalhador o medo de fazer qualquer tipo de ato que o leve a mais desemprego, baixa de salário, miséria social, de tal modo fragilizado. E que o momento propício é aquele em que a economia, saindo de uma situação de crise e a caminho da retomada, eleva os níveis de emprego, aumenta o nível de renda e reduz o exército de reserva, os trabalhadores tendo em casa e no sindicato, dado a melhor do salário, a reserva de dinheiro que os encoraja a peitar o capital. Até lá, o movimento sindical se reorganiza, ganha nova forma, acumula força, volta às bases da consciência de classe. O partido operário reestabelece suas raízes. E, então, o movimento de novo cresce. Quadro ao qual cedo ou tarde, acho, vamos voltar.

**CPG: Na sua leitura do Brasil atual, quais são as ferramentas que a sociedade brasileira pode construir na luta contra a extrema direita e seu projeto neofascista?**

**RUY MOREIRA:**

Seria a junção das consciências, a retomada da capacidade de mobilização, a unificação dos seguimentos em movimentação de rua, que, creio, o renascimento do movimento operário ao redor da luta contra a carestia de vida nas cidades, a violência das opressões, a usurpação do direito ao trabalho, temas transcendentais aos seus limites de

---

<sup>11</sup> Partido dos Trabalhadores.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 228-265, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

classe, porque universais, é capaz de realizar e trazer. Junção das lutas operárias, das mulheres, dos negros, do LGBTQI, da juventude, dos índios, dos camponeses, segmentos sociais aos quais falta a presença amplificada dos trabalhadores, trabalhadores também do comércio, dos bancos, dos transportes, das lojas, dos serviços, e vai precisar acontecer.

Então, acho que o grande instrumento é a engrenagem da unidade que forje na mobilização a descoberta da força comum. Essa, a resposta. A pauta de ação cada vez mais ampla desses e outros setores da sociedade que buscam a mudança que é preciso. Setores que pela urbanização e o anti-rentismo se autodescobrem sujeitos múltiplos, sujeitos, agora, todos, sujeitos diferenciados de um mesmo grande problema do tipo de sociedade em que se vive, em busca de uma nova forma.

Ferramenta com a cara plural e unificada de mudança. Cada qual angulada nas marcas do seu rosto. Pautas muitas de uma mesma pauta. Pautas que não deixem de ser plurais. Mas não se percam na pluralidade. Pautas de uma pauta que una. Ferramentas que virem uma mesma grande ferramenta: a pauta de mudar, e pela base, tudo isso que aí está.

## COMPÊNDIO DOS AUTORES(AS) DO CADERNO PRUDENTINO DE GEOGRAFIA (CPG) 1981-2022

### V. 1, N. 01 (1981)

---

**GARMS**, Armando. O Pantanal Matogrossense e Corumbá: roteiro de uma excursão. p. 7-27.

**ANTONIO**, Armando Pereira. A presença do imigrante alemão no município de Presidente Venceslau- SP (Primeiras notas).p. 28-34.

**ABREU**, Dióres Santos. Que é História? p. 51-53.

**SALGADO**, Fernando Carlos F. A Colônia Entre-rios (Primeiras notas). p. 54-74.

**LEITE**, José Ferrari. Geografia e planejamento regional. p. 75-81.

### V. 1, N. 02 (1981)

---

**ASARI**, Alice Yatiyo; **USSAMI**, Yoshie. Algumas considerações sobre um núcleo de habitação popular – Conjunto Habitacional Bartholomeu Bueno Miranda – Presidente Prudente – SP. p. 7-24.

**GARMS**, Armando. A sobrevivência das pequenas cidades: o exemplo da Alta Sorocabana. p. 25-34.

**ANTONIO**, Armando Pereira. A cultura da cana-de-açúcar na região de Presidente Prudente e suas implicações ecológicas. p. 35-40.

**ANTONIO**, Armando Pereira; **BARREIRA**, José. Projeto de reassentamento rural no extremo sudoeste paulista – Lagoa São Paulo – um exemplo pioneiro no Brasil (primeiras notas). p. 41-52.

**MELO**, Jayro Gonçalves. Historiografia e testemunho histórico. p. 53-58.

**ZAVATINI**, João Afonso. O registrador de umidade superficial e sua aplicabilidade em estudos agroclimatológicos. p. 59-64.

**BARREIRA**, José. Ensaio sobre o esvaziamento populacional na região de Presidente Prudente. p. 65-74.

**LEITE**, José Ferrari. Alta Sorocabana (Uma região em busca de sua vocação). p. 75-83.

**PASSOS**, Messias M. dos. Observações fitossociológicas no noroeste do Mato Grosso. Interflúvio das bacias dos Rios Jurema, Paraguai e Guaporé. p. 84-89.

**BENITES**, Miguel Gimenez. Notas sobre o abastecimento de carne bovina nas metrópoles nacionais. p. 90-92.

**AOKI**, Yolanda Shizue; **SPOSITO**, Maria Encarnação B. Crescimento e concentração das redes comerciais paulistas. p. 90-115.

### V. 1; N.03 (1982)

---

**BARROS**, Omar Neto Fernandes. O caso da agricultura no Brasil.p. 11-16.

**PASSOS**, Messias Modesto dos. Devastação das matas no estado de São Paulo. p. 17-27.

**TITARELLI**, Augusto Humberto Vairo. Alteração do clima local nos centros urbanos: efeitos adversos da urbanização. p. 28-35.

**STIPP**, Nilza Aparecida Freres. As conseqüências do manejo inadequado do solo. p. 36-43.

- SUDO**, Hideo. Planalto Ocidental Paulista. p. 44-48.
- BERTTI**, Latife Jacob. Dificuldades de aplicação das propostas dos materiais instrucionais da Secretaria de Educação. p. 51-55.
- SANTOS**, Douglas. A Geografia que se ensina. p. 56-63.
- MARINI**, Thereza. Quem ensina o ensino da Geografia. p. 34-72.
- ARAÚJO FILHO**, José Ribeiro de. A questão da terra no Brasil. p. 75-77.
- OLIVEIRA**, Ariovaldo Umbelino de. Os posseiros e a luta contra o capital: “a terra é de ninguém”. p. 78- 93.
- SALGADO**, Fernando Carlos Fonseca. Colonização nos campos gerais do Paraná (Alguns produção do espaço urbano no Brasil. p. 106-114.
- LACAVA**, Oduvaldo O. O Projeto Lagoa São Paulo. p. 115-120.
- ABREU**, Dióres Santos. A fundação de Presidente Prudente. p. 123-126. **LEITE**, José Ferrari. Um retrato da região prudentina. p. 127-135.
- ALEGRE**, Marcos. Alta Sorocabana: população. p. 136-144.
- ZAVATINI**, João Afonso. A distribuição das chuvas e suas anomalias em Presidente Prudente (SP) – Período 1942/76. p. 147-152.
- SIMONIC**, Janez. Rotações do solo e suas aplicações na agricultura. p. 153-157.
- RODRIGUES**, Donizete Aparecido. O homem em quatro dimensões. p. 158-163.
- GRIGOLETTO**, Marina Fátima; **SOUZA**, Neide de Melo. Análise de uma agro-indústria de tomate na Alta Sorocabana. p. 164-168.
- RONCHEZEL**, José Antonio. Programa Cura – contribuição para a análise do significado de sua aplicação. p. 169-170.
- VIZINTIN**, Miriam; **BRAGUETO**, Cláudio Roberto; **QUADROS**, José Luiz R. de. Norte do Paraná – situação agrária e suas relações com a mão-de-obra. p. 171-175.

#### V. 1; N.04 (1982)

---

- ROCHEFORT**, Michel. Regionalização e rede urbana. p. 7-28.
- ROCHEFORT**, Michel. Problemas de organização do espaço urbano. p. 29-52.
- ROCHEFORT**, Michel. Aspectos da pesquisa sobre os serviços de saúde e instrução em Campina Grande e Londrina. p. 53-81.

#### V. 1, N. 05 (1983)

---

- LITHOLDO**, Augusto. Teoria científica, ideologia e epistemologia. p. 7-20.
- PASSOS**, Messias Modesto dos. Correntes de pensamento em Biogeografia. p. 21-26.
- GODOY**, Manoel Carlos Toledo Franco de. O tratamento da paisagem e a qualidade de vida nas cidades. p. 27-32.
- RODRIGUES**, Donizete Aparecido. Bolívia, mito e realidade. p. 33-42.
- MENECOZI**, Arnaldo Rodrigues; **FORTUNATO**, Elizabeth. Aspectos econômicos e geográficos da produção leiteira na Alta Paulista. p. 43-96.
- SPOSITO**, Eliseu Savério. Breve histórico da AGB (notas). p. 97-100. **ALVES**, Sergio Paulo do Carmo. Universidade e sociedade (notas). p. 101-102.
- TEIXEIRA**, Márcio Antonio. Notas sobre a cultura do algodão no contexto dos “ciclos” econômicos do Oeste Paulista (notas). p. 103-106.

**V. 1, N. 06 (1983)**

- ABREU**, Dióres Santos. A industrialização brasileira na década de 1930. p. 9-16.
- SPOSITO**, Eliseu Savério. Universidade e educação. p. 17-34.
- GODOY**, Manoel Carlos Toledo Franco de. Forças de atração geográfica da indústria cimenteira no Brasil. p. 35-62.
- LINS**, Maria de Lourdes Ferreira. A catedral como “patrimônio histórico”. p. 63-73.
- RAO**, Nandamudi Jagan Mohana; **TOMASELLI**, José Tadeu Garcia. Comportamento dos solos de Presidente Prudente em relação às temperaturas mínimas e geadas, nas diferentes estações do ano. p. 74-98.
- SALGADO**, Fernando Carlos Fonseca. O espaço agrário brasileiro. p. 101-102.
- BARREIRA**, José. A organização do espaço agrário regional como fator de mobilidade populacional. p. 102-104.
- ANTONIO**, Armando Pereira. Projeto Co-lagoa – os problemas de uma colonização dirigida no sudoeste paulista. p. 105-110.
- LEITE**, José Ferrari. As “crises” e a conservação da natureza. p. 111-112.
- GODOY**, Manoel Carlos Toledo Franco de. Problemas ambientais relacionados à mineração do carvão. p. 113-116.
- PASSOS**, Messias Modesto dos. O nível das discussões ecológicas. p. 117-118.
- SUDO**, Hideo. Ambiente Climático. p. 119-121.
- RAO**, Nandamudi Jagan Mohana. Distribuição de frequência das precipitações de diferentes intensidades para Presidente Prudente. p. 122-123.
- ZAVATINI**, João Afonso; **BEXIGA**, Janete Aparecida; **MENARDI JUNIOR**, Ary. O ritmo pluvial do inverno de 1983 no extremo oeste paulista. p. 123-128.
- BARRIOS**, Neide Aparecida Zamuner. Clima e produção agrícola. p. 129-132.
- LEISTER**, Adalberto. Cartografia e Geografia. p. 133.
- SILVA**, José Carlos Plácido da; **BACH**, Lílian Maria Klinger. Estudo comparativo de projeções cartográficas UTM e cônica conforme Lambert. p. 133-134.
- SPOSITO**, Eliseu Savério. Mapa mental. p. 134-136.
- KUNZLI**, Ruth. Povos indígenas – realidades e perspectivas. p. 137-143.
- RODRIGUES**, Donizete Aparecido. O genocídio na América Latina. p. 144-150.
- RAO**, Nandamudi Jagan Mohana; **TOLEDO**, Victor Lucio. Métodos estatísticos da interpolação dos dados de chuva – escolha do melhor método. p. 151-152.
- RAO**, Nandamudi Jagan Mohana; **PARO**, Rosângela. Método da “Spline” – interpolação rápida. p. 152-153.
- RAO**, Nandamudi Jagan Mohana; **TOMASELLI**, José Tadeu G. Previsão das chuvas máximas para Presidente Prudente. p. 154-155.
- RAO**, Nandamudi Jagan Mohana; **SIMONIC**, Janez. Influência da pluviosidade para irrigação das culturas de algodão e amendoim na região de Presidente Prudente. p. 155-157.
- MENARDI JUNIOR**, Ary; **BEXIGA**, Janete Aparecida. A validade das observações meteorológicas – o exemplo da Estação Meteorológica de Presidente Prudente-SP. p. 158-161.
- FREITAS**, Olga Lúcia Castreghini de. A aplicação do capital local no setor secundário em Presidente Prudente. p. 162-163.
- RAMOS**, Noêmia. Preconceito de cor no Brasil. p. 164-166.
- RODRIGUES**, Donizete Aparecido. O problema dos sítios pré-históricos no Brasil. p. 167-171.
- OLIVEIRA**, Luzia Alves de; **LISBOA**, Maria Cristina. Algumas considerações sobre a

utilização do método de observação participante. n. 6, p. 172-173, 1983.

#### V. 1, N. 07 (1984)

---

**SCHLITTLER**, Flávio Henrique Mingante. O reflorestamento como um recurso natural: problema ecológico ou racionalidade? p. 7-12. **SUDO**, Hideo. O efeito estufa e suas aplicações geográficas. p. 13-18.

**MARTINS**, Olimpio Beleza. As transformações ocorridas na economia da Alta Sorocabana. p. 19- 28.

**VALVERDE**, Orlando. Quarenta anos de serviços prestados (palestra). p. 29-42.

**SPOSITO**, Eliseu Savério. Migração e capitalismo (notas). p. 43-45,.

**RODRIGUES**, Donizete Aparecido. Notas sobre a arqueologia da Alta Sorocabana (notas). p. 46-50.

**TEIXEIRA**, Márcio Antonio. Notas sobre a questão demográfica em Presidente Prudente (notas). p. 51-54. **TEIXEIRA**, Márcio Antonio; **TEIXEIRA**, Márcio Antonio;

**MARTINS**, Olimpio Beleza. A Geografia a serviço do Estado (notas). p. 55-59.

#### V. 1, N. 08 (1986)

---

**SILVEIRA**, Fátima Rotundo da. A coexistência da pequena e grande exploração agrícola no Brasil. p. 5-14. **FREITAS**, Olga Lúcia Castreguini de. Capital e força de trabalho no setor secundário em Presidente Prudente. p. 15-32.

**FREITAS**, Olga Lúcia Castreguini de. Capital e forma de trabalho no setor secundário em Presidente Prudente. p. 15-32.

**RAO**, Nandamudi Jagan Mohana; **AZEVEDO**, Roberto Bernardo; **GARCIA**, José Antonio P. Previsão probabilística de data de ocorrência de temperatura extrema. p. 33-38.

**GARMS**, Armando; **ALVES**, Sérgio Paulo do Carmo; **LEISTER**, Adalberto. O bairro rural do campinho. p. 39-62.

**ALVES**, Sérgio Paulo do Carmo. Movimentos migracionais em Rondônia até 1982. p. 63-74.

**SALGADO**, Fernando Carlos Fonseca. Notas sobre a Fazenda Rebojo do Inca (Município de

**MARINI**, Thereza. Palavras aos formandos de 1984 da XXI Turma do Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais – UNESP – Campus de Presidente Prudente (notas). p. 79-84.

#### V. 1, N. 09 (1987)

---

**KOGA**, Keiko Tokunaga. Geografia aplicada ao estudo da realidade: pesquisa sócio- econômica e cultural de uma comunidade. p. 5-29.

**SPOSITO**, Maria Encarnação Beltrão. Os agentes produtores do espaço urbano em Presidente Prudente – a ação privada: 1970- 1982. p. 30-41.

**GAETA**, Antonio Carlos. Transformação no espaço urbano em São Paulo, o anarquismo e as mudanças no Estado na Primeira República. p. 42-55.

**GAETA**, Antonio Carlos; **CAROLLO**, Denise Helena Monteiro de Barros. A questão do conteúdo ideológico no ensino brasileiro – a utilização da História e da Geografia. p. 56-61.

**SCHLITTLER**, Flávio Henrique Mingante. Avaliação e análise dos impactos ambientais. p. 62-68.

- MARTINS**, Ana Victória Vieira. O papel das destilarias de álcool na Alta Sorocabana. p. 69-101.
- CANÔAS**, José Walter. Recursos humanos em usinas de açúcar e álcool. p. 102-111.
- ANTONIO**, Armando Pereira. A ação estatal no processo de organização agrária no município de Teodoro Sampaio, SP (Primeiras notas). p. 112-135.
- SILVEIRA**, Fátima Rotundo da; **SPOSITO**, Eliseu Savério. A modernização da agricultura brasileira. 136-145.

### V. 1, N. 10 (1987)

---

- SPOSITO**, Eliseu Savério. Seção de Presidente Prudente: Relatório.p. 5-7.
- ABREU**, Dióres Santos. As constituintes e as constituições brasileiras – a participação popular e a dependência econômica. p. 8-14.
- TEIXEIRA**, Márcio Antonio. “Geografias”, “Geógrafos” e constituinte. p. 15-20.
- COSTA**, José Fernandes Afonso Costa. A participação do geógrafo na elaboração da constituição. p. 21-23.
- ANTONIO**, Armando Pereira. O profissional em Geografia e sua participação nos movimentos populares para a elaboração da constituição brasileira. p. 24-25.
- SILVA**, Éder Luis da. É necessária a participação do estudante. p. 26.
- SUDO**, Hideo. Perspectivas da Geografia na constituinte. p. 27-28.
- Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB)**. Geografia e constituinte. Documento resultante das teses e resoluções do VI Encontro Nacional de Geógrafos. p. 35-38.
- SEÇÃO LOCAL DE BRASÍLIA**. O Espaço e a Educação. p. 39-41.
- FERREIRA**, Yoshiya Nakagawara. Contribuições das seções locais: Londrina – Reforma urbana. p. 42-44. Qual será a cara da constituinte? p. 42-46.
- SEÇÃO LOCAL DE BRASÍLIA**. Qual será a cara da Constituinte? p. 45-46.
- BLEY**, Cícero (coord.). Propostas do Simpósio Nacional “Constituinte, vida e meio ambiente”. p. 47-49.
- SEÇÃO LOCAL PORTO ALEGRE**. Movimento pró-constituinte. p. 50.
- SANTOS**, Milton. O Geógrafo e a constituinte. p. 51-52.
- GAETA**, Antonio Carlos. Violência urbana e ideologia em São Paulo. p. 53-61.
- SPOSITO**, Eliseu Savério. A interligação/integração de Guarulhos na região metropolitana de São Paulo. p. 62-87.
- CÁCERES**, Tomás Rafael Cruz. Subsídio de preços de alimentos ao consumidor final como intervenção nutricional. p. 88-97.
- LEITE**, José Ferrari. O curso de pós-graduação em Geografia do IPEA. p. 98-105.
- ALVES**, Sérgio Paulo do Carmo. Subsídios teóricos para a discussão do espaço-fronteira. p. 106-119.

### V. 1, N. 11-12 (1989)

---

- LADOUCEUR**, Micheline. Identidade nacional, imagem do Brasil e os discursos da Geografia. p. 5-10.
- SILVA**, Dora Martins Dias e. Aplicação da proposta curricular de Geografia da CENP na 5ª série do 1º grau... utopia? p. 11-26.
- MOREIRA**, Ruy. Marxismo e Geografia. p. 27-42.
- PASSOS**, Messias Modesto dos; **MARTINS**, Olímpio Bezerra. A exploração da floresta amazônica: o exemplo de Jauru/MT. p. 43-52.

- MARTINS**, Olímpio Bezerra; **PASSOS**, Messias Modesto dos. Vale do Guaporé: conflitos pelo espaço. p. 53-60.
- RODRIGUES**, Arlete Moysés. Na procura do lugar, o encontro da identidade: a Geografia de um movimento social (palestra). p. 61-80.
- MASSACRE EM NOME DO DESENVOLVIMENTO**. (Documento). p. 81-82.
- COMPRO OURO, VENDENDO DECADÊNCIA HUMANA**. (Documento). p. 83-84.

### V. 1, N. 13 (1991)

---

- MELO**, Jayro Gonçalves. O ponto de apoio. p. 6-9.
- SPOSITO**, Maria Encarnação Beltrão. Gestão da cidade e uso do solo urbano. p. 10-15.
- THOMAZ JÚNIOR**, Antonio. Em defesa do trabalho de campo. p. 16- 27.
- GUIMARÃES**, Raul Borges. Metodologia de projetos: uma proposta para o ensino de Geografia. p. 28-39.
- FERRAZ**, Cláudio Benito Oliveira. Crise na renovação da Geografia: a angústia e a relação teoria/prática. p. 40-48.
- LAGANÁ**, Liliana. O sagrado e o profano na percepção do espaço. p. 49-60.
- SANT'ANNA NETO**, João Lima. A abordagem sistêmica nas relações sociedade-natureza. p. 61-66.
- MOREIRA**, Ruy. O conceito de natureza na Geografia física. p. 67- 113.
- FERRAZ**, Cláudio Benito Oliveira. Algumas reflexões sobre a questão da região: o caso do nordeste. p. 114- 140.
- SANTOS**, Milton. A revolução tecnológica e o território: realidades e perspectivas. p. 141-152.
- LAGANÁ**, Liliana. Imagem e realidade na configuração mental do espaço: o exemplo dos imigrantes italianos em Pedrinhas. p. 153-159.
- LUIZ**, Lindomar Teixeira. Uma experiência reveladora. p. 160-167.
- MELO**, Jayro Gonçalves. O nacional e a revolução em Caio Prado Júnior. p. 168-188.

### V. 1, N. 14 (1992)

---

- MOREIRA**, Ruy. Assim se passaram dez anos (a renovação da Geografia no Brasil – 1978- 1988). p. 5-39.
- BETTINI**, Rita Filomena A. Januária. De Descartes a Ford: uma explicação da racionalização do trabalho. p. 40-43.
- SILVEIRA**, Fátima Rotundo da. Os camponeses na região de Presidente Prudente. p. 44-53.
- FERNANDES**, Bernardo Mançano. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e a territorialização da luta pela terra no Brasil. p. 54-69.
- ANTONIO**, Armando Pereira. O movimento social rural e o assentamento de camponeses. p. 70- 76.
- SANT'ANNA NETO**, João Lima. Um olhar sobre o Sudeste Brasileiro. p. 77-82.
- HORA**, Mara Lúcia Falconi da; **SILVA**, Maria José Martinelli. A (re)estruturação da cidade. p. 83-92.
- CANÓAS**, José Walter. Desenvolvimento de recursos humanos na empresa e o serviço social. p. 93-99.
- GODOY**, Manoel Carlos T. Franco de. Aspectos da geodinâmica em estudos aplicados à gestão do meio ambiente. p. 100-118.

**BARRIOS**, Neide Aparecida Zamuner; **HERNANDES**, Maria Cristina Martinez. Aplicação de técnicas para escolha de anos-padrão, como base de estudo dinâmico das chuvas no extremo oeste paulista. p. 119-157.

**ADORNO**, Lúcio Flavio Marini. A conferência das Nações Unidas para o meio ambiente e o desenvolvimento: da questão ambiental à geopolítica. p. 158-167.

**SANTOS**, Milton. A involução metropolitana: a região cresce mais que a metrópole. p. 168-175.

### V. 1, N. 15 (1993)

---

**ANDRADE**, Manuel Correia de. Homem e natureza por uma política de meio ambiente para o Brasil. p. 6- 17.

**ALVES**, William Rosa. De quem é o espaço? Estado x sociedade nas cidades brasileiras. p. 18-27.

**SOUSA**, Silvia Aparecida de. Políticas de Estado e a questão da moradia em Presidente Prudente. p. 28-59.

**GALLÉRO**, Alvaro Lopez. Uruguay, zonas francas y Mercosur. p. 60-70.

**GRIGORIEV**, Alexander A. Os fundamentos teóricos da moderna Geografia física. Tradução de João Lima Sant'Anna Neto. p. 71-82.

**PEIXOTO**, Adão José. A questão do planejamento e da metodologia numa perspectiva dialética de educação. p. 83-88.

**MARACCI**, Moacir Teles. Dificuldades para a organização do trabalhador rural (notas). p. 89-92.

### V. 1, N. 14 (1994)

---

**SILVA**, Armando Corrêa da. Software e valor. p. 8-23.

**WALDMAN**, Maurício. Tempo, modernidade e natureza. p. 24-73.

**THOMAZ JÚNIOR**, Antonio. A biodiversidade para além da preservação. p. 74-93.

**AMORIM**, Margarete Crisiane de Costa Trindade. O processo de urbanização e a degradação ambiental. p. 94-114

**FERRAZ**, Cláudio Benito Oliveira. Linguagem e cotidiano na arte de ler e viver o espaço. p. 115-135.

**GEBRAN**, Raimunda Abou. A presença de mecanismos alienantes no ensino de Geografia no Primeiro Grau – análise do cotidiano. p. 136- 151.

**FERNANDES**, Bernardo Mançano. Amassando a massa: para uma crítica ao conceito de massa. p. 152-158.

**ALMEIDA**, Rosemeire A. de. A conquista da terra pelo MST e a estrutura fundiária no Pontal do Paranapanema. p. 159-167.

**THOMAZ JÚNIOR**, Antonio. A terceirização no contrapasso da ação sindical. p. 168-186.

**FABRINI**, João Edmilson. Frente pioneira e ocupação do sul do Mato Grosso do Sul. p. 187-197.

**CHAVES**, Manoel Rodrigues. Cerrado brasileiro: principais fatores norteadores de sua ocupação. p. 198- 212.

**PASSOS**, Messias Modesto dos. Teledeteção aplicada ao estudo da paisagem. p. 213-229.

**ABREU**, Silvana de. A noção de espaço e sociedade no primeiro grau: teoria e prática (notas). p. 230-235.

**V. 1, N. 15 (1995)**

---

- VESENTINI**, José William. O ensino de Geografia no século XXI. p. 5-19.
- SANTOS**, Douglas. Conteúdo e objetivo pedagógico no ensino de Geografia. p. 20-61.
- PEREIRA**, Diamantino. Geografia escolar: conteúdos e/ou objetivos? p. 62-74.
- FERRAZ**, Cláudio Benito Oliveira. A institucionalização do ensino de Geografia no Brasil da primeira metade do século XX. p. 75-93.
- RUFINO**, Sonia M. V. Castellar. A construção do conceito de espaço e o ensino de Geografia. p. 94-114.
- SOUZA**, José Gilberto de. A cartografia e a proposta da CENP. p. 115-131.
- FERNANDES**, Bernardo Mançano. Geografia em canção: o som e a imagem no processo de construção do conhecimento. p. 132-144.
- LOURENÇO**, Claudinei. O toponímio, o toporâmico e a topofobia no ensino de Geografia. p. 145-152.
- SILVA**, Eduardo Carlos. Olhar periférico (resenha). p. 153-156.

**V. 1, N. 18 (1996) Dossiê “Geografia e Globalização”**

---

- SANTOS**, Milton; **SILVEIRA**, Maria Laura. Globalização e Geografia: a compartimentação do espaço. p. 5-17.
- CARVALHO**, Marcos Bernardino de. Reflexões sobre Geografia, biodiversidade e globalização em tempos neoliberais. p. 18-39.
- MOREIRA**, Ruy. Ascensão e crise de um paradigma disciplinar. p. 40- 64.
- KURZ**, Robert. A terceira força. p. 65-83.
- SILVA**, Armando Corrêa da. A Geografia do mundo atual e a globalização. Novos paradigmas, mudanças de escala e incertezas. p. 24-88.
- ALANTEJANO**, Paulo Roberto. O sentido da reforma agrária no Brasil dos anos 90. p. 89-107.
- SOUZA**, José Gilberto de. A reforma fiscal e a propriedade rural. p. 108- 129.
- SPOSITO**, Eliseu Savério. La mondialisation du capital (resenha). p. 130-134.
- LOURENÇO**, Claudinei. Ano 501: a conquista continua (resenha). p. 135-139. **SPOSITO**, Maria Encarnação Beltrão. Au coeur des villes (resenha). p. 140-144.

**V. 1, N. 19-20 (1997)**

---

- PAULINO**, Eliane Tomiasi. A questão agrária e o campesinato: um retorno aos clássicos. p. 5-20.
- MARTIN**, Jean-Yves. A geograficidade dos movimentos socioespaciais. p. 21-35.
- ALMEIDA**, Rosemeire Aparecida de. Os (des)caminhos do campesinato brasileiro: o ontem e hoje nos assentamentos do Pontal do Paranapanema. p. 36-58.
- SAQUET**, Marcos Aurélio. Colônia Silveira Martins/RS: gênese e desenvolvimento. p. 59- 77.
- PASSOS**, Messias Modesto dos; **UGIDOS**, Miguel Angel Luengo. Biogeografia da caatinga. p. 78-103.
- RAMOS**, Marcos Lupércio. A temática ambiental: “um problema” das sociedades contemporâneas? p. 104-127.
- RAMOS**, Marcos Lupércio. Educação ambiental: causas e soluções à degradação

ambiental. p. 128-138.

**SPOSITO**, Eliseu Savério. As transformações no território do Oeste da Bahia (notas). P. 139-156.

**BARONE**, Luis Antonio. Notas sobre a questão agrária no Brasil (notas). p. 157-162.

### **V. 1, N. 21 (1999) Número Especial “Geografia, Cidade, Geoplítica”**

---

**FISCHER**, André. Migrações seletivas: uma resposta à crise?. p. 5- 16.

**GUIMARÃES**, Raul Borges. Serviços de saúde, circuitos econômicos e cadeias produtivas. p. 17-24.

**SPOSITO**, Maria Encarnação Beltrão. A análise urbana na obra de Milton Santos. p. 25-42.

**SPOSITO**, Eliseu Savério. A teoria dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos: seu esquecimento ou sua superação? p. 43-52.

**OLIVEIRA**, José Aldemir de. As cidades da Amazônia: novas territorialidades e velhas exclusões reencontradas. p. 53-70.

**CALAÇA**, Manoel. Geoestratégia do capital: novas formas de subordinação do trabalho ao capital na Amazônia sul ocidental brasileira. p. 71-84.

**ADORNO**, Lúcio Flavo Marini. A abordagem geopolítica no final do século XX: novos e velhos paradigmas. p. 85-101.

**RIBAS**, Alexandre Domingues; **SANTOS**, Dirceu Evaldo Pereira dos; **RIBEIRO**, Júlio César; **SOUZA**, Marcos Timóteo Rodrigues de. Marxismo e Geografia: paisagem e espaço geográfico – uma contribuição para o entendimento da sociedade contemporânea. p. 102-123.

**BAUAB**, Fabrício Pedroso. Romantismo e natureza em Humboldt: um breve debruçar analítico. p. 124-133.

**GOETTERT**, Jones Dari. A festa: espaço de múltiplos tempos. p. 134- 144.

**NUNES**, Flaviana Gasparotti. Avaliação, ensino de Geografia e projeto educacional. p. 145-157.

**TORRES**, Eloiza Cristiane. A cartografia no ensino de Geografia: construindo os caminhos do cotidiano (resenha). p. 159-161.

**MATUSHIMA**, Marcos Kazuo. El eje Irún-Aveiro. Geografía de un eje de desarrollo (resenha). p. 161-164.

**CASTRO**, Luis Antonio de Carvalho. Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas (resenha). p. 164-166.

**SILVA**, Patrícia Monteiro da. Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas (resenha). p. 166-168.

### **V. 1, N. 22 (2000) Número Especial “Agricultura, Cidade e Análise Regional”**

---

**HESPANHOL**, Antonio Nivaldo. A expansão da agricultura moderna e a integração do Centro-oeste brasileiro à economia nacional. p. 7-26.

**PEREIRA**, Aparecido de Oliveira. A lógica do PRONAF. Ampliação e perpetuação das desigualdades regionais. p. 27-40.

**HESPANHOL**, Rosângela Aparecida de Medeiros. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF: uma avaliação preliminar. p. 41-60.

**ROSAS**, Celbo Antonio de Fonseca. Elementos para uma análise da modernização da agricultura no estado de São Paulo. p. 61-74.

- BOZZANO**, Horacio. Atratividade industrial e cemitérios industriais: fortalezas e debilidades da reestruturação industrial na Região Metropolitana de Buenos Aires. p. 75-98.
- PEREIRA**, Silvia Regina. O processo de reestruturação interna das cidades. p. 99-124.
- SOUZA**, Marcos Timóteo Rodrigues de. Impactos ambientais do transporte urbano. 125-142.
- PASSOS**, Messias Modesto dos. Brasil 438 DC. p. 143-162.
- SILVEIRA**, Márcio Rogério. Reflexões sobre o processo de integração econômica: o caso brasileiro. p. 163-178.
- MEDEIROS**, Célia Maria Vieira de. Geografia política: papéis do Estado-nação e da sociedade na reestruturação da economia mundial. p. 179-192.
- FISCHER**, André. Problemas de integração espacial na Europa. p. 193- 200.
- FERNANDES**, Bernardo Mançano. Formação e territorialização do MST no Pará. p. 201-214.
- SILVA**, João Marcio Palheta da. Desigualdades geográficas: territórios de globalização na Amazônia. p. 215- 222.
- MEDEIROS**, Marlon Clóvis. Marxismo e análise regional: perseguindo o capital. p. 223-232.
- SPOSITO**, Eliseu Savério. La discontinuité critique. Essai sur les principes a priori de la géographie humaine (resenha). p. 233-240.
- SPOSITO**, Maria Encarnação Beltrão. Métapolis (ou l'avenir des villes) (resenha). p. 240-244.
- PEREIRA**, Silvia Regina. A produção social do espaço urbano. p. 245-248.
- SILVA**, Patrícia Monteiro da. Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo (resenha). p. 248-249.
- SILVA**, Patrícia Monteiro da. O impacto da globalização na economia brasileira (resenha). p. 249-250.
- BOMTEMPO**, Denise Cristina. Por que migramos do e para o Japão (resenha). p. 251-254.
- GONÇALVES**, Marcelino Andrade. O Estado capitalista e a questão urbana (resenha). p. 254-256.
- GUIMARÃES**, Raul Borges; **MAGALDI**, Sérgio Braz; **MARTIN**, Encarnita Salas; **MELAZZO**, Everaldo Santos; **SPÓSITO**, Eliseu Savério. Sistema de informação geográfico direcionado ao enfrentamento da desigualdade social (notas). p. 257-259.

#### V. 1, N. 23 (2001)

---

- ALENTAJANO**, Paulo Roberto Raposo. Espaço, território e região: uma tentativa de conceituação. p. 7- 37.
- FERRAZ**, Cláudio Benito Oliveira. O ensino de geografia para além da geometrização do espaço: apontamentos entre o redondo e as retas. p. 38-50.
- RODRIGUES**, Jean Carlos. O pensamento geográfico e os paradigmas em geografia: algumas considerações. p. 51-70.
- SANT'ANNA NETO, João Lima**. Alegres trópicos: primeiras impressões dos cronistas e viajantes sobre o tempo e o clima no Brasil colônia. p. 71-92.
- LEAL**, Antonio Cezar; **GUIMARÃES**, Eliana Maria Alves. Gestão de recursos hídricos e educação ambiental. p. 93-114.
- AMORIM**, Margarete C. de C. Trindade. Análise temporal dos elementos climáticos em Presidente Prudente. p. 115-131.

- JÚLIO**, Marcelo de Oliveira. Reestruturação produtiva e qualificação. p. 132-153.
- GONÇALVES**, Marcelino Andrade. O processo de territorialização dos camelôs em Presidente Prudente: determinações e conflitos. p. 154-179.
- GOETTERT**, Jones Dari. Mobilidade do trabalho: sulistas em Rondonópolis (MT). p. 180-205.
- SILVA**, Márcia da. O comerciante, o poder local e a produção do espaço urbano de Presidente Prudente (1920- 1950). p. 206-228.
- HESPANHOL**, Rosângela Aparecida de Medeiros. A inserção econômica e social da produção familiar na região de Presidente Prudente-SP. p. 229-245.
- TEIXEIRA**, Jodenir Calixto; **HESPANHOL**, Antonio Nivaldo. As alterações na agropecuária de Três Lagoas no contexto de Mato Grosso do Sul. p. 246-264.
- CHELOTTI**, Marcelo Cervó; **BEZZI**, Meri Lourdes. A cadeira produtiva da lavoura orizícola gaúcha frente ao Mercosul. p. 265-286.
- SILVA JÚNIOR**, Roberto França da; **MAGALDI**, Sérgio Braz. Contraponto: sobre o desenvolvimento rural e reforma agrária. p. 287-291.
- BORDO**, Adilson Aparecido. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI (resenha). p. 292-296.
- MEDEIROS**, Daniel de Souza. A ilusão do desenvolvimento (resenha). p. 297-300.

#### V. 1, N. 24 (2002)

---

- FERRÃO**, João. Território, última fronteira de cidadania? p. 7-15.
- BAUAB**, Fabrício Pedroso. A similitude entre a transformação do conceber e a recriação da grafia do planeta: paralelos em Humboldt e Ritter. p. 16-32.
- MAGALDI**, Sérgio Braz. Território como construção sócio-histórica: uma análise bibliográfica na perspectiva da escola da proximidade. p. 33-42.
- GÓMEZ**, Luis Afonso Escudero; **GONZÁLES**, Rubén Camilo Lois. Diversidade na Espanha: imagem e tratamento mediático das comunidades autônomas. p. 43-59.
- NUNES**, João Osvaldo Rodrigues; **SANT'ANNA NETO**, João Lima. A produção do espaço urbano e o destino dos resíduos sólidos. p. 60-73.
- GODOY**, Manoel Carlos Toledo Franco de; **SILVA**, Lucia Helena Rodrigues da; **SOUZA FILHO**, Alcides de. O risco tecnogênico no planejamento físico territorial: exemplo de área de ampliação do distrito industrial de Presidente Prudente. p. 74-92.
- EZPELETA**, Alberto Marti; **MARTINEZ**, Eduardo Garcia. El impacto socioeconômico de los temporales da lluvia y viento em Galicia (Espanña). p. 93-114.
- GONZÁLES**, Alejandro López. La gran distribución en España. p. 115- 129.
- CAMARGO**, Carlos Eduardo Secchi; **MENOTTI**, Simone Scatolon; **AMORIM**, Margarete Cristiane. de Costa Trindade. A cidade e o campo: um estudo comparativo da variação da temperatura e umidade relativa na cidade de Presidente Prudente. p. 130-150.
- SILVA**, Silvio Simione da. Apontamentos teóricos para a concepção dos estudos migratórios como um campo de investigação na Geografia. p. 151-166.
- NUNES**, Marcelo. Políticas neoliberais e desintegração econômica no Cone Sul: o caso Brasil-Argentina. p. 167-173.
- WENCESLAU**, Lucimaro Andriano. A invenção do ser negro (um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade do ser negro) (resenha). p. 174-177.

**V. 1, N. 25 (2003)**

---

**ROJAS**, Luisa Iñiguez. Geografía y salud: entre historias, realidades y utopías. p. 9-28.

**BARCELLOS**, Christovam. A saúde nos sistemas de informação geográfica: apenas uma camada a mais? p. 29-44.

**PEITER**, Paulo. Geografia da saúde na fronteira continental do Brasil. p. 45-62.

**GUIMARÃES**, Raul Borges. Planejamento urbano saudável. p. 63- 76.

**TRUJILLO**, Alberto Tomás Florido. Clima y salud: una mirada desde la

**SILVA**, Aldo Aloísio Dantas da. Complexo geográfico, espaço vivido e saúde. p. 97-110.

**CURTO**, Susana Isabel. Mapas em geografia médica. p. 111-130.

**PICKENHAYN**, Jorge A.

Transición epidemiológica en San Juan. p. 131-144.

**MACHADO**, José Roberto; **MENDES**, César Miranda. Espacialidade e centralidade: uma análise da área médica-hospitalar de Maringá-PR. p. 145-158.

**OLIVEIRA**, Paulo Henrique Lima de. A metropolização de Belo Horizonte: a apropriação, pelo uso, dos centros de saúde de Ribeirão das Neves/MG. p. 159-170.

**FEITOSA**, Tereza Maria Piccinini; **ALMEIDA**, Rosimary Teresinha de. Perfil de produção do Programa de Controle do Câncer do Colo do Útero do estado de Minas Gerais, no ano de 2002. p. 171-186.

**GONÇALVES**, Cláudio Ubiratan. Geografia agrária do Norte Fluminense. p. 187-208.

**MELAZZO**, Everaldo Santos; **FERREIRA**, Júlio César; **MIYAZAKI**, Vitor Koiti.

Renda e desigualdade no espaço intra-urbano de Presidente Prudente-SP: uma análise empírica dos resultados dos Censos 1991 e 2000. p. 209-224.

**AMORIM**, Margarete C. de C. Trindade. Ilha de calor noturna em episódios de verão. p. 225-240.

**V. 1, N. 26 (2004)**

---

**VALENZUELA**, Maria Cristina; **SOSA**, Elina del Carmen. Tiempo y espacio en la materialización de los desastres. p. 9-24.

**PERUSI**, Maria Cristina; **ZERO**, Vânia M.; **TOMMASELLI**, José Tadeu Garcia; **BRIGATTI**, Newton. Erosividade das chuvas no extremo oeste do Estado de São Paulo nos anos de 1998 e 1999. p. 25-36.

**BEREZUK**, André G.; **GASPARETTO**, Nelson V. L.; **SANTOS**, Manoel L. dos. Características físico-químicas da água subterrânea em Maringá-PR. p. 37-46.

**ZANOTELLI**, Cláudio Luiz. Elementos de epistemologia da Geografia. p. 47-64.

**HESPANHOL**, Rosângela Ap. de Medeiros; **NORONHA**, Elias Oliveira. Poder local e agricultura: descentralização político- administrativa, desenvolvimento local e experiências de articulação. p. 65- 90.

**GOES**, Eda Maria; **AQUINO**, Ana Laura Cruz. Índícios para o estudo das relações de poder em uma instituição disciplinar: o caso da penitenciária de Presidente Prudente- SP. p. 91-108.

**VIEIRA**, Alexandre Bergamin. Segregação socioespacial e exclusão social: múltiplas dimensões. p. 109- 128.

**JESUS**, Patrícia Maria de; **ROMA**, Cláudia Marques; **ZANDONADI**, Júlio César. A segregação socioespacial e suas expressões em cidades médias e pequenas: algumas considerações. p. 129-142.

**FERRAZ**, Cláudio Benito Oliveira. O olhar e a paisagem – caminhos de um poema. p.

143-162.

**MELO**, Jayro Gonçalves. Passagem do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil. p. 163-168.

**SPOSITO**, Maria Encarnação Beltrão. A divisão territorial do trabalho e as cidades médias no Estado de São Paulo. p. 169-180.

**NUNES**, Flaviana Gasparotti. Naturaleza, localización y sociedad: tres enfoques para la geografía económica. (Resenha). p. 181-186.

### **V. 1, N. 27 (2005) Edição Especial “30 anos da AGB Presidente Prudente”**

---

**OLIVEIRA**, Ariovaldo Umbelino de. Os posseiros e a luta contra o capital: “a terra é de ninguém”. p. 9- 22.

**ROCHFORT**, Michel. Problemas de organização do espaço urbano. p. 23-38.

**VALVERDE**, Orlando. Quarenta anos de serviços prestados (palestra). p. 39-58.

**FREITAS**, Olga Lúcia Castreguini de. Capital e força de trabalho no setor secundário em Presidente Prudente. p. 59-76.

**LADOUCEUR**, Micheline. Identidade nacional, imagem do Brasil e os discursos da Geografia. p. 77-82.

**SANTOS**, Milton. A revolução tecnológica e o território: realidades e perspectivas. p. 83-94.

**GRIGORIEV**, A. A. Os fundamentos teóricos da moderna Geografia física. Tradução de João Lima Sant’Anna Neto. p. 95-106.

**ANDRADE**, Manuel Correia de. Homem e natureza por uma política de meio ambiente para o Brasil. p. 107-120.

**SILVA**, Armando Corrêa da. Software e valor. p. 121-138.

**PEREIRA**, Diamantino. Geografia escolar: conteúdos e/ou objetivos? p. 139-152.

**SANTOS**, Milton; **SILVEIRA**, Maria Laura. Globalização e Geografia: a compartimentação do espaço. p. 153-164.

### **V. 1, N. 28 (2006)**

---

**HARTSHORNE**, Richard. O conceito de geografia como uma ciência do espaço, de kant e humboldt para hettner. p. 9-33.

**FURINI**, Luciano Antonio; **GÓES**, Eda Maria. Ideologia e espaço geográfico. p. 35 a 46.

**BASSO**, Luis Alberto; **VERDUM**, Roberto. Qualidade das águas em bacias hidrográficas com foco de arenização, sudoeste do Rio Grande do Sul. p. 47 a 57.

**CASTILHO**, Eduardo; **AMORIM**, Margarete Cristiane de Costa Trindade. O clima urbano em Birigui-SP: uma análise comparativa da temperatura, umidade relativa do ar e direção do vento. p. 59 a 77.

**VALENTE**, Luis Paulo. Lazer e vida urbana em Presidente Prudente-SP: entre o rural e o urbano. p. 79 a 101.

**RIBEIRO**, Eduardo Werneck. As disputas políticas na gestão da saúde em Presidente Prudente. p. 103 a 119.

**LOCATEL**, Celso Donizete; **HESPANHOL**, Antonio Nivaldo. A nova concepção de desenvolvimento rural na União Européia e no Brasil. p.121 a 136.

**CARVALHAL**, Terezinha Brumatti; **THOMAZ JUNIOR**, Antonio. Gênero, classe e trabalho. p.137 a 162.

**FERREIRA JUNIOR**, Antonio Carlos; **SANT’ANNA NETO**, João Lima; **CATELAN**,

Márcio José. O processo de segregação socioespacial na cidade do Rio de Janeiro: algumas considerações. (notas) p. 163 a 181.

**SANTOS**, Leandro Bruno dos; **SPOSITO**, Eliseu Savério. O mistério do capital (resenha). p.183 a 186.

**MOREIRA**, Érika Vanessa; **HESPANHOL**, Rosangela Ap. de Medeiros. Da totalidade ao lugar (resenha). p. 187 a 191.

### V. 1, N. 29 (2007)

---

**ALMEIDA**, Roberto Schmidt. de. Determinismo natural: origens e conseqüências na geografia. p.9-54.

**OURIQUES**, Helton Ricardo. Breve panorama sobre o desenvolvimento do turismo nas periferias do capitalismo. p.55-66.

**CASTRO**, Clóves Alexandre. Cursinhos alternativos e populares: origens, demandas e potencialidades. p.69-86.

**MELO**, Nildo Aparecido. Neoliberalismo e mercado de trabalho no Brasil – desemprego e precarização do trabalho nos anos de 1990 e instabilidade/alta rotatividade do emprego formal sob o governo Lula. p.87-111.

**SILVA JUNIOR**, Roberto França da. Logística: em busca de uma conceituação para a geografia. p.113- 133.

**RIBEIRO**, Eduardo Werneck. As disputas políticas na gestão da saúde em Presidente Prudente. p. 103-134.

**VIEIRA**, Alexandre Bergamin; **ROMA**, Cláudia Marques; **MIYAZAKI**, Vitor Koiti. Cidades médias e pequenas: uma leitura geográfica. p.135-155.

**SPOSITO**, Eliseu Savério; **TRINDADE**, Thiago Aparecido. Produção do espaço urbano: poder e conflito no projeto de expansão do Aeroporto de Viracopos em Campinas. p.157-180.

**SANTOS**, Leandro Bruno dos. Chutando a escada. A estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica (resenha). p.181-184.

### V. 1, N. 30 (2008)

---

**MARTIN**, Encarnita Salas. Economia e meio ambiente. p.9-36.

**VITTE**, Antonio Carlos A Geografia Física: da conformidade-a- fins à paisagem. p.37-54.

**CATALÃO**, Igor; **GASPAR**, Leni; **ARRUDA**, Raquel de Carvalho. Reflexões sobre o patrimônio de Brasília. p. 55-68.

**SANTOS**, Leandro Bruno dos. As diferentes trajetórias dos países de industrialização tardia asiáticos e latino-americanos. p.67-92.

**BARBOSA**, Túlio. Ensaio da dúvida: o que vem depois da fase B do quarto ciclo econômico de Kondratieff. p.93-116.

**SOUSA**, Adriano Amaro de. Território e identidade: elementos para a identidade territorial. p. 119-132.

**MACHADO**, Gilnei; **SONEGATTI**, Odair. Análise dos impactos sócio-ambientais relacionados à suinocultura no Município de Dois Vizinhos (PR- Brasil). (nota). p.133-159.

**RODRIGUES**, Diego Vilanova. Quando a forma altera o conteúdo: abolição e reforma agrária, conflitos e conviências na territorialização do Estado brasileiro (nota). p.161-170.

**V. 1, N. 31 (2009)**

**SAQUET**, Marcos Aurelio; **BRISKIEVICZ**, Michelle. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. p. 3-16.

**TERRA**, Ademir. Evolução histórica da categoria geográfica território e a sua atual multiplicidade interpretativa. p. 17-31.

**LOBODA**, Carlos Roberto. Espaço público e práticas socioespaciais: uma articulação necessária para análise dos diferentes usos da cidade. p. 32-54.

**SOUZA**, Júlio César Oliveira de; **MARISCO**, Luciane Maranha de Oliveira. Reestruturação urbana e a dinâmica socioeconômica em cidades médias: o caso de Arapiraca, Alagoas. p. 55-75.

**CARLI**, Eden Correia; **GÓES**, Eda Maria. Está rindo de que? O sentido da punição em charges jornalísticas. p. 76-93.

**NEVES**, Carlos de Castro; **HESPANHOL**, Antonio Nivaldo. A atuação do estado brasileiro no processo de modernização agrícola e a incorporação do conceito de microbacias hidrográficas nas políticas públicas. p. 94-109.

**RIBEIRO**, Júlio César. Os outros nós da rede. A ideologia da preguiça e a superexploração do trabalho indígena. p. 110-126.

**OLIVEIRA**, Adriana Olivia Sposito Alves; **NUNES**, João Osvaldo Rodrigues. Contextos e significados do relevo para o ensino de geomorfologia. P. 127-147.

**CANTÓIA**, Sílvia Fernanda; **LEAL**, Antonio Cezar. Educação ambiental e coleta seletiva. p. 148-162.

**TEODORO**, Pacelli Henrique Martins; **AMORIM**, Margarete Cristiane de Costa Trindade. A tipologia pluviométrica e dos impactos urbanos: um instrumento de informação e previsibilidade aplicado na cidade de Maringá/PR. P. 163-182.

**FRANCISCO**, Alyson Bueno; **NUNES**, João Osvaldo Rodrigues. Aplicação de metodologia de estaqueamento para estudo do processo de voçorocamento no município de rancharia-SP. (Nota) p. 183-189.

**PEDRO**, Leda Correia. FLORENZANO, Tereza Gallotti (org.). Geomorfologia: conceitos e tecnologias atuais. São Paulo: Oficina de Textos, 2008. (Resenha) p. 190-196.

**V. 2, N. 31 (2009)**

**UGEDA JUNIOR**, José Carlos; **AMORIM**, Margarete Cristiane de Costa Trindade. Indicadores ambientais e planejamento urbano. p. 5-36.

**CABRERA**, Jean Ítalo de Araújo; **KÜNZLI**, Ruth. O sítio arqueológico Lagoa São Paulo: uma análise geoarqueológica de uma ocupação pré-histórica do oeste paulista. p. 37-68.

**MOREIRA**, Erika Vanessa; **SANTOS**, Leandro Bruno. A China e o agronegócio brasileiro. p. 69-94.

**EDUARDO**, Márcio Freitas. O agroartesanato em foco: contribuição para o estudo do tempo lento. p. 95-123.

**RAMOS**, Dulcinéia Aparecida Rissatti; **SOUZA**, José Gilberto de; **BORGES**, Ana Cláudia Giannini. Determinantes de competitividade do subsetor metalomecânico no município de Sertãozinho-SP. p. 124-146.

**ALVES**, Natália Cristina. Geografia e gênero: relatos de mulheres residentes em áreas de exclusão social. p. 147-162.

**PEREIRA JÚNIOR**, Edilson. Novas articulações cidade – urbano – região – mercado. (Nota) p. 163-168.

**BARBOSA**, Túlio. **BERLIN**, Isaiah. Idéias políticas na era romântica. Ascensão e influência no pensamento moderno. (Resenha) p. 169-176.

### V. 1, N. 33 (2011)

---

**FREDERICO**, Samuel. As cidades do agronegócio na fronteira agrícola moderna brasileira. p. 5-23.

**FONSECA**, Rogério Gerolineto; **SANTOS**, Joelma Cristina dos. Os recentes processos migratórios em Ituiutaba (MG) e a inserção das agroindústrias canavieiras. p. 24-49.

**ROCHA**, Paulo César. Sistemas rio-planície de inundação: geomorfologia e conectividade hidrodinâmica. p. 50-67

**COSTA**, Rildo Aparecido. Análise biogeográfica do Parque Municipal do Goiabal em Ituiutaba-MG. p. 68-83.

**VICENTE**, Rafel da Ponta. Mobilidade e exclusão social. p. 84-105.

**LOBODA**, Carlos Roberto; **MOURA**; Gerusa Gonçalves; **MIYAZAKI**, Vitor Koiti. Do teórico para o prático: oficinas informativas e o plantio de árvores em Ituiutaba – MG. p. 160-117.

**ROSSI**, Rafael. (Resenha) **DELANEY**, David. Territory: a short introduction. Malden: Blackwell Publishing, E.U.A. 2005. p. 118-121.

### V. 2, N. 33 (2011)

---

**MENDES**, Paulo Cezar; **LIMA**, Samuel do Carmo. Influência do clima na ocorrência de triatomíneos sinantrópicos no município de Uberlândia-MG. p. 5-20.

**MACHADO**, Antonio Jaschke. Fluxos radiativos da Avenida Paulista – São Paulo, SP – discutidos a partir da análise das formas. p. 21-41.

**SILVA**, Simone Rezende. Proteger a natureza ou os recursos naturais? Implicações para as populações tradicionais. p. 42-65.

**LIMA**, Altieris Porfírio; **AMORIM**, Margarete Cristiane de Costa Trindade. O clima urbano em Rosana/SP: comparações entre a cidade e o campo. p. 66-84.

**FERREIRA**, Daniele Araújo; **ROSOLEN**, Vania Silvia. Análise dos impactos gerados pelo aterro sanitário no rio Uberabinha (Uberlândia/MG) com foco na concentração de metais pesados. p. 85-100.

**ANTUNES**, Maryna Vieira Martins; **HESPANHOL**, Rosângela Aparecida de Medeiros. O Programa de Aquisição de Alimentos no Município de Dracena-SP. p. 101-122.

**ARAÚJO**, Flávia Aparecida Vieira de; **SOARES**, Beatriz Ribeiro. O papel dos fixos na dinâmica intraurbana: a análise de Araguari-MG. p. 123-145.

**PAULINO**, Eliane Tomiasi. Estudo de impacto de vizinhança: alguns apontamentos a partir do caso de Londrina-PR. p. 146-169.

**OLIVEIRA**, Hélio Carlos Miranda de. (Resenha). **FERRÃO**, João. O ordenamento do território como política pública. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011. 146p. p. 170-175

### V. 1, N. 34 (2012)

---

**ANDRADE**, Aparecido Ribeiro; **ANTONELI**, Valdemir; **BEDNARZ**, João Anesio. Comparação da dinâmica geomorfoclimática entre áreas florestadas e de pastagens influenciadas por migração de animais no faxinal Marmeleiro de Cima - Rebouças-PR. p. 4-

23.

**ROSENDO**, Jussara; **ROSA**, Roberto. Dinâmica espaço-temporal do estoque de carbono na bacia do rio Araguari-MG (1973 e 2009). p. 24-49.

**BOVO**, Marcos Clair; **CONRADO**, Denner. O parque urbano no contexto da organização do espaço da cidade de campo mourão (PR), Brasil. p. 50-71.

**BOMTEMPO**, Denise Cristina. Dinâmicas territoriais e interações espaciais: a configuração do circuito espacial da produção da Nestlé S/A. p. 72-96.

**SILVA**, Oséias Teixeira. Renda fundiária ou valor da terra? Aportes sobre o debate em torno da produção do espaço urbano. p. 97-116.

**RODRIGUES**, Maria José; **RAMIRES**, Júlio Cesar. Saúde da família nos municípios mineiros com população superior a 100 mil habitantes: uma análise da cobertura populacional. p. 117-137.

**DOMINGUES**, Alex Torres, **THOMAZ JÚNIOR**; Antônio. A territorialização da cana-de-açúcar no Mato Grosso do Sul. p. 138-160.

**VELOSO**, Fernando; **HESPANHOL**, Rosângela Aparecida de Medeiros. O PAA na região de Dracena: da diversificação à especialização produtiva. p. 161-178.

**SOBREIRO FILHO**, José Sobreiro (Resenha) "Dinâmicas de classe da mudança agrária". p. 179-182

#### V. 2, N. 34 (2012)

---

**SILVA**, Márcia da. p. 4-26. O Centro-Sul do Paraná: poder, governos locais e as relações com o Mercosul

**LOPES**, Ricardo Fonseca; **TORRES**, Eloiza Cristiane. Evidenciando o sistema de inclusão escolar por aqueles que vivem esse sistema. p. 27-43.

**REOLON**, Cleverson Alexander; **SOUZA**, Edson Belo Clemente de. A aglomeração urbana da soja: dilemas da urbanização brasileira. p. 44-59.

**UGEDA JÚNIOR**, José Carlos; **AMORIM**, Margarete Cristiane de Costa Trindade. Diagnóstico ambiental na cidade de Jales-SP. p. 60-80.

**PEDRO**, Leda Correia; **NUNES**, João Osvaldo Rodrigues. A relação entre processos morfodinâmicos e os desastres naturais: uma leitura das áreas vulneráveis a inundações e alagamentos em Presidente Prudente-SP. p. 81-96.

**SILVA**, Valéria Ferreira da. p. 97-119. Sob a perspectiva do novo: um olhar sobre a dinâmica intraurbana de Dourados-MS e seu processo de urbanização.

**PEDROSO**, Leonardo Batista; **MENDES**, Paulo Cezar; **MOURA**, Gerusa Gonçalves. Ocorrência e distribuição espacial da dengue no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. p. 120-134

**OLIVEIRA**, Hélio Carlos Miranda de. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a geografia da religião do movimento pentecostal. p. 135-158.

#### V. 1, N. 35 (2013)

---

**BOVO**, Marcos Clair; **TÔWS**, Ricardo Luiz; **CARVALHO**, Cíntia Sílvia. Formação sócio-espacial e colonização do município de Tuneiras do Oeste (PR) Brasil. P. 4-23.

**FITZ**, Paulo Roberto; **CAMARGO**, Liandro Roberto. Climatologia: uma abordagem em sala de aula. P. 24-40.

**HENTZ**, Carla; **OLIVEIRA**, Adriano Rodrigues de; **BATELLA**, Wagner. Modernização agrícola, integração agroindustrial e políticas públicas de desenvolvimento rural no oeste de

Santa Catarina. P. 41-59.

**PEDRO**, Vania Cristina Santos; **HESPANHOL**, Rosângela Aparecida de Medeiros. Estratégias de reprodução social dos produtores rurais da Microbacia do Córrego 1º de Maio/Timburi no município de Presidente Prudente – SP. P. 60-77.

**PORTOSALES**, Andrea Leandra; **VINHAL**, Tatiane Portela. A mediação didática da geografia e o livro. P. 78-89.

**DINIZ**, Marco Túlio Mendonça; **ALMEIDA**, Iaponan Cardins de Souza; **SILVA**, Sandro Damião Ribeiro da; **PEREIRA**, Elisiene de Macêdo. Pedologia e análise da paisagem: interações ambientais em Junco do Seridó/PB. P. 90-111.

**CASTRO**, Cloves Alexandre de. Notas sobre a produção do espaço industrial paulista: antecedentes, processos e revisão bibliográfica (Nota). P. 112-126.

### **V. 2, N. 35 (2013)**

---

**PINTO**, Moisés Augusto Tavares; **SCHOR**, Tatiana. Precarização sobre duas rodas: uma análise do serviço de mototáxi nas cidades de Itacoatiara e Parintins, Amazonas – Brasil. p. 5-27.

**VICENTE**, Rafael da Ponta. Leitura da mobilidade, apreensão da cidade. p. 28-45.

**ROSSI**, Rafael; **MELAZZO**, Everaldo Santos. A discussão de políticas públicas e o índice de desenvolvimento das famílias em Presidente Prudente – SP: contribuições a partir do território. p. 46-64.

**LIMA**, Valéria. Saneamento ambiental como indicador de análise da qualidade ambiental urbana. p. 65-84.

**ROSENDO**, Jussara; **SOUZA**, Ester Ferreira de. Avaliação das Áreas de Preservação Permanentes da bacia do córrego Pirapitinga por meio da fusão de imagens CBERS/CCD e HRC. p. 85-109.

**DORIGON**, Larissa Piffer; **AMORIM**, Margarete Cristiane de Costa Trindade. Estrutura térmica da superfície de Paranavaí/PR através do Landsat 7. p. 110-129.

**BARBOSA**, Jessica Oliveira. (Resenha). **VASCONCELOS**, Pedro de Almeida; **CORREIA**, Roberto Lobato; **PINTAUDI**, Silvana Maria. A cidade contemporânea : segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013. p. 130-135.

### **V. 3, N. 35 (2013) Edição Especial “Microterritorialidades nas cidades”**

---

**SILVA**, Valéria Cristina Pereira da. Goiânia — um mosaico imaginário: modernidades e micro-tempo-territorialidades. P. 6-25.

**FIORIN**, Evandro. Território de Rastros: um caminho pelas transformações urbanas de Araçatuba-SP. P. 26-38.

**IACOVINI**, Victor; **COSTA**, Maria Clélia Lustosa. A(s) territorialidade(s) de Fortaleza/CE (2002-2012): a cidade, governo, grupos sociais, o plano diretor e a copa do mundo. P. 39-57.

**DUARTE**, Diego Elias. Territorialidades alteradas: movimento periférico como forma de transformações territoriais. P. 58-73.

**CAVALCANTI**, Lana de Souza. Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. P. 74-86.

**PAULA**, Flavia Maria de Assis; **PIRES**, Lucineide Mendes. Os jovens e a cidade: das práticas espaciais às redes de sociabilidade e a constituição de territorialidades. P. 87-106.

**SOUZA**, Fernanda Aparecida de. Presidente Prudente: um estudo sobre os tempos e espaços da sociabilidade juvenil das gerações de 1950 e 1970. P. 107-117.

**CABRAL**, Vinicius; **ORNAT**, Marcio Jose; **SILVA**, Joseli Maria. As relações entre espaço, violência e a vivência travesti na cidade de Ponta Grossa – Paraná – Brasil. P. 118-135.

**DUTRA**, Raphaela Granato; **MIRANDA**, Laís Ximenes. Territorialidades na parada LGBT de Juiz de Fora – MG. P. 136-153.

**GOMES**, Fernando Bertani; **SILVA**, Joseli Maria, **GARABELI**, Aline Ansbach. A relação entre as espacialidades de jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa – Paraná. P. 154-174.

### V. 1, N. 36 (2014) Edição Especial “Planejamento e Desenvolvimento Sustentável em Bacias Hidrográficas”

**SILVA**, Edson Vicente; **RODRIGUEZ**, José Manuel Mateo. Planejamento e zoneamento de bacias hidrográficas: a geoecologia das paisagens como subsídio para uma gestão integrada. p. 4-17.

**CARPI JUNIOR**, Salvador; **PEREZ FILHO**, Archimedes. Pesquisas aplicadas em bacias hidrográficas. p. 18-25.

**CARVALHO**, Rodrigo Guimarães. As bacias hidrográficas enquanto unidades de planejamento e zoneamento ambiental no Brasil. p. 26-43.

**OTENIO**, Marcelo Henrique; **SANTOS**, Gabriele Medeiros dos; **GALVÃO**, Davi Fortes; **ASSAD**, Maria Leonor Ribeiro Cassimiro Lopes; **DUPAS**, Francisco Antonio. A metodologia do discurso do sujeito coletivo na representação social da bacia hidrográfica. p. 44-66.

**ALFARO**, Nelly López. Papel de la participación en la gestión integral de cuencas hidrográficas. p. 67-80.

**DI MAURO**, Cláudio Antonio. Conflitos pelo uso da água. p. 81-105.

**BERMÚDEZ**, Oscar Buitrago. La gestión de cuencas hidrográficas en Colombia y su papel en la solución de conflictos por el uso del agua. p. 106-125.

**ZANELLA**, Maria Elisa. Considerações sobre o clima e os recursos hídricos do Semiárido Nordeste. p. 126-142.

**FONTÃO**, Pedro Augusto Breda; **ZAVATTINI**, João Afonso. Regionalização das chuvas anuais na bacia do Pardo, Brasil. p. 143-158.

**TROMBETA**, Letícia Roberta; **GARCIA**, Renata Marchi; **NUNES**, Rafael Silva; **GOUVEIA**, Isabel Cristina Moroz Caccia; **LEAL**, Antonio Cezar; **GOUVEIA**, José Mariano Caccia. Análise da fragilidade potencial e emergente do relevo da Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos Pontal do Paranapanema, São Paulo, Brasil. p. 159-173.

**BALDASSARINI**, Jéssica de Sousa; **NUNES** João Osvaldo Rodrigues. A intervenção em prol da recuperação de áreas degradadas por erosão hídrica na microbacia hidrográfica da Água Três Unidos no município de Vera Cruz – SP. p. 174-190.

**SALIM**, Aline; **LUCHIARI**, Ailton. Urbanização e os desafios para a proteção da bacia do reservatório do Guarapiranga. p. 191-202.

**ZANATTA**, Felipe Augusto Scudeller; **CUNHA**, Cenira Maria Lupinacci; **BOIN**, Marcos Norberto. Análise da aplicação do atual e antigo Código Florestal na Alta Bacia do Ribeirão Areia Dourada, Marabá Paulista (SP) (BR). p. 203-214.

**MANZIONE**, Rodrigo Lilla. Incorporação de incertezas associadas à predições de modelos hidrológicos aos instrumentos de gestão em recursos hídricos. p. 215-227.

**CUNHA**, Tássio Barreto; **SILVA**, Tarciso Cabral. Indicadores como suporte para gestão

na sub-bacia hidrográfica do rio Verde. p. 228-240.

**RANDO**, Ayri Saraiva; **BROSE**, Markus Erwin; **AZEVEDO**, Marta Nogueira. Programa Produtor de Água em Rio Branco, Acre: relato da experiência de funcionamento da Unidade Gestora. p. 241-255.

**TOYAMA**, Ivan Takeshi. A experiência da gestão sócio-patrimonial da Duke Energy em reservatórios no rio Paranapanema. p. 256-266.

**CANTÓIA**, Silvia Fernanda. Trabalho de Campo e Educação Ambiental: o caso do córrego do Gambá-Cuibá-MT. p. 267-281.

## V. 2, N. 36 (2014)

---

**BAUAB**, Fabrício Pedroso; **LIMA**, Rodrigo Ferreira. Os descobrimentos e o processo de modernização do conhecimento geográfico. p. 5-25.

**TEIXEIRA**, Jodenir Calixto; **HESPANHOL**, Antonio Nivaldo. A trajetória da pecuária bovina brasileira. p. 26-38.

**OLIVEIRA**, Elias Mendes. Dinâmica locacional intraurbana das indústrias em Poços de Caldas (MG). p. 39-59.

**VELÁZQUEZ**, Guillermo Ángel; **LINARES**, Santiago. Calidad de vida y escala urbana en la Argentina. Análisis comparativo 1991-2010. p. 60-82.

**MAGRINI**, Maria Angélica de Oliveira. Interações entre violência e cidades: em busca de uma definição de violência urbana. p. 83-98.

**SOUZA**, Marcus Vinícius Mariano de. Entre a lógica da necessidade e a de mercado: cenários recentes da produção do espaço urbano no Núcleo Cidade Nova, Marabá (PA). p. 99-115.

## V. 3, N. 36 (2014)

---

**BOIN**, Marcos Norberto; **ZANATTA**, Felipe Augusto Scudeller; **CUNHA** Cenira Maria Lupinacci. Avaliação da morfometria do relevo da alta Bacia Hidrográfica do Ribeirão do Areia Dourada, Marabá Paulista (SP). p. 5-26.

**FACCIO**, Neide Barrocá; **GALHARDO**, Danilo Alexandre; **BARROCÁ**, Diego; **LUZ**, Juliana Aparecida Rocha. Ocupações Guarani no Noroeste do Estado de São Paulo. p. 27-48.

**PÔSSA**, Évelyn Márcia; **VENTORINI**, Silvia Elena. Expansão urbana para áreas de risco de inundação e de movimento de massa: o estudo no município de São João Del-Rei – MG. p. 49-67.

**CANDEIRO**, Carlos Roberto; **CASTANHO**, Roberto Barboza; **PORTUGUEZ**, Anderson Pereira. A geodiversidade do pontal do Triângulo Mineiro como possibilidade para o turismo local. p. 68-80.

**PORTO-SALES**, Andréa Leandra; **COUTO**, Edna Maria Jucá; **WHITACKER**, Arthur Magon; **SPOSITO**, Maria Encarnação Beltrão; **REDÓN**, Sérgio Moreno; **MIYAZAKI**, Vitor Koiti. Pesquisa em Geografia Urbana: desafios e possibilidades de análise espacial com o uso do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE). p. 81-103. **BOVO**, Marcos Clair; **OLIVEIRA**, Michelli Alvares de. Centro e centralidade urbana: uma análise da pequena cidade de Peabiru (PR), Brasil. p. 104-123.

**CAMPOS**, Rui Ribeiro de. A política na geografia de Vidal de La Blache. p. 124-144.

**SILVA**, Elias Coimbra; **BARBOSA**, Túlio. Trabalho, ideologia e as outras engrenagens: o papel da escola na reprodução social. p. 145-160.

**MELO**, Luis Alberto Martins Palhares; **STEINKE**, Ercília Torres. Um ensaio argumentativo a favor do uso de quantificação em geografia. p. 161-181.

### V. 1, N. 37 (2015)

---

**ALVES**, Flamarion Dutra. Questões teórico-metodológicas entre geografia econômica e desenvolvimento regional. p. 5-21.

**CLEMENTE**, Evandro César; **OLIVEIRA**, Adriano Rodrigues de. O Programa Estadual de Microbacias no Estado de São Paulo: uma análise da descentralização administrativa e o incentivo ao associativismo por meio da FAMHESP. p. 22-42.

**CALIXTO**, Maria José Martinelli Silva; **NASCIMENTO**, Fernanda Ferreira. A relação/articulação entre uma cidade média e uma cidade de pequeno porte. Uma análise do serviço de saúde (hospitais) na rede urbana de Dourados-MS. p. 43-61.

**FRANÇA**, Iara Soares de; **ALMEIDA**, Maria Ivete Soares de; **SILVA**, Francielle Gonçalves. Cidades médias, fluxos aéreos: o papel regional de Montes Claros/MG. p. 62-71.

**LIMA**, Paula Cabral; **FACCIO**, Neide Barrocá. A Geoarqueologia como ferramenta para compreensão de contextos ambientais de sítios arqueológicos. p. 72-91.

**MEDEIROS**, David Hélio Miranda de; **ROCHA**, Renato de Medeiros; **COSTA**, Diógenes Félix da Silva. Influência de fatores ambientais no processo de extração de sal marinho em salinas solares do Brasil. p. 92-109.

**SORIANO**, Érico; **HOFFMANN**, Wanda Aparecida Machado. A informação e o conhecimento no contexto da comunicação dos riscos de desastres naturais. p. 110-123.

**FUINI**, Lucas Labigalini. O território como História da geografia, ou Geografia da história? p. 124-130. (Resenha).

### V. 2, N. 37 (2015)

---

**DORTZBACH**, Denilson; **BLAINSKI**, Everton; **FARIAS**, Morgana Giovanella de; **PEREIRA**, Ana Paula Esnidei; **PEREIRA**, Marcos Gervasio; **GONZÁLEZ**, Antonio Paz. Análise da dinâmica da paisagem no uso e cobertura das terras nos municípios de Camboriú e Balneário Camboriú, SC. p. 5-26.

**LIMA**, Maria do Socorro Bezerra; **MOREIRA**, Erika Vanessa. A Pesquisa Qualitativa em Geografia. p. 27-55.

**BARBOSA**, Túlio. Cartografia, Geoprocessamento e Ensino de Geografia: Para Executar a Crítica. p. 56-68.

**NEVES NETO**, Carlos de Castro. A Agricultura familiar no contexto dos programas de compras coletivas de alimentos: o PAA, PNAE e o PPAIS. p. 69-84.

**OLIVEIRA**, Hélio Carlos Miranda. Habitação e vulnerabilidade social: análises da cidade de São José do Rio Preto/SP. p. 85-103.

**ZANDONADI**, Júlio César. Um “novo urbano” ou urbanização da sociedade? Reflexões diante do processo de urbanização contemporânea no Brasil e a ascensão das cidades médias. p. 104-122.

**SANTOS**, Leandro Bruno. Capitalismo de laços: os donos do Brasil e suas conexões. p. 123-126. (Resenha).

**V. 1, N. 38 (2016)**

---

**DIAS**, Liz Cristiane; **ROCKENBACH**, Igor Armindo. A Formação Inicial de professores de geografia em diferentes percepções: uma análise de revisão de literatura em periódicos científicos. p. 5-21.

**SILVA**, Ricardo Fagner Souza da; **VIEIRA**, Alexandre bergamin. Exclusão social: diálogos acerca dos catadores de recicláveis da Agecold – Dourados/MS. p. 22-40.

**ALMEIDA**, Raquel de Souza; **LATUF**, Marcelo de Oliveira; **SANTOS**, Pablo Santana. Análise do desmatamento na Bacia do Rio de Ondas no período de 1984 a 2014, Oeste da Bahia. p. 41-63.

**TEIXEIRA**, Luzirene Rodrigues de; **SANTOS**, Matos Caio Augusto Marques dos; **SILVA**, Érika Cristina Nesta. Transformação da paisagem e recuperação de área degradada por processo erosivo linear em pequena propriedade rural no município de Juscimeira – MT. p. 64-78.

**MIYAZAKI**, Leda Correia Pedro; **PENNA**, Maria Cristina Moreira. A utilização do mapeamento geomorfológico como instrumento de identificação e caracterização morfoescultural na bacia hidrográfica do Córrego do Carmo – Ituiutaba/MG. p. 79-98.

**FONSECA**, Rogério Gerolineto. Os deslocamentos por motivos ambientais e sua questão territorial. p. 99-111.

**V. 2, N. 38 (2016)**

---

**FUINI**, Lucas Labigalini. A pluralidade do território na geografia brasileira: um panorama contemporâneo. p. 5-23.

**PIRES**, Elson Luciano S. Território, governança e desenvolvimento: questões fundamentais. p. 24-49.

**PAULA**, Amir El Hakim de. Espaço e território: categoria e conceito de análise para a compreensão da dinâmica do movimento operário. p. 50-67.

**MELLO**, Márcia Cristina de Oliveira. Pesquisas sobre o conceito de território no ensino de geografia: interfaces com o currículo e a prática pedagógica. p. 68-83.

**SPOSITO**, Eliseu Savério; **SAQUET**, Marcos Aurélio. O conceito de território no Brasil: entre o urbano e o rural. p. 84-112.

**SOUSA**, Adriano Amaro de. Mobilidade e território: subsídios teórico-metodológicos para compreender a mobilidade populacional na geografia. p. 113-127.

**FUINI**, Lucas Labigalini. O território está em crise: viva os territórios. p. 128-133. (Resenha).

**V. 1, N. 39 (2017)**

---

**DIAS**, Edson dos Santos. Os (des) encontros internacionais sobre meio ambiente: da Conferência de Estocolmo à Rio+20 - expectativas e contradições. p. 06-33.

**REZENDE**, Marília Gabriela Gondim; **FRAXE**, Therezinha de Jesus Pinto; **WITKOSKI**, Antonio Carlos. Fragilidades e potencialidades da gestão territorial da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Igapó Açu (Amazonas, Brasil). p. 34-57.

**TRENTIN**, Romario; **ROBAINA**, Luís Eduardo de Souza; **VERDUM**, Roberto. Análise do uso da terra e das alterações ocorridas, na Bacia Hidrográfica do Rio Ibicuí, no período de 1998 a 2013. p. 58-80.

**BORTOLI**, Jaqueline de; **REMPEL**, Claudete; **MACIEL**, Mônica Jachetti; **SALVI**,

Luana Carla. Qualidade físico-química da água em propriedades rurais com produção de leite no Vale do Taquari-RS. p. 81-102.

**SOUZA**, Tíssiana de Almeida de; **CUNHA**, Cenira Maria Lupinacci da. Avaliação do estado geoambiental em áreas costeiras: uma contribuição para o entendimento da paisagem de Praia Grande (SP). p. 103-126.

**FORNAZIEIRO**, Marcos Paulo Almeida; **PANCHER**, Andréia Medinilha. Geotecnologias aplicadas à análise da fragilidade ambiental de reservatórios interiores destinados ao turismo. p. 127-145.

**FERREIRA**, Lara Cristine Gomes; **ARAÚJO SOBRINHO**, Fernando Luiz. A dinâmica canavieira na microrregião ceres, goiás: das colônias agrícolas nacionais ao agronegócio sucroenergético. p. 146-175.

**TEIXEIRA**, Vanessa. A espacialidade das políticas públicas no Brasil: aspectos teóricos para agenda da geografia brasileira. p. 176-198.

**ORSI**, Rafael Alves. Mobilidade urbana em Araraquara/SP: desafios para uma cidade de porte médio. p. 199-214.

**ARÔXA**, Barbara Hayashida. A terra como mercadoria: algumas considerações sobre o espaço urbano londrinense. p. 215-241.

#### V. 2, N. 39 (2017)

---

**MELO**, Nildo Aparecido. Economia solidária, desenvolvimento local e sustentável: novos paradigmas do desenvolvimento econômico? p. 03-23.

**CARVALHO**, Cintia Silvia. O contexto das atribuições municipais segundo os princípios da Constituição Federal e a problemática da oferta de serviços públicos. p. 24-42.

**SOUZA**, Darllan Nunes de; **PEREIRA JÚNIOR**, Edilson Alves. Redes técnicas e integração territorial da indústria do petróleo instalada na Bacia Potiguar (RN/CE). p. 43-67.

**CARDOSO JÚNIOR**, Hamilton Matos; **LUNAS**, Divina Aparecida Leonel. Exploração mineral e urbanização no município de Alto Horizonte – Goiás. p. 68-86.

**PEREIRA**, Suellen Silva; **LIMA**, Guilherme Amisterdan Correia; **CURI**, Rosires Catão. Gestão e gerenciamento de resíduos sólidos urbanos: análise do atual cenário na cidade de Serra Redonda/PB. p. 87-117.

**FERREIRA**, Marcos Vinicius Martins. Avaliação da relação entre incêndios e precipitação nas unidades de conservação Parque Estadual do Biribiri e Parque Estadual do Rio Preto. P. 118-140.

**SEVERIANO**, Renata Menezes; **SILVA**, Daniel Turino; **NUNES**, João Osvaldo Rodrigues. Aplicação de metodologia de baixo custo na recuperação de erosão em área rural localizada no município de Presidente Prudente – SP. p. 141-159.

**CARVALHO**, João Allyson Ribeiro de; **OLIVEIRA**, Niédja Maria Galvão Araújo e; **SILVA**, Helena Paula de Barros. Identificação e avaliação de impactos ambientais em domínios urbanos e rurais do entorno da Bacia do Rio Goiana-PE. p. 160-174.

#### V. 1, N. 40 (2018)

---

**INVERNIZZI**, Marina; **LAROQUE**, Luís Fernando da Silva. Construção socioespacial Kaingang das Terras Indígenas Pã Nónh Mãg e Ka Mág, Farroupilha, Rio Grande do Sul/Brasil. p. 3-28.

**MOURA**, Francisco Aracildo de; **COSTA**, Ademir Araújo da. Uma análise de cidade e

urbano (forma e processo), a partir das pequenas cidades do Rio Grande do Norte. p. 29-51.

**MARTINEZ**, César Augusto Ferrari. Espaços distorcidos: feminismos, teorias queer e geografias. p. 52-67.

**SANGUINETTO**, Evandro de Castro; **DANIEL**, Gabriella de Oliveira; **FERREIRA**, Marcilene Dantas. Inclusão de Áreas de Proteção Permanente em feições cársticas do município de Pains, MG. p. 68-92.

**FERNANDES**, Tassiana Justino; **LIMA**, Maria das Graças de. Resíduos sólidos: gerador de trabalho, renda e inserção social. p. 93-110.

**CLAUDINO**, Guilherme dos Santos; **PINHO**, Lidiana Mendes. Cartografia e ensino da paisagem: tentativa de aplicação. p. 111-133.

**CREPALDI**, Marcelo Tenório; **FERREIRA**, Maria Eugênia Moreira Costa. Comparativo da avifauna do Parque do Cinquentenário com a área urbana de Maringá – PR. p. 134-146.

## V. 2, N. 40 (2018)

**KUMAZAWA**, Vinicius Ricaro; **POMPÊO**, Marcelo Luiz Martins; **PEREIRA**, Marisa Dantas Bitencourt. Atribuição da tipologia “geologia” da Diretiva Quadro da Água (DQA) para os reservatórios paulistas do Sistema Cantareira. p. 2-22.

**SILVA**, Maurílio Farias da. Contribuições de alguns clássicos para a construção dos conhecimentos em geografia. p. 23-38.

**VILARINHO**, Luana Chaves. Descentralização do centro de Goiânia (1950-1980). p. 39-58

**COSTA**, Grenda Juara Alves; **VIEIRA**, Carla Iamara de Passos. Geotecnologias para análise da vulnerabilidade ambiental do núcleo de desertificação do Piauí. p. 59-76.

Bruno Ferreira **SOARES**, Alex Figueirêdo da **NÓBREGA**, José André de **ANDRADE**, Verônica Salgueiro do **NASCIMENTO**. Políticas públicas e sustentabilidade: diálogos com adolescentes em conflito com a Lei. p. 77-101.

Pedro Luiz Teixeira **CAMARGO**, Paulo P. **MARTINS JUNIOR**, Marcílio Baltazar **TEIXEIRA**, Fernando Antonio **MADEIRA**. Qual a melhor metodologia para o repovoamento vegetacional original de manchas de Cerrado no entorno da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (Norte de Minas Gerais)? p. 102-119.

**SANTOS**, Flaviane Ramos dos. Questão locacional e teorias de localização: contextualização e análise de sua validade no período contemporâneo. p. 120-142.

## V. 1, N. 41 (2019)

**PEREIRA**, Lorena Iza. A acumulação por despossessão na análise do Land Grabbing. p. 3-20.

**BELLINGIERI**, Julio Cesar. Mensurando o desenvolvimento dos municípios paulistas: uma descrição crítica do IDHM, IFDM e IPRS. p. 21-44.

**NASCIMENTO**, Bruno Pereira. Gentrificação na Zona Portuária do Rio de Janeiro: deslocamentos habitacionais e hiperprecificação da terra urbana. p. 45-64.

**DERROSSO**, Giuliano; **CURY**, Mauro José. Elementos de uma identidade territorial: um estudo de caso da cidade de Foz do Iguaçu-PR. p. 65-85.

**CARVALHO**, Andreza Tacyana Felix. Sistemas fluviais e o uso de indicadores de sustentabilidade: discussão sobre a utilização do instrumento para gestão de cursos d'água no Brasil. p. 86-99.

**MARTINS**, Alécio Perini; **ROSA**, Roberto. Procedimentos metodológicos para estimativa de variáveis relacionadas ao balanço de energia no sistema terra-atmosfera – uma revisão de literatura. p. 100-119.

**LEAL**, Sidney Cássio Todescato. MCMICHAEL Philip. Regimes Alimentares e questões agrárias. São Paulo: Editora UNESP, 2016. 256p. p. 120-122 (Resenha).

## **V. 2, N.41 (2019) Dossiê “60 Anos do Departamento de Geografia da UNESP/FCT”**

**KÜNZLI**, Ruth. A Geografia em Presidente Prudente - 60 Anos. p. 03-09. (Nota).

**SPOSITO**, Eliseu Savério; **WHITACKER**, Arthur Magon. GAsPERR - um grupo de pesquisa em diferentes tempos. p. 10-29.

**THOMAZ JUNIOR**, Antonio. O CEGeT e a Geografia do Trabalho. p. 30-44.

**FERNANDES**, Bernardo Maçano; **FELICIANO**, Carlos Alberto; **GIRARDI**, Eduardo Paulon; **VINHA**, Janaina Francisca de Souza Campos; **PEREIRA**, Lorena Iza; **PAULA**, Ricardo Pires de. Contribuição para a história do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA. P. 45-68.

**HESPAÑHOL**, Rosângela Aparecida de Medeiros; **HESPAÑHOL**, Antonio Nivaldo. Trajetória do Grupo de Pesquisa Dinâmica Regional e Agropecuária (GEDRA): conquistas e desafios. p. 69-80.

**LEAL**, Antonio Cezar; **ARAÚJO**, Renata Ribeiro de. Grupo de Pesquisa em Gestão Ambiental e Dinâmica Socioespacial (GADIS): criação, caminhos, atuação e rumos. p. 81-95.

**FACCIO**, Neide Barrocá; **BARONE**, Luís Antonio. Breve esboço da trajetória do Laboratório de Arqueologia Guarani e estudos da paisagem no contexto do curso de geografia da FCT/UNESP. p. 96-106.

**AMORIM**, Margarete Cristiane de Costa Trindade; **NUNES**, João Osvaldo Rodrigues. Grupo de Pesquisa: Interações na Superfície Terrestre, Água e Atmosfera (GAIA). p. 107-118.

**GUIMARÃES**, Raul Borges. Saúde Coletiva e o fazer geográfico. p. 119-132.

**MELAZZO**, Everaldo Santos. Notas sobre um grupo de pesquisas – o Centro de Estudos e Mapeamento da Exclusão Social para Políticas Públicas – CEMESPP. P. 133-140.

**GOMES**, Maria Terezinha Serafim. A trajetória do NUPERG: a importância de grupos de pesquisa como espaço de reflexão e construção do conhecimento. p. 141-151.

**ROCHA**, Paulo César; **CACCIA-GOUVEIA**, Isabel Cristina Moroz; **GOUVEIA**, José Mariano Caccia; **ARAÚJO**, Renata Ribeiro de; **RISK**, Maria Cristina; **NUNES**, João Osvaldo Rodrigues; **FLORES**, Edilson Ferreira; **ROMERO**, Danielli Cristina Granado. Laboratório de Geologia, Geomorfologia e Recursos Hídricos: espaço de ensino, pesquisa e extensão. p. 152-170.

## **V. 3, N. 41 (2019) Dossiê "Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades"**

**ALVES**, Natália Cristina; **PEDROSO**, Mateus Fachin; **GUIMARÃES**, Raul Borges. Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço. p. 09-24.

**NASCIMENTO**, Taiane Flores do; **COSTA**, Benhur Pinós da. O terreiro de religiões de matriz africana como espaço marginal e possível à vivência de pessoas travestis. p. 25-36.

**CAMPOS**, Mayã Pólo de; **SILVA**, Joseli Maria; **SILVA**, Edson Armando. Emoção corporificada e potência para constituição de espaços de luta para superar a violência sexual

sofrida por mulheres. p. 37-50.

**PRZYBYSZ**, Juliana; **SILVA**, Joseli Maria. Pesquisar para transgredir: fazendo geografias feministas corporificadas. p. 51-62.

**SILVA**, Joseli Maria; **ORNAT**, Marcio Jose; **CHIMIN JUNIOR**, Alides Baptista. O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma geografia corporificada. p. 63-77.

**MACHADO**, Talita Cabral; **RATTS**, Alecsandro José Prudêncio. A cidade das mulheres feministas. p. 78-99.

**PAULA**, Larissa Araújo Coutinho de. As margaridas seguem o caminho, do campo às ruas, das ruas ao campo: a mulher rural e sua trajetória de luta por reconhecimento e direitos. p. 100-121.

**GARCIA**, Maria Franco; **LEBRÃO**; Jemmefer Souza. Gênero e Trabalho na produção do espaço: as mulheres do café na periferia urbana de Vitória da Vonquista (BA). p. 122-151.

#### V. 4, N. 41 (2019)

---

**VIEIRA**, Kássia Costa; **VELASQUES**, Ana Beatriz Araújo; **BESSA**, Kelly. As contradições entre o valor de uso e o valor de troca da terra urbana: o Projeto Orla em Palmas, TO. p. 04-32.

**BARCELLA**, Bruno Leonardo. A interescalaridade da produção habitacional do Programa Minha Casa Minha Vida em cidades médias: do aumento do consumo imobiliário ao aumento das desigualdades socioespaciais. p. 33-59.

**ABREU**, Marlon Altavini de; **STOIAN**, Victor Chirillo de Oliveira. Produção habitacional e o novo mapa das desigualdades socioespaciais em cidades médias a partir do Programa MCMV: Londrina e Ribeirão Preto. p. 60-84.

**REZENDE**, Bibiana Conceição. O setor têxtil no Brasil e a reestruturação produtiva do capital: estudo de caso no bairro paulistano da Mooca. p. 85-102.

**SIQUEIRA**, Ana Cristina Costa; **BERDNACHUK**, Carla Adriana. Lugar turístico e a relação com as redes geográficas e a mobilidade. p. 103-117.

**CORRÊA**, Cintia de Andrade; **COSTA**, Nadja Maria Castilho da. Avaliação ambiental de sistemas hidrogeomorfológicos e da Área de Preservação Permanente de entorno na unidade hidrográfica rio do Fagundes, Paraíba do Sul, Rio de Janeiro, Brasil. p. 118-135.

**CACCIA-GOUVEIA**, Isabel Cristina Moroz. A AGB e os debates atuais da geografia brasileira. p. 136-146. (Nota).

**ZINKE**, Idair Augusto. Espaços da democracia: para a agenda da geografia política contemporânea. p. 147-152. (Resenha).

#### V. 1, N. 42 (2020)

---

**PAULA**, Rafael Freire de; **SILVA**, Márcia. Grupos de poder no Legislativo e no Executivo em Presidente Prudente - SP: análise das eleições municipais de 1988 a 2016. p. 7-31

**LIMA**, Luiz Henrique Mateus. O espaço urbano desigual: o caso da Zona Sul de São José do Rio Preto/SP. p. 32-57

**ROMERO**, Hamílto; **CALIXTO**, Maria José Martinelli Silva. As novas dinâmicas do comércio na cidade de dourados – MS: uma análise do processo de redefinição da centralidade intraurbana em uma cidade média. p. 58-78

**SAMPAIO**, Vilomar Sandes; **MENEZES**, Sônia de Souza Mendonça. A produção artesanal de Biscoitos em Vitória da Conquista – Bahia. p. 79-97

**DIEDRICH**, Melissa Heberle; **MACHADO**, Neli Teresinha Galarce. Toponímia: cultura

e patrimônio do Rio Grande do Sul. p. 98-117

**REZENDE**, Marília Gabriela Gondim; **FRAXE**, Therezinha De Jesus Pinto; **WITKOSKI**, Antonio Carlos. Território e o modus operandi da governança nas terras, florestas e águas de trabalho na comunidade São Francisco, Careiro da Várzea (AM). p. 118-139

**CARVALHO**, Andreza Tacyana Felix. Bacia Hidrográfica como unidade de planejamento: discussão sobre os impactos da produção social na gestão de recursos hídricos no Brasil. p. 140-161

## V. 2, N. 42 (2020) Volume Especial “Múltiplas Territorialidades e Microterritorialidades nas Cidades”

---

**MARANDOLA JR**, Eduardo. Ainda é possível falar em experiência urbana? Habitar como situação corpo-mundo. p. 10-43

**BERNARDES**, Antonio, **AGUIAR**, Felipe. O território como experiência: ensaio de geografia fenomenológica existencial. p. 44-62

**HUTTA**, Jan Simon. Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. p. 63-89

**COSTA**, Benhur Pinós da. As geografias das constituições dos devires-expressivos das pessoas como diferenças: perspectivas da análise nas pesquisas em microterritorialidades. p. 90-114

**IORIO**, Leonardo José, **GÓIS**, Marcos Paulo Ferreira de. O Baixo Leblon como um nenário da noite carioca (1976-1979). p. 115-141

**VALVERDE**, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. A guerra cultural nos museus brasileiros: distribuição, abertura e fechamento de instituições. p. 142-157

**TURRA NETO**, Nécio. Pensando a partir de trajetórias, encontros e conexões: os elos que unem o grupo de pesquisadores sobre micro e múltiplas territorialidades. p. 158-172

**SILVA**, Joseli Maria. ‘Relatos de si’: eu, a geografia e o indizível no campo científico. p. 173-189

**MAIA**, Rosemere Santos. Naquela mesa- (re)construções identitárias, trocas e tretas entre universitários de origem periférica. p. 190-214

**SILVA**, Miguel Angel. Antinomias entre os discursos geográficos hegemônicos eurocêntricos e os discursos geográficos periféricos. O problema da recepção na América Latina. Avanços em uma linha de investigação epistemológica- cultural. p. 215-226

**IBARRA**, Verônica. Mexicali em resistência, do corpo a cidade. p. 227-250

## V. 3, N. 42 (2020)

---

**OLIVEIRA**, Rachel Facundo Vasconcelos de; **TELES**, Glauciana Alves; **VASCONCELOS**, Tereza Sandra Loiola. As escolas de tempo integral em Fortaleza/CE, no contexto das reformas educacionais brasileiras. p. 6-30

**SANTOS**, Flaviane Ramos dos. Pressupostos teóricos da pesquisa qualitativa em geografia: apontamentos para reflexão. p. 31-49

**MENDONÇA**, Marcelo Ribeiro de; **TEIXEIRA**, Jodenir Calixto; **MARIANO**, Amanda Júlia de Freitas; **MEDEIROS**, Gabriela Nogueira de. O município de Três Lagoas/MS como maior produtor/exportador de celulose do mundo: a ideologia do progresso e suas contradições. p. 50-76

**ALBANI**, Vivian; **ASSIS**, Leandro Camatta de. A forma urbana e a produção do espaço:

um estudo sobre a expansão urbana de Colatina, ES. p. 77-100

**ANDRADE**, Bruna da Silva; **SILVA**, Mauro Henrique Soares da; **OLIVEIRA**, Ademir Kleber Morbeck de; **ALHO**, Cleber José Rodrigues. Análise espaço-temporal das mudanças na cobertura vegetal e uso da terra de 1995 a 2015 no Pantanal do Abobral, Mato Grosso do Sul. p. 101-121

**CORDERO**, Gina Lobato; **SANTOS**, Rosselvelt José O ambiente nas adaptações urbanas da paisagem cultural latino-americana: o caso do jardim de edificações patrimoniais em Equador e Brasil. p. 122-144

**CARVALHO**, Andreza Tacyana Felix; **CABRAL**, Jaime Joaquim da Silva Pereira; **GOUVEIA**, Renata Laranjeiras; **SELVA**, Vanice Santiago Fragoso. Políticas públicas e instrumentos de gestão hídrica ambiental para o restabelecimento de rios urbanos no Brasil. p. 145-166

#### V. 4, N. 42 (2020) Dossiê “Conjuntura no Brasil: retrocessos sociais e ações de resistência”

---

**REIS**, Ana Terra. Editorial. p. 5-8

**KATUTA**, Ângela Massumi. Reformas educacionais: retrocessos e resistências na atual conjuntura Brasileira. p. 14-44

**GONZA**, Editha Lisbet Julca; **REZENDE**, Bibiana Conceição. As múltiplas escalas da violência contra as mulheres: a situação das mulheres na América Latina durante a pandemia da COVID-19. p. 45-61

**SILVA**, José Gustavo Santos da; **SUTIL**, Thaise; **MENEGASSO**, Juliana Debiasi; **LADWIG**, Nilzo Ivo; **GONÇALVES**, Teresinha Maria. Conflito socioambiental amazônico: governo federal brasileiro versus Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). p. 62-82

**HASHIMOTO**, Flávio Henrique Navarro; **MOURA**, Jeani Delgado Paschoal. O papel da internet nas jornadas de junho de 2013 no estado do Paraná. p. 83-110

**OLIVEIRA**, Maria Francisca da Rocha; **LIRA**, Jonatha Rodrigo de Oliveira. Políticas mundiais de saúde na pandemia do novo Coronavírus 111-134

**BEZERRA**, Aselmo César Vasconcelos. A geografia da saúde frente à crise da pandemia de COVID-19. p. 135-151

**ALVES**, Ivonete Aparecida. Olhares negros sobre o território no combate às múltiplas opressões. p. 152-178

**TOMMASELLI**, Guilherme Costa Garcia. Necropolítica, racismo e governo Bolsonaro. p. 179-199

**SANTOS**, Renato Emerson Nascimento dos. A questão racial e as políticas de promoção da igualdade em tempos de golpe: inflexão democrática, projetos de nação, políticas de reconhecimento e território. p. 200-224

**CAVALCANTI**, Joana Amarante Silva; **TREVISAN**, Janaína Gaby. Conjuntura do veneno: agroecologia e cartografia social como pilares de resistência. p. 225-250

**ALENTEJANO**, Paulo. A hegemonia do agronegócio e a reconfiguração da luta pela terra e reforma agrária no Brasil. p. 251-285

**DELGADO**, Guilherme Costa. Questão agrária e capital financeiro na agricultura brasileira. p. 286-305

**COSME**, Claudemir Martins. A questão agrária no Brasil: uma face da barbárie capitalista. p. 306-332

**FERNANDES**, Bernardo Mançano; **CLEPS JUNIOR**, João; **SOBREIRO FILHO**,

José; **LEITE**, Acácio Zuniga; **SODRÉ**, Ronaldo Barros; **PEREIRA**, Lorena Iza. A questão agrária no governo Bolsonaro: pós-fascismo e resistência. p. 333-362

**SORRENTINO**, Marcos; **NUNES**, Ernesto Luiz Marques. Local/global: caminhos da (in)sustentabilidade 363-389

**MIZUSAKI**, Márcia Yukari; **SOUZA**, José Gilberto de. O campo brasileiro e a destituição de direitos: impasses dos trabalhadores, trabalhadoras e movimentos de luta pela terra/território frente ao ultraliberalismo. p. 390-416

**Grupo de Trabalho Saúde – Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Presidente Prudente**. Nota – resistir para re-existir 417-426

### V. 1, N. 43 (2021)

---

**RIBEIRO**, José Renato. Considerações sobre o desenvolvimento territorial: conceitos e experiências brasileiras. p. 7-30

**SPODE**, Pedro Leonardo Cezar; **FARIA**, Rivaldo Mauro de. Privação social na área urbana de Santa Maria, Rio Grande do Sul. p. 31-54

**ARÔXA**, Barbara Hayashida; **CORREIO**, Lélia Aparecida Veiga. Um olhar sobre a gestão democrática em Londrina-PR a partir do Conselho Municipal da Cidade. p. 55-79

**LEANDRO**, Maiara Cerqueira; **FERRAZ**, Ana Emília de Quadros. A produção do espaço e o cotidiano na cidade de São Felipe – BA. p. 80-103

**ARAÚJO**, Ricardo Souza; **OLIVEIRA**, Carlos Wagner; **SOARES**, Bruno Ferreira; **OLIVEIRA**, João Cesar Abreu de. Espaço urbano e impacto ambiental: reflexões a partir da análise do processo de expansão das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha – CE. p. 104-126

**SILVA**, Natíeli Tenório da; **MOURA**, Marcelo de Oliveira; **CUNICO**, Camila. Vulnerabilidade Socioambiental do Município de João Pessoa, Paraíba. p. 127-151

**SABINO**, Hullysses. “O cidadão como consumidor” de Wolfgang Streeck (Resenha). p.152-155

### V. 2, N. 43 (2021)

---

**AIRES**, Cintia Helenice Löper; **COLLISCHONN**, Erika. Revisão de literatura sobre estudos de análise espacial da criminalidade. p.9-28.

**VILAS-BOAS**, Lucas Guedes. O emprego de insumos urbano-industriais na agricultura do município de Nepomuceno-MG. p.29-52.

**RABELLO**, Diógenes; **SANTOS**, Maria Aparecida Martins dos; **LUZ**, Marisa de Fátima da; **DAMACENO**, Ian. Experiências de formação continuada e de intervenção didático-pedagógica no Pontal do Paranapanema (SP) para o fortalecimento da Educação do Campo. p.53-74.

**ANDRADE**, Rafael Vilela de; **LUPINACCI**, Cenira Maria. Proposta para a cartografia de faixa de proteção do reverso das cuestas: um estudo de caso em Botucatu (SP). p.75-96.

**BRAZ**, Adalto Moreira; **BONI**, Paola Vicentini; **BRAZ**, Amanda Moreira; **MANTOVANI**, José Roberto Amaro; **OLIVEIRA**, Ivanilton José de. Classificação e identificação de lagoas utilizando Geobía e mineração de dados: um exemplo aplicado ao Pantanal da Nhecolândia (MS). p.97-102.

**CLEMENTE**, Tiago Souza; **NASCIMENTO**, Maxsuel Bezerra do; **SILVA**, Jéssica Mendes da; **ARAÚJO**, Lincoln Eloi de. Pegada hídrica da microrregião do Cariri Ocidental, Paraíba. p.121-137.

**PEIXOTO**, Filipe da Silva; **DIAS**, Gutemberg Henrique; **FILGUEIRA**, Robson Fernandes; **DANTAS**, Jerônimo. Caracterização hidrológica e do uso e cobertura da terra no alto curso da bacia hidrográfica do Rio do Carmo – RN/Brasil. p.138-158.

**PRADO**, Joice Rodrigues Silva; **FIGUEIREDO**, Daniela Maimoni de; **DORES**, Eliana Freira Gaspar de Carvalho; **HONGYU**, Kuang; **DELFINO**, Aquila José Gonçalves; **RODRIGUES**, Daniel Victor Brito. Variação da qualidade da água em relação à sazonalidade e ao uso da terra no sul da região Amazônica. p.159-184.

**CARVALHO**, Andreza Tacyana Felix; **ARAÚJO**, Benevides Bonavides de. Geografia Física: Ciência Humana? (Resenha). p.185-190.

**COUTINHO**, Bernard Teixeira. Cortar a Guiné em quatro ou como a colonização imaginou a África (Tradução). p.191-209.

### V. 3, N. 43 (2021)

**SILVA**, Rafael César Costa; **LEÃO**, Vicente de Paula. O cinema como auxílio didático para o ensino de geografia à distância e presencial e o discurso midiático nos professores. p.9-29.

**MARTINS**, Jacqueline Cunha de Vasconcelos; **SILVA**, Edson Vicente da; **SILVA**, Paulo Cesar Moura da. Diagnóstico e mapeamento social das paisagens: diálogo de saberes com comunidade autodeclarada indígena no Rio Grande do Norte, Brasil. p.30-58.

**TAVARES**, Sivaldo Quirino; **BISPO**, Marcileia Oliveira. A resistência da comunidade Angical em Paranã-TO frente às adversidades sociais e ambientais. p.59-80.

**MARQUES**, Ana Carolina dos Santos. Praça do Vale e Batalha do Vale em Presidente Prudente (SP): reflexões a partir das discussões de forma espacial e espaços públicos. p.81-102.

**FRANÇA** Iara Soares de. Planejamento, gestão urbana e os seus desafios em escalas não metropolitanas. p.103-128.

**SOUZA**, Natalli Adriane Rodrigues; **RODRIGUES**, Maria José. A geografia dos homicídios em Jataí (GO): uma análise espaço urbano entre 2013 e 2017. p.129-145.

**PONTES**, Henrique Simão; **MASSUQUETO**, Laís; **BURIGO**, Nair Fernanda Mochiutti; **GUIMARÃES**, Gilson Burigo; **CARDOZO**, Jasmine Moreira. Mapeamento de fragilidades ambientais da fenda da freira, Parque Nacional dos Campos Gerais (Paraná): ferramenta para gestão do uso público de cavidade natural subterrânea. p.146-177.

**SANTOS**, Nerivaldo Afonso; **JUNIOR**, Israel de Oliveira; **BORGES**, Elane Fiúza. Análise integrada da paisagem: subsídios para o zoneamento ambiental em Canudos – BA. p.178-200.

**CARMO**, Beatriz de Azevedo do; **ROCHA**, Paulo César; **FLORES**, Edilson Ferreira; **SANTOS**, Aline Aparecida dos. Vulnerabilidade à contaminação por agrotóxicos da rede de drenagem na unidade de gerenciamento de recursos hídricos Pontal do Paranapanema – SÃO PAULO. p.201-223.

**MEDEIROS**, Rafael Brugnolli; **ALVES**, Lorrane Barbosa. O uso e cobertura das terras da bacia hidrográfica do córrego Taquaral, Bonito, Mato Grosso do Sul. p.224-247.

**PRINA**, Bruno Zucuni; **TRENTIN**, Romario. Webmappings: a nova forma de se fazer Geografia. p.248-269.

**V. 1, N. 44 (2022)**

- SILVA**, Leonardo Luiz Silveira da. Os três pilares da diversidade espacial. p. 9-30.
- BERNARDES**, Antonio; **MASCOTO**, Júlio. O sagrado e o profano: as territorialidades da Festa do Santíssimo Salvador em Campos dos Goytacazes -RJ. p. 31-52.
- MENEZES**, Victória Sabbado; **KAERCHER**, Nestor André. Entre o real e o imaginário: entrelaçando Geografia e Literatura a partir da obra “Satolep” de Vitor Ramil. p. 53-72.
- CAPOANE**, Viviane. Expansão da fronteira agrícola no estado de Mato Grosso entre os anos de 1988 e 2018. p. 73-98.
- FERREIRA**, Jaqueline dos Santos; **SOUSA**, Raimunda Áurea Dias de. Os ruralistas e o agro(negócio): a (im)popularidade contida nessa relação. p. 99-119.
- COSTA**, Gysele Maria Moraes; **PONTES**, Altem Nascimento; **PANTOJA**, Danielle Nazaré Salgado Mamede; **PANTOJA**, Nailda Gomes; **CABRAL**, Gleice dos Santos; **RIBEIRO**, Hebe Morganne Campos; **CAMPOS**, Marcus Victor Almeida. Caracterização da qualidade da água superficial nos distritos administrativos do município de Belém – PA. p. 120-137.
- CASSIMIRO**, Murilo Otávio; **DICTORO**, Vinicius Perez; **GONÇALVES**, Juliano Costa. As diferentes percepções da água no saber ambiental local: estudo de caso no assentamento Santa Helena – São Carlos/SP. p. 138-161.
- RILEY**, Melika Chicava; **SOUZA**, Amanda da Silva; **JESUS**, Taise Bomfim de; **SANTOS**, Leila Thaise Santana de Oliveira. Análise da qualidade da água superficial das Lagoas Grande e Salgada em Feira de Santana-BA. p. 1662-193.
- BEZERRA**, Jelluciana Marcolino; **LIMA**, Renato Wilian Santos de; **LIMA**, Maria Betânia Vieira de Souza; **SANTOS**, Élide Monique da Costa; **ARAÚJO**, Kallianna Dantas. Fauna invertebrada do solo em fragmento florestal urbano em Maceió, Alagoas. p. 194-214.
- ATHAYDES**, Tiago Vinicius Silva; **CRISPIM**, Jefferson de Queiroz; **ROCHA**, José Antônio da; **EVANGELISTA**, Valéria Teodoro da Silva; **LOPES**, Alesson Soares. Saneamento ambiental rural para pequenas comunidades: o caso da Comunidade Terapêutica Redenção no município de Campo Mourão – PR. p. 215-235.

**V. 2, N. 44 (2022)**

- LOPES**, Jahan Nataneal Domingos. geografia no pensamento árabe medievo. p. 8-32.
- SOARES**, Leonardo Silva; **LOPES**, Wilza Gomes Reis; **SILVA**, Marcelo Henrique Lopes; **AZEVEDO**, James Werllen Jesus; **BORGES**, Adilson Matheus; **BANDEIRA**, Arkley Marques; **SOARES**, Luciana Amorim; **CASTRO**, Antonio Carlos Leal de. Space-temporal analysis of physico-chemical and biological variables of water quality in the Itapecuru river, Northeastern Atlantic Hydrographic Region, Brazil. p. 33-56.
- ROSA**, Rafael; **FERREIRA**, Vanderlei de Oliveira. Aspectos morfográficos, morfométricos e de cobertura e usoda terra da bacia hidrográfica do Rio Araguari, Minas Gerais, Brasil. p. 57-80.
- LAPPE**, Emelí; **LAROQUE**, Luís Fernando da Silva. O rio Taquari compõe histórias: a territorialidade pesqueira e os saberes de pescadores artesanais, Rio Grande do Sul. p. 81-104.
- MANOEL**, Lucas; **ALVES**, Flamarion Dutra. Interações espaciais na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais. p. 105-121.
- OLIVEIRA**, Daniela Araújo de; **HERNANDEZ**, Fernando Braz Tangerino. Análise da evolução da irrigação por pivô central no Noroeste Paulista. p. 122-139.

**ROTUNO**, Rafaela Bohrer; **SILVEIRA**, Bruno Silva; **GONÇALVES**, Teresinha Maria. Espaços urbanos, espaços de passagem e subjetividade: um estudo sobre estações rodoviárias a partir da psicologia ambiental. p. 140-154.

**SANTOS**, Maria Rosenildes Guimarães dos, **SILVA**, Maria Júlia Veiga da; **ALVES**, Helionora da Silva. Expansão urbana e distribuição espacial dos fragmentos florestais na cidade de Santarém, Pará. p. 155-179.

**PAES**, Sara Ester; **DARSI**, Camilo. A invisibilidade das professoras negras nas instituições de educação básica de Santa Cruz do Sul-RS e a questão dos territórios e territorialidades. p. 180-201.

**SANTOS**, Suzane Fátima Ribeiro; **SILVA**, Cássio Alexandre da. Ex-passo de pedestres: territorialidades no uso das calçadas do bairro Santos Reis –Montes Claros – MG. p. 202-220.

### V. 3, N. 44 (2022) Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”

---

**GARCÍA**, María Franco. Editorial. p. 4-5

**MARTINS**, Francielle Garcia. Reflexões de uma pesquisadora latina durante a pandemia de Covid-19. p. 6-9.

**CARVALHO**, Caê Garcia; **SANTANA**, Érico José de Souza. Do meu primeiro brinquedo à docência: incursões geográficas de Deumar Hagat. p. 10-15.

**ANDRADE**, Adriane. Chamas de esperançamento. p. 16-17.

**PINHEIRO**, Maria Gilcélia Sacramento. A vivência imperativa do lugar. p. 18-20.

**FERREIRA**, Diandra Karollyna; **SILVA**, Wellington Rodrigues da; **FONSECA**, Eliana Gonçalves da Silva. Inquietudes. p. 21-22.

**SANTOS**, Anderson Felipe Leite dos. É chegada a hora de votar: qual é a minha opção? p. 23-25.

**CHMURA**, Márcia; **GEMELLI**, Diane Daniela. Tempos difíceis de luta e de guerras. p. 26-29.

**GUIDETTI**, Natália Goldschmidt. Devir Montanha. p. 30

#### ENSAIO FOTOGRÁFICO

**PIMENTA**, João Paulo de Oliveira. O trabalho de campo na formação em geografia: a importância do olhar in loco. p. 31-37.

#### RELATOS DE EXPERIÊNCIA

**SILVA**, Clara Ribeiro. A vida cotidiana da mulher: um retrato sobre a avó pelo olhar da criança. p. 38-45.

**BRANQUINHO**, Evânio dos Santos. Retratos de um mundo em pandemia. p. 46-53.

**QUEIROZ**, Antônia Marcia Duarte. Docência do ensino remoto: experiências do estágio obrigatório na formação de professores de geografia. p. 54-61.

**NUNES**, Hikaro Kayo de Brito. Podcast e a notícia de jornal como ferramentas para sensibilização ambiental: relatos sobre uma turma de Educação Ambiental no interior do Amazonas. p. 62-69.

**VIEIRA**, Luiz Henrique. Trabalho de campo escolar na pandemia: geografando no Parque Nacional do Caparaó. p. 70-76.

**CARNEIRO**, Rosalvo Nobre. Reconstrução de imagens de mundo e aprendizagem discursiva da docência: relatos do estágio geotnográfico remoto. p. 77-84.

**PONTES**, Emilio Tarlis Mendes; **NOBRE**, Andreza de Lima; **SOUZA**, Francisco Eliardo Nobre de; **FERNANDES**, Maria Daniely Barbosa. Ações de tecnologias educativas para

a redução dos impactos da Covid-19 no Sertão Central Cearense. p. 85-93.

**SANCHES**, Brian Angelo Sandoval. Estágio supervisionado em geografia em tempo de pandemia: experiência acadêmico-docente. p. 94-98.

**MACENA JÚNIOR**, Francisco de Assis da; **MELO**, Josandra Araújo Barreto de. A geografia e o ensino remoto: a tecnologia que auxilia no reconhecimento do meu lugar. p. 99-106.

**ROCHA**, Glairton Cardoso; **OLIVEIRA JÚNIOR**, Marcos Antonio Cavalcante de; **DINIZ**, Marco Túlio Mendonça; **PEREIRA**, Vítor Hugo Campelo. A pandemia de Covid-19 e os esforços de pesquisadores brasileiros da área de geografia na construção de dados espaciais. p. 107-113.

**CRUZ**, Dayana Aparecida Marques de Oliveira; **FERREIRA**, Karina de Araújo Gomes; **DIAS**, Karolina Cardozo. Experiências e vivências no processo de ensino-aprendizagem em geografia: as possibilidades das tecnologias de informação e comunicação em tempos de pandemia. p. 114-121.

**CAPELETO**, Felipe Iop; **RIBEIRO**, Eduardo Augusto Werneck; **PLÁCIDO**, Reginaldo Leandro; **AMORIN**, Fernando de Oliveira; **BOHN**, Isabel Cristina. A cultura escolar sob a lente da webcam: interações sociais nas atividades do ensino remoto no contexto pandêmico. p. 122-130.

**SAVIAN**, Carla Pizzuti; **BEN**, Franciele Delevati; **BATISTA**, Natália Lampert. Vivências pedagógicas: relatos da relação Universidade-Escola em tempos de pandemia. p. 131-137.

**MIYAKAVA**, William. Experiências dentro da comunidade escolar rural e suas adversidades diante da Covid-19. p. 138-144.

**RIBEIRO**, Juliane da Silva. Qual África você conhece? Rompendo com estereótipos numa aula do Google Meet. p. 145-149.

**BATISTA**, Natália Lampert; **RIZZATTI**, Maurício; **HABOWSKI**, Jhennifer Tais Vieira. Relatos sobre a disciplina de “Geotecnologias na contemporaneidade”: pensando a docência no ensino superior em tempos de Pandemia. p. 150-157.

**SANTOS**, Felipe César Augusto Silgueiro dos. Experiência docente na pandemia da Covid-19: o estágio supervisionado em Geografia e a transposição didática. p. 158-164.

**KATUTA**, Ângela Massumi; **OLIVEIRA**, Danielle Willemann Sutil de. O estágio supervisionado na licenciatura em Geografia da UFPR Litoral em tempos de pandemia da Covid-19: alguns apontamentos. p. 165-174.

**GODOI**, Guilherme Aparecido de; **OLIVEIRA**, Francismara Neves; **ALEIXO**, Ana Carolina Mexia. Distanciados por um vírus, unidos por um mapa: relato de experiência de uma coleta de dados produzida no período pandêmico da Covid-19. p. 175-181.

**SILVA**, Kamila Madureira da; **VIEIRA**, Alexandre Bergamin. Covid-19 em desenhos: Geografias vividas por alunos de Caarapó-MS. p. 182-190.

**SARDI**, Eduarda; **HANAUER**, Ana Clarice Soares; **BOLFE**, Sandra Ana. Ser professora residente na Pandemia Covid-19 (2020-2021): relato de experiência do Programa de Residência Pedagógica em Geografia na UFSM. p. 191-197.

**SPODE**, Pedro Leonardo Cezar; **RIZZATTI**, Maurício; **PETSCH**, Carina. Monitoramento da Covid-19 em uma cidade média do Rio Grande do Sul: o caso de Santa Maria e o Observatório de Informações em Saúde. p. 198-204.

**LOPES**, Ana Carolina Santana; **ROCHA**, Ramon Gomes; **COSTA**, Stephanie Barbosa da. Vivência da residência pedagógica em meio pandêmico: experiência na Escola Estadual Fernando Costa e na Escola de Assentamento Santa Clara. p. 205-212.

**NOGUEIRA**, Leandro Mendes. Da minha casa até a escola: encontros entre Geografia e Língua Portuguesa. p. 213-219.

**JESUS**, Aila Cristina Costa de; **LIMA**, Aline dos Santos. Ensinar-aprender, aprender-ensinar: experiências do tirocínio em tempos de pandemia. p. 220-227.

ENTREVISTA

**RABELLO**, Diógenes; **MENDES**, Daiara Batista; **NARDEZ**, Eduardo. Geografia, geopolítica mundial e a pandemia da Covid-19. Entrevista com o Prof. Ruy Moreira. p. 228-265.